

PREQUEL DO PREMIADO VIDEOGAME DA BOWWARE

MASS EFFECT™

REVELAÇÃO

DREW KARPYSHYN





DREW KARPYSHYN

MASS EFFECT

REVELAÇÃO

Tradução de
Ryta Vinagre

1ª edição


G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Karpyshyn, Drew

K28m

Mass Effect [recurso eletrônico]: revelação / Drew Karpyshyn; tradução Ryta Vinagre. -
1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital

Tradução de: Mass Effect: revelation

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10055-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

13-04135

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

Mass effect – Revelation

Copyright © 2007 by BioWare Corp. Todos os direitos reservados. Uso sob autorização.

Tradução publicada mediante acordo com Del Rey,

selo da Random House Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORARECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-10055-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Para minha mulher, Jennifer

Enquanto eu era torturado pela loucura criativa, você nunca me aborreceu para lavar a roupa suja. Nunca se chateou quando me esqueci de lavar os pratos, nem ficou irritada quando me esqueci de ajudar na casa. Sempre está presente para ler e revisar tudo o que escrevo e sempre me ouve arengar sobre todas as minhas loucas esperanças e temores, mesmo quando acordo para fazer isso no meio da noite.

Todas essas coisas que faz para me ajudar e apoiar a tornam muito especial. E por isso eu amo você.

AGRADECIMENTOS

Criar uma propriedade intelectual com a profundidade e a abrangência de *Mass Effect* é uma realização imensa que simplesmente não seria possível sem o esforço de todos os meus amigos e colegas da BioWare.

Gostaria de agradecer, em particular, a Casey Hudson e Preston Watamaniuk, por ajudarem a dar forma à visão geral de *Mass Effect*, e gostaria de mencionar especialmente todos os escritores da BioWare que trabalharam no projeto: Chris L'Etoile (nosso especialista técnico residente e guru em ciência), Luke Kristjansen, Mac Walters, Patrick Weekes e Mike Laidlaw.

Também quero agradecer a Keith Clayton, meu editor na Del Rey, por toda a ajuda que ofereceu para melhorar meu romance ao máximo em face de alguns prazos muito apertados.

Este livro não teria acontecido sem essas contribuições e agradeço por tudo que vocês fizeram.

PRÓLOGO

“Aproximação de Arcturus. Desacoplando núcleo de propulsão FTL.”

O contra-almirante Jon Grissom, da Aliança, o homem mais famoso da Terra e de suas três recentes colônias interestelares, levantou a cabeça brevemente enquanto a voz do piloto da SSV *New Delhi* saía do intercomunicador de bordo. Um segundo depois ele sentiu a onda inconfundível da desaceleração enquanto os geradores de campo de efeito de massa da nave se reduziam e a *New Delhi* caía de uma viagem mais rápida que a luz para velocidades mais aceitáveis a um universo einsteiniano.

A iluminação espectral do familiar universo avermelhado se derramava pelo visor mínimo da cabine, aos poucos esfriando para tons mais normais com sua desaceleração. Grissom odiava os visores: as naves da Aliança eram impelidas puramente por instrumentos — não exigiam qualquer referência visual. Mas todas as naves eram projetadas com várias interfaces mínimas e pelo menos uma janela de visão principal, em geral na ponte, como concessão aos ideais românticos e antiquados da viagem no espaço.

A Aliança trabalhava arduamente para manter esses ideais românticos: serviam bem ao recrutamento. Para as pessoas na Terra, a vastidão inexplorada do espaço ainda era um assombro. A expansão da humanidade pelas estrelas era uma gloriosa aventura de descoberta e havia mistérios da galáxia a serem revelados.

Grissom sabia que a verdade era muito mais complexa. Vira em primeira mão como a galáxia podia ser belamente fria. Era ao mesmo tempo magnífica e apavorante, e ele sabia que havia coisas que a humanidade ainda não estava preparada para enfrentar. A transmissão secreta que recebera aquela manhã da base de Shanxi era prova disto.

De muitas maneiras, a humanidade parecia uma criança: ingênua e protegida. Mas isto não o surpreendia. Em toda a longa história da humanidade, foi apenas nos dois últimos séculos que ela rompeu as fronteiras da Terra e se aventurou no vácuo frio do espaço. E a verdadeira viagem interestelar — a capacidade de ir a destinos além de seu próprio sistema solar — só passara a ser possível na última década. A menos de uma década, na realidade.

Foi em 2148, apenas nove anos antes, que a equipe de mineração em Marte desenterrou os restos de uma estação de pesquisa alienígena há muito abandonada sob a superfície do planeta. Foi propalada como a mais importante descoberta da

história humana, um evento singular que mudou tudo para sempre.

Pela primeira vez, a humanidade via-se diante de uma prova incontestável e incontroversa de que não estava só no universo. Cada centro de mídia do mundo se agarrou rapidamente à história. Quem eram aqueles alienígenas misteriosos? Onde estavam agora? Foram extintos? Eles voltariam? Que impacto tiveram na evolução passada da humanidade? Que impacto teriam no futuro da humanidade? Naqueles primeiros meses, filósofos, cientistas e autoproclamados especialistas debateram interminavelmente o significado da descoberta nos vídeos de notícias e pelas redes de informação, com veemência e às vezes violência.

Cada religião importante da Terra foi abalada em seu âmago. Dezenas de novos sistemas de crença brotaram da noite para o dia, a maioria baseada nos dogmas de evolucionistas intervencionistas, que zelosamente proclamavam a descoberta como prova de que toda a história humana fora dirigida e controlada por forças alienígenas. Muitas fés existentes tentaram incorporar a suas mitologias a realidade de espécies alienígenas, outras se atrapalharam para reescrever sua história, seus credos e crenças à luz da nova descoberta. Alguns poucos obstinados recusaram-se a reconhecer a verdade, proclamando o bunker de Marte um trote secular que pretendia ludibriar e desencaminhar os crentes do caminho da verdade. Mesmo agora, quase uma década depois, a maioria das religiões ainda tentava remontar os pedaços.

O intercomunicador estalou novamente, interrompendo os pensamentos de Grissom e voltando seu foco do visor irritante ao alto-falante de bordo no teto.

— Temos autorização para atracar em Arcturus. Tempo estimado, vinte minutos. Haviam levado quase seis horas para viajar da Terra a Arcturus, a maior base da Aliança fora do sistema solar da humanidade. Grissom passara a maior parte desse tempo recurvado sobre a tela de dados, vendo relatórios de status e analisando arquivos pessoais.

A viagem fora planejada meses antes como um evento de relações públicas. A Aliança queria que Grissom falasse à primeira turma de recrutas a se formar da Academia em Arcturus, uma simbólica passagem de tocha de uma lenda do passado aos líderes do futuro. Mas algumas horas antes da partida, a mensagem de Shanxi alterou radicalmente o propósito principal desta jornada.

A última década havia sido a era de ouro da humanidade, como um sonho glorioso. Agora, Grissom estava prestes a despejar nela uma amarga realidade.

A *New Delhi* estava perto de seu destino e era hora de deixar a paz e a solidão da cabine privativa. Transferiu os arquivos pessoais do terminal de dados a um minúsculo disco ótico, que colocou no bolso da camisa de uniforme da Aliança. Depois fez *logoff*, empurrando a cadeira para trás e levantando-se rigidamente.

Seus aposentos eram pequenos e apertados, e a estação de dados em que estivera

trabalhando não era nada confortável. O espaço nas naves da Aliança era limitado, as cabines privativas em geral ficavam reservadas exclusivamente ao oficial de comando da nave. Na maioria das missões, até os VIPs deviam usar o refeitório comum ou os nichos comunitários de alojamento. Mas Grissom era uma lenda viva, e, para ele, exceções eram feitas. Naquele caso, o capitão ofereceu generosamente os próprios aposentos para a viagem relativamente curta a Arcturus.

Grissom espreguiçou-se, tentando aliviar os nós no pescoço e nos ombros. O almirante girou a cabeça de um lado a outro até ser recompensado com um estalo satisfatório das vértebras. Conferiu rapidamente o uniforme no espelho — manter as aparências era um dos fardos da fama —, antes de sair pela porta e seguir para a ponte, na proa da espaçonave.

Vários integrantes da tripulação pararam seus deveres para assumir a posição de sentido e saudá-lo enquanto passava marchando por suas estações. Ele respondia da mesma forma, mal tendo consciência de que fazia isso. Nos oito anos desde que se tornara um herói para a raça humana, ele havia desenvolvido uma capacidade instintiva de reconhecer os gestos de respeito e admiração sem qualquer vontade consciente.

A mente de Grissom ainda estava distraída, pensando no quanto tudo mudara desde a descoberta do bunker alienígena em Marte... Uma linha de raciocínio que não era surpreendente, dados os relatórios inquietantes de Shanxi.

A revelação de que a humanidade não estava só no universo não tivera impacto apenas nas religiões da Terra, como também efeitos amplos no espectro político. Mas onde a religião caiu no caos de cismas e grupos extremistas dissidentes, politicamente a descoberta uniu mais a humanidade. Uniu fundamentalmente os habitantes da Terra, no rápido e repentino ápice da identidade cultural panglobal que se desenvolvia lenta, mas constantemente, no último século.

Um ano depois, a carta de direitos da Aliança de Sistemas humana — a primeira coalizão global e universal — foi escrita e ratificada pelos 18 maiores Estados-nações da Terra. Pela primeira vez na história registrada, os habitantes da Terra começaram a se ver como um grupo único e coletivo: a espécie humana em contraposição à alienígena.

As Forças Armadas da Aliança de Sistemas — dedicadas à proteção e à defesa da Terra e de seus cidadãos contra ameaças extraterrestres — foram formadas logo depois, atraindo recursos, soldados e oficiais de quase todas as organizações militares do planeta.

Alguns insistiram que a súbita unificação dos vários governos da Terra em uma única entidade política aconteceu com rapidez e conveniência demasiadas. As redes de informações foram inundadas de teorias alegando que o bunker de Marte na verdade havia sido descoberto muito antes de sua divulgação ao público: o relatório

da equipe de mineração que o desenterrara seria apenas uma mentira oportuna. A formação da Aliança, asseveraram eles, era na realidade o último estágio de uma série longa e complexa de tratados internacionais secretos e acordos de bastidores clandestinos cuja negociação consumira anos ou até décadas.

A opinião pública em geral desprezava aquela conversa como paranoia de teoria de conspiração. A maioria das pessoas preferia a noção idealista de que a revelação foi um catalisador que fortaleceu os governos e cidadãos do mundo, impelindo-os audaciosamente à frente em uma admirável nova era de cooperação e respeito mútuos.

Grissom era calejado demais para engolir plenamente essa fantasia. No íntimo, não deixava de se perguntar se os políticos sabiam mais do que admitiam publicamente. Mesmo agora ele se perguntava se os *drones* de comunicação que transmitiram o pedido de socorro de Shanxi os pegara de surpresa. Ou estiveram esperando algo assim muito antes da formação da Aliança?

Ao se aproximar da ponte, ele tirou da cabeça as estações de pesquisa alienígenas e conspirações suspeitas. Era um homem prático. Os detalhes por trás da descoberta do bunker e da formação da Aliança não lhe importavam muito. A Aliança jurara proteger e defender a humanidade pelas estrelas e todos tinham de fazer a sua parte, inclusive Grissom.

O capitão Eisennhorn, oficial comandante da *New Delhi*, olhava o grande visor embutido no convés de proa da nave. O que via lhe provocava um arrepio de assombro pela espinha.

Do lado de fora do visor, a imensa estação espacial de Arcturus ficava cada vez maior com a aproximação da *New Delhi*. A frota da Aliança — com quase duzentas naves, que iam de torpedeiros de vinte homens a couraçados com tripulações de várias centenas — estendia-se por todo lado, cercando a estação como um mar de aço. Toda a cena era iluminada pelo brilho alaranjado que emanava da gigante vermelha tipo K, bem distante: Arcturus, o sol do sistema, a partir do qual a base fora batizada. As naves refletiam o brilho feroz da estrela, cintilando como se ardessem com as chamas da verdade e do triunfo.

Embora tenha sido testemunha deste espetáculo grandioso dezenas de vezes, Eisennhorn nunca deixava de se maravilhar — era um lembrete deslumbrante do quanto haviam avançado em tão pouco tempo. A descoberta em Marte elevara a humanidade, unindo-a com um novo senso de propósito singular, enquanto renomados especialistas em cada campo unificavam seus recursos em um projeto glorioso — uma tentativa de desvendar os mistérios tecnológicos armazenados no bunker alienígena.

Quase de imediato, ficou evidente que os protheans — nome dado à espécie

alienígena desconhecida — eram tecnologicamente muito mais avançados do que a humanidade... E que desapareceram há muito, muito tempo. A maioria das estimativas situava a descoberta em quase 50 mil anos, antes da evolução do homem moderno. Porém, os protheans construíram a estação com um material diferente de qualquer coisa encontrada na natureza na Terra e a passagem de cinquenta milênios pouco fez para danificar os tesouros valiosos que ela continha.

Mais extraordinários eram os arquivos de dados que os protheans deixaram para trás: milhões de tetrabytes de conhecimento — ainda acessíveis, embora compilados numa língua estranha e desconhecida. Decifrar o conteúdo daqueles arquivos de dados tornou-se o Santo Graal de quase todo cientista da Terra. Foram meses de estudos ininterruptos, mas, por fim, o código da língua prothean foi quebrado e as peças começaram se encaixar.

Foi como combustível para o fogo dos teóricos da conspiração. Devia ter levado anos, argumentaram, para que qualquer coisa de útil saísse do bunker. Mas sua negatividade foi ignorada pela maioria, ficando para trás na esteira dos espetaculares avanços científicos.

Era como se uma represa tivesse se rompido e fosse desencadeada uma cascata de conhecimento e descobertas, inundando a psique humana. A pesquisa que antes levava décadas para chegar a resultados agora parecia exigir apenas meses. Mediante a adaptação da tecnologia prothean, a humanidade foi capaz de desenvolver campos de efeito de massa, permitindo a viagem mais rápida do que a luz; as naves não eram mais contidas pelos limites cruéis e implacáveis do contínuo espaço-tempo. Seguiram-se saltos semelhantes em outras áreas: novas fontes de energia, limpas e eficientes; avanços ecológicos e ambientais; terraformação.

Em um ano, os habitantes da Terra começaram uma rápida disseminação pelo sistema solar. O pronto acesso a recursos de outros planetas, luas e asteroides permitiu que colônias se estabelecessem em estações espaciais orbitais. Imensos projetos de terraformação começaram a tornar habitável o ambiente da superfície sem vida da lua da própria Terra. E Eisennhorn, como a maioria, não se importava com aqueles que teimosamente alegavam que a nova Era de Ouro da humanidade era um blefe cuidadosamente orquestrado que, na verdade, começara décadas antes.

— Oficial no convés! — gritou um dos tripulantes.

O barulho de toda a equipe da ponte levantando-se para saudar o recém-chegado informou ao capitão Eisennhorn de quem se tratava antes mesmo de ele aparecer. O almirante Jon Grissom era um homem que impunha respeito. Sério e severo, havia uma gravidade nele, uma *importância* inegável em sua mera presença.

— Surpreende-me que esteja aqui — disse Eisennhorn em voz baixa, virando-se para olhar mais uma vez a cena pelo visor enquanto Grissom atravessava a ponte e assumia posição ao lado dele. Os dois se conheciam havia quase vinte anos, do

tempo em que eram recrutas durante o treinamento básico no Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha americana, antes mesmo da existência da Aliança. — Não é você que sempre diz que os visores são um ponto fraco tático nas naves da Aliança?

— Tenho de fazer meu papel para o moral da tripulação — cochichou Grissom em resposta. — Imaginei que ajudaria a reforçar a glória da Aliança se eu viesse para cá e observasse a frota com toda a melancolia e olhos marejados que você exhibe.

— O tato é a arte de argumentar sem fazer inimigos. — Eisennhorn o admoestou. — Sir Isaac Newton disse isso.

— Não tenho inimigo algum — murmurou Grissom. — Sou um maldito herói, lembra?

Eisennhorn considerava Grissom um amigo, mas isso não alterava o fato de que era difícil gostar do homem. Profissionalmente, o almirante projetava a imagem perfeita de um oficial da Aliança: inteligente, durão e exigente. Em serviço, ele se portava com um ar de propósito ardente, uma confiança inabalável e uma autoridade absoluta que inspirava lealdade e devoção em suas tropas. No nível pessoal, porém, ele podia ser rabugento e taciturno. As coisas só haviam piorado depois que ele fora tão patentemente empurrado ao público como um ícone que representava toda a Aliança. Os anos sob os holofotes aparentemente transformaram seu severo pragmatismo em pessimismo cínico.

Eisennhorn esperava que ele estivesse amargurado com aquela viagem: o almirante nunca fora fã desse tipo de atuação pública. Mas o humor de Grissom estava particularmente sombrio até para ele e o capitão começava a se perguntar se mais alguma coisa estava acontecendo.

— Não está aqui apenas para falar à turma de formatura, está? — perguntou Eisennhorn, mantendo a voz baixa.

— Saber apenas o necessário — replicou Grissom rispidamente, num volume suficiente para que só o capitão ouvisse. — Você não precisa ter conhecimento disso. — E, depois de um segundo, acrescentou: — Você não quer saber.

Os dois oficiais partilharam um minuto de silêncio, simplesmente olhando pelo visor a estação que se aproximava.

— Admita — disse Eisennhorn, na esperança de dissipar o humor sombrio do homem. — Ver Arcturus cercada por toda a frota da Aliança... É impressionante.

— A frota não parecerá tão impressionante depois que se espalhar por algumas dezenas de sistemas estelares — contra-atacou Grissom. — Nosso efetivo é pequeno demais e a galáxia é muito grande.

Eisennhorn tinha de admitir que Grissom devia ter mais consciência disso do que qualquer outro.

A tecnologia dos protheans havia catapultado a sociedade humana centenas de anos à frente e lhes permitira conquistar o sistema solar. Mas fora necessária uma

descoberta ainda mais impressionante para abrir a vastidão do espaço para além de seu próprio sol.

Em 2149, uma equipe de pesquisa que explorava os limites mais distantes da expansão humana percebeu que Caronte, um pequeno satélite que orbitava Plutão, não era realmente uma lua. Na verdade, tratava-se de um enorme exemplo de tecnologia prothean dormente. Um *retransmissor de massa*. Flutuando por dezenas de milhares de anos nas profundezas frias do espaço, tornara-se revestido de uma concha de gelo e detritos congelados com várias centenas de quilômetros de espessura.

Os especialistas na Terra não estavam inteiramente despreparados para a revelação: a existência e o propósito dos retransmissores de massa eram mencionados nos arquivos de dados recuperados do bunker de Marte. Para simplificar, os retransmissores eram uma rede de portões interligados que podiam transportar uma nave de um retransmissor a outro, atravessando instantaneamente milhares de anos-luz. A teoria científica subjacente à criação dos retransmissores de massa ainda estava além do alcance dos maiores especialistas da humanidade. Porém, embora não pudessem eles mesmos construir um, os cientistas conseguiram reativar o dormente com que topavam.

O retransmissor de massa era uma porta que podia se abrir para toda a galáxia... Ou levar bem ao núcleo de uma estrela em combustão ou a um buraco negro. O contato com sondas exploratórias enviadas por eles foi imediatamente perdido — não inesperadamente, considerando a ideia de que eram instantaneamente transportadas por milhares de anos-luz. No fim, a única maneira de verdadeiramente saber o que havia do outro lado era mandar alguém; alguém disposto a enfrentar o vasto desconhecido e quaisquer riscos e desafios que o aguardassem do outro lado.

A Aliança escolheu a dedo uma tripulação de homens e mulheres de coragem: soldados dispostos a arriscar a própria vida, indivíduos prontos a fazer o sacrifício definitivo em nome da descoberta e do progresso. E, para liderar aquela tripulação, escolheu um homem de caráter singular e força inquestionável, um homem que sabiam que não vacilaria diante da inenarrável adversidade. Um homem chamado Jon Grissom.

Depois de seu retorno bem-sucedido do retransmissor de massa, todos os tripulantes foram saudados como heróis. Mas a mídia escolheu Grissom — o imponente e solene comandante da missão — para se tornar o porta-bandeira da Aliança enquanto a humanidade avançava a uma nova era de descobertas e expansão sem paralelo.

— Não importa o que aconteceu — disse Eisennhorn, ainda esperando arrancar Grissom de seu péssimo humor —, você tem de acreditar que podemos lidar com isso. Você e eu nunca teríamos imaginado que realizaríamos tudo isso em tão pouco

tempo!

Grissom soltou um bufo de desdém.

— Não teríamos feito porcaria nenhuma se não fosse pelos protheans.

Eisennhorn meneou a cabeça. Embora aquelas grandiosas possibilidades tivessem sido abertas pela descoberta e adaptação da tecnologia prothean, foram os atos de pessoas como Grissom que transformaram a possibilidade em realidade.

— Se vejo mais além, é por estar sobre os ombros de gigantes — argumentou Eisennhorn. — Sir Isaac Newton também disse isto.

— Por que essa obsessão com Newton? É parente seu ou coisa assim?

— Na verdade, meu avô estudava a genealogia de nossa família e ele...

— Não quero saber — rosnou Grissom, interrompendo-o.

Eles chegavam a seu destino. A estação espacial Arcturus agora dominava todo o visor, bloqueando o resto. A baia de atracação agigantava-se diante deles, um buraco aberto no casco reluzente do exterior da estação.

— Preciso ir — disse Grissom com um suspiro cansado. — Eles vão querer me ver marchando pelo passadiço assim que tocarmos a estação.

— Pegue leve com os recrutas — sugeriu Eisennhorn, brincando, mas com um fundo de verdade. — Lembre-se: eles são pouco mais que crianças.

— Não vim aqui para me encontrar com um bando de garotos — respondeu Grissom. — Vim para procurar soldados.

A primeira coisa que Grissom fez ao chegar foi requisitar um quarto privativo. Estava marcado para falar a toda a turma de formatura às 14h. Nas quatro horas que ainda faltavam, pretendia fazer entrevistas particulares com alguns recrutas.

Os oficiais do Arcturus não estavam esperando por aquela solicitação, mas fizeram o possível para atendê-la. Acomodaram-no num pequeno quarto mobiliado com uma mesa, estação de computação e uma única cadeira. Grissom estava sentado à mesa, analisando os arquivos pessoais no monitor uma última vez. Era feroz a concorrência para ser admitido no programa de treinamento especialista N7 no Arcturus. Cada recruta na estação fora escolhido a dedo entre os melhores jovens, homens e mulheres, que a Aliança tinha a oferecer. Entretanto, um punhado de nomes na lista de Grissom se destacavam do resto da elite. Mesmo ali, eles se sobressaíam na multidão.

Alguém bateu à porta — duas batidas rápidas e firmes.

— Entre — disse o almirante.

A porta deslizou, abrindo-se, e entrou o segundo-tenente David Edward Anderson, o primeiro nome na lista de Grissom. Recém-saído do treinamento, ele já fora marcado para as fileiras dos oficiais subalternos e uma olhada em sua ficha explicava facilmente o motivo. A lista de Grissom era ordenada alfabeticamente,

mas, com base nas notas de Anderson na Academia e nas avaliações de seus oficiais de treinamento, seu nome provavelmente teria aparecido no topo, independentemente de qualquer coisa.

O tenente era um homem alto, de 1,90m, segundo seu arquivo. Aos 20 anos, apenas começava a preencher sua estrutura pesada, ainda alargando o peito e os ombros quadrados. Sua pele era marrom-escura, o cabelo preto cortado à escovinha, segundo o regulamento da Aliança. Suas feições, como da maioria dos cidadãos da sociedade multicultural do final do século XXII, eram um misto de várias características raciais diferentes. Predominantemente africanas, mas Grissom julgava ver traços persistentes de ancestrais centro-europeus e nativos americanos.

Anderson andou com rapidez e parou bem diante da mesa, em posição de sentido enquanto batia uma continência formal.

— À vontade, tenente — ordenou Grissom, retribuindo por instinto a saudação.

O jovem obedeceu, relaxando a atitude e ficando de pé com os braços cruzados às costas e as pernas bem separadas.

— Senhor? — perguntou ele. — Permissão para falar? — Embora fosse um oficial subalterno fazendo uma solicitação a um contra-almirante, ele falava com confiança; não havia hesitação em sua voz.

Grissom o olhou de cara feia antes de permitir que ele continuasse. O arquivo mostrava que Anderson nascera e fora criado em Londres, mas quase não tinha qualquer sotaque regional discernível. Seu dialeto genérico devia ser fruto de exposição intercultural por ensino eletrônico e as redes de informações, combinado com um bombardeio constante de vídeos e música de entretenimento panglobais.

— Só gostaria de dizer que é uma honra conhecer o senhor pessoalmente, almirante — informou-lhe o jovem. Ele não era efusivo nem adulator e Grissom ficou agradecido por isto; o rapaz simplesmente declarava um fato. — Lembro-me de ver o senhor no noticiário depois da expedição a Caronte, quando eu tinha 12 anos. Foi quando decidi ingressar na Aliança.

— Está tentando fazer com que me sinta velho, filho?

Anderson começou a sorrir, pensando se tratar de uma piada. Mas o sorriso murchou sob o olhar duro de Grissom.

— Não, senhor — respondeu ele, com a voz ainda segura e forte. — Só pretendia dizer que o senhor é uma inspiração para todos nós.

Ele esperava que o tenente gaguejasse alguma desculpa, mas Anderson não se abalava com facilidade. Grissom tomou nota rapidamente no arquivo.

— Diz aqui que você é casado, tenente.

— Sim, senhor. Ela é civil. Mora na Terra.

— Quando eu era civil, fui casado — disse-lhe Grissom. — Tivemos uma filha. Não a vejo há 12 anos.

Anderson por um momento perdeu o equilíbrio com a revelação pessoal inesperada.

— Eu... Lamento, senhor.

— É um inferno manter um casamento quando se está a serviço — alertou-o Grissom. — Você não acha que se preocupar com uma esposa na Terra dificultará tudo quando estiver fora, numa viagem de seis meses?

— Talvez facilite as coisas, senhor — argumentou Anderson. — É bom saber que tenho alguém esperando por mim em casa.

Não havia a menor sugestão de raiva na voz do jovem, mas estava claro que ele não seria intimidado, mesmo quando falava com o contra-almirante. Grissom fez que sim e tomou nota no arquivo novamente.

— Sabe por que marquei essa reunião, tenente? — perguntou ele.

Depois de um momento de reflexão séria, Anderson simplesmente meneou a cabeça.

— Não, senhor.

— Há 12 dias, uma frota de expedição saiu de nosso posto avançado em Shanxi. Iam passar pelo retransmissor de massa Shanxi-Theta em uma região desconhecida do espaço: duas naves de carga e três fragatas. Fizeram contato com espécies alienígenas ali. Uma espécie de frota de patrulha, segundo pensamos. Só uma de nossa fragatas conseguiu voltar.

Grissom simplesmente largou a bomba no colo do jovem, mas a expressão de Anderson não se alterou. Sua única reação foi um arregalar momentâneo dos olhos.

— Protheans, senhor? — perguntou ele, indo ao cerne da questão.

— Não acreditamos nisso — disse-lhe Grissom. — Tecnicamente, parecem estar mais ou menos no nosso nível.

— Como sabemos disso, senhor?

— Porque as naves que Shanxi enviou para abordá-los no dia seguinte tinham poder de fogo suficiente para eliminar toda a patrulha deles.

Anderson ofegou, depois respirou fundo para se recompor. Grissom não o culpava. Até ali, estava impressionado ao ver o quanto o tenente lidava bem com tudo aquilo.

— Alguma retaliação dos alienígenas, senhor?

O garoto era esperto. Sua mente trabalhava rapidamente, analisando a situação e avançando a questões relevantes depois de apenas alguns segundos.

— Mandaram reforços — informou-lhe Grissom. — Capturaram Shanxi. Ainda não temos mais detalhes. Os satélites de comunicações estão inativos. Sabemos alguma coisa apenas porque alguém mandou um *drone* de mensagem pouco antes de Shanxi cair.

Anderson balançou a cabeça para mostrar que compreendia, mas não disse nada

de imediato. Grissom ficou satisfeito ao ver que o jovem tinha paciência para dar a si algum tempo para processar a informação. Era muita coisa para apreender.

— Vai nos enviar em ação, não é, senhor?

— O Comando da Aliança tomou esta decisão — disse Grissom. — Só o que posso fazer é aconselhá-los. Por isso estou aqui.

— Receio não entender, almirante.

— Toda ação militar só tem três opções, tenente: combate, retirada ou rendição.

— Não podemos dar as costas a Shanxi! Temos de entrar em combate! — exclamou Anderson. — Com todo respeito, senhor — acrescentou segundos depois, lembrando-se de quem era seu interlocutor.

— Não é tão simples — explicou Grissom. — A situação não tem precedente algum. Nunca enfrentamos um inimigo como este. Não sabemos nada sobre eles. Se expandirmos isto a uma guerra contra uma espécie alienígena, não temos como prever como terminará. Eles podem ter uma frota mil vezes maior do que a nossa. Talvez estejamos à beira de uma guerra que culminará na total aniquilação da raça humana.

Grissom parou para dar ênfase, deixando que suas palavras fossem absorvidas.

— Acredita sinceramente que devemos assumir o risco, tenente Anderson?

— Está perguntando a mim, senhor?

— O Comando da Aliança quer meus conselhos antes de tomar esta decisão. Mas não estarei na linha de frente dos combates, tenente. Você foi um líder de esquadrão durante seu treinamento N7. Quero saber o que pensa. Acredita que nossas tropas estão preparadas para isso?

Anderson franziu o cenho, pensando longamente e com cuidado antes de dar sua resposta.

— Senhor, não creio que tenhamos alternativa — disse ele, escolhendo com cuidado o que dizer. — A retirada não é uma opção. Agora que os alienígenas sabem sobre nós, eles não vão ficar sentados em Shanxi sem fazer nada. Um dia teremos de escolher entre lutar ou nos render.

— E não acha que a rendição é possível?

— Não penso que a humanidade possa sobreviver sendo subjugada por um governo alienígena — respondeu Anderson. — Vale a pena lutar pela liberdade.

— Mesmo se perdermos? — pressionou Grissom. — Não se trata do que *você* está disposto a sacrificar, soldado. Nós os provocamos e esta guerra pode abrir caminho até a Terra. Pense em sua esposa. Está disposto a arriscar a vida *dela* pela liberdade?

— Não sei, senhor. — Foi a resposta solene de Anderson. — Está disposto a condenar sua filha a uma vida de escravidão?

— Era a resposta que eu procurava — disse Grissom, balançando a cabeça

incisivamente. — Com suficientes soldados como você, Anderson, a humanidade afinal pode estar preparada para isso.

UM

Oito Anos Depois

O tenente do Estado-Maior David Anderson, oficial executivo da SSV *Hastings*, rolou para fora do beliche ao primeiro som de alarme. Seu corpo agia por instinto, condicionado por anos de serviço ativo a bordo das Naves Espaciais da Aliança de Sistemas. Quando os pés bateram no chão, ele já estava desperto e alerta, sua mente avaliando a situação.

O alarme soou novamente, ecoando do casco e reverberando pela nave. Dois toques curtos, repetidos à exaustão. Um chamado geral às estações. Pelo menos não estavam sob ataque imediato.

Ao vestir o uniforme, Anderson pensou nas possíveis hipóteses. A *Hastings* era uma nave de patrulha na Fronteira Skylliana, uma região isolada nas margens mais distantes do espaço da Aliança. Seu principal propósito era proteger as dezenas de colônias e postos avançados de pesquisa dos humanos espalhados pelo setor. Um chamado geral às estações devia significar que eles haviam localizado uma nave não autorizada no território da Aliança. Ou isso ou respondiam a um pedido de socorro. Anderson torcia para que fosse o primeiro caso.

Não era fácil se vestir nos limites estreitos dos alojamentos que dividia com outros dois tripulantes, mas ele tinha muita prática. Em menos de um minuto, Anderson estava de uniforme e botas afiveladas, e andava rapidamente pelos corredores estreitos até a ponte, onde o capitão Belliard estaria esperando por ele. Como oficial executivo, Anderson tinha a responsabilidade de transmitir as ordens do capitão à tripulação recrutada... E se certificar de que estas ordens estivessem sendo corretamente cumpridas.

O espaço era o recurso mais precioso de qualquer nave militar e Anderson era constantemente lembrado disso ao encontrar outros tripulantes seguindo na direção contrária, na pressa para chegar aos postos designados. Invariavelmente, comprimiam-se nas paredes do corredor numa tentativa de deixar Anderson passar, batendo continências desajeitadas ao superior que se espremia por eles. Apesar do aperto, todo o processo era realizado com a eficiência e precisão ligeira que era a marca de cada tripulante da frota da Aliança.

Anderson chegava a seu destino. Passava pela navegação, onde notou dois

oficiais subordinados fazendo cálculos rápidos e aplicando-os a um mapa estelar tridimensional projetado acima dos consoles. Cada um deles acenou breve, mas respeitosamente, ao oficial executivo quando ele passou, envolvidos demais em seus deveres para se sobrecarregarem com a formalidade de uma saudação completa. Anderson respondeu com um gesto severo de cabeça. Via que plotavam um curso pelo retransmissor de massa mais próximo. Significava que a *Hastings* respondia a um pedido de socorro. E a verdade brutal era que, com muita frequência, a resposta chegava tarde demais.

Nos anos que se seguiram à Guerra do Primeiro Contato, a humanidade tinha se espalhado para muito longe com rapidez demasiada; não havia naves suficientes para patrulhar adequadamente a região do tamanho da Fronteira. Os colonos que ali viviam sabiam da ameaça real de ataques e assaltos, e, com muita frequência, a *Hastings* descia em um mundo apenas para descobrir uma pequena e próspera colônia reduzida a cadáveres, construções queimadas e alguns sobreviventes em estado de choque.

Anderson ainda não descobrira como ser uma testemunha incólume desse tipo de morte e destruição. Vira a ação durante a guerra, mas era diferente. Foi principalmente uma guerra entre naves, matando combatentes inimigos a dezenas de milhares de quilômetros de distância. Não era o mesmo que procurar por entulho calcinado e corpos escurecidos de civis.

A Guerra do Primeiro Contato, apesar do nome, havia sido uma campanha curta e com pouco derramamento de sangue. Começou com uma patrulha da Aliança invadindo inadvertidamente território do Império Turian. Para a humanidade, foi seu primeiro contato com outra espécie inteligente; para os turians, a invasão de uma raça agressiva e desconhecida até então. Os mal-entendidos e a reação exagerada de ambos os lados levaram a várias batalhas intensas entre patrulhas e naves de reconhecimento. Mas o conflito nunca irrompeu numa guerra planetária de larga escala. As hostilidades crescentes e a repentina mobilização de frotas turians chamaram a atenção da comunidade galáctica. Para sorte da humanidade.

Por acaso os turians eram apenas uma espécie entre uma dezena, cada uma delas independente, mas unidas voluntariamente sob um corpo governamental conhecido como Conselho da Cidadela. Ávido para evitar a guerra interestelar com os recém-conhecidos humanos, o Conselho interveio, revelando-se à Aliança e negociando uma solução pacífica entre humanos e turians. Menos de dois meses depois de ter começado, a Guerra do Primeiro Contato havia se encerrado oficialmente.

Haviam sido perdidas 623 vidas humanas. A maioria das baixas ocorrera no primeiro contato e durante o ataque turian a Shanxi. As perdas dos turians foram um pouco mais altas: a frota da Aliança enviada para libertar o posto avançado capturado fora impiedosa, brutal e muito eficiente. Mas, numa escala galáctica, as

perdas dos dois lados foram mínimas. A humanidade se afastara da beira de uma guerra potencialmente arrasadora e, em vez disso, tornou-se o mais novo membro de uma vasta sociedade interestelar pan-específica.

Anderson subiu os três degraus que separavam o convés de proa da ponte do nível principal da nave. O capitão Belliard estava recurvado sobre um pequeno monitor, examinando um fluxo de transmissões recebidas. Endireitou-se quando Anderson se aproximou e retribuiu a saudação de seu oficial executivo.

— Temos problemas, tenente. Captamos um pedido de socorro quando fizemos o link com os retransmissores de comunicações — explicou o capitão à guisa de cumprimento.

— Eu temia por isto, senhor.

— Veio de Sidon.

— Sidon? — Anderson reconheceu o nome. — Não temos uma base de pesquisa lá?

Belliard confirmou.

— Uma base pequena. Com 15 seguranças, 12 pesquisadores, seis da equipe de apoio.

Anderson franziu o cenho. Não era um ataque comum. Os invasores preferiam atingir assentamentos sem defesas e dar o fora antes que os reforços da Aliança chegassem à cena. Uma base bem-defendida como Sidon não era seu alvo característico. Mas parecia um ato de guerra.

Os turians agora eram aliados da Aliança de Sistemas Humanos, pelo menos oficialmente. E a Fronteira Skylliana ficava distante demais do território turian para que se envolvessem em qualquer conflito por lá. Mas existiam outras espécies competindo com a humanidade pelo controle da região. A Aliança estava em concorrência direta com o governo batarian para estabelecer presença na Fronteira, mas até então as duas espécies rivais haviam conseguido evitar qualquer violência real em seus confrontos. Anderson duvidava de que eles fossem dar início a algo assim.

Apesar disto, havia muitos outros grupos lá fora com os meios e motivos para atacar um baluarte da Aliança. Alguns até eram compostos de humanos: organizações terroristas sem afiliações e facções de guerrilha multiespécies ansiosas para desferir um golpe contra os poderes constituídos; paramilitares ilegais que queriam se abastecer de armas de primeira linha; bandos mercenários independentes com esperanças de bons ganhos.

— Talvez seja útil saber no que Sidon estava trabalhando, capitão — sugeriu Anderson.

— São uma instalação de alta segurança — respondeu o capitão com um menear da cabeça. — Nem mesmo consigo ter as plantas da base, imagine então alguém que

me fale no que estão trabalhando.

Anderson franziu o cenho. Sem as plantas, sua equipe ficaria às cegas, abrindo mão de qualquer vantagem tática que poderia obter com o conhecimento do plano do campo de batalha. A missão ficava cada vez melhor.

— Qual é a estimativa de chegada, senhor?

— Cerca de 45 minutos.

Enfim uma boa notícia. A *Hastings* seguia cursos de patrulha aleatórios e, por puro acaso, estava perto da origem do pedido de socorro. Com sorte, conseguiria chegar lá a tempo.

— Terei uma equipe de desembarque pronta, capitão.

— Sempre tem, tenente.

Anderson se virou para sair, reconhecendo o elogio do oficial comandante com um simples “Sim, senhor!”.

No vazio negro do espaço, a *Hastings* era quase invisível a olho nu. Cercada por um campo de efeito de massa autogerado e viajando quase cinquenta vezes mais rápido do que a luz, era pouco mais do que um borrão oscilante, um leve ondular no tecido do contínuo espaço-tempo.

A nave alterou o voo enquanto o piloto fazia uma rápida correção no curso, um ajuste menor na trajetória que arremessaria a nave ao retransmissor de massa mais próximo, a quase 5 bilhões de quilômetros de distância. A uma velocidade de aproximadamente 15 milhões de quilômetros por segundo, não demorou para que o destino estivesse ao alcance.

A 10 mil quilômetros do alvo, o piloto desativou o núcleo propulsor de elemento zero, liberando os campos de efeito de massa. Ondas de energia azuladas irradiavam-se da nave que caía de uma velocidade maior que a da luz, acendendo a escuridão do espaço como uma labareda. A luz da nave flamejante refletida no retransmissor de massa era cada vez maior no horizonte. Embora tivesse projeto inteiramente alienígena, a construção era muito parecida com um enorme giroscópio. Em seu centro, havia uma esfera composta de dois anéis concêntricos que giravam em torno de um único eixo. Cada anel tinha quase 5 quilômetros de diâmetro e dois braços de 15 quilômetros se projetavam de uma extremidade do centro em rotação contínua. Toda a estrutura cintilava e faiscava com explosões brancas de energia crepitante.

A um sinal da nave da Aliança, o retransmissor de massa começou a se mover. Girou pesadamente sobre seu eixo, orientando-se com um portal conectado a centenas de anos-luz dali. A *Hastings* ganhou velocidade ao seguir ao centro da enorme construção alienígena até não ser nada além de um borrão. As explosões esporádicas de energia que emanavam de seu núcleo tornaram-se um brilho sólido e

pulsante, crescendo em força e intensidade até que era quase impossível olhar.

A *Hastings* estava a menos de 500 quilômetros quando o retransmissor disparou. Uma descarga de energia escura estendeu-se dos anéis giratórios como uma onda, engolfando a nave. Ela cintilou momentaneamente, depois desapareceu como se tivesse evaporado. De imediato, piscou de volta à realidade a mil anos-luz de seu ponto anterior, surgindo do nada aparente com um clarão azul nos arredores de um retransmissor de massa inteiramente diferente.

O núcleo propulsor da *Hastings* rugiu, ativando-se, e saltou à FTL, desaparecendo na escuridão com uma explosão avermelhada de calor e radiação. Ficando rapidamente para trás, a energia do retransmissor receptor diminuiu, os anéis em seu centro já se desacelerando.

— Deixamos o retransmissor de massa. Ativando núcleo propulsor. Tempo estimado até Sidon, 26 minutos.

Amontoado no porão de carga com outros quatro membros da equipe de desembarque e com o ronco dos motores, era quase impossível ouvir a voz que vinha do intercomunicador de bordo. Mas Anderson não precisava ouvir as atualizações para saber o que acontecia. Seu estômago ainda estava revoltado do salto pelo retransmissor de massa.

Cientificamente, ele sabia que a cinetose não devia acontecer. A viagem entre retransmissores — o salto de um de origem, ou transmissor, ao de destino, ou receptor — era um evento instantâneo. Não ocorria no tempo; portanto, não podia ter qualquer efeito físico sobre seu corpo. Embora reconhecesse este fato teórico, Anderson sabia em primeira mão que, na prática, não era verdade.

É possível que daquela vez o aperto nas entranhas viesse de um mau pressentimento sobre o que eles iam descobrir quando chegassem à instalação de Sidon. Seja lá quem atacou a base de pesquisa estava disposto a enfrentar 15 fuzileiros da Aliança. Mesmo usando o elemento surpresa vantajosamente, deve ter sido uma força temível. A Aliança devia mandar reforços em um transportador de tropas e não uma fragata de patrulha que só podia reunir uma equipe de desembarque de cinco pessoas.

Mas ninguém mais estava perto para responder ao pedido de socorro a tempo e a maioria das naves da Aliança era grande demais para pousar no planeta. A *Hastings* era pequena o suficiente para entrar na atmosfera de um mundo, tocar sua superfície e ainda conseguir decolar novamente. Qualquer coisa maior do que uma fragata teria de transportar os soldados usando ônibus espaciais ou cápsulas de pouso, e eles não tinham tempo para isso.

Pelo menos estavam bem-armados. Cada integrante da equipe de desembarque vestia blindagem equipada com geradores de campo cinéticos a toda carga, bem

como capacetes com visores de três quartos. Cada um deles carregava meia dúzia de granadas e um fuzil de assalto padrão Hahne-Kedar G-912 da Aliança. O pente de munição em cada arma continha quatrocentos disparos: projéteis mínimos, menores do que grãos de areia. Quando disparados a uma velocidade suficiente, os projéteis quase microscópios podiam infligir um dano imenso.

Aquele era o verdadeiro problema. Por mais avançada que fosse a tecnologia de defesa, sempre se estava um passo atrás. A Aliança não poupava quando se tratava de proteger os soldados; sua blindagem era de última geração e os escudos cinéticos eram o mais recente protótipo militar. Mas ainda não era suficiente para fazer frente a um ataque direto com armas pesadas à queima-roupa.

Se sobrevivessem àquela missão, não seria graças ao equipamento. Sempre se reduzia a duas coisas: treinamento e liderança. A vida de todos estava agora nas mãos de Anderson, e ele sentia a inquietação de seus comandados. Os fuzileiros da Aliança eram bem-treinados para lidar com o estresse mental e físico dos instintos normais de luta ou fuga da espécie humana. Mas aquilo era mais do que a onda de adrenalina normal do combate iminente.

Ele teve o cuidado de não expor suas dúvidas. Projetava uma imagem de absoluta confiança e postura. Porém, os integrantes de sua equipe eram inteligentes o bastante para deduzir sozinhos a realidade. Podiam juntar as peças, como ele próprio fez. Como o tenente, eles sabiam que invasores comuns não atacariam uma base da Aliança fortemente protegida.

Anderson não acreditava em preleções motivacionais: todos ali eram profissionais. Mas até para os soldados da Aliança, era mais difícil suportar no completo silêncio estes últimos minutos de nervosismo antes de uma missão. Além disso, não tinha sentido esconder a verdade.

— Todos atentos — disse ele, sabendo que o resto da equipe o ouviria com clareza pelos rádios dos capacetes, mesmo com o ronco dos motores. — Tenho a sensação de que não se trata apenas de uns poucos traficantes de escravos fugindo depois de um assalto rápido.

— Batarians, senhor?

A pergunta veio da sargento de artilharia Jill Dah. Um ano mais velha do que Anderson, ela já estava de serviço ativo nos fuzileiros da Aliança quando ele ainda fazia o treinamento N7 em Arcturus. Haviām servido na mesma unidade durante a Guerra do Primeiro Contato. Jill Dah media mais de 1,90m, o que a tornava mais alta do que a maioria dos homens com quem servia. Também era mais forte do que muitos, a julgar pelos ombros largos, os músculos bem-definidos dos braços e a estrutura geral larga, mas não desproporcional. Alguns soldados da unidade a chamavam de “Amy”, abreviatura para Amazona... Mas nunca na cara de Dah. E quando os combates começavam, todos ficavam felizes por tê-la a seu lado.

Anderson gostava dela, mas Dah tinha o hábito de irritar as pessoas. Não acreditava em diplomacia. Se tinha uma opinião, fazia questão de dizer a todos, o que devia explicar por que ainda era sargento. Ainda assim, o tenente sabia que se ela fazia uma indagação, era porque os demais deviam estar se perguntando exatamente a mesma coisa.

— Não vamos tirar conclusões precipitadas, sargento.

— Alguma ideia do trabalho que fazem em Sidon? — Desta vez foi o cabo Ahmed O'Reilly, especialista técnico, a fazer a pergunta.

— Confidencial. É só o que sei. Estejam preparados para qualquer coisa.

Os outros dois membros da equipe, o soldado de segunda classe Indigo Lee e o soldado de primeira classe Dan Shay, não se deram ao trabalho de comentar, e a equipe caiu mais uma vez num silêncio apreensivo. Ninguém se sentia confortável com esta missão, mas Anderson sabia que seguiriam sua liderança. Ele os guiara através do fogo cruzado por vezes suficientes para conquistar sua confiança.

— Aproximando-se de Sidon — estalou o intercomunicador. — Sem resposta em qualquer frequência.

Era uma má notícia. Se havia alguém da Aliança vivo dentro da base, deviam ter respondido ao chamado da *Hastings*. Anderson baixou o visor para cobrir o rosto, e o grupo o imitou. Um minuto depois sentiram a turbulência da nave entrando na atmosfera do planeta minúsculo. A um gesto de cabeça de Anderson, sua equipe fez uma última verificação nas armas, nas comunicações e nos escudos.

— Temos visual da base — crepitou o intercomunicador —, sem naves em terra. Não captamos qualquer nave de fora da Aliança nos arredores.

— Os malditos covardes já deram no pé. — Anderson ouviu Dah murmurar pelo rádio do capacete.

Com o tempo de resposta rápido da *Hastings*, Anderson tinha esperanças de chegarem para pegar o inimigo no ato, mas não ficou realmente surpreso com a ausência de outras naves na área. Um ataque contra um alvo tão bem-defendido como Sidon exigia o trabalho conjunto de pelo menos três naves. As duas maiores pousariam na superfície e descarregariam equipes de assalto enquanto a menor, uma nave de reconhecimento, ficaria em órbita, monitorando o retransmissor de massa próximo, procurando sinais de atividade.

A nave de reconhecimento deve tê-lo visto ganhar vida enquanto a *Hastings* se aproximava do portal de ligação do outro lado da área e avisou as naves em terra por rádio. O alerta antecipado teria lhes dado tempo suficiente para decolar, sair da atmosfera do planeta e ativar os propulsores FTL antes da chegada da *Hastings*. As naves envolvidas no ataque à base já se foram há muito tempo... Mas, na pressa para escapar, podem ter sido obrigadas a deixar alguém para trás.

Segundos depois, houve um baque forte enquanto a nave tocava o porto de

embarque do Centro de Pesquisa Sidon; a interminável espera tinha acabado. A porta pressurizada do porão de carga da *Hastings* sibilou, abriu-se, e a rampa de embarque desceu.

— Equipe de desembarque — veio a voz do capitão Belliard no intercomunicador — está autorizada a prosseguir.

DOIS

A sargento de artilharia Dah e Lee, os dois fuzileiros na vanguarda, desceram rapidamente a rampa. De armas em punho, procuraram possíveis emboscadas na área enquanto Anderson, O'Reilly e Shay davam cobertura do porão acima.

— Zona de pouso segura — reportou Dah por radiofrequência.

Depois que toda a equipe estava em terra, Anderson avaliou a situação. O porto de embarque era pequeno — tinha espaço para três fragatas ou talvez duas naves de carga. Localizava-se a algumas centenas de metros de duas pesadas portas pressurizadas que levavam à estrutura da base: uma construção térrea e retangular que não parecia ter espaço suficiente para abrigar as 33 pessoas designadas ao projeto, que dirá qualquer laboratório de pesquisa.

O exterior parecia sinistramente normal; não havia sinal de nada fora do comum, além de meia dúzia de grandes engradados perto de um dos pontos de pouso.

Foi assim que o ataque começou, pensou Anderson consigo mesmo. Os equipamentos e suprimentos que chegassem teriam sido levados das naves em trenós de carga até as portas. Sidon devia estar esperando um carregamento. Quando do pouso dos invasores, teriam começado a descarregar os engradados. Alguém de dentro teria aberto as portas pressurizadas, e dois ou três seguranças de Sidon teriam saído para ajudar com a carga... e foram alvejados pelos inimigos dentro dos cascos das naves.

— Estranho não ter corpos por aqui — observou Dah, fazendo eco aos pensamentos de Anderson.

— Devem ter sido arrastados para longe depois de tomarem a área de embarque — disse Anderson, sem saber por que alguém faria uma coisa dessas.

Por meio de gestos, indicou à equipe que atravessasse a área de embarque deserta e subisse à entrada da base. As portas pressurizadas deslizantes eram lisas e não tinham qualquer marca visível — eram controladas por um simples painel de segurança na parede. Mas o fato de que as portas estavam fechadas não caiu bem para o tenente.

Anderson estava na vanguarda da equipe; todos pararam de repente quando ele se agachou e levantou o punho erguido. Ele estendeu dois dedos, sinalizando a O'Reilly. Recurvado, o cabo avançou à frente da linha e caiu ao lado do líder, pousando num joelho.

— Algum motivo para essas portas estarem fechadas? — perguntou o tenente num sussurro firme.

— É meio estranho — admitiu O'Reilly. — Se alguém quer destruir a base, por que se dar ao trabalho de lacrar as portas quando vai embora?

— Verifique — disse Anderson a seu especialista em tecnologia. — Vá devagar e com cuidado.

O'Reilly apertou um botão no fuzil de assalto, levando a coronha, o punho e o cano a se dobrarem em si mesmos até que a arma era um retângulo compacto com metade de seu tamanho normal. Bateu a arma fechada no coldre do quadril. Do bolso na outra perna, pegou uma omnitool e esgueirou-se para a frente, usando-a para procurar na área sinais fracos que indicassem a presença de qualquer dispositivo eletrônico incomum.

— Bom palpite, tenente — murmurou ele, depois de ver os resultados. — Mina de proximidade armada na porta.

O cabo fez alguns ajustes na omnitool, emitindo um curto pulso de energia para interferir nos sensores da mina e assim poder avançar a uma distância suficiente para desarmá-la. Todo o processo levou menos de um minuto. Anderson prendeu a respiração o tempo todo, soltando-a apenas quando O'Reilly voltou e lhe mostrou o polegar para cima, indicando que agora a armadilha era inofensiva.

Um gesto de cabeça de Anderson fez com que o resto da equipe avançasse pela porta, assumindo as posições combinadas. Anderson e Shay foram aos dois lados da entrada, de costas para a parede exterior da construção. A sargento Dah se agachou bem-alinhada com a porta, a alguns metros. Atrás dela e um pouco de lado, Lee tinha o fuzil de assalto erguido e apontado para a entrada, dando cobertura a Dah.

O'Reilly, agachado ao lado de Anderson, levantou-se e entrou com o código de acesso no painel. Enquanto as portas se abriam, Dah atirou no saguão uma granada de luz retirada do cinto, depois mergulhou de lado e rolou, procurando cobertura. Lee fez o mesmo enquanto a granada era detonada com um clarão ofuscante e uma névoa de fumaça fina.

Um segundo depois da explosão, Anderson e Shay romperam pela porta, de fuzis erguidos e prontos para disparar em inimigos no interior da base. Era uma manobra clássica de tomada rápida, executada com uma precisão impecável. Mas não havia nada na sala além de algumas manchas de sangue no chão e nas paredes.

— Liberado — disse Anderson, e o resto da equipe se juntou a ele. A entrada era uma sala simples com um único corredor que levava à parede dos fundos, penetrando bem na base. Havia uma mesinha dobrada no canto e várias cadeiras viradas. Um monitor na parede mostrava uma imagem do porto de embarque.

— Posto da guarda — falou Dah, e aquela evidência confirmava para ela o que Anderson já suspeitara. — Provavelmente quatro deles estacionados aqui para ficar

de olho no espaçoporto. Devem ter aberto as portas pressurizadas quando as naves pousaram e foram ajudar a pegar a carga.

— Tem manchas de sangue seguindo por este corredor, tenente — chamou o soldado Indigo. — Parece que os corpos foram arrastados desta sala para dentro da instalação.

Anderson ainda não entendia por que alguém arrastaria os corpos para longe, mas pelo menos isso lhes fornecia uma trilha nítida. A equipe de desembarque entrou mais fundo e lentamente na base, seguindo as manchas de sangue. O rastro os levou pelo refeitório, onde viram mais mesas e cadeiras viradas, bem como buracos nas paredes e no teto — indicação clara de que a sala presenciara recentemente uma troca de tiros breve, mas intensa.

Mais adiante, passaram por duas alas de alojamentos separadas. A porta de cada quarto tinha sido aberta aos chutes, e o interior, como do refeitório, estava crivado de buracos de bala. Uma imagem se formou na mente de Anderson: os agressores, depois de entrar, foram sistematicamente de um ambiente a outro, massacrando todos numa saraivada de tiros... e então arrastaram os corpos com eles.

Quando chegaram ao fundo do prédio, ainda não tinham visto qualquer sinal de que os inimigos ainda estivessem por ali. Mas fizeram uma descoberta distinta que nenhum deles esperava. Bem no fundo das instalações, havia um grande elevador que descia pela terra.

— Não admira que a base pareça tão pequena — exclamou O'Reilly. — O que presta está enterrado aqui!

Um momento depois, ele murmurou num tom um pouco mais sóbrio:

— Droga, queria saber no que eles trabalhavam. Só Deus sabe no que vamos entrar.

Anderson concordou, mas estava preocupado com um detalhe mais imediato. Segundo o painel na parede lateral, o elevador tinha descido ao andar inferior. Se alguém tivesse ido aos andares inferiores da base apenas para fugir ao saber que a *Hastings* estava chegando, o elevador deveria estar no andar superior.

— Algum problema, tenente? — perguntou Dah.

— Alguém levou o elevador para baixo — disse ele, tombando a cabeça na direção do painel. — Mas não voltou para cima.

— Acha que ainda estão lá embaixo? — perguntou a sargento de artilharia, num tom que deixava claro que ela torcia para que sim.

O tenente confirmou, com uma sugestão de sorriso amargo nos lábios.

— E o que houve com as naves deles? — perguntou o soldado Shay, ainda sem juntar as peças.

— Quem atacou esta base procurava alguma coisa — explicou Anderson. — O que procuravam não estava aqui em cima. Devem ter mandado uma equipe descer

aos pisos inferiores para completar o trabalho. Provavelmente só ficaram alguns homens aqui para vigiar tudo. Mas eles não contavam que uma nave de patrulha da Aliança estivesse próxima para responder ao pedido de socorro com tanta rapidez. Quando sua nave de reconhecimento avisou que vinha alguém pelo retransmissor de massa, eles sabiam que tinham uns vinte minutos para pegar tudo e sair. Aposto que nem se incomodaram em avisar aos companheiros de baixo.

— Como é? Por que não? Por que não avisaram?

— Esses elevadores podem descer 2 quilômetros — intrometeu-se o cabo O'Reilly, ajudando a explicar ao soldado inexperiente. — Parece que o painel de comunicação do andar inferior foi destruído no tiroteio. De jeito nenhum uma mensagem por rádio chegaria a alguém lá embaixo passando por tanta pedra e minério. E o elevador pode levar dez minutos para fazer o percurso de subida ou descida.

Fez uma pausa e prosseguiu:

— Se eles quisessem alertar os amigos no porão, levariam meia hora: dez minutos para chamar o elevador para cima, saindo do andar inferior, dez minutos para mandar alguém descer para avisar, depois mais dez minutos para voltar a subir. Mas aí já seria tarde demais. É mais fácil dar o fora e deixar os outros para trás.

Os olhos de Shay estavam arregalados de incredulidade.

— Eles simplesmente abandonaram os amigos?

— É o que distingue os mercenários dos soldados — disse-lhe Anderson, antes de voltar o foco à missão. — Isso altera as coisas. Temos uma unidade inimiga lá embaixo, e eles não sabem que um esquadrão da Aliança está aqui, esperando por eles.

— Podemos armar uma emboscada — sugeriu Dah. — Assim que as portas do elevador se abrirem, metemos bala e acabamos com os filhos da mãe! — Ela falava rapidamente, com um brilho perverso nos olhos. — Eles não teriam a menor chance!

Anderson pensou por um segundo, depois meneou a cabeça.

— É evidente que esta é uma missão de busca e destruição: eles não pretendem deixar sobreviventes. Ainda pode haver pessoal da Aliança vivo nos andares inferiores. Se houver qualquer chance de salvá-los, precisamos tentar.

— Pode ser perigoso, senhor — alertou O'Reilly. — Estamos supondo que não sabem que estamos aqui. Se souberem de algum jeito, nós é que estaremos entrando numa cilada.

— É um risco que temos de correr — replicou Anderson, socando o painel da parede para chamar o elevador à superfície. — Vamos atrás deles.

O resto do grupo, inclusive O'Reilly, reagiu com um firme:

— Senhor, sim, senhor!

A longa e lenta descida do elevador foi uma agonia ainda maior do que a espera

no porão da nave no início da missão. Minuto a minuto, a tensão aumentava à medida que afundavam cada vez mais sob a superfície do planeta.

O tenente ouvia o zumbido fraco do guincho do elevador, um zunido lento e maçante no fundo do crânio que ficava cada vez menos intenso, mas nunca sumia inteiramente em sua descida às profundezas do poço. O ar ficava pesado, quente e úmido. Ele sentiu os ouvidos estalarem e percebeu um cheiro estranho no ar, um fedor desconhecido que imaginava ser uma mistura de gases sulfurosos com mofos alienígenas e fungos subterrâneos.

Anderson transpirava profusamente sob a blindagem e constantemente tinha de estender a mão livre para enxugar a névoa que se condensava em seu visor. Fez o possível para não pensar no que aconteceria se as portas se abrissem e o inimigo estivesse preparado, esperando por eles do outro lado.

Quando finalmente chegaram ao fundo do poço, o inimigo *esperava* por eles, mas certamente não estava preparado. O elevador se abriu para uma antecâmara larga — uma caverna natural cheia de estalagmites, estalactites e grossas colunas de calcário. As luzes artificiais instaladas no teto iluminavam toda a câmara, refletindo-se nos veios grossos de mineral metálico cintilante nas incontáveis formações rochosas naturais da caverna. Na extremidade havia uma passagem que servia como a única saída alternativa da caverna, um longo túnel que fazia uma curva e se perdia de vista.

As forças inimigas, cerca de uma dúzia de mercenários armados e blindados, vinham para eles do outro lado da câmara. Riam e brincavam, com as armas junto ao corpo ao seguirem para o elevador que os levaria de volta à superfície do planeta.

Anderson precisou de apenas uma fração de segundo para concluir que pareciam invasores assassinos e não membros da Aliança, e deu a ordem para atirar. Sua equipe estava posicionada e pronta quando as portas do elevador se abriram e reagiu quase instantaneamente ao comando, irrompendo do elevador com uma saraivada de disparos. A primeira onda de ataque rompeu o grupo de mercenários desatentos. O combate teria terminado logo, não fosse por suas armaduras e escudos cinéticos.

Três dos combatentes inimigos caíram ao chão, mas projéteis mortais suficientes foram desviados ou absorvidos para que os demais conseguissem recuar e se abaixar, procurando proteção atrás dos rochedos e estalagmites que se espalhavam pelo piso da caverna. Os segundos seguintes da batalha foram um caos completo. A equipe de Anderson avançou, correndo para usar como cobertura as formações rochosas da caverna. Tiveram de se espalhar rapidamente em leque, antes que o fogo cruzado do inimigo prendesse todo o grupo num único local. A caverna ecoava os tiros em *staccato* dos fuzis de assalto e o *zip-zip-zip* agudo das balas ricocheteando nas formações rochosas e paredes, e as balas tracejantes incandescentes que compunham cada quinto tiro acendiam uma luminescência espectral no ambiente.

Correndo até uma estalagmite grande e próxima, Anderson sentiu um tremor familiar demais de seu escudo cinético repelindo vários tiros que, sem ele, teriam encontrado o alvo. Caiu no chão e rolou enquanto uma série de projéteis batia no piso bem à frente, desintegrando a pedra e provocando uma chuva de água e poeira sob seu visor e no rosto.

Ele se levantou cuspidando os grãos repugnantes, verificando por instinto a força que restava nos escudos. Havia caído a vinte por cento — não era o suficiente para lhe dar uma chance de luta se tivesse de correr outra vez pelo fogo direto do inimigo.

— Status dos escudos! — gritou Anderson em seu rádio. Os números lhe voltaram numa sequência rápida: “Vinte!”, “Vinte e cinco!”, “Vinte!”, “Dez!”.

Sua equipe ainda estava a toda, mas os escudos haviam levado uma surra. Perderam a vantagem inicial da surpresa e agora enfrentavam um esquadrão inimigo com quase o dobro de seu efetivo. Mas os soldados da Aliança eram treinados para trabalhar em equipe, dando cobertura aos outros e cuidando de sua retaguarda. Eles confiavam nos colegas e em seu líder. Anderson imaginou que isso lhes daria a vantagem de que precisavam sobre qualquer bando de mercenários.

— Dah, Lee... Avancem pela direita! — gritou ele. — Tentem pegá-los pelos flancos!

O tenente rolou para a direita, saindo de trás da estalagmite que o protegia de vista, e disparou no inimigo uma rajada rápida de cobertura. Não tentava atingir nada: mesmo com a tecnologia de mira inteligente embutida em todas as armas de fogo pessoais, era quase impossível atingir um alvo humanizado sem levar pelo menos meio segundo para estabilizar e mirar. Mas ele não pretendia infligir danos; só queria perturbar o inimigo para que não tivesse tempo de apontar para Lee ou Dah, que avançavam alternadamente, correndo e saindo da cobertura.

Depois de uma rajada de dois segundos, Anderson rolou para trás de sua proteção. Não era bom ficar muito tempo em um lugar à plena vista. Enquanto Anderson assim procedia, Shay saía de trás de um rochedo grande e soltava outra rajada de cobertura para os colegas de esquadrão em movimento e, ao voltar a se abaixar à segurança, O'Reilly o substituiu.

Assim que o cabo voltou a se proteger, Anderson colocou a cabeça para fora e disparou novamente. Desta vez saiu pelo lado esquerdo da estalagmite. Pular de trás do abrigo pelo mesmo lado por duas vezes seguidas era uma maneira segura de levar um tiro inimigo nos dentes.

Ele voltou a se abaixar e ouviu Dah pelo rádio:

— Em posição. Abrindo fogo de cobertura!

Agora era sua vez de se mexer.

— Avançando! — gritou pouco antes de correr a espaço aberto, bem agachado e

firme para outra parte próxima da arquitetura natural da caverna que tinha tamanho suficiente para protegê-lo de balas inimigas.

Parando numa derrapada atrás de uma coluna larga, ele só teve tempo de recuperar o fôlego e abrir fogo enquanto ordenava que Shay e O'Reilly avançassem.

Incessantemente, eles repetiram o processo: Anderson ordenava que alguém avançasse enquanto os demais davam cobertura para manter o inimigo na defensiva. Ele variava quem ia a cada vez. A chave era manter a equipe em movimento e os oponentes desequilibrados. A permanência em um só lugar permitiria que os inimigos focalizassem neles, que teriam de suportar vários atiradores ou, pior ainda, granadas atiradas em sua direção. Mas o avanço precisava de propósito e um caminho; era necessário que seguissem um plano.

Apesar de todo o caos e confusão da batalha, o tenente fora treinado para abordar as trocas de tiro como um jogo de xadrez. Tudo se trata de tática e estratégia, de proteger e defender suas peças enquanto as manobrava uma por uma para criar uma posição geral mais forte. Trabalhando como uma unidade, o esquadrão da Aliança ganhava vantagem, um soldado de cada vez, evoluindo lentamente aonde podiam flanquear o inimigo, levando-os a deixar sua cobertura, e pegá-los no fogo cruzado.

Os mercenários também sentiam que isso ia acontecer. Eram tolhidos pelo esforço coordenado de Anderson e seu grupo, aprisionados e praticamente indefesos. Era só uma questão de tempo antes que se lançassem num contra-ataque suicida ou rompessem fileiras em uma retirada desesperada. Neste caso, escolheram a última hipótese.

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo: os mercenários irrompendo de seu abrigo, recuando para a passagem às costas enquanto disparavam loucamente na vaga direção dos soldados da Aliança. Exatamente o que Anderson e sua equipe esperavam.

Enquanto os mercenários recuavam, Anderson se levantou de trás do rochedo que usava como proteção. Expunha a cabeça e os ombros, mas quem corria de costas enquanto atirava com um fuzil de assalto teria sorte de atingir o costado de uma nave, que dirá um alvo com metade do tamanho do tronco humano. Ele escorou a arma no alto do rochedo para estabilizá-la, apontou firmemente para um dos mercenários, deixou que os sistemas de mira automática da arma travassem e apertou lentamente o gatilho. O mercenário fez uma dança vacilante e curta enquanto uma rajada de balas esgotava seus escudos, espatifava a armadura e rasgava-lhe o corpo. A sequência completa, do início ao fim, levou talvez quatro segundos — uma eternidade, se estivessem preocupados que alguém do outro lado calmamente os pegasse em sua mira. Mas com essa ameaça encerrada, Anderson tinha tempo suficiente para garantir que sua mira fosse mortalmente precisa. Teve inclusive a chance de apontar para um segundo mercenário e abatê-la.

E ele não foi o único a tirar proveito da situação. No total, sua equipe derrubou sete dos mercenários durante a retirada desesperada. Só dois conseguiram escapar com vida, indo para a segurança da passagem e desaparecendo na curva.

TRÊS

Anderson não mandou de imediato seu grupo atrás dos mercenários em fuga. Assim que perderam contato visual com o inimigo, seria loucura persegui-los. Cada canto, curva ou corredor transversal com que se deparassem representaria uma possibilidade de emboscada.

Em vez disso, Dah, O'Reilly e Lee assumiram posições defensivas, protegendo a passagem caso os mercenários voltassem, possivelmente com reforços. Com o único ponto de insurgência coberto, Anderson e Shay estavam livres para examinar os corpos. Havia matado dez mercenários na batalha. Agora verificavam os cadáveres — um desfecho repulsivo, mas necessário em cada combate. O primeiro passo era identificar quaisquer sobreviventes que pudessem representar uma ameaça. Anderson ficou aliviado ao descobrir que todas as figuras prostradas estavam mortas. Não era política da Aliança executar inimigos indefesos, mas tomá-los como prisioneiros teria representado toda uma nova série de problemas logísticos a uma missão que já era bem complicada.

O passo seguinte era tentar identificar para quem trabalhavam. Cinco dos mortos eram batarians, três eram humanos e dois eram turians: oito homens, duas mulheres. Seu equipamento era uma miscelânea de armas militares e comerciais de uma ampla variedade de fabricantes. As unidades militares oficialmente reconhecidas tendiam a ser compostas por uma só espécie e portar apenas uma marca de armas e armadura; resultado inevitável de corporações assinando contratos exclusivos de fornecimento com os governos responsáveis.

Estes mais provavelmente eram soldados pagos, membros de um dos muitos bandos mercenários independentes da Fronteira, que se vendiam a quem oferecesse mais. A maioria dos mercenários tinha tatuagens ou marcas queimadas no corpo, proclamando seu vínculo com um ou outro grupo: em geral eram exibidas com destaque nos braços, pescoço e rosto. Mas as únicas marcas que Anderson encontrou nos mortos eram manchas indistintas de pele esfolada e coberta de crostas.

Ele ficou decepcionado, mas não surpreso. Para trabalhos em que o sigilo era importante, era comum remover as marcas dos grupos com um banho de ácido esfoliante, e depois as reaplicar após a missão: um procedimento simples, mas doloroso, cobrado de quem os contratara. Obviamente o grupo contratado para

atacar Sidon temia retaliações da Aliança e fizera o possível para remover qualquer coisa que os expusesse, se algo desse errado.

Ainda não havia contra-ataque do inimigo quando Anderson e Shay terminaram de retirar dos corpos granadas, medigel e qualquer outra coisa útil e pequena o suficiente para ser carregada com facilidade.

— Parece que eles não vão sair de novo — grunhiu Dah, enquanto Anderson se aproximava e postava-se ao lado dela.

— Então, temos de ir atrás deles — respondeu Anderson, encaixando um novo cartucho de energia em seu gerador de escudo cinético. — Não podemos esperar aqui para sempre, e ainda há uma chance de encontrarmos parte de nosso pessoal vivo lá embaixo.

— Ou mais mercenários — murmurou O'Reilly, substituindo o próprio cartucho de energia.

O cabo só verbalizava o que todos estavam pensando. No entender do grupo, havia outro esquadrão inimigo completo mais no fundo da base e os dois que fugiram da batalha já haviam conseguido alertar seus reforços. Embora talvez estivessem entrando numa armadilha, agora não podiam voltar atrás.

O tenente deu ao resto da equipe um tempo para se preparar antes de gritar:

— Dah, Shay... Assumam a vanguarda. Vamos andando!

Eles avançaram na passagem mal-acabada, mantendo a formação-padrão de patrulha da Aliança — dois fuzileiros na frente, Anderson e O'Reilly a 3 metros deles, no meio, e Lee 3 metros atrás destes, dando cobertura à retaguarda. Todos tinham as armas erguidas e estavam prontos ao fazerem um progresso lento, mas constante, pelo túnel acidentado e irregular que fora cavado na rocha. Agora estavam oficialmente numa zona de guerra e a cautela era mais importante do que a velocidade. Um segundo de descuido e desatenção podia custar a vida de todos.

Dez metros depois, o corredor dava uma guinada repentina para a esquerda. A equipe parou a um gesto de Dah, que se esgueirou à frente e pôs a cabeça pela curva, expondo-se momentaneamente a possível tiro inimigo antes de recuar. Quando Dah fez o sinal de “liberado”, eles continuaram.

Para além da curva, a passagem continuava por mais 20 metros, chegando enfim a uma porta de segurança lacrada. A pesada barreira de metal estava fechada e trancada. Anderson sinalizou a O'Reilly, e o cabo avançou para fazer sua magia tecnológica e anular os códigos das trancas. O resto da equipe assumiu posições-padrão para outro procedimento de investida rápida.

— Se aqueles mercenários estão trancando as portas de segurança — cochichou Dah a seu oficial comandante enquanto esperavam que a porta se abrisse —, isso quer dizer que eles têm os códigos da base. Alguém de dentro deve ter trabalhado com eles.

Anderson não respondeu, mas fez que sim, carrancudo. Não lhe agradava a ideia de que alguém de dentro de Sidon tivesse traído a Aliança, mas era a única explicação que fazia sentido. Os mercenários sabiam que as instalações esperavam um carregamento extraplanetário e deviam ter os códigos corretos de desembarque para trazer suas naves à superfície sem acionar alarme. Estavam familiarizados com a planta do lugar para liberar a área superior e entrar nos elevadores do fundo sem deixar que ninguém escapasse. E deviam ter acesso a códigos restritos de trancas para lacrar a porta de segurança. Todas as provas apontavam para a conclusão inescapável de que havia um traidor em Sidon.

A porta se abriu num deslize, e a equipe entrou rapidamente em ação, usando uma granada de luz para cegar quem estivesse do outro lado, depois investiu, encontrando a área vazia. Agora estavam numa grande sala quadrada, com cerca de 20 metros de lado a lado. As paredes, o teto e o piso reforçados de metal reluzente deixavam claro que agora entravam no coração do centro de pesquisa. Tudo tinha um ar elegante e moderno; um acentuado contraste com os túneis naturais e rústicos pelos quais acabaram de passar. Havia um corredor que saía da esquerda, outro à direita.

— Tem um rastro de sangue aqui — chamou O'Reilly da esquerda. — Parece recente.

— Vamos seguir — decidiu Anderson. — Lee e Shay, tomem posição aqui. — Ele não gostava de dividir a equipe, mas não conheciam o plano da base. Anderson não queria que nenhum dos mercenários dessem a volta atrás do grupo e conseguissem retornar ao elevador. — Dah, O'Reilly... Em formação!

Deixando os dois soldados para guardar a única saída, Anderson e os outros partiram pelo corredor da esquerda, entrando cada vez mais no complexo de pesquisa. Passaram por vários outros cruzamentos, mas Anderson não estava disposto a dividir ainda mais a equipe. Em vez disso, os três simplesmente seguiram o rastro de sangue. Pelo caminho, passaram por várias salas, a maioria de pequenos escritórios, a julgar pelas mesas e estações de trabalho pessoais. Como os alojamentos nos níveis superiores, cada uma delas fora totalmente destruída por tiros. O massacre mortal que havia começado na superfície continuara inabalável no subsolo. E mais uma vez os mercenários não se satisfizeram em deixar as vítimas onde tombaram, mas, por algum motivo inexplicável, arrastaram-nas dali.

Cinco minutos depois, eles finalmente chegaram à origem do rastro de sangue que seguiam. Um turian de cara para o chão, no meio de uma sala de tamanho mediano, sangrando profusamente de um ferimento na perna. Anderson reconheceu-o como um dos mercenários que fugira da batalha recente. Aproximando-se com cuidado, ele se ajoelhou ao lado da figura imóvel para verificar o pulso, sem encontrá-lo.

Só havia outra saída da sala, outra porta de segurança lacrada num lado.

— Acha que o amigo dele está aí dentro? — perguntou Dah, usando o fuzil de

assalto para apontar a porta fechada.

— Duvido — respondeu Anderson. — Devia saber que estávamos seguindo o rastro. Aposto que se separou desse cara em uma daquelas outras ramificações mais atrás. Deve ter esperado que nós passássemos e depois correu como um louco de volta para a saída.

— Espero que Shay e Lee estejam atentos — murmurou Dah.

— Eles podem cuidar do sujeito — garantiu-lhe Anderson. — Estou mais interessado no que está atrás desta porta.

— Deve levar ao laboratório principal de pesquisa — conjecturou O'Reilly. — Talvez enfim a gente consiga algumas respostas ali.

Eles rolaram o mercenário morto, tirando-o do caminho; não havia sentido correr o risco de alguém tropeçar em seu corpo se outro tiroteio esperasse por eles atrás da porta. Depois, a uma ordem de Anderson, o cabo passou a desativar a tranca de segurança enquanto o tenente e a sargento Dah assumiam posição para outra operação de investida rápida.

Desta vez, Dah foi a primeira a passar e novamente não havia ninguém do outro lado. Pelo menos, ninguém vivo.

— Minha mãe do céu — ofegou ela.

Anderson seguiu para a sala e sentiu o estômago se revirar com o espetáculo pavoroso diante dele. O'Reilly estava certo: haviam entrado num enorme laboratório dominado por um imenso servidor central. A única saída era a porta que tinham acabado de usar, e, como o resto da base, cada equipamento na sala tinha sido destruído para além de qualquer esperança de conserto.

Mas não foi nada disso que evocou a reação do grupo. Pelo menos trinta cadáveres estavam espalhados pela sala, a maioria empilhada pelas paredes de cada lado da entrada. Os uniformes indicavam que era pessoal da Aliança: os guardas e pesquisadores mortos em outras seções das instalações. O mistério de onde estavam todos os corpos estava solucionado, mas Anderson ainda não entendia por que haviam sido arrastados para este único local.

— Procurar sobreviventes, senhor? — perguntou Dah, mas sua voz não denotava muita esperança.

— Espere — disse Anderson, erguendo a mão para que a equipe ficasse parada. — Ninguém mexe um músculo.

— Ah, meu Deus — sussurrou O'Reilly, só agora reconhecendo o que Anderson já vira.

Toda a sala estava armada de explosivos. Não simples minas de proximidade, mas incontáveis cargas de detonação de 10 quilos colocadas estrategicamente pelo laboratório. De repente, todas as peças se encaixaram para o tenente Anderson.

Havia explosivos suficientes para pulverizar tudo que havia dentro da sala,

inclusive os corpos. Por isso haviam sido tão cuidadosamente reunidos ali. De maneira alguma se poderia obter uma identificação assertiva dos restos, o que significaria que quem traía Sidon seria dado como morto, como todos os demais. Os responsáveis, então, poderiam assumir uma nova identidade e viver dos lucros de seu crime, sem chances de repercussões.

Um leve bip eletrônico fez com que Anderson percebesse que encontrar o traidor era o menor de seus problemas.

— Temporizador! — sibilou O'Reilly, com a voz áspera de medo e energia nervosa.

Um segundo depois, bipou de novo, e o tenente soube que o mercenário moribundo os trouxera a uma armadilha. A sequência de detonação estava em contagem regressiva, e muito provavelmente o destino deles — sobreviver ou morrer — seria determinado pela próxima ordem de Anderson.

Na fração de segundo entre os bips, sua mente analisou e avaliou a situação. A explosão seria imensa, mais do que o suficiente para desestabilizar todo o complexo subterrâneo. Provavelmente provocaria o desmoronamento da imensa câmara natural perto do elevador. Mesmo que se colocassem a uma distância suficiente para sobreviver à explosão, ficariam sem ar antes que o resgate os encontrasse.

O'Reilly era especialista em tecnologia: havia uma chance de ele desarmar o gatilho antes que disparasse. Se tivessem tempo para encontrá-lo. Se não houvesse um dispositivo reserva. Se fosse de um fabricante com que ele estivesse familiarizado. Se não houvesse qualquer mecanismo de segurança que impedisse a desativação manual.

Eram “ses” demais. Não tinham a opção de desarmar, o que significava que a única coisa que lhes restava era...

— CORRAM!

Reagindo à ordem, os três giraram nos calcanhares e dispararam pelos corredores, de volta ao ponto de origem.

— Shay, Lee — gritou Anderson no rádio. — Para o elevador. Agora!

— Sim, senhor! — respondeu um deles, aos gritos.

— Esperem por nós pelo maior tempo possível, mas, se eu ordenar, vão sem a gente. Entendido?

Houve silêncio na outra ponta do rádio — os únicos sons eram as botas batendo e a respiração pesada dos três soldados da Aliança disparando pelo corredor.

— Soldado! Você me ouviu? Se eu mandar ir, é bom que estejam lá, com ou sem nós!

Foi recompensado com um relutante:

— Entendido, senhor.

Eles seguiam pelos corredores com a maior velocidade possível, escorregando e

derrapando pelos cantos numa tentativa desesperada de superar o temporizador que podia detonar a qualquer momento. Não havia tempo para procurar emboscadas de inimigos; só podiam torcer para não esbarrar em uma delas.

Ao virar o canto e entrar na sala onde Anderson antes tinha ordenado que Shay e Lee esperassem por eles, a sorte finalmente acabou. A chefe de artilharia Dah estava na frente, com as pernas longas permitindo que devorasse mais terreno a cada passada, e tinha se adiantado alguns metros dos dois colegas. Entrou à toda na sala... e diretamente para uma rajada de tiros.

O único mercenário sobrevivente, um batarian, esperava por eles. Devia ter chegado à sala depois que Shay e Lee voltaram ao elevador por ordem de Anderson. Desde então estivera esperando pacientemente, torcendo pela oportunidade de obter uma vingança mesquinha.

A força dos tiros arrancou Dah do chão e a fez cair num monturo. Seu ímpeto para a frente levou o corpo a produzir uma cambalhota pelo chão até parar, embolada e imóvel no canto.

Anderson foi o segundo a entrar na sala: investiu com a arma já disparando. Normalmente, era puro suicídio correr diretamente a um inimigo estacionário com um fuzil de assalto carregado, mas o mercenário estava tolamente concentrado em Dah, que tombava — ele sequer olhou na direção de Anderson. Quando tentou girar e disparar em seu inimigo, o tenente estava praticamente em cima dele. Tão perto que mesmo enquanto corria foi capaz de mirar com precisão suficiente para abrir um buraco no peito do batarian.

O'Reilly chegou uma fração de segundo depois, parando quando viu Dah prostrada numa poça de sangue que se espalhava rapidamente.

— Vá! — gritou Anderson a ele. — Entre no elevador.

O'Reilly fez que sim rapidamente e partiu, deixando Anderson para verificar a companheira caída.

O tenente se abaixou sobre um joelho e a rolou, então quase pulou de surpresa quando os olhos da sargento se abriram.

— Aquele filho da mãe idiota mirou baixo demais — disse ela entre dentes. — Me pegou na perna.

Anderson baixou os olhos e viu que era verdade. Algumas balas errantes tinham penetrado as barreiras cinéticas que protegiam seu tronco, ricocheteando nas pesadas placas da armadura, sem infligir danos além de pequenos amassados e descolorações. Mas a perna direita, onde a armadura era mais fina e onde a elevada concentração de disparos tinha esgotado os escudos, fora reduzida a polpa e carne de hambúrguer.

— Já andou de cavalinho, sargento? — perguntou-lhe Anderson, jogando as armas no chão e rapidamente tirando a própria armadura.

— Nunca fui uma garota de montar nas costas dos outros, senhor — respondeu ela, arrancando o cinto e descartando cada peça de equipamento que não estava afivelada.

— Não tem nada demais — explicou ele, estendendo a mão para ajudá-la a se sentar. Dah ainda estava de armadura, mas eles já haviam perdido muito tempo. — Só precisa se segurar.

Ele fez o máximo para ajudá-la a passar os braços por seu pescoço e pelos ombros, depois se levantou, cambaleando momentaneamente sob o peso da mulher enorme. Estendeu o braço para trás a fim de ajudar a suportar o peso, pegando suas coxas e nádegas enquanto os braços de Dah se fechavam em seu pescoço com um aperto cruelmente forte.

— Rápido — grunhiu ela, fazendo o que podia para esconder a agonia que o movimento infligia na perna estropiada.

Anderson deu alguns passos desequilibrados, esforçando-se para encontrar um jeito de se movimentar com a maior rapidez possível ao equilibrar a carga desajeitada. Quando saíram da passagem e entraram na grande caverna cheia de estalactites, Anderson descobriu uma cadência canhestra, mas eficaz, em algum ponto entre o galope e o trote. E então o temporizador detonou.

Do laboratório principal no coração da base de pesquisa uma enorme bola de fogo, calor e energia se soltou numa explosão, arruinando tudo enquanto varria o complexo. Portas foram entortadas e arrancadas das dobradiças, pisos envergaram, paredes derreteram.

Longe, na caverna natural, os efeitos da explosão foram sentidos em três fases distintas. Primeiro, o chão pareceu subir sob os pés de Anderson, fazendo-o cair. Dah gritou quando a perna bateu no chão, mas a voz foi tragada pela segunda fase da explosão: um estouro ensurdecador que ecoou pela caverna e engoliu qualquer outro som. A última fase foi uma muralha de ar quente impelida pela explosão, derramando-se da passagem e rolando sobre eles, prendendo-os no chão, ardendo em seus pulmões e deixando-os ofegantes, em busca de oxigênio.

Anderson lutava para respirar e por um segundo quase desmaiou. Esforçou-se para manter a consciência enquanto a mão invisível que apertava seu peito e o prendia ao chão aos poucos diminuía a pressão enquanto o ar superaquecido expelido pela explosão se dissipava pela caverna.

Eles ainda não estavam fora de perigo. A potência da explosão abalara a caverna. As lâmpadas se desprenderam, balançando-se loucamente pela sala. E embora os ouvidos ainda tinissem, Anderson ouviu muito bem os estalos altos e agudos das fraturas por pressão que apareciam nas paredes e no teto enquanto a caverna começava a desabar.

— O'Reilly! — gritou ele pelo rádio, na esperança de que os três homens no

elevador ainda o ouvissem. — O lugar está desmoronando! Vão para a superfície! Agora!

— E quanto a você e Dah? — A resposta mal era audível dentro do capacete de Anderson, mas pelo tom estava claro que o cabo gritava.

— Mande o elevador de volta depois de chegar ao topo — vociferou ele. — Agora, andem! É uma ordem!

Sem esperar por uma resposta, Anderson cambaleou para verificar a sargento de artilharia Dah. Ela desmaiara; era demais suportar a dor na perna além do trauma físico dos abalos provocados pela explosão. Invocando o que lhe restava das forças, o tenente conseguiu se levantar, pendurando-a nos ombros à maneira dos bombeiros.

Ele começou a se desesperar, correndo trôpego para a liberdade enquanto a câmara se desintegrava a sua volta. Estalactites caíam como enormes lanças irregulares de calcário, a frágil escora que as mantivera no teto por milhares de anos cedendo. Imensas rachaduras se espalhavam pelo chão, teto e pelas paredes, provocando o rompimento de grandes nacos de pedra, que caíam no solo, onde explodiam em poeira e entulho com o impacto.

Anderson fez o máximo para bloquear toda essa informação. Não havia nada que pudesse fazer além de continuar em movimento e rezar para que não fossem esmagados pelo que viesse de cima, então obrigou a mente a se concentrar unicamente em colocar um pé na frente do outro. Não tinha certeza se conseguiria. Os cabos oscilantes das lâmpadas criavam um efeito estroboscópico que dificultava o equilíbrio no terreno acidentado. Ele estava contundido e dolorido da concussão da explosão. A exaustão e a fadiga o dominavam. Os músculos das coxas e das panturrilhas ardiam.

A onda de adrenalina que sentira no início da missão se fora: seu corpo simplesmente não tinha mais nada. Anderson andava num passo cada vez mais lento, a mulher inconsciente jogada em seus ombros parecia pesada como as imensas lajes de pedra que choviam em volta deles.

Quando o elevador finalmente entrou em seu campo de visão, ele não ficou surpreso de ver O'Reilly, Shay e Lee ainda à espera. Vendo o comandante cambaleando como um morto-vivo, os três correram para ajudar. Anderson estava exausto demais para protestar. Simplesmente deixou Dah escorregar pelos ombros nos braços de dois soldados, um que a pegou pelos ombros, outro pelos quadris.

Agora, com o fardo retirado, ele perdeu o equilíbrio e quase caiu, mas O'Reilly estava ali para ampará-lo. Encostando-se ao cabo para ter apoio, ele conseguiu dar os últimos passos ao elevador antes de desabar num canto.

As portas se fecharam, e o elevador começou a longa viagem para o topo. O percurso não foi nada tranquilo: o elevador movia-se espasmodicamente enquanto as engrenagens guinchavam. Ninguém disse nada, como se tivessem medo de que o

simples ato de falar naquela situação precária a tornasse pior. Anderson simplesmente ficou deitado onde caíra, ofegante ao tentar recuperar o fôlego.

Quando chegaram ao topo e foram banhados pela segurança da superfície, o tenente tinha se recuperado o suficiente para falar.

— Eu mandei que não esperassem por nós — repreendeu a equipe, enquanto voltavam à *Hastings*, os soldados ainda carregando uma Dah inconsciente. — Eu devia rebaixar cada um de vocês por desobedecer às minhas ordens! — Parou para deixar que a declaração fosse compreendida. — Ou isto ou recomendar uma medalha a todos.

QUATRO

A primeiro-tenente Kahlee Sanders era inteligente: uma das melhores técnicas em sistemas e computação da Aliança. Era atraente: outros soldados na base sempre lhe passavam cantadas quando ela não estava de serviço. Era jovem: aos 26 anos, podia esperar pelo menos mais meio século de vida saudável e produtiva pela frente. E sabia que estava prestes a cometer o maior erro de sua vida.

Nervosa, olhou cautelosamente o bar, bebendo o drinque enquanto se espremia cada vez mais no canto, tentando não chamar atenção. De peso e complexão medianas, só o que distinguia Kahlee era o cabelo louro na altura do ombro — como característica genética recessiva, o louro natural estava quase extinto. Mas seu cabelo era de um louro sujo, com fios tendendo a tons de castanho... E ainda havia muitos humanos que tingiam o cabelo dessa cor, de qualquer modo. Ela normalmente não se destacava numa multidão. Assim era mais fácil que passasse despercebida ali — o Black Hole estava lotado.

A maioria era de humanos. Não era de admirar, considerando que o bar era um estabelecimento luxuoso a uma distância a pé do espaçoporto de Elysium, a maior e mais antiga colônia da Aliança na Fronteira Skylliana. Mas pelo menos um terço dos clientes era composto de outras espécies. Os batarians eram predominantes; ela via suas cabeças estreitas subindo e descendo nos pescoços finos em meio à multidão. Tinham narinas exageradas e narizes grandes e triangulares quase achatados na cara, a ponta voltada para os lábios finos e o queixo afilado. O rosto era coberto de pelos tão curtos e finos que pareciam o veludo macio do focinho de um cavalo, embora fossem maiores e mais grossos em torno da boca. Uma faixa plana de cartilagem sulcada corria pelo alto do crânio e descia pela nuca.

Mas a característica mais singular da espécie era sem dúvida o fato de possuir dois pares distintos de olhos. Um par era engastado em cavidades ossudas e proeminentes que se projetavam dos cantos do rosto, conferindo ao crânio um nítido formato losangular. O segundo par de olhos era menor e mais próximo, mais no alto da face, pouco abaixo do meio da testa. Os batarians tinham o hábito de olhar para você com os quatro globos oculares simultaneamente, criando um problema para as espécies de dois olhos, que não sabiam em que par focalizar durante as conversas. A incapacidade de manter o olho no olho era desconcertante para a maioria das outras raças, e os batarians sempre tentavam explorar esta vantagem em situações que

envolviam acordos e negociações.

Como a Aliança, o governo batarian colonizava ativamente a Fronteira, tentando estabelecer uma cabeça de ponte numa região madura para a expansão. Mas o Black Hole agora também recebia vários outros alienígenas. Kahlee viu diversos turians em meio aos clientes, suas feições muito toldadas pelas carapaças tatuadas e duras de carne e osso que cobriam-lhes a cabeça e o rosto como máscaras pagãs ferozes. Ela percebeu os olhos velozes e inquietos de um pequeno grupo de salarians do outro lado do salão. Dois krogans imensos agigantavam-se nas sombras perto da porta, como dinossauros pré-históricos erguidos em suas pernas traseiras, guardando a entrada. Alguns volus rotundos andavam pelo salão. E uma única garçonne asari, etérea e linda, deslizava sem esforço algum pelos clientes, movendo-se de mesa em mesa, equilibrando uma bandeja cheia de bebidas.

Kahlee fora ao bar sozinha, mas parecia que todos os outros chegavam em grupos. Recostavam-se no balcão, reuniam-se em volta de mesas altas, zanzavam pela pista de dança ou se espremiavam nas paredes. Todos pareciam se divertir, rindo e conversando com os amigos, colegas de trabalho ou associados de negócios. Kahlee ficou admirada de sequer conseguirem se ouvir. O barulho constante de cinquenta conversas simultâneas se elevava ao teto e caía sobre ela como uma onda. Ela tentou escapar, espremendo-se ao máximo no fundo, em seu próprio cantinho.

Quando chegara, Kahlee havia pensado que a presença da multidão seria reconfortante. Talvez relaxasse na massa sem rosto das pessoas, mas os drinques do Black Hole eram tão fortes quanto sua reputação e os sentidos dela já começavam a ficar um tanto embotados, embora só estivesse na metade do segundo copo. Agora havia barulho demais, movimento demais. Ela não conseguia se fixar no que acontecia à volta. Ninguém ali tinha motivos para suspeitar da jovem parada sozinha no canto, mas ela se pegou constantemente passando os olhos pelo salão para ver se alguém a observava.

No momento, ninguém nem mesmo olhava de relance em sua direção. Não que a observação lhe trouxesse algum conforto. Ela estava numa enrascada, e um caso de paranoia induzida pelo álcool não iria facilitar as coisas. Kahlee baixou o drink no pequeno balcão embutido na parede do bar e tentou controlar os pensamentos, avaliando a situação.

Dezesseis horas antes, ela saíra sem permissão do prédio do Centro de Pesquisa Sidon. Deixar a base era uma infração menor: as coisas se agravaram mesmo quando ela não apareceu para seu turno, oito horas depois. Abandono de serviço era sério o bastante para entrar em seu registro permanente. E quatro horas depois seu status seria oficialmente de ANA — Ausência Não Autorizada —, crime passível de punição pela corte marcial, rebaixamento com desonras e até encarceramento.

Ela pegou o drink pela metade e tomou outro longo gole, na esperança de que o

álcool a ajudasse a desacelerar os pensamentos. Tudo parecia tão simples no dia anterior, quando saiu. Kahlee tinha provas de que seus superiores em Sidon realizavam pesquisa ilegal e estava decidida a denunciá-los.

Ela pegara um transportador que deixava a base, mostrando um passe que falsificara hackeando arquivos de segurança restritos, e chegara ali, em Elysium, algumas horas depois. Fora em algum momento da viagem que havia começado a refletir melhor.

Com tempo suficiente para pensar nas plenas consequências de seus atos, ela percebeu que as coisas não eram tão preto no branco como tinha suposto. Não fazia ideia de quantos na base podiam estar implicados na investigação formal. E se as pessoas com quem trabalhava, gente que considerava amiga, estivessem envolvidas de alguma forma? Será que realmente queria prejudicá-las? Parte dela sentia que era um ato de traição.

Mas suas hesitações iam além da lealdade para com os colegas soldados: ela assumia um risco imenso para a própria carreira. Tinha provas de que Sidon realizava pesquisas muito além do escopo de seus parâmetros oficiais; evidências obtidas ilegalmente de arquivos altamente confidenciais, agindo segundo nada mais do que suspeitas iniciais e um pressentimento louco. Seu palpite por acaso havia sido confirmado, mas tecnicamente toda sua investigação fora um ato de traição contra a Aliança.

Quanto mais pensava no assunto, mais Kahlee percebia que não sabia no que se metera. Não sabia se seus superiores agiam sozinhos ou se seguiam ordens de alguém mais acima na cadeia de comando. E se ela os denunciasse à própria pessoa que ordenara a pesquisa ilegal? Mudaria alguma coisa ou simplesmente tudo seria acobertado? Será que estaria jogando fora sua carreira e se arriscando a uma pena de prisão séria a troco de nada?

Na verdade, se realmente quisessem encontrá-la, não seria assim tão complicado. Fora registrada embarcando em um transportador para Elysium com um passe falso. Mas Kahlee duvidava que a Aliança mandasse alguém atrás dela. Não antes que estivesse desaparecida por mais de vinte horas e a coisa se tornasse um crime. Assim, ainda tinha algum tempo para decidir o que fazer. Não que essas poucas horas a mais fariam grande diferença. Ela estivera pelejando com este problema desde que tocara o solo. Kahlee estava ligada demais para dormir, temerosa demais para voltar a Sidon e enfrentar as acusações, assustada demais para ir em frente. Manteve-se em movimento indo de bar em bar, tomando alguns drinques e saindo para recuperar a sobriedade. Não ficou num só lugar por muito tempo, com medo de atrair atenção indesejada. Seu caminho a levou de bares a lounges, e dali a clubes, enquanto esperava encontrar alguma inspiração súbita que milagrosamente resolvesse seu problema.

Ela levantou a cabeça para os vídeos de notícias que apareciam na tela instalada na parede na extremidade do bar, seu olhar atraído por uma imagem conhecida. Embora não pudesse ouvir o que dizia a transmissão, ela reconheceu uma foto de arquivo do Centro de Pesquisa Sidon. Confusa, Kahlee franziu o cenho e semicerrou os olhos, tentando ler os caracteres que se moviam rapidamente na base da tela.

... ATAQUE À BASE DE PESQUISA DA ALIANÇA...

Seus olhos se arregalaram com alarme, e ela bateu o copo de vidro no balcão, derramando o que restava da bebida. Ignorando isso, saiu de seu cantinho e passou pela multidão, empurrando e acotovelando sem consideração alguma aos demais clientes para que saíssem de seu caminho até se colocar perto o suficiente para ouvir o que dizia o locutor:

“Os detalhes ainda são incompletos, mas recebemos confirmação oficial de fontes da Aliança de que o Centro de Pesquisa Sidon parece ter sido alvo de um ataque terrorista.”

Ansiosa para ouvir mais, Kahlee avançou, empurrando um dos outros clientes humanos e fazendo-o derramar seu drinque.

O homem se virou para ela, exclamando, irritado:

— Ei, cuidado por onde você... — Ele se interrompeu quando percebeu que o esbarrão viera de uma jovem atraente.

Kahlee não reconheceu sua presença sequer com um olhar, mantendo os olhos fixos na tela do alto. — A cena ainda é restrita, aguardando investigação da Aliança, assim não podemos trazer a vocês qualquer imagem...

O homem olhou a tela, fingindo interesse, na esperança de forjar alguma ligação com ela.

— Deve ser coisa dos batarians — disse, sem rodeios.

O amigo com quem ele conversava intrometeu-se também, ansioso para impressionar a bela recém-chegada e atraí-la para a discussão.

— A Aliança esteve prevendo algo assim por meses — falou, assumindo o tom de uma autoridade inquestionável no assunto. — Meu primo é militar e ele me disse...

Um olhar devastador de Kahlee o calou. Garantido o silêncio do homem, ela se voltou para o vídeo bem a tempo de pegar o final da reportagem.

“... Não há relato de sobreviventes. Em outras notícias, o embaixador humano em Camala recentemente deu uma coletiva para anunciar a assinatura de um novo acordo comercial...”

Sem sobreviventes. As palavras deixaram Kahlee entorpecida, atordoando-a como um forte golpe na nuca. Estivera na base ontem. Ontem! Se não tivesse fugido em sua missão tola, agora estaria morta. O salão começou a adernar de um lado, e Kahlee percebeu que estava a ponto de desmaiar.

Vacilante, foi apanhada pelo homem em que havia trombado, mantendo-a em pé

enquanto ela lutava contra a vertigem.

— Ei, qual é o problema? — Sua voz demonstrava uma preocupação sincera. — Você está bem?

— Hein? — murmurou Kahlee, sem nem mesmo registrar que a maior parte de seu peso era sustentada por um completo estranho. O homem a ajudou a se endireitar, depois a soltou, embora estivesse postado para saltar novamente caso ela caísse. Ele colocou a mão em seu braço para reconfortá-la ou talvez para ajudar a manter o equilíbrio.

— Conhece alguém da base? Tem amigos lá?

— Sim... Quero dizer, não. — Por um momento, Kahlee foi incapacitada por bebida demais, sono de menos e pelo choque do que acontecera em Sidon, mas começava a se sentir segura nos próprios pés. Sua mente ágil tiquetaqueava; todas as implicações do que acabara de acontecer finalmente eram registradas. Ela havia fugido de uma base de segurança poucas horas antes do ataque. Não era apenas uma sobrevivente: agora era suspeita!

Os dois homens a olhavam com um misto de confusão e preocupação. Ela se desvencilhou suavemente da mão em seu braço e lhes abriu um sorriso de desculpas.

— Sinto muito. A reportagem me pegou desprevenida. Eu... Eu conheço umas pessoas da Aliança.

— Há alguma coisa que possamos fazer? — perguntou o segundo homem. Ela teve a sensação de que a oferta era sincera, nada mais que um cara legal preocupado com uma companheira humana. Mas naquele momento só o que ela queria era sair sem nada que levasse alguém a se lembrar dela.

— Não, não. Eu estou bem. Mas, obrigada. — Ela recuou um passo ao falar. — Preciso ir. Vou me atrasar para o trabalho. Desculpe-me por sua bebida. — Ela se virou e desapareceu na multidão, seguindo para a porta. Olhando por sobre o ombro, ficou aliviada ao ver que nenhum dos dois fez qualquer tentativa de segui-la. Simplesmente deram de ombros, deixando de lado o encontro bizarro, e voltaram à conversa anterior.

Estava escuro e frio na rua quando ela saiu do bar. A notícia da destruição de Sidon a deixara sóbria, mas a caminhada no ar fresco da noite ainda lhe seria útil para clarear a cabeça.

O Black Hole localizava-se em uma das ruas principais de Elysium. Ainda era cedo e as calçadas estavam cheias de gente. Kahlee andou rapidamente pela rua movimentada, sem ir a qualquer lugar em particular, sentindo apenas a necessidade de estar em movimento. Sua cabeça ainda girava enquanto ela passava com esforço pelo tráfego pesado de pedestres. Aos poucos, a paranoia foi voltando a seus pensamentos até que passou a se assustar com cada transeunte e pular a cada ruído

inesperado. Sentia-se vulnerável ali fora, entre todos aqueles desconhecidos, desnecessariamente exposta.

Uma transversal deserta lhe oferecia refúgio temporário. Ela disparou pela viela estreita, parando apenas quando chegou ao final da quadra. O barulho de pessoas e monotrilhos da artéria principal agora eram só um murmúrio fraco.

A notícia de Sidon mudara tudo. Ela precisava reavaliar a situação. Será que seu desaparecimento de algum modo incitara o ataque? Era difícil imaginar que fosse mera coincidência, mas ela não via como os dois eventos pudessem estar relacionados.

Uma coisa era certa: agora procuravam por ela. Kahlee precisava encobrir seus rastros. Encontrar um jeito de reservar uma passagem em um voo de Elysium que não fosse rastreada. Precisava encontrar uma identidade falsa ou subornar alguém que a deixasse embarcar ilegalmente numa nave. Se ficasse ali por muito mais tempo, alguém acabaria por...

Kahlee gritou ao sentir a mão pesada cair em seu ombro. Girou o corpo e se viu fitando o peito de um homem terrivelmente grande que a apertava firme. Levantando a cabeça, ela encarou seus olhos, frios e duros.

— Kahlee Sanders? — Era mais uma acusação do que uma pergunta.

Alarmada, ela tentou recuar um passo, retorcendo-se, tentando se soltar. Seu captor a sacudiu uma vez com rudeza, e ela estremeceu de dor enquanto as unhas dele se cravavam na carne de sua clavícula.

— Tenente Kahlee Sanders, está presa por suspeita de conspirar para cometer traição contra a Aliança.

Em sua surpresa, Kahlee levou um segundo para perceber o que o homem vestia. Agora reconhecia claramente o uniforme: PM da Aliança. Já a haviam encontrado. Ele devia ter visto Kahlee na rua principal e a seguira até a viela deserta.

Toda a luta se esvaiu dela. Sua cabeça tombou para a frente enquanto se rendia a seu destino.

— Eu não fiz isso — sussurrou ela. — Não é o que está pensando.

Ele grunhiu como se não acreditasse, mas baixou a mão de seu ombro. Ela sentia que a pele por baixo da blusa já formava um hematoma.

Tirando um par de algemas do cinto, ele as ergueu para que ela visse. Numa voz ríspida, ordenou:

— Vire-se, tenente. Com as mãos nas costas.

Ela hesitou, depois concordou. A resistência só pioraria as coisas. Ela era inocente, agora precisava provar isso diante de um tribunal militar.

— Não tente fugir — alertou o homem. — Estou autorizado a usar força letal, se necessário. — Suas palavras levaram a atenção de Kahlee à arma em seu quadril mesmo enquanto ela virava devagar as costas para ele, obedecendo as ordens. Pelo

canto do olho, só conseguiu distinguir uma pistola Striker de fabricação do Ahial Syndicate no coldre.

Sua mente gritou um alerta no momento em que ela sentiu a algema se fechar no pulso direito. A Hahne-Kedar P7 era a pistola-padrão de todo o pessoal da Aliança, e não a Striker!

A percepção veio um milissegundo depois de sentir a segunda algema se fechar no pulso esquerdo. Agindo por instinto e adrenalina, Kahlee jogou violentamente a cabeça para trás. Foi recompensada com um triturar molhado quando bateu na cara do falso PM da Aliança.

Ela girou enquanto o homem caía de joelhos, momentaneamente aturdido pelo ataque inesperado. Seus braços pendiam flácidos junto do corpo, e um filete de sangue vertia da boca e do nariz, criando uma mancha úmida e escura no rosto: o alvo perfeito para Kahlee, que ergueu o joelho, infligindo mais danos ainda à área ferida.

O golpe o derrubou de costas, e ele arriou de lado, gorgolejando e sufocando com o sangue que se acumulava na garganta. Seu corpo se contorceu, e ele debateu as pernas, tentando afastar a agressora. Mas Kahlee foi impiedosa. Não sabia quem era aquele impostor — mercenário ou assassino —, mas sabia que estaria morta se não se livrasse dele.

Apelando a suas recordações das aulas de combate corpo a corpo que todo o pessoal da Aliança recebia durante o treinamento básico, ela evitou facilmente os fracos chutes do sujeito. Com as mãos ainda algemadas às costas, seus pés eram a única arma. Ela dançou em volta da figura prostrada, movendo-se de modo a poder desferir golpes com os bicos e os saltos pesados das botas de combate nas áreas vulneráveis da cabeça e do peito do homem.

Seu oponente rolou de bruços, tentando se proteger. Kahlee hesitou por um segundo, depois viu a mão dele tateando o coldre, procurando pela arma. Ela deu um salto e pisou em seus dedos, repetidas vezes, transformando-os numa massa de ossos quebrados e carne mutilada. Kahlee ignorou os gemidos e gritos borbulhantes do homem que pedia clemência entre os dentes sangrentos e quebrados. Ele ainda estava consciente, então ainda era uma ameaça. Ela chutou com força a têmpora, possivelmente fraturando o crânio. O corpo dele teve um espasmo, depois ficou flácido. Outro chute forte nas costelas não evocou qualquer reação, garantindo-lhe que realmente apagara.

Ela baixou no chão ao lado do corpo, agindo rapidamente, caso alguém aparecesse na viela para investigar a comoção. O falso PM tinha algemado suas mãos às costas, mas não fizera um trabalho muito bom. Os aros de metal eram frouxos o suficiente nos pulsos para que Kahlee os deslizasse vários centímetros para cima e para baixo dos braços — o suficiente para conseguir contorcer o corpo e deslizar os pulsos

algemados, passando pelos ossos dos quadris e pela parte de trás das coxas até os joelhos. Ela rolou de costas e de lado, girando para poder passar os pés por ali. Seus pulsos ainda estavam presos, mas pelo menos agora estavam na frente do corpo.

Contendo uma náusea reflexa, ela engatinhou pelo sangue de seu agressor até estar diretamente acima do corpo imóvel. Ele ainda respirava em um ofegar raso e meio sufocado. Kahlee soltou o fôlego que nem sabia que estivera prendendo. Não sentia remorsos pelo espancamento selvagem que infligira enquanto lutava para salvar a própria vida, mas ficou feliz por não ter a morte daquele homem em sua consciência.

O treinamento e a adrenalina a salvaram. Isto é o descuido do adversário. Mas enquanto a adrenalina baixava e ela apreendia a cena horripilante, Kahlee sentiu as primeiras ondas de pânico. Era uma soldado, mas nunca estivera de serviço em combate. Nunca topara com nada parecido com isto.

Vamos, Sanders! A voz dentro de sua cabeça era do antigo instrutor militar, mas as palavras eram dela própria. *Ainda não se livrou desta confusão.*

Ela trincou os dentes, decidida a terminar o serviço. Mesmo assim, Kahlee estremeceu ao tatear o cinto ensanguentado do homem até encontrar a chave para abrir seus grilhões. Soltar as algemas provou-se ainda mais difícil do que passar as mãos para a frente do corpo, porque ela precisou pegar a chave nos dentes e tentar encaixar na fechadura. Porém, depois de vários minutos frustrantes, ela ouviu o estalo e a amarra caiu do pulso esquerdo. Com a mão solta, só precisou de outro segundo para abrir a outra algema e então estava livre.

Kahlee olhou rapidamente em volta, aliviada ao ver que ninguém entrara na viela. Pegou a arma no coldre do homem, viu que estava travada e a meteu por baixo do casaco, enfiando no cinto. Levantou-se e ficou paralisada.

Não sabia para quem trabalhava o homem inconsciente a seus pés, mas era evidente que ele procurava especificamente por ela. Isto significava que devia haver outros em seu encalço. Deviam ter se postado nos portos, esperando que ela tentasse sumir do mapa. Ela estava numa armadilha. Nem mesmo podia voltar à rua principal. Não com as roupas cobertas de sangue.

Só lhe restava uma alternativa. Respirando novamente para acalmar os nervos, Kahlee deixou o corpo do agressor onde jazia, andando rapidamente para longe da via movimentada. Passou o resto da noite esquivando-se pelas ruas secundárias de Elysium, com o cuidado de evitar a detecção, lentamente indo para a casa da única pessoa a quem podia pedir ajuda. Um homem com quem ela prometera à mãe nunca mais voltar a falar.

CINCO

Uma década depois de sua descoberta por inspetores batarians, Camala tornou-se um dos planetas mais importantes da Fronteira Skylliana. Ao contrário da maioria dos mundos-colônia, onde as primeiras populações eram pequenas e os colonos tendiam a se congregar em torno de uma única grande cidade, Camala gabava-se de duas regiões metropolitanas distintas de mais de 1 milhão de habitantes cada: Ujon, a capital, e a ligeiramente maior Hatre, sede dos primeiros espaçoportos do mundo.

As duas cidades ficavam a quase 500 quilômetros de distância, construídas de lados opostos de um deserto amplo e inóspito: a fonte do rápido crescimento de Camala. Abaixo da fina camada de areia laranja e da pedra dura e vermelha sob ela, havia alguns dos maiores depósitos de elemento zero da Fronteira. Os ricos depósitos de eezo — a mais valiosa fonte de combustível da galáxia — impeliavam a economia de Camala, atraindo colonos ávidos para fazer fortuna com o trabalho nas centenas de operações de mineração e refino espalhadas pelo deserto ermo. A maioria da população do planeta era de batarians e só eles desfrutavam de todos os privilégios da verdadeira cidadania sob a lei local. Mas, como qualquer mundo-colônia de economia próspera, sempre havia um influxo constante de visitantes e imigrantes de cada espécie reconhecível do espaço da Cidadela.

Camala era tranquilamente o mais rico dos mundos-colônia batarians, e Edan Had'dah era um dos batarians mais ricos de Camala. Devia estar entre os dez indivíduos mais ricos de toda a Fronteira Skylliana e não tinha medo de exibir isso. Normalmente, usava a última moda: conjuntos desenhados por asaris, feitos com os mais refinados tecidos importados da própria Thessia. Sua preferência era o opulento e o extravagante — mantos pretos esvoaçantes realçados com respingos de vermelho para destacar os tons de sua pele. Mas para a reunião desta noite ele vestira um simples terno marrom coberto por um sobretudo cinza pardacento. Para alguém tão notoriamente ostentoso como Edan Had'dah, este traje simples era quase um disfarce impenetrável.

Em geral, a essa hora Edan estaria desfrutando de um cochilo repousante, bebericando os mais finos licores hanares no gabinete de sua mansão em Ujon. Mas aquela noite era positivamente atípica. Em vez de relaxar no conforto e no luxo, ele estava preso a uma cadeira dura em um depósito sujo no deserto nos arredores de Hatre, esperando pela chegada do mais infame caçador de recompensas da Fronteira.

Edan não gostava de esperar. Não esperava sozinho. Pelo menos uma dezena de outros homens, todos membros da gangue de mercenários Blue Sun, andavam pelo depósito. Seis deles eram batarians, dois turians e os demais, humanos.

Edan também não gostava dos humanos. Como sua própria espécie, eles eram bípedes. De altura semelhante, os humanos eram mais grossos no tronco, nos braços e nas pernas. Tinham pescoços curtos e cabeças quadradas em bloco. E, como todas as espécies binoculares, seus rostos pareciam carecer de caráter e inteligência. Em vez de fendas nasais, tinham uma estranha protuberância à guisa de nariz. Até as bocas eram estranhas, os lábios tão cheios e inchados que era de admirar que não balbuciassem ao falar. Na verdade, os achava muito parecidos com as asaris: outra raça de que Edan não gostava.

Mas não seria ele a deixar que os preconceitos pessoais interferissem nos negócios. Havia várias outras das chamadas organizações de segurança privada para contratar na Fronteira Skylliana e a maioria cobrava muito menos do que os Blue Suns. Mas os Suns tinham a fama de ser ao mesmo tempo discretos e impiedosamente eficientes. Edan os usara várias vezes, quando apareceram oportunidades de negócios “heterodoxas”, então sabia, por experiência própria, que a fama era merecida. Não iria confiar uma missão tão importante como aquela a outro grupo simplesmente porque os Suns recentemente começaram a aceitar humanos. Apesar de ter sido um membro humano do grupo que estragara tudo em Elysium.

Normalmente, Edan nunca se reuniria diretamente com os mercenários que empregava. Preferia trabalhar por meio de agentes e intermediários para manter sua identidade em sigilo — e também para não ter de lidar com os socialmente inferiores. Mas o homem que ele contrataria aquela noite insistira numa reunião em pessoa. Edan não pretendia levar um caçador de recompensas a sua casa... Tampouco se reunir com ele a sós. Assim, vestiu roupas discretas, saiu da mansão e percorreu centenas de quilômetros em um avião particular aos arredores da cidade gêmea de Ujon, do outro lado do deserto. Agora, desperdiçava a noite em um depósito frio e empoeirado cheio de soldados pagos, sentado numa cadeira que lhe dava dor nas costas e deixava as pernas dormentes. E o caçador de recompensas mais de uma hora atrasado!

Mas não podia mudar de ideia. Tinha entrado fundo demais. Os Blue Suns no depósito sabiam sua identidade; agora precisava tê-los por perto como sua guarda pessoal até que o trabalho estivesse encerrado. Era o único jeito de ter certeza de que eles não revelariam sua identidade ao resto do bando Blue Sun. O que acontecera em Sidon chamaria atenção, e Edan não podia assumir o risco de alguém expor seu envolvimento. Também precisava se certificar de que não houvesse pontas soltas que o ligassem ao ataque, e por essa razão concordara com a reunião.

— Ele chegou. — Edan deu um leve salto ao ouvir a voz. Um dos Blue Suns, um

camarada batarian, aproximara-se em silêncio atrás dele e agora estava perto o suficiente para cochichar em seu ouvido.

— Traga-o aqui — respondeu ele, recuperando rapidamente a compostura. O mercenário fez que sim e saiu da sala enquanto seu empregador se levantava, grato por deixar a cadeira desconfortável. Um instante depois o convidado de honra finalmente aparecia.

Ele era tranquilamente o mais impressionante krogan que Edan vira na vida. Com 2,5 metros de altura e quase 200 quilos, era grande até para os padrões de sua espécie reptiliana, mas não enorme. Como todo krogan, o alto da coluna era ligeiramente curvo, conferindo-lhe uma aparência corcunda. O efeito era ainda maior graças ao pesado friso de osso e carne escamosa que brotava da parte superior das costas, da clavícula e dos ombros como uma concha grossa, da qual se projetava sua cabeça rombuda. Placas ásperas e coriáceas cobriam o alto do crânio e a nuca. Suas feições eram planas e brutas, quase pré-históricas. Ele não tinha nariz nem orelhas visíveis, e os olhos eram pequenos e separados de cada lado da cabeça, embora brilhassem com uma astúcia cruel.

Um krogan podia viver vários séculos, e sua tez ficava mais opaca e escura com a idade. A pele daquele ali era toda mosqueada de marrom e caramelo, sem restar quase qualquer traço das marcas verdes e amarelo-claras comuns aos jovens da espécie. Um labirinto de vergões e cicatrizes descoloridas entrecruzavam seu rosto e o pescoço, ferimentos antigos de batalha formando um desenho desfigurante, como se todas as suas veias estivessem prestes a estourar pela superfície da pele. Ele vestia uma armadura leve, mas não portava armas — estas teriam sido retiradas na porta, por ordens anteriores de Edan. Apesar de desarmado, o sujeito ainda irradiava uma aura de ameaça e destruição.

O krogan andava com uma singular graça desajeitada: uma força da natureza rolando pelo chão do depósito, impiedosa e irreprimível. Quatro Blue Suns o escoltavam, dois marchando de cada lado. Estavam ali para intimidar o caçador de recompensas e dissuadi-lo de qualquer reação agressiva se as negociações se saíssem mal. Mas estava claro que eles é que se sentiam intimidados. A tensão do grupo era evidente a cada passo; movimentavam-se como se estivessem na beira de um vulcão prestes a entrar em erupção. Um deles, um jovem humano com uma tatuagem dos Blue Suns cobrindo o olho esquerdo, levava sem parar a mão à pistola na cintura, como se tentasse criar coragem pelo mero ato de tocá-la.

Edan teria considerado divertido o desconforto do grupo se não dependesse de sua proteção. O batarian decidiu que faria tudo a seu alcance para se certificar de que esta reunião corresse tranquilamente.

À medida que o krogan se aproximava, seus lábios se repuxaram para trás em um esgar, expondo os dentes serrados... Ou talvez fosse um sorriso. Ele parou a

poucos passos, ainda flanqueado pelos quatro mercenários.

— Meu nome é Skarr — rosnou, numa voz tão grave que provocou vibrações pulsantes pelo chão.

— Eu sou Edan Had'dah — respondeu o batarian, tombando levemente a cabeça para a esquerda, um gesto de admiração e respeito entre sua espécie. Skarr imitou o movimento, mas inclinando a cabeça para a direita: uma saudação em geral dirigida a inferiores.

Edan se eriçou involuntariamente. Ou Skarr o estava insultando ou o krogan não entendia o significado do gesto. Preferiu proceder como se fosse a última explicação, mas, pelo que sabia de Skarr, havia uma boa possibilidade de ser a outra.

— Normalmente não me reúno com quem contrato — explicou ele —, mas, no seu caso, preferi abrir uma exceção. A julgar por sua reputação, suas habilidades são dignas de uma quebra das regras.

Skarr desprezou o elogio com um bufo desdenhoso. E retorquiu:

— A julgar por sua reputação, pensei que estaria melhor vestido. Tem certeza de que pode me pagar?

Houve alguns murmúrios de choque dos outros batarians na sala. Difamar o valor monetário de alguém socialmente superior era um grave insulto em sua cultura. Novamente, Edan perguntou-se se Skarr teria feito de propósito. Felizmente, estava acostumado a lidar com espécies menos cultas da galáxia e não era pela renomada etiqueta de Skarr que o estava contratando.

— Fique tranquilo, tenho fundos suficientes para lhe pagar — respondeu, com a voz calma e equilibrada. — É um trabalho simples.

— Tem alguma coisa a ver com a base Sidon?

Os olhos internos de Edan piscaram uma vez, registrando sua surpresa. A negociação era uma dança sutil de logro e desinformação, cada parte guardando segredos da outra, tentando ganhar vantagem. E Edan acabara de cometer um lapso. Sua reação involuntária revelava um fato que ele pretendia manter em segredo... Se é que o krogan era inteligente o bastante para ter percebido.

— Sidon? Por que pensa assim? — perguntou ele, mantendo a voz cuidadosamente neutra.

Skarr ergueu os ombros maciços.

— Só um pressentimento. E meu preço acaba de aumentar.

— Seu envolvimento só requer que descubra e elimine seu alvo — contra-atacou Edan. A voz não revelava nada, mas por dentro ele se xingava por perder a primeira rodada da negociação.

— Alvo? Só um?

— Só um. Uma fêmea humana.

O krogan virou a cabeça de um lado a outro, examinando a dezena ou mais de mercenários Blue Suns espalhados pelo depósito.

— Tem muitos homens aqui. Por que não os manda fazer seu trabalho sujo?

Edan hesitou. Preferia fazer ele mesmo as perguntas; não gostava de respondê-las. Receava cometer outro erro naquela negociação. Mas mesmo sua relutância entregava mais do que pretendia.

Skarr soltou uma gargalhada.

— Esses *hrakhors* estragaram tudo, não é?

Cada mercenário no depósito se retesou com as palavras dele, confirmando-as como um fato. Mas isso não importava. De algum modo, Edan sabia que Skarr veria através de qualquer falsa negação, então simplesmente confirmou, dando outro ponto ao oponente.

— O que houve? — O krogan queria saber.

— Contratei os Blue Suns para encontrá-la e trazê-la para interrogatório — admitiu Edan. — Um deles a localizou em Elysium. Encontraram-no várias horas depois, arrastando-se por uma viela, catando os próprios dentes.

— É o que acontece quando se é sovina demais para contratar um verdadeiro profissional.

Uma ofensa a mais do que era necessário.

O homem da tatuagem sacou a pistola e bateu a coronha na lateral do crânio do krogan. A força do golpe balançou a cabeça de Skarr para o lado, mas não o derrubou. Ele girou com um rugido ameaçador, pegando o agressor num golpe de mão violento que lhe quebrou o pescoço.

Os outros três mercenários caíram sobre Skarr antes que o corpo de seu camarada fosse ao chão, o peso combinado arrastando o alienígena grandalhão ao piso. Antes da reunião, Edan lhes dera ordens estritas de não matar Skarr, a menos que fosse absolutamente necessário. Precisava dele para localizar a desaparecida. Assim, em vez de atirar no caçador de recompensas, os três se amontoaram em cima dele, prendendo-o ao chão enquanto tentavam fazê-lo desmaiar a golpes de pistola.

Infelizmente, ninguém disse a Skarr que *ele* não podia matar *aqueles* mercenários. Uma lâmina longa e serreada apareceu em sua mão, materializando-se de algum esconderijo secreto numa bota, cinto ou luva. Edan pulou para trás, afastando-se da refrega enquanto a lâmina abria a garganta de um mercenário. O arco de retorno cortou a articulação vulnerável entre o joelho e a coxa na armadura de um segundo, decepando sua artéria femoral. Enquanto ele instintivamente agarrava o ferimento sangrento com as duas mãos, Skarr mergulhou a lâmina em seu peito, penetrando o colete de proteção e perfurando-lhe o coração.

A lâmina ficou por um momento presa na caixa torácica enquanto o krogan tentava puxá-la, dando ao último mercenário sobrevivente, outro humano, a chance de rolar

para longe da pilha e se colocar de pé, em segurança, fora do alcance da faca. O humano sacou a pistola e apontou para o caçador de recompensas coberto de sangue coagulado, que ainda estava no chão.

— Não se mexa! — gritou o homem, com a voz aguda de medo.

A cabeça de Skarr girou de um lado a outro, ignorando o inimigo diante dele ao avaliar os outros oito mercenários no depósito. Cada um deles tinha os fuzis de assalto apontados para ele, prontos para disparar. A faca caiu no chão, e Skarr ergueu as mãos vazias no alto da cabeça enquanto se levantava devagar. Virou-se para Edan, e o mercenário com a pistola recuou mais alguns passos, por segurança.

— E agora, batarian?

Edan enfim tinha o controle da negociação e estava ansioso para tirar proveito de sua vantagem.

— Talvez eu deva ordenar a eles que o matem onde está. — Ele mantinha os olhos interiores focalizados em Skarr, mas deixou que o outro par olhasse a sala para chamar a atenção para o fato de que o caçador de recompensas estava cercado.

O krogan meramente riu da ameaça vazia.

— Se me quisesse morto, teriam atirado em mim antes que eu tivesse a chance de puxar a faca. Mas não atiraram. Você deve ter dado a ordem de não me eliminar, portanto imagino que valho mais para você do que um punhado de mercenários mortos. Meu preço aumentou novamente.

Mesmo com o depósito cheio de mercenários armados apontando-lhes as armas, o krogan era perceptivo o suficiente para virar a situação a seu favor. Subestimar a inteligência de Skarr havia sido um erro que Edan jurou que não cometeria novamente. Perguntou-se quantos subestimaram Skarr no passado. E o que isso lhes custara.

— Você poderia ganhar muito dinheiro em meu ramo de trabalho, Skarr. — Ele não tentou esconder seu respeito rancoroso.

— Ganho muito dinheiro neste ramo de trabalho. E ainda tenho o bônus de matar gente. Assim, vamos parar de andar em círculos e fechar um acordo.

Edan fez que sim levemente e piscou com os quatro olhos ao mesmo tempo, sinalizando aos mercenários para baixar as armas. Eles não estavam felizes por Skarr ter matado três de seus camaradas, mas lealdade significava menos para eles do que dinheiro. E, com os três mortos, a parte de cada um ficava maior.

Só o humano jovem mais próximo do krogan, o da pistola, não obedeceu. Olhou os demais, sem acreditar, com a arma ainda apontada diretamente para Skarr.

— O que estão fazendo? — gritou ele. — Não podemos deixar que ele se safasse assim!

— Não seja idiota, moleque — cuspiu Skarr. — Me matar não trará seus amigos mortos de volta. É mau negócio.

— Cale a boca! — vociferou ele, concentrando toda a atenção em Skarr.

A voz do krogan caiu a um sussurro ameaçador:

— Pense bem no que vai fazer, humano. Ninguém mais vai se intrometer. E só entre eu e você.

O mercenário agora tremia, mas conseguiu manter a pistola mirada no alvo. Skarr não pareceu se preocupar.

— Vou contar até três, e você baixará a arma.

— Ou o quê? — gritou o mercenário. — Faça um movimento que seja e estará morto!

— Um.

Edan percebeu que o krogan de repente foi cercado por uma leve aura, quase invisível, mesmo com a vantagem de seus dois pares de olhos. Havia uma ondulação sutil em volta do caçador de recompensas, como se a luz da sala fosse ligeiramente distorcida ao passar pelo ar que o cercava.

Skarr era um biótico! O krogan era um daqueles raros indivíduos capazes de manipular a energia escura, a força quântica imprevisível que permeava todo o chamado espaço vazio no universo. Normalmente fraca demais para ter efeitos perceptíveis sobre o mundo físico, a energia escura podia ser concentrada em campos extremamente densos de biótica mediante condicionamento mental. Com seu talento natural aumentado por milhares de amplificadores microscópicos cirurgicamente implantados em seu sistema nervoso, os indivíduos bióticos podiam usar o *biofeedback* para liberar o poder acumulado em uma única explosão dirigida. E era exatamente isto que Skarr fazia: ganhava tempo enquanto acumulava poder suficiente para descarregar no jovem que ainda apontava tolamente a arma para ele.

Mas o mercenário não percebia o que acontecia. A humanidade não tinha indivíduos com capacidades bióticas latentes, e Edan desconfiava de que o rapaz sequer estava ciente da existência deste poder. Mas estava prestes a descobrir.

— Dois.

O mercenário abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas não teve a chance. Skarr lançou um punho fechado na direção dele, e o ar ondulou como uma onda de energia escura invisível que se agitou contra o adversário. O humano incauto foi erguido do piso e jogado vários metros para trás. Caiu pesadamente no chão, o que lhe arrancou o ar dos pulmões e fez a pistola voar de sua mão.

Ele ficou atordoado apenas por um segundo — muito tempo para Skarr atravessar a distância entre os dois e passar a mão de três dedos no pescoço do mercenário. Ergueu o humano ao teto, segurando-o facilmente com um braço enquanto esmagava lentamente sua traqueia. O mercenário esperneou com os calcanhares e, em vão, arranhou o braço escamoso que lhe sufocava à morte.

— Sua morte vem pelas mãos de um verdadeiro Mestre de Batalha krogan —

informou-lhe despreocupadamente Skarr, enquanto a cara da vítima ficava vermelha, depois azul. — Espero que valorize a honra.

Os demais Blue Suns ficaram parados e nada fizeram, assistindo a todo o caso com frio desdém. E, pela expressão deles, Edan sabia que não gostavam do espetáculo, mas ninguém estava disposto a interferir e dar um fim a tudo. Não se isso significasse ofender seu empregador... Ou incorrer na ira do krogan. O esforço do mercenário se arrefecia, e então seus olhos rolaram para trás do crânio, e ele ficou imóvel. Skarr o sacudiu uma vez e lhe deu um último aperto, esmagando inteiramente sua traqueia antes de largá-lo desdenhosamente no chão.

— Pensei que tivesse dito a ele que ia contar até três — observou Edan.

— Eu menti.

— Uma exibição impressionante — admitiu Edan, apontando na direção dos corpos. — Só espero que tenha resultados semelhantes com Kahlee Sanders. É claro que terá que encontrá-la primeiro.

— Eu a encontrarei — respondeu o krogan, com absoluta convicção. — É isto que eu faço.

* * *

Jon Grissom acordou ao som de alguém batendo em sua porta no meio da noite. Resmungando, ele rolou para fora da cama e vestiu um roupão surrado, mas não se incomodou em amarrá-lo. Qualquer visitante rude o bastante para tirá-lo da cama a essa hora podia muito bem sofrer a visão dele de cueca.

Na verdade, ele esperava algo assim desde que soube que Sidon fora atacada. Ou alguma autoridade da Aliança viria para tentar convencê-lo a fazer um aparecimento público ou declaração oficial ou seria um repórter procurando a reação de um dos ícones mais reconhecíveis da humanidade. Fosse quem fosse, estava sem sorte. Ele agora se aposentara. Acabaram-se seus tempos de herói: estava enjoado de ser uma espécie de símbolo para toda a humanidade. Agora era apenas um velho rabugento vivendo de sua pensão de oficial.

Ele acendeu a luz do corredor e piscou com o clarão, ainda tentando se livrar dos últimos vestígios de sono grogue. Andou lentamente do quarto — metido no fundo de sua pequena habitação térrea — para a porta da frente. As batidas continuavam, mais insistentes e frenéticas.

— Mas que porcaria, já vou! — gritou ele, mas não se incomodou em acelerar o passo. Pelo menos o barulho não acordaria os vizinhos: não havia nenhum. Não perto o suficiente para ouvir, pelo menos. Para Grissom, aquele havia sido o principal atrativo ao comprar a casa.

Elysium parecia um bom lugar para se aposentar. A colônia ficava muito longe da

Terra e de outros importantes assentamentos para dissuadir as pessoas de fazer a viagem por simples curiosidade. E com a população de vários milhões, Elysium era grande o bastante para ele desaparecer em meio às massas. Para não falar que era segura, estável e tranquila. Ele podia ter encontrado um lugar ainda mais remoto, mas, em uma colônia menos estabelecida, correria o risco de ser visto como uma espécie de salvador ou o líder *de facto* sempre que acontecesse alguma coisa errada.

Mas não era perfeito. Quando ele chegou a Elysium cinco anos antes, os políticos locais o importunaram constantemente, querendo que concorresse por seu partido ou procurando endosso para as próprias candidaturas. Grissom preferiu continuar completamente neutro e imparcial: mandou cada um deles para o inferno.

Depois do primeiro ano, as pessoas pararam de incomodá-lo. Mais ou menos de seis em seis meses, ainda recebia uma curta mensagem em vídeo da Aliança, estimulando-o a voltar e ajudar a servir à humanidade. Ele estava apenas na casa dos 50 anos: novo demais para ficar sentado sem fazer nada, diziam. Ele nunca se dera ao trabalho de responder. Grissom imaginava que já fizera muito para servir à humanidade. Sua carreira militar sempre viera em primeiro lugar e isso havia lhe custado a família. Mas fora só o começo. Houvera o circo da mídia nos cinco anos que se seguiram a sua jornada pioneira pelo retransmissor de Caronte, milhares e milhares de entrevistas. As coisas só pioraram depois de seus esforços durante a Guerra do Primeiro Contato: mais entrevistas; aparecimentos públicos; conferências particulares com almirantes, generais e políticos; cerimônias diplomáticas oficiais para se encontrar com representantes de cada espécie mutante e aberrante de alienígena com que topava a Aliança. Agora estava encerrado para ele. Que os outros pegassem a bandeira e a levassem: Grissom só queria ficar em paz.

E então um grupo de babacas precisava atacar uma base da Aliança bem na porta de Elysium, do ponto de vista galáctico. Era inevitável que alguém deduzisse ser uma boa desculpa para voltar a incomodá-lo. Mas precisavam fazer isso no meio da noite, droga?

Ele estava à porta, e as batidas não tinham cessado. Na realidade, quanto mais tempo levava para chegar lá, mais intensas e urgentes ficavam. Ao destrancar a porta, Grissom decidiu que diria ao visitante para cair fora, caso fosse da Aliança. Se fosse um repórter, daria um murro nele — ou nela —, direto na boca.

Uma jovem apavorada estava à porta, tremendo na escuridão fria. Estava coberta de tanto sangue que ele precisou de um segundo para reconhecê-la.

— Kahlee?

— Estou com problemas — disse a jovem, numa voz trêmula. — Preciso de sua ajuda, pai.

SEIS

— O controle da Cidadela diz que temos autorização para pouso. — Veio a voz do piloto pelo intercomunicador de bordo. — Tempo estimado para atracação, 17 minutos.

Pelo visor principal da *Hastings*, Anderson podia ver de longe a Cidadela, a magnífica estação espacial que servia como centro cultural, econômico e político da galáxia. Dali, a vários milhares de quilômetros de distância, assemelhava-se a uma estrela de cinco pontas: um quinteto de braços longos e grossos estendendo-se de um anel central oco.

Embora já a tivesse visto muitas vezes, Anderson ainda se maravilhava com seu porte. O anel central tinha 10 quilômetros de diâmetro; cada braço se estendia por 25 quilômetros e tinha 5 de largura. Nos 2.700 anos desde que o Conselho se estabelecera na Cidadela, grandes metrópoles cosmopolitas conhecidas como os distritos foram construídas ao longo de cada braço, cidades inteiras encravadas no interior multinível da estação. Quarenta milhões de pessoas de cada espécie e setor da galáxia conhecida agora faziam deste lugar seu lar.

Simplesmente não havia outra estação que se comparasse a esta: até Arcturus minguava em sua presença. Mas não era apenas o tamanho que a tornava tão admirável: assim como os retransmissores de massa, a Cidadela havia sido criada pelos protheans. Seu casco era formado do mesmo material praticamente indestrutível usado para construir os retransmissores — uma proeza tecnológica que nenhuma outra espécie igualara desde a misteriosa extinção dos protheans, 50 mil anos antes. Mesmo com o armamento mais avançado, levariam-se dias de bombardeio constante e concentrado para causar algum dano significativo ao casco.

Mas ninguém mais pensava em atacar a Cidadela. A estação localizava-se no coração de uma importante junção de retransmissores de massa, bem no fundo de uma densa nebulosa. Isto proporcionava várias defesas naturais: era difícil navegar na nebulosa — o que reduzia o progresso de qualquer frota inimiga e dificultava que lançassem algum ataque organizado. E com várias dezenas de portais de massa na vizinhança, os reforços de praticamente cada região da galáxia ficavam a apenas minutos de distância.

Se alguém penetrasse as defesas externas, os longos braços da estação podiam se dobrar em torno do anel central, unindo-se e transformando a estrela de cinco pontas

da Cidadela em um longo tubo cilíndrico. Depois de fechados os braços, a estação era inteiramente impenetrável.

A última camada de proteção era dada pela Frota do Conselho, uma força conjunta de naves turians, salarians e asaris que sempre patrulhavam os arredores. Anderson só precisou de alguns segundos para ver a nave-mãe, a *Destiny Ascension*. Um couraçado asari, a *Ascension* era mais do que apenas um símbolo majestoso do poder do Conselho. Com quatro vezes o tamanho de qualquer coisa da frota humana e com uma tripulação de aproximadamente quinhentas pessoas, a *Destiny Ascension* era a mais formidável nave de batalha já construída. Como a própria Cidadela, não tinha par.

É claro que as naves da Frota do Conselho não eram as únicas na área. A Nebulosa da Serpente era o nexo da rede de portais de massa da galáxia — todas as estradas acabavam dando na Cidadela. O tráfego aqui era constante e movimentado: era um dos poucos lugares em toda a galáxia onde havia uma ameaça real de colisão com outra nave.

O congestionamento era particularmente pesado nas estações de descarga de flutuação livre. Gerar os campos de efeito de massa necessários para viajar a velocidades FTL provocava o acúmulo de uma forte carga no núcleo propulsor de uma nave. Sem controle, o núcleo sofreria supersaturação, resultando em uma explosão de energia maciça suficiente para cozinhar qualquer um a bordo que não estivesse adequadamente aterrado, queimar todos os sistemas eletrônicos e até fundir as anteparas de metal.

Para evitar tamanha calamidade, exigia-se que a maioria das naves descarregasse seus núcleos de propulsão a cada vinte ou trinta horas. Em geral, isso era feito no pouso em um planeta ou dispersando o acúmulo pela proximidade de um campo magnético de um grande corpo estelar, como um sol ou gigante gasoso. Porém, não havia corpos astronômicos de tamanho suficiente nas vizinhanças da Cidadela. Em vez disso, um anel de estações de atracação especialmente projetado permitia que as naves se conectassem e liberassem a energia de seus núcleos propulsores antes de continuar a usar a propulsão sub-FTL convencional.

Felizmente, a *Hastings* tinha descarregado seu núcleo quando chegou à região havia mais de uma hora. Desde então estivera num padrão de espera, pacientemente aguardando pela autorização que só agora recebia.

Anderson não precisava se preocupar com o desempenho da tripulação em uma abordagem de rotina como esta: já a haviam feito centenas de vezes. Ele desligou a mente e desfrutou da vista enquanto a Cidadela se aproximava cada vez mais, agigantando-se no visor. As luzes dos distritos piscavam e brilhavam; sua iluminação penetrante era um contraponto ao brilho enevoadado e espiralado da nebulosa que servia de pano de fundo à cena.

— É lindo.

Anderson se sobressaltou, assustado com uma voz que vinha de trás dele.

A sargento de artilharia Dah riu.

— Desculpe, tenente. Não pretendia assustar você.

Anderson baixou os olhos para as ataduras e a tala que envolviam a perna de Dah, da coxa ao tornozelo.

— Está ficando muito boa nessa coisa, sargento. Nem mesmo ouvi que se aproximava de fininho pelas minhas costas.

Ela deu de ombros.

— O médico disse que terei uma recuperação completa. Eu devo uma a você.

— Não é assim que funciona — respondeu Anderson, com um sorriso. — Sei que teria feito o mesmo por mim.

— Prefiro pensar que sim, senhor. Mas pensar é diferente de fazer. Então... obrigada.

— Não me diga que teve o trabalho de vir da enfermaria até aqui só para me agradecer.

Ela sorriu.

— Na verdade, vim saber se pode me dar outra carona de cavaleiro.

— Pode esquecer — respondeu Anderson, rindo. — Quase arrebentei as costas tirando seu traseiro de lá. O que você realmente precisa é perder alguns quilos.

— Cuidado, senhor — alertou ela, levantando um centímetro a perna na tala. — Posso dar um bom chute com essa coisa.

Anderson deu as costas ao visor, sorrindo.

— Cale a boca e curta a vista, Dah, é uma ordem.

— Sim, senhor.

Anderson só precisou de alguns minutos para passar pela aduana depois de pousarem. Tinham descido no porto da Aliança, e o pessoal militar recebia prioridade máxima sempre que vinha de uma missão. Os agentes de segurança da Cidadela verificaram sua identidade da Aliança e fizeram uma varredura na digital de seu polegar, depois uma verificação superficial no pacote que transportava seus pertences pessoais antes de gesticular para que passasse. Anderson ficou satisfeito ao ver que ambos eram humanos. No mês anterior, ainda havia alguns salaristas designados para os portos da Aliança devido à escassez de funcionários da espécie. A C-Sec prometera recrutar mais humanos para suas fileiras e parecia que havia cumprido com a palavra.

Deixando os portos para trás, ele entrou no elevador que o levaria ao nível principal. Bocejou uma vez; agora que estava fora de serviço, o cansaço que mantivera ao largo durante toda a missão começava a dominá-lo. Estava louco para

voltar a sua residência particular nos distritos. Considerando quanto tempo passava em patrulha, poderia-se argumentar que pagar aluguel por um apartamento na Cidadela era uma despesa extravagante. Mas ele achava importante ter um lugar que pudesse chamar de seu, mesmo que só ficasse em casa uma semana por mês.

O elevador parou, as portas se abriram, e Anderson saiu no pandemônio de luz e som que eram os distritos. Uma multidão enchia as passarelas, indivíduos de cada espécie andando para todo lado, indo e vindo. Carros de trânsito rápido passavam zunindo no monotrilho do alto, cheios de trabalhadores, estudantes e visitantes boquiabertos dando um giro em alta velocidade. As ruas inferiores eram apinhadas de veículos de transporte terrestre menores, costurando pelas ruas planejadas, cada motorista com mais pressa do que o anterior. Sempre era hora do rush na Cidadela.

Felizmente, Anderson não precisava parar um motorista nem ir a um ponto de trânsito. Seu apartamento ficava apenas a vinte minutos a pé, então ele simplesmente pendurou suas coisas no ombro e se misturou na multidão, acotovelando-se e empurrando com o resto da turba enlouquecedora.

Ao andar, seus sentidos estavam sob constante ataque de um fluxo interminável de anúncios eletrônicos. Para onde quer que olhasse, piscavam imagens holográficas, cartazes futuristas promovendo mil empresas diferentes em cem mundos distintos. Comida, bebidas, veículos, roupas, entretenimento: na Cidadela, tudo estava disponível para compra. Porém, só alguns anúncios eram voltados especificamente aos humanos. Como eles ainda eram minoria na estação, as corporações preferiam gastar sua verba de publicidade com espécies com maior fatia de mercado. Mas a cada mês que passava, Anderson notava um número maior de sua própria espécie em meio às massas apressadas e agitadas.

Anderson sabia que era importante que os humanos se integrassem com o resto da comunidade interestelar. Que lugar melhor para isso do que a Cidadela, onde todas as culturas díspares do espaço do Conselho estavam à mostra? Aquele era o verdadeiro motivo para Anderson ter um apartamento nos distritos. Queria entender as outras espécies e a maneira mais rápida de fazer isso era viver entre elas.

Ele chegou a seu prédio, parando na porta principal para falar seu nome e conseguir que o sistema de reconhecimento de voz o deixasse entrar. O apartamento ficava no segundo nível, então ele dispensou o elevador e carregou seu pacote pela escada. Na porta de seus aposentos pessoais, novamente anunciou o nome, entrou na sala e largou o equipamento no meio do chão. Estava cansado demais para acender as luzes ao atravessar a pequena cozinha e ir para o quarto nos fundos. Mal registrou o leve silvo da porta do apartamento, que se fechava automaticamente a suas costas. Quando chegou ao quarto, nem se deu ao trabalho de se despir — simplesmente desabou na cama, exausto, mas feliz por estar em casa.

Anderson acordou várias horas depois. Noite e dia pouco significavam na atividade perpétua da Cidadela, mas quando rolou para olhar o relógio ao lado da cama, o mostrador digital indicava 17h. Nas colônias humanas e nas patrulhas, a Aliança ainda usava o familiar relógio de 24 horas baseado no Tempo Universal Coordenado Terrestre, o protocolo estabelecido no final do século XX em substituição ao arcaico sistema da Hora Média de Greenwich. Na Cidadela, porém, tudo operava segundo o padrão galáctico de um dia de 20 horas. Para complicar ainda mais as coisas, cada hora era dividida em cem minutos de cem segundos... Mas cada segundo tinha aproximadamente metade do segundo habitual humano.

O resultado era que o dia-padrão galáctico de 20 horas era cerca de 15 por cento mais longo do que o dia de 24 horas calculado pelo Tempo Universal Coordenado Terrestre. Simplesmente pensar nisso fazia a cabeça de Anderson doer e acabava com seus padrões de sono. Isto era esperado, dado que ele fora pré-condicionado por vários milhões de anos de evolução terrestre.

Mais três horas e o dia entraria no amanhã, quando ele devia se apresentar à embaixatriz para uma inquirição sobre Sidon. Só chegaria lá às 10h, porém, o que significava que ele tinha muito tempo para gastar. Provavelmente precisava de mais algumas horas de sono antes da reunião, mas não estava cansado. Então Anderson rolou da cama, tirou a roupa e a jogou na pequena máquina de lavar. Tomou um banho rápido, vestiu roupas limpas — civis —, depois logou no terminal de dados para verificar notícias e mensagens.

As comunicações por toda a galáxia não eram uma questão simples. Naves podiam usar a propulsão de efeito de massa para superar a velocidade da luz, mas os sinais transmitidos por meios convencionais no vácuo frio do espaço ainda levariam anos para viajar de um sistema solar a outro.

Só havia duas maneiras de transferir informações, mensagens pessoais ou até dados brutos por milhares de anos-luz. Os arquivos podiam ser transportados por *drones* de correio, naves não tripuladas e programadas para viajar pela rede de retransmissores de massa pelas rotas mais curtas possíveis. Mas os *drones* de correio não eram de produção e operação baratas: o combustível era caro. E se tivessem de passar por vários retransmissores, podiam levar horas para chegar a seu destino. A solução não era prática para as comunicações de duas vias.

A alternativa era transmitir os dados pela extranet, composta de uma série de balizas distribuídas pela galáxia e especificamente projetadas para permitir a comunicação em tempo real entre os sistemas. As informações podiam ser enviadas por um sinal de rádio convencional à série mais próxima de balizas de comunicação. As balizas eram telemetricamente alinhadas com uma série similar a centenas ou milhares de anos-luz de distância, conectadas por uma projeção em feixe de um campo de efeito de massa: o equivalente da era espacial dos cabos de fibra ótica

usados na Terra no final do século XX. Dentro deste corredor estreito, os sinais podiam ser projetados várias milhares de vezes mais rápido do que a velocidade da luz. Os dados na forma de sinais de rádio podiam ser transmitidos de uma série a outra, quase instantaneamente. Com as séries corretamente alinhadas, era até mesmo possível falar com alguém no outro extremo da galáxia com um retardo de apenas décimos de segundo.

Mas, embora as séries de balizas extranet possibilitassem as comunicações, ainda não eram viáveis para a grande maioria. Trilhões de pessoas em centenas de mundos acessavam a extranet a cada segundo de cada dia, sobrecarregando as capacidades limitadas de banda larga das séries de comunicação. Para dar conta disto, a informação era envidada em lotes cuidadosamente medidos de dados, e o espaço em cada lote era parcelado em um sistema de prioridades altamente regulado. Dava-se prioridade máxima em cada lote a organizações diretamente responsáveis pela preservação da segurança galáctica. Em seguida vinham os vários governos oficiais e forças armadas de cada espécie do espaço do Conselho. E então, um sortimento de conglomerados de mídia. Tudo que ficava de fora era dividido e vendido pelo lance mais alto.

Quase todo o espaço sem uso de cada lote havia sido comprado por corporações de provedores de extranet, que depois dividiam seu espaço alocado em milhares de pacotes mínimos, revendidos a assinantes individuais. Dependendo do provedor e do quanto um indivíduo estivesse disposto a pagar, era possível ter atualizações pessoais de lotes a cada hora, dia ou semana.

Mas Anderson não precisava se preocupar com nada disso. Como oficial da Aliança, sua conta de extranet privada recebia lotes oficiais a cada 15 minutos. A carona que as mensagens pessoais pegavam nas costas dos lotes oficiais era uma das vantagens de sua patente.

Só havia uma mensagem esperando por ele em sua caixa de entrada. Ele franziu a testa, reconhecendo o endereço do remetente. Não era exatamente uma surpresa, mas não ficou feliz em ver o arquivo. Por um segundo, pensou em ignorar, mas sabia que estava sendo infantil. Era melhor acabar logo com aquilo. Anderson abriu o arquivo, baixando uma série de e-docs e uma curta mensagem em vídeo pré-gravada do advogado de divórcio.

Uma imagem de Ib Haman, seu advogado, apareceu na tela do terminal enquanto o vídeo começava a rodar. Ib era um homem corpulento e careca na casa dos 60 anos. Vestia um terno de aparência cara e estava sentado atrás de sua mesa numa sala com que Anderson havia ficado muito familiarizado no último ano.

“Tenente. Não vou me incomodar com a formalidade de perguntar como está passando... Sei que não tem sido fácil para você e Cynthia.”

— Pode apostar, droga — murmurou Anderson, enquanto a mensagem continuava.

“Enviei-lhe duas cópias de todos os documentos que assinou em nossa última reunião. Cynthia os assinou agora também.”

O homem na tela olhou para baixo e mexeu em alguns papéis em sua mesa, depois voltou a olhar a câmera.

“Também verá uma cópia de meus honorários. Sei que agora não serve de muito consolo, mas é bom que os dois não tenham filhos. Podia ser um pouco pior... E muito mais caro. Quando a custódia se torna problemática, os procedimentos raras vezes correm com tanta tranquilidade.”

Anderson bufou. Nada naquela confusão lhe parecia “tranquilo”.

“O casamento será oficialmente desobrigado na data indicada nos documentos. Desconfio de que quando receber esta mensagem, seu divórcio estará concluído. Se tiver alguma pergunta, peço que esteja à vontade para entrar em contato comigo, tenente. E se precisar de mim para...”

A mensagem terminou abruptamente enquanto Anderson a deletava e a arrastava para a lixeira. Não pretendia voltar a falar com Ib Haman. O homem era um bom advogado; seus preços eram razoáveis, e ele havia sido justo e imparcial durante todo o divórcio. Na realidade, fora nada menos do que o modelo de eficiência e profissionalismo. E se estivesse no apartamento agora, Anderson teria dado um murro em sua cara.

Era engraçado, pensou Anderson ao desligar o terminal. Ele acabara de participar de dois dos costumes mais antigos e persistentes da humanidade: casamento e divórcio. Agora era hora de uma tradição ainda mais velha: beber num bar.

SETE

O Chora's Den — o único bar à distância de uma caminhada do apartamento de Anderson — não era exatamente uma espelunca, mas tinha certo toque desleixado. Fazia parte de seu charme, junto com dançarinas flexíveis e bebidas pesadas. Mas o que Anderson mais gostava nele era a clientela.

A qualquer hora do dia, o Den era movimentado, mas nunca ficava lotado. Havia muitos clubs mais populares nos distritos onde as pessoas podiam ir para ser vistas... Ou para fazer parte da cena. As pessoas vinham ali para comer, beber e relaxar; gente mediana do dia a dia, que morava e trabalhava nos distritos. O povo comum, se alguém puder chamar de comum uma mistura interessante de alienígenas.

É claro que até os humanos eram alienígenas ali. Anderson ficou imediatamente consciente disto ao passar pela porta. Dezenas de olhos viraram-se para ele, muitos encarando com franca curiosidade enquanto ele parava na entrada.

Não era que os humanos tivessem uma aparência particularmente estranha. Espécies como a hanar, seres transparentes que pareciam águas-vivas, de 3 metros de altura, eram a exceção, e não a regra. A maioria das espécies que viajavam pelo espaço na galáxia era de bípedes com altura entre 1 e 3 metros. Havia várias teorias para explicar aquelas semelhança: algumas eram evidentes; outras, altamente bizarras e especulativas.

Dado que a maioria das espécies na Cidadela tinha ascendido ao voo interestelar pela descoberta e adaptação de reservas de tecnologia prothean em planetas do mesmo sistema solar de seus respectivos mundos natais, muitos antropólogos acreditavam que os protheans tiveram algum papel na evolução de toda a galáxia.

Anderson, porém, era partidário da teoria mais aceita, de que havia alguma vantagem evolutiva na forma bípede que resultava em sua proliferação pela galáxia. As reservas de tecnologia podiam ser explicadas com facilidade: era natural para os protheans estudar as raças inteligentes mais primitivas que traziam alguma semelhança com eles mesmos. Segundo a teoria, várias espécies, como a humana, haviam evoluído primeiro, e só então os protheans chegaram para estudá-las, e não o contrário. A teoria da evolução paralela tinha apoio ainda maior no fato de que a maioria das formas de vida da Cidadela era baseada em carbono, altamente dependente de água, e respirava uma mistura de gases similar àquela encontrada na Terra.

Na realidade, quase todos os planetas habitáveis da galáxia eram fundamentalmente parecidos com a Terra em várias características essenciais. Tendiam a existir em sistemas com sóis que recaíam na classificação tipo G, segundo o tradicional sistema Morgan-Keenan ainda usado pela Aliança. Suas órbitas ficavam na estreita faixa conhecida como a zona de vida: se perto demais do sol, a água só existiria como gás; se longe demais, seria permanentemente aprisionada na forma congelada. Graças a isto, o tempo necessário para o mundo natal de quase toda espécie importante completar uma órbita em torno de seu sol variava apenas em algumas semanas. O ano-padrão galáctico — uma média dos anos asari, salarian e turian — era apenas 1,09 vezes maior do que o da Terra.

Não, pensou Anderson ao atravessar o salão até um assento vago no bar, não é a aparência, nem as características físicas incomuns que destacam os humanos. Simplesmente somos os recém-chegados e causamos uma primeira impressão dos diabos.

Dois turians fixaram seus olhos de ave nele, seguindo cada movimento que Anderson fazia como falcões prontos para mergulhar no camundongo incauto. Os turians tinham mais ou menos a altura dos humanos, mas eram muito mais magros. Seus ossos eram mais finos e sua compleição, aguda e angulosa. As mãos de três dedos quase pareciam garras, e as cabeças e rostos eram cobertos por uma máscara rígida de cartilagem marrom acinzentada e ossos, que eles tendiam a marcar com tatuagens tribais e listras. Cintilavam do topo e de trás do crânio em espículas curtas e rombudas e se estendiam para baixo cobrindo a testa, o nariz, o lábio superior e as bochechas, tornando difícil distinguir entre os membros individuais da espécie. Olhar para os turians sempre lembrava Anderson do elo evolutivo entre dinossauros e aves.

Ele sustentou os olhares por um segundo, depois rapidamente virou a cara, fazendo o máximo possível para ignorá-los. Estava de mau humor naquela noite, mas não ia tentar reviver a Guerra do Primeiro Contato. Em vez disso, voltou sua atenção à dançarina asari no palco no meio do bar.

De todas as espécies no espaço do Conselho, as asaris eram a mais disseminada... E também as que mais se assemelhavam aos humanos. Às humanas, pelo menos: altas e esguias, com formas bem proporcionais. As asaris eram uma espécie com apenas um gênero — logo, tal conceito não tinha valor para elas. Mas, aos olhos de Anderson, eram claramente fêmeas. Até as características faciais eram humanas... Embora nelas houvesse um caráter angelical, quase etéreo. Sua tez possuía um tom de azul ou esverdeado, mas modificação pigmentar era um procedimento simples e também podiam ser vistos humanos de pele parecida. Apenas a nuca lhes traía a origem alienígena. Em vez de cabelo, tinham dobras onduladas de pele esculpida... Não que lhes faltasse um caráter atraente, mas era uma característica alienígena

desconcertante numa espécie que, não fosse por isso, seria de aparência humana demais. As asaris eram certo paradoxo para Anderson. Por um lado, eram uma espécie esteticamente cativante. Pareciam gostar deste aspecto de si mesmas e com frequência assumiam profissões abertamente sedutoras ou sensualmente provocantes. Elas frequentemente se apresentavam como dançarinas ou serviam como acompanhantes pagas. Por outro lado, eram a espécie mais respeitada, admirada e poderosa da galáxia. Famosas pela sabedoria e perspicácia, as asaris, segundo constava em qualquer registro, haviam sido a primeira espécie depois da extinção prothean a chegar ao voo interestelar. Também foram as primeiras a descobrir a Cidadela e eram algo como as fundadoras do Conselho. As asaris controlavam mais território e tinham mais influência do que qualquer outra raça.

Anderson sabia de todos esses fatos, mas sempre tinha dificuldade para harmonizar seu papel dominante na política galáctica com a apresentação fascinante da asari no palco. Ele sabia que o defeito era dele: fruto de suas propensões e expectativas humanas malconcebidas. Era idiotice julgar toda uma espécie com base em apenas um indivíduo. Mas isso ia mais fundo do que uma impressão formada por algumas dançarinas: as asaris pareciam mulheres, então eram vítimas de tendências humanas antimatriarcais e estereotipadas.

Pelo menos ele tinha consciência de seu preconceito e fazia o máximo para reprimi-lo. Infelizmente, sabia que havia muitos outros humanos que sentiam o mesmo e tinham toda disposição do mundo a ceder a tais propensões. Prova ainda maior de que tinham muito que aprender a respeito do resto da galáxia.

Ainda assistindo à apresentação da dançarina no palco, Anderson achou fácil ignorar as diferenças sutis em sua fisiologia. Ouvira muitas histórias vívidas de relações sexuais interespecíes e até vira alguns vídeos. Orgulhava-se de ter a mente aberta, mas esse tipo de coisa normalmente o repugnava. Com as asaris, porém, ele podia entender a atração. E a julgar por tudo o que ouvia, elas também eram amantes muito habilidosas.

Mas também não era por isso que ele estava ali.

Ele desviou os olhos do palco assim que o barman volus se aproximou para servir. O mundo natal dos volus tinha gravidade quase uma vez e meia maior que a da Terra, e graças a isso eles eram mais baixos do que os humanos, seus corpos tão grossos e pesados que quase pareciam esféricos. Enquanto os turians evocavam falcões, os volus lembravam Anderson dos peixes-boi que vira na reserva marinha durante sua última visita à Terra: lentos, desajeitados e quase cômicos.

A atmosfera na Cidadela era mais rarefeita do que estavam acostumados, então os volus tendiam a usar máscaras de circuito fechado que cobriam-lhes os rostos. Mas Anderson já estivera no Chora's Den por vezes suficientes para reconhecer aquele volus em particular.

— Preciso de uma bebida, Maawda.

— É claro, tenente — respondeu o barman, com a voz ofegante pela máscara e dobras da pele na garganta. — Que tipo de bebida deseja?

— Surpreenda-me. Alguma coisa nova. E que seja forte.

Maawda pegou uma garrafa azul nas prateleiras atrás do balcão e um copo embaixo dele.

— Isto é elasa — explicou ao encher o copo com o líquido verde-claro. — De Thessia.

O mundo natal das asaris. Anderson fez que sim, depois tomou um gole hesitante. A bebida era picante e fria, mas não exatamente desagradável. O gosto que persistia era particularmente forte e notadamente diferente do primeiro gole. Tratava-se de um sabor amargo, com um traço de doçura. Se tivesse de usar uma palavra para descrever a bebida, teria dito “pungente”.

— Nada mal — disse ele, aprovando, tomando outro gole.

— Alguns chamam de Companheira da Tristeza — observou Maawda, acomodando-se e encostando-se ao balcão na frente de seu cliente. — Um drinque melancólico para um homem melancólico.

O tenente não pôde deixar de sorrir da situação: um barman volus percebendo a depressão em seu cliente humano e sentindo compaixão suficiente para perguntar o que havia de errado. Outra prova do que Anderson verdadeiramente acreditava: apesar de todas as evidentes diferenças físicas e culturais, no fundo quase todas as espécies partilhavam das mesmas necessidades, desejos e valores fundamentais.

— Hoje tive más notícias — respondeu ele, passando o dedo pela borda do copo. Ele não sabia muito da cultura volus, então não tinha certeza de como explicar a situação. — Sabe o que é um casamento?

O barman confirmou.

— É uma união formalizada entre parceiros, não? O reconhecimento institucionalizado do processo de acasalamento. Meu povo tem uma tradição parecida.

— Bom, acabo de me divorciar. Minha esposa e eu não estamos mais juntos. Meu casamento acabou oficialmente hoje.

— Lamento por sua perda — ofegou Maawda. — Mas também fico surpreso. Em todas as vezes que você veio aqui, nunca mencionou parceira nenhuma.

Aí é que estava o problema. Cynthia estava na Terra, e Anderson, não. Ele ou estava na Cidadela ou patrulhando a Fronteira. Era primeiro um soldado e marido em segundo lugar... E Cynthia merecia coisa melhor.

Ele bebeu o resto do drinque num gole só, depois bateu o copo no balcão.

— Mais um, Maawda.

O barman obedeceu.

— Talvez seus problemas sejam apenas temporários, sim? — perguntou ele, enquanto enchia o copo de Anderson. — Quem sabe se com o tempo vocês não reatam essa parceria?

Anderson meneou a cabeça.

— Não tem a menor chance. Acabou. Hora de seguir em frente.

— É mais fácil falar do que fazer — respondeu o volus, astutamente.

Anderson tomou outro drinque, mas voltou a beber devagar. Não era sensato exagerar com um drinque novo: cada preparado tinha seus efeitos únicos. Ele já sentia algo incomum se espalhando pelo corpo. Um calor entorpecente abria caminho de seu estômago por seus braços e pernas, fazendo os dedos dos pés formigarem e os das mãos coçarem. Não era desagradável, só desconhecido.

— O quão forte é essa coisa? — perguntou ao barman.

Maawda deu de ombros.

— Depende do quanto beber. Posso deixar a garrafa, se quiser sair daqui se arrastando.

A oferta do volus parecia uma ideia danada de boa. Anderson só queria beber até que tudo desaparecesse: a dor surda e nostálgica do divórcio; as imagens horrendas dos cadáveres em Sidon; o estresse persistente e indefinível que sempre o vencia naqueles primeiros dias depois de voltar de uma patrulha. Mas ele tinha uma reunião de manhã com a embaixatriz humana da Cidadela e não seria profissional aparecer de ressaca.

— Desculpe, Maawda. É melhor eu ir. Reunião amanhã cedo. — Ele terminou a bebida e se levantou, aliviado ao notar que a sala não girava em volta dele. — Coloque na minha conta.

Com um último olhar demorado para a dançarina asari, ele se virou e foi para a porta. Os dois turians o fuzilaram com os olhos quando ele passou por sua mesa, e um deles murmurou alguma coisa a meia voz. Anderson não precisava entender as palavras para saber que estava sendo insultado.

Ele hesitou, os punhos involuntariamente se fechando ao sentir a irritação aumentar. Mas só por um segundo. Já era ruim aparecer na reunião do dia seguinte de ressaca; pior ainda seria ter de explicar por que o C-sec o pegara dando uns sopapos em dois turians que não sabiam que era melhor ficar de boca fechada.

Aquele era um dos fardos de ser um oficial da Aliança. Ele representava sua espécie; seus atos refletiam toda a humanidade. Mesmo com a mente repleta de pensamentos obscuros e a barriga cheia de bebida pesada, ele não podia se dar ao luxo de dar uma sova neles. Respirando fundo, Anderson simplesmente se afastou, engolindo o orgulho e ignorando os risos ásperos de escárnio que vinham de trás, porque era este seu dever. Um soldado em primeiro lugar, sempre.

OITO

Anderson estava de pé às 7h. Tinha uma leve dor de cabeça, a consequência branda de sua visita tarde da noite ao Chora's Den. Mas uma corrida de 5 quilômetros na esteira que ele guardava no canto do apartamento e uma ducha fumegante limpavam de seu sistema o que restava do elasa.

Quando vestiu o uniforme — lavado e passado desde a noite anterior —, Anderson se sentiu mais ele mesmo. Empurrou todos os pensamentos sobre Cynthia e o divórcio para um pequeno compartimento no fundo de sua mente. Era hora de tocar a vida. Só havia uma coisa que importava esta manhã: conseguir algumas respostas sobre Sidon.

Ele andou pelas ruas até a estação de transporte público. Mostrou sua identidade militar, depois embarcou no elevador de alta velocidade usado para transportar as pessoas dos níveis inferiores dos distritos ao Presidium, no alto.

Anderson sempre gostara de ir ao Presidium. Ao contrário dos distritos, que foram construídos ao longo dos braços que se estendiam da Cidadela, o Presidium ocupava o anel central da estação. E, embora abrigasse todos os escritórios de governo e as embaixadas das várias espécies, formava um contraste agudo com a metrópole esparramada que deixava para trás.

O Presidium havia sido projetado para evocar o vasto ecossistema de um parque natural. Um grande lago de água fresca dominava o centro do nível, e campos ondulantes de grama verdejante corriam por suas margens. Brisas fabricadas, suaves como um zéfiro de primavera, provocavam ondulações no lago e espalhavam o cheiro de milhares de árvores e flores plantadas em cada canto do Presidium. Uma luz do sol artificial derramava-se do céu azul simulado cheio de nuvens brancas e gordas. A ilusão era tão perfeita que a maioria das pessoas, inclusive Anderson, não conseguia distingui-la da realidade.

Os prédios onde eram conduzidos os assuntos de governo haviam sido similarmente construídos com um olho na estética natural. Dispostos pelo arco suave que marcava a beira do anel central da estação, eles se misturavam discretamente ao fundo. Calçadas largas e abertas serpenteavam de um prédio a outro, fazendo eco à paisagem pastoril cuidadosamente fabricada no coração do Presidium — a combinação perfeita de forma e funcionalidade.

Porém, ao sair do elevador e chegar ao pavimento, Anderson foi lembrado de que

não era a beleza orgânica que mais apreciava no Presidium. O acesso ao anel interno da Cidadela em geral era restrito a autoridades do governo e militares ou aos que tinham assuntos legítimos com a embaixada. Assim, o Presidium era o único lugar na Cidadela onde Anderson não sentia que estava sob constante assédio das multidões apressadas e esmagadoras.

Mas é claro que também não era vazio. A burocracia galáctica empregava milhares de cidadãos de cada raça que mantinha uma embaixada no Presidium, inclusive a humanidade. Mas os números ali eram muito diferentes dos milhões que povoavam os distritos.

Ele se deleitou na tranquilidade pacífica ao andar pela margem do lago, indo lentamente para sua reunião na embaixada humana. De longe, via a Torre da Cidadela, onde o Conselho se reunia com embaixadores que lhes faziam petições sobre assuntos de política e lei interestelar. A agulha da Torre se erguia numa solidão majestosa acima dos demais prédios e mal era visível no ponto em que a curva do anel central criava o falso horizonte.

Anderson nunca estivera ali. Se quisesse fazer uma petição ao Conselho, ela teria passado pelos canais apropriados; mais provavelmente a embaixatriz acabaria por fazer isso em seu nome. E, por ele, estava tudo bem assim. Era um soldado, não um diplomata.

Ele passou por um dos keepers, a raça silenciosa e enigmática que controlava o funcionamento interno da Cidadela. Lembravam-no pulgões gigantes: corpos verdes e gordos com braços e pernas de varetas, sempre correndo de um lugar a outro no cumprimento de uma tarefa.

Pouco se sabia sobre os keepers. Não existiam em lugar algum da galáxia, apenas na Cidadela: simplesmente estavam esperando ali quando as asaris descobriram a estação há quase 3 mil anos. Reagiram à chegada da nova espécie como criados reagem à volta de seu patrão ao lar: apressados e atropelando-se para fazer o que fosse possível para que as asaris se familiarizassem com a Cidadela e suas operações.

Todos os esforços para uma comunicação direta com os keepers foram recebidos com resistência muda e passiva. Parecia que sua existência não tinha propósito além de servir e consertar a Cidadela, e debatia-se continuamente se eles seriam verdadeiramente inteligentes. Algumas teorias sustentavam que, na verdade, eram máquinas orgânicas, programadas geneticamente pelos protheans para cuidar da Cidadela com fanatismo obcecado. Funcionavam puramente por instinto, alegava a teoria, tão inconscientes que sequer percebiam que seus criadores originais haviam desaparecido 50 mil anos antes.

Anderson ignorou o keeper ao passar — uma reação comum. Eles eram tão ubíquos na estação, tão discretos e modestos, que a maioria das pessoas tendia a

não dar a menor atenção a eles.

Cinco minutos depois, chegava ao prédio que servia como embaixada humana. Ele entrou, os cantos de sua boca se elevando num leve sorriso quando viu a jovem atraente sentada atrás da mesa da recepção. Ela levantou a cabeça quando Anderson se aproximou, retribuindo seu sorriso tímido com outro radiante.

— Bom dia, Aurora.

— Já faz algum tempo que não o vejo por aqui, tenente. — Sua voz era tão agradável ao ouvido quanto sua aparência aos olhos: calorosa, convidativa, confiante: a recepção perfeita a qualquer visitante à embaixada.

— Eu começava a pensar que você estava me evitando — implicou ela.

— Não, só tentava ficar longe de problemas.

Com a mão livre, ela digitou em algumas teclas de seu terminal e olhou a tela.

— Epa — disse ela, fingindo uma preocupação profunda e perturbadora —, você tem uma reunião com a embaixatriz Goyle em pessoa.

Ela arqueou uma sobrancelha, censurando-o de brincadeira.

— Pensei ter dito que queria ficar longe de problemas.

— Falei que tentava ficar longe deles — argumentou Anderson. — Nunca disse que tinha conseguido. Foi recompensado com um riso leve que devia ter sido treinado e praticado, mas ainda assim parecia caloroso e sincero.

— O capitão já está aqui. Avisarei que você chegou.

Anderson fez que sim e foi para a escada na direção da sala da embaixatriz, com o passo de algum modo mais leve do que alguns minutos antes. Ele não era tolo para deduzir alguma coisa daquele diálogo. Aurora só estava fazendo seu trabalho: a recepcionista fora contratada por sua capacidade de deixar as pessoas à vontade e confortáveis. Mas ele não podia negar que gostava do flerte.

A porta da sala da embaixatriz estava fechada. Aurora disse que esperavam por ele, mas Anderson ainda parou para bater.

— Entre — disse uma voz de mulher do outro lado.

Assim que entrou, ele entendeu que a reunião era séria. Havia várias poltronas confortáveis e uma pequena mesa de centro na sala, para não falar da mesa da embaixatriz. Mas tanto o capitão como a embaixatriz estavam de pé e esperavam por ele.

— Por favor, feche a porta, tenente. — Anderson obedeceu à instrução da embaixatriz, entrou na sala e se colocou em posição de sentido.

Anita Goyle era a pessoa mais influente e importante na política humana e definitivamente projetava uma imagem de poder. Ousada e confiante, era uma mulher impressionante no início dos 60 anos. Possuía constituição mediana, o cabelo prateado e comprido — amarrado num coque estiloso —, e tinha maçãs do rosto altas e elegantes. Suas feições eram do Oriente Médio, embora tivesse olhos

esmeralda-escuros que formavam um forte contraste com sua pele café com leite. Naquele momento os olhos estavam fixos em Anderson, e ele teve de reprimir o impulso de se remexer sob seu fitar penetrante.

— À vontade — disse o capitão. Anderson obedeceu, alargando sua postura e cruzando a mão às costas.

— Não vou fazer joguinhos com você, tenente — começou a embaixatriz. Goyle tinha fama de não se valer dos rodeios na política; era uma das coisas que Anderson admirava nela. — Estamos aqui para tentar entender o que deu errado em Sidon e como podemos consertar isso.

— Sim, senhora — respondeu ele.

— Quero que fale com franqueza aqui. Entendeu, tenente? Não esconda nada de mim.

— Entendido, senhora.

— Como sabe, Sidon era uma de nossas instalações de segurança máxima. O que espero que você não saiba é que era a principal estação da Aliança para pesquisa de IA.

Foi difícil para Anderson não demonstrar surpresa. Tentar desenvolver inteligência artificial era uma das poucas coisas especificamente proibidas nas Convenções da Cidadela. Desenvolver vida puramente sintética, fosse clonada ou fabricada, era considerado um crime contra toda a galáxia.

Especialistas de quase todas as espécies previram que a verdadeira inteligência artificial — como uma rede neural sintética com a capacidade de absorver e analisar criticamente o conhecimento — teria um crescimento exponencial no instante em que aprendesse a aprender. Ela ensinaria a si mesma e rapidamente superaria a capacidade de seus criadores orgânicos e escaparia de seu controle. Cada espécie na galáxia dependia de computadores que eram ligados na vasta rede de dados da extranet para transporte, comércio, defesa e sobrevivência básica. Se um programa de IA nocivo de algum modo tivesse acesso e influência àquelas redes de dados, o resultado seria catastrófico.

A teoria convencional sustentava que aquela hipótese apocalíptica não era apenas possível, como inevitável. De acordo com o Conselho, o surgimento de uma inteligência artificial era a única ameaça imperativa à vida orgânica na galáxia. E havia provas que sustentavam tal posição.

Trezentos anos atrás, muito antes de a humanidade aparecer na cena galáctica, a espécie quarian havia criado uma raça de servos sintéticos para usar como força de trabalho expansível e descartável. Os geth, como eram chamados, não eram inteligência artificial verdadeira: suas redes neurais foram desenvolvidas de modo que fossem altamente restritivas e autolimitantes. Apesar desta precaução, os geth por fim dominaram seus senhores quarians, justificando todos os alertas e previsões

sombrias.

Os quarians não tinham nem o efetivo, nem a capacidade de se opor a seus antigos servos. Em uma guerra curta mas selvagem, toda sua sociedade foi eliminada. Só alguns milhões de sobreviventes — menos de um por cento de toda a população — escaparam do genocídio, fugindo em massa de seu mundo natal, refugiados, obrigados a viver no exílio.

Depois da guerra, os geth se tornaram uma sociedade completamente isolacionista. Cortando todo contato com as espécies orgânicas da galáxia, expandiram seu território para regiões inexploradas atrás de uma vasta nebulosa conhecida como Véu de Perseu. Qualquer tentativa de abrir canais diplomáticos com eles se mostrara um fracasso: naves emissárias enviadas para abrir negociações haviam sido atacadas e destruídas no momento que entraram no espaço geth.

Frotas de cada espécie do espaço da Cidadela agruparam-se nas fronteiras do Véu enquanto o Conselho se preparava para uma invasão maciça dos geth. Mas o ataque esperado jamais aconteceu. Aos poucos, as frotas foram se reduzindo até que agora, vários séculos depois de os quarians serem expulsos, apenas algumas patrulhas continuavam a monitorar a região em busca de sinais de agressão geth.

Porém, a lição dos quarians não fora esquecida. Eles haviam perdido tudo para as criaturas sintéticas que criaram... E isso considerando que os geth ainda eram menos avançados do que uma verdadeira inteligência artificial.

— Parece que você tem alguma coisa a dizer, tenente.

Anderson fazia o que podia para que sua expressão não traísse seus sentimentos, mas a embaixatriz via através da fachada. Havia um motivo para ela ser a política mais poderosa da Aliança.

— Desculpe, senhora. Só estou surpreso de estarmos conduzindo pesquisa de inteligência artificial. Parece muito arriscado.

— Todos estamos cientes dos perigos — tranquilizou a embaixatriz. — Não temos a intenção de soltar uma IA inteiramente formada na galáxia. As metas do projeto eram muito específicas: criar simulações de IA limitada para observação e estudo.

“Agora a humanidade é o cavalo azarão — continuou ela. — Estamos nos expandindo, mas ainda não temos pessoal nem uma frota que façam frente às maiores espécies que competem pelo poder no espaço do Conselho. Precisamos de alguma vantagem. Compreender a tecnologia de inteligência artificial ajudaria a nos dar a margem que precisamos para competir e sobreviver.”

— De todas as pessoas, você deveria entender — acrescentou o capitão. — Sem tecnologia de IA rudimentar, todos estaríamos vivendo sob um governo turian.

Era verdade. A estratégia militar da Aliança dependia muito de programas de simulação de combate muito avançados. Combinando milhões de variáveis a cada

segundo, as simulações analisariam um banco de dados maciço de hipóteses, ajudando a fazer atualizações constantes sobre táticas estratégicas otimizadas aos comandantes de cada nave da Aliança. Sem os simuladores de combate, a humanidade não teria a menor chance contra as frotas turians, maiores e mais experientes, na Guerra do Primeiro Contato.

— Entendo sua preocupação — explicou a embaixatriz Goyle, possivelmente sentindo que Anderson ainda não estava inteiramente convencido. — Mas a base Sidon operava sob os mais rigorosos protocolos de sigilo e segurança. O chefe do projeto, o Dr. Shu Qian, é o maior especialista da galáxia em pesquisa de inteligência artificial. Ele supervisionou pessoalmente cada aspecto do projeto. Qian até insistiu que as redes neurais fossem usadas para criar simulações de IA completamente autocontidas. Os dados tinham de ser registrados e gravados à mão, depois inseridos manualmente num sistema distinto para garantir que não houvesse possibilidade de contaminação cruzada com a rede neural. O que quer que tenha acontecido, não havia jeito de as simulações de IA afetarem nada fora dos sistemas de dados restritos da base. Cada precaução possível foi tomada para garantir que nada desse errado.

— E ainda assim, deu.

— Está passando dos limites, tenente! — gritou o capitão.

A embaixatriz ergueu a mão ao saltar em sua defesa.

— Falei a ele para falar com franqueza, capitão.

— Eu não pretendia faltar com o respeito, senhora — disse Anderson, querendo se desculpar. — Não precisa justificar a existência de Sidon a mim. Sou apenas um soldado enviado para arrumar a bagunça.

Seguiu-se um silêncio canhestro, interrompido finalmente pela embaixatriz:

— Li seu relatório — disse ela, mudando com tato o rumo da conversa. — Você não parece pensar que foi um ataque aleatório.

— Não, senhora. Diria que Sidon era um alvo específico. Mas até agora não sabia por quê.

— Se for verdade, há uma boa possibilidade de que quem atacou Sidon também estivesse atrás especificamente do Dr. Qian. O trabalho dele no campo não tem paralelo; ninguém entende de inteligência sintética mais do que ele.

— Acha que o Dr. Qian ainda está vivo?

— Meus instintos dizem que sim — respondeu a embaixatriz. — Acredito que quem atacou Sidon destruiu a base para encobrir seus rastros. Eles queriam que pensássemos que todos ali dentro estavam mortos, assim não nos daríamos ao trabalho de procurar por Qian.

O tenente havia suposto que a explosão pretendia esconder a identidade do traidor, mas também podia ter sido usada para ocultar o fato de que Qian não estava

entre os mortos. Não havia maneira de provar a teoria, é claro, mas, como a embaixatriz, Anderson aprendera a confiar em seus instintos. E seus instintos diziam que Goyle tinha razão.

— Acredita que o Dr. Qian podia ser convencido a usar sua pesquisa para ajudar alguém de fora da Aliança a desenvolver uma inteligência artificial? — perguntou ele.

— O Dr. Qian não é um soldado — respondeu a embaixatriz, com uma preocupação grave em sua face. — Ele é um intelecto brilhante, mas no corpo de um velho frágil. Poderia ter coragem suficiente para se recusar a ajudar uma espécie não humana, mesmo que ela o ameaçasse matá-lo. Mas algumas semanas de tortura venceriam sua resistência.

— Então, estamos trabalhando contra o relógio.

— Parece que sim — admitiu a embaixatriz. — Percebi mais uma coisa em seu relatório — continuou ela, mudando tranquilamente de foco outra vez. — Você alegou que acreditava que os invasores tiveram ajuda de alguém que trabalhava no projeto?

— Sim, senhora.

— Talvez saibamos quem é esta pessoa — intrometeu-se o capitão.

— Senhor?

Foi a embaixatriz que respondeu por ele:

— Uma de nossas melhores técnicas saiu da base sem autorização horas antes do ataque. Kahlee Sanders. Temos relatos de que foi vista pela última vez em Elysium, mas escapou do radar desde então.

— Acha que se a encontrarmos, encontraremos o Dr. Qian?

— Só vamos saber quando você a localizar, tenente.

Anderson ficou surpreso. Perguntou:

— Está mandando a *Hastings* a procura de seu rastro?

— Não — respondeu a embaixatriz. — Só você.

Por instinto, ele se virou para o capitão.

— Senhor, eu não entendo.

— Você é o melhor oficial executivo com quem já servi, Anderson — disse o capitão. — Mas a embaixatriz está pedindo que receba uma nova atribuição.

— Entendido, senhor. — Ele tentou manter o tom profissional, mas Goyle deve ter captado sua decepção.

— Isto não é uma punição, tenente — falou ela. — Vi sua ficha de serviço. Chefe de sua turma em Arcturus. Três medalhas diferentes de mérito durante a Guerra do Primeiro Contato. Várias menções honrosas durante sua carreira. Você é o melhor que a Aliança tem a oferecer. E esta é a missão mais importante que já tivemos.

Anderson concordou enfaticamente com a cabeça.

— Pode contar comigo, embaixatriz. — Ele era um soldado, jurara defender a humanidade. Aquele era seu dever, e era uma honra aceitar o fardo que colocavam em seus ombros.

— Terá de trabalhar nisto sozinho — disse o capitão. — Quanto mais pessoas mandarmos atrás de Sanders, maiores serão as chances de alguém de fora desta sala descobrir o que estávamos fazendo em Sidon.

— Oficialmente, esta missão sequer existe — acrescentou a embaixatriz. — A humanidade ainda é uma recém-chegada. Somos atrevidos, somos impetuosos e todas as outras raças estão contando com nosso fracasso.

Goyle fez uma pausa, antes de prosseguir:

— Não preciso lhe dizer como é lá fora, na Fronteira, tenente. Você viu como é difícil estabelecer uma colônia e fazer com que ela permaneça. Estamos lutando com unhas e dentes por qualquer ganho, por menor que seja, só para tentar sobreviver. Mas se a Cidadela descobrir isso, as coisas vão ficar muito mais complicadas. Se tivermos sorte, sairemos com uma repreensão oficial e grandes sanções comerciais, estropiando nossa economia. Se não tivermos essa sorte, eles podem revogar nossa embaixada aqui na Cidadela. Podem tornar ilegal que qualquer outra espécie do Conselho trate conosco em qualquer nível. A humanidade não tem força suficiente para ter sucesso inteiramente por conta própria. Ainda não.

— Sei como ser discreto — garantiu-lhe Anderson.

— Não se trata apenas de você. Kahlee Sanders sabe alguma coisa a respeito disso. Assim como quem estava envolvido no ataque. Quanto tempo até que uma dessas pessoas encontre um Espectro?

Anderson franziu a testa. A última coisa de que precisavam era do envolvimento de um Espectro. Agentes de elite do secreto Grupo Especial Tático de Reconhecimento da Cidadela, os Espectros se subordinavam diretamente ao próprio Conselho. Indivíduos altamente treinados e autorizados a agir acima e fora da lei, os Espectros tinham apenas uma injunção: proteger a estabilidade galáctica a todo custo. A Fronteira Skylliana — uma área de divisa em grande parte desocupada do espaço do Conselho e um reconhecido refúgio de rebeldes, insurrectos e grupos terroristas — era exatamente o tipo de lugar onde os Espectros seriam mais ativos. E uma facção perigosa de posse do mais importante especialista em tecnologia de inteligência artificial da galáxia era exatamente o tipo de ameaça em que os Espectros eram insuperáveis em matéria de perseguição e eliminação.

— Se um Espectro descobrir sobre isso, terá de se reportar ao Conselho — falou Anderson, escolhendo com cuidado suas palavras. — Até que ponto devo ir para guardar este segredo?

— Está perguntando se estamos mandando você matar um agente oficial do Conselho? — perguntou o capitão.

Anderson confirmou.

— Não posso tomar esta decisão por você, tenente — replicou a embaixatriz. — Confiamos em sua capacidade crítica. Se a situação surgir, dependerá de você.

Então ela acrescentou, de maneira agourenta:

— Não que eu pense que isso vá importar. Quando descobrir o envolvimento de um Espectro, provavelmente você já estará morto.

NOVE

A noite se aproximava do planeta de Juxhi. O sol laranja-escuro se punha no horizonte, e Yando, a menor das duas luas do mundo, já se aproximava de seu zênite. Nos vinte minutos seguintes, reinaria a escuridão. Depois Budmi, a gêmea maior de Yando, começaria a subir, e a escuridão daria lugar a um crepúsculo sinistro.

Saren Arterius, um Espectro turian, esperava pacientemente que o sol desaparecesse. Por várias horas, Saren ficou empoleirado no alto de uma formação rochosa, vigiando o depósito pequeno e isolado no deserto nos arredores de Phend, capital de Juxhi. Construído nas pedras que protegiam um pequeno cânion, o prédio em ruínas era inteiramente discreto, a não ser pelo fato de que uma negociação de armas ilegais estava prestes a acontecer ali.

Os compradores já estavam lá dentro: um grupo de bandidos armados com treinamento militar básico conhecido como os Grim Skulls, uma das maiores organizações de segurança particular em atividade na Fronteira. Os Skulls eram um grupo pequeno, algumas dezenas de mercenários criminosos que nunca foram dignos da atenção de Saren até esta noite. Mas aí cometeram o erro de pensar que podiam comprar carga roubada de armas de grau militar, que haviam desaparecido de um transportador turian.

Seus ouvidos pegaram o ruído de um motor distante, e, alguns minutos depois, um quadriciclo ATV de seis rodas rolou e parou ao lado do galpão. Dele saiu meia dúzia de homens; dois eram turians, os outros, humanos. Mesmo na fraca luz, Saren reconheceu de imediato um dos turians: tratava-se de um estivador dos portos de Camala.

Ele o estivera seguindo por dias, desde que vira os registros de quem estava de serviço quando o carregamento desapareceu. Só um trabalhador não comparecera no dia seguinte: deduzir quem era o ladrão havia sido embaraçosamente fácil.

Localizá-lo não foi muito mais difícil. Toda a operação fedia a amadores despreparados, do ladrão aos compradores. Normalmente, Saren teria entregado a questão às autoridades locais e passaria a alguma coisa maior. Mas turians vendendo armas a humanos era algo que ele precisava ver pessoalmente.

A porta do galpão se abriu e quatro das figuras, inclusive os dois turians, descarregaram uma caixa da traseira do veículo e levaram para dentro. Os outros dois assumiram posições de sentinela ao lado da porta.

Saren balançou a cabeça, sem acreditar, enquanto encaixava os óculos de visão noturna. De que adiantaria deixar dois homens montando guarda na frente de um depósito no meio no nada? Eles não tinham cobertura; estavam completamente expostos.

Erguendo ao olho seu rifle de precisão Izaali Combine, ele disparou dois tiros e as duas sentinelas arriaram no chão. Movimentando-se com uma eficiência despreocupada, ele largou o rifle e o deslizou no compartimento certo de sua mochila. Uma operação mais profissional teria alguém dentro do depósito verificando periodicamente a sentinela... Ou, antes de tudo, não a teria deixado do lado de fora. Saren precisou de dez minutos para descer de seu poleiro na face rochosa. Nessa hora, as luas gêmeas estavam visíveis, proporcionando iluminação suficiente para ele guardar os óculos na mochila.

Tirando o fuzil de assalto semiautomático Haliat Arms de seu encaixe na coxa, ele se aproximou da entrada do prédio. Já havia examinado o depósito: sabia que não tinha janelas nem outras portas. Todos ali dentro estavam presos — prova ainda maior de que lidava com idiotas.

Ele se espremeu na porta, escutando com atenção. Dentro do prédio, pôde ouvir uma briga colérica. Aparentemente ninguém tivera a precaução de definir os termos do acordo antes da reunião; ou era isso ou alguém tentava renegociar. Os profissionais não cometiam esse erro: chegavam à reunião, faziam a troca e saíam. Quanto mais tempo passassem ali, maior a chance de alguma coisa dar errado.

Saren pegou três granadas incendiárias no cinto, ativou-as e começou a contar em silêncio. Quando chegou a cinco, abriu de repente a porta, jogou-as para dentro, bateu a porta e correu, procurando proteção atrás do ATV.

A explosão arrancou a porta de suas dobradiças, fazendo voar fumaça, fogo e destroços pela abertura. Dentro do prédio, ele ouviu gritos e tiros enquanto homens apavorados entravam em pânico. Queimados e cegos, eles começaram a disparar loucamente, cada lado convencido de que fora traído pelo outro. Por vinte segundos inteiros, o eco do tiroteio reverberou nas paredes de metal do depósito, tragando qualquer outro som.

Depois tudo ficou em silêncio. Saren mirou o fuzil na porta e foi recompensado alguns segundos depois quando dois homens saíram correndo, disparando as armas. Ele pegou o primeiro em cheio no peito com uma rajada curta do fuzil de assalto, depois mergulhou atrás da traseira do ATV para se proteger enquanto o mercenário sobrevivente brevemente devolvia o fogo. Rolando rapidamente, Saren ficou na frente do veículo, e, quando colocou a cabeça para fora, seu inimigo ainda tinha a arma apontada para a traseira, esperando que Saren surgisse. À queima-roupa, os tiros disparados do fuzil de assalto de Saren espatifaram metade da cabeça do sujeito.

Por precaução, o Espectro jogou mais duas granadas na porta aberta. Em vez de uma explosão feroz, estas liberaram uma nuvem tóxica quando foram detonadas. Ele ouviu outros gritos, seguidos por tosses sufocadas. Outros três mercenários cambalearam para fora do galpão um por um, cada um deles cego e engasgando com o gás venenoso. Nenhum retribuiu fogo enquanto Saren os derrubava a tiros.

Ele esperou mais alguns minutos, deixando que a névoa mortal clareasse, depois correu de sua posição de trás do caminhão à soleira da porta. Colocou a cabeça para dentro por um instante e saiu do caminho.

O depósito estava tomado de uma dezena de corpos. Alguns haviam sido baleados, vários foram queimados, e o restante se retorcia em contorções horrendas do gás que provocara convulsões e espasmos musculares enquanto morriam. Várias armas se espalhavam pelo chão, largadas por seus donos nos estertores da morte. A caixa que carregaram para dentro em sua chegada estava bem no meio do chão, ainda fechada. Exceto por ela, o depósito estava vazio.

De fuzil de assalto em punho, Saren foi de um corpo a outro, caminhando lentamente da porta ao fundo do depósito, procurando por sinais de vida. Com a ponta do sapato, ele rolou um turian calcinado, que tinha caído perto da caixa. Metade de seu rosto estava queimada, a carapaça crocante e frágil. A carne por baixo tinha derretido, fundindo inteiramente as pálpebras do lado esquerdo. Um leve gemido escapou de seus lábios, e seu olho íntegro se abriu.

— Quem... Quem é você? — grasnou ele.

— Um Espectro — respondeu Saren, parando acima dele. O homem tossiu, cuspiendo um muco escuro que era principalmente uma mistura de sangue e veneno.

— Por favor... Me ajude.

— Você está violando a lei interestelar — recitou Saren numa voz fria e desapaixorada. — Você é um ladrão, um contrabandista e um traidor de nossa espécie.

O moribundo tentou dizer alguma coisa, mas tossiu novamente. Sua respiração era laboriosa: a fumaça acre das granadas incendiárias queimara os pulmões, danificando-os tanto que sequer foi capaz de respirar gás venenoso suficiente para matá-lo. Se recebesse atenção médica imediata ainda havia uma pequena chance de sobreviver. Mas Saren não tinha a intenção de levá-lo ao hospital.

Recolocando o fuzil de assalto no compartimento da coxa, Saren abaixou-se sobre um joelho e se inclinou para mais perto das feições destruídas pelo fogo do outro turian.

— Você roubou armas de seu próprio povo e depois as vendeu a *humanos*? — Ele exigiu saber num sussurro feroz. — Sabe quantos turians vi morrer em mãos humanas?

Foi preciso um esforço tremendo, mas de algum modo o homem queimado

conseguiu murmurar três palavras fracas num protesto débil através dos lábios tostados:

— Essa... guerra... acabou.

Saren se levantou e sacou a pistola num único movimento.

— Diga isso a nossos irmãos mortos. — Ele disparou dois tiros na cabeça do turian, encerrando a conversa.

Ainda portando a pistola, ele voltou à inspeção dos corpos. Percebeu dois cadáveres humanos perto da parede do fundo do depósito, visivelmente menos pavorosos que os demais. As granadas haviam sido detonadas perto da frente do prédio, e esses mercenários sofreram danos menores. Até o veneno teria se dissipado ao chegar ali, explicando por que os corpos não estavam contorcidos como os outros. Deviam ter sido mortos por fogo amigo.

Ele se aproximou com cautela do primeiro, depois relaxou ao ver uma prova clara de que o homem estava verdadeiramente morto: seis orifícios do tamanho de um dedo, bem próximos, surgiram onde o disparo de uma espingarda à queima-roupa tinha atravessado a frente de seu colete de proteção, criando um único buraco do tamanho de um punho quando os projéteis saíram por suas costas.

O último cadáver tinha caído com o rosto para baixo numa poça do próprio sangue. A espingarda que provavelmente matara o primeiro homem sem querer estava ao lado dele no chão... À distância de um fio de cabelo de sua mão sem vida e flácida.

Saren ficou paralisado, repentinamente atento. Tinha alguma coisa errada. Seus olhos percorreram a figura imóvel, procurando o ferimento fatal. Havia um buraco aberto ao lado de sua coxa, origem provável de todo o sangue, mas pelo modo como ele caíra, não havia outros ferimentos visíveis.

Seus olhos voltaram de repente à coxa: o sangue ainda deveria estar pingando da ferida, mas o fluxo fora estancado. Como se alguém a tivesse selado com uma rápida aplicação de medigel. — Afaste sua mão da arma e role — gritou Saren, erguendo a pistola e a segurando com as duas mãos enquanto mirava no corpo — ou vou atirar em você agora mesmo.

Depois de um segundo, a mão lentamente se afastou da espingarda. O homem rolou de costas, arquejando alto, procurando ar: esteve prendendo a respiração quando Saren se aproximou, fingindo-se de morto.

— Não me mate, por favor — implorou ele, enquanto Saren se aproximava um passo, com a pistola apontada para um ponto entre seus olhos. — Eu nem mesmo combati na Guerra do Primeiro Contato!

— Alguns Espectros prendem pessoas — disse Saren, num tom despreocupado. — Eu não.

— Espere! — gritou o homem, arrastando-se para trás até que as costas batessem

na parede. — Espere! Eu tenho informações!

Saren não disse nada. Em vez disso, baixou a arma e fez que sim rapidamente.

— Tem outro grupo de mercenários. Os Blue Suns.

Todos os Espectros que trabalhavam na Fronteira sabiam que os Blue Suns eram uma milícia a ser levada em consideração. Grupo pequeno mas muito conhecido, seus membros eram ao mesmo tempo experientes e profissionais. O exato oposto deste pessoal.

— Continue.

— Eles estão aprontando alguma coisa. Alguma coisa grande.

— O quê?

— Eu... não sei — gaguejou o homem, estremeando como se esperasse levar um tiro pela confissão.

Depois do segundo que levou para perceber que ainda estava vivo, ele avançou um pouco, falando rapidamente:

— Foi assim que me meti nesta compra. Os Blue Suns deviam pegar o carregamento, mas caíram fora. Soube que tinham um trabalho importante. Algo que não querem arriscar, chamando atenção de um Espectro com uma compra de armas.

Saren ficou intrigado. Seja lá o que estivessem aprontando, devia ser grande: os Blue Suns quase nunca davam as costas a um acordo que já tivessem negociado. Se tentavam com tanto empenho tirar os Espectros de vista, significava que era melhor descobrir o que estava acontecendo.

— O que mais?

— É só isso que eu sei — disse o homem. — Eu juro! Se quiser saber mais, precisa procurar os Blue Suns. E então... Temos um acordo?

Saren soltou um bufo de desdém.

— Acordo?

— Sabe como é... Eu te dou a informação sobre os Blue Suns, e você me deixa viver.

O Espectro ergueu de novo a pistola.

— Devia ter negociado antes de soltar o verbo. Agora você não tem mais nada para trocar comigo.

— O quê? Não, por favor! Não...

A pistola deu um fim a seus protestos, e Saren se virou e saiu calmamente, deixando para trás a carnificina do depósito. Alertaria as autoridades locais depois que voltasse ao Phend para que recuperassem as armas roubadas... E limpassem a bagunça.

A mente de Saren já estava em sua próxima tarefa. De início, desprezara a notícia da destruição de Sidon. Imaginava que um dia ela se revelaria como o ataque de algum grupo dissidente radical de batarians rebeldes, uma retaliação contra os

esforços da humanidade de expulsar seus principais rivais da Fronteira. Mas se o ataque não era obra de terroristas políticos, então os Blue Suns eram uma das poucas organizações de segurança privada com capacidade para perpetrá-lo.

Saren tinha toda intenção do mundo de descobrir quem os havia contratado e por quê. E sabia exatamente por onde começar a investigação.

Anderson passou a maior parte de dois dias analisando o arquivo pessoal de Kahlee Sanders, tentando juntar as peças.

Os dados físicos eram claros: idade, 26; altura, 1,63m; peso, 54 quilos. A foto de identidade em seu arquivo mostrava que tinha feições predominantemente caucasianas: cor da pele, clara; olhos, castanhos claros; cabelo, louro-escuro. Ela era atraente, mas Anderson duvidava de que alguém a chamasse de bonitinha. Havia uma dureza em sua expressão, como se a mulher procurasse briga.

Isto não era de surpreender, dada sua formação pessoal. Segundo o arquivo, ela fora criada na megalópole texana, formada pela união de Houston, Dallas e San Antonio; uma das regiões mais pobres da Terra. Havia sido criada por mãe solteira, uma operária de fábrica que vivia de salário mínimo. O alistamento na Aliança devia ter sido sua única chance de uma vida melhor, embora ela só tivesse se alistado aos 22 anos, logo em seguida à morte da mãe.

A maioria dos recrutas se alistava antes dos 20 anos. Anderson entrara para a Aliança no dia em que completou 18. Mas apesar de ter começado tarde, ou talvez por causa disso, Kahlee Sanders se destacara no treinamento básico. Era competente em combate corpo a corpo e no treinamento de armas, mas sua verdadeira aptidão era o campo da tecnologia.

Segundo o arquivo, ela fizera curso de computação de nível básico nos anos que antecederam a seu alistamento e, depois de ingressar, atirara-se no estudo de programação avançada, redes de comunicação de dados e arquitetura de sistemas protótipos. Terminou como primeira da turma, completando um programa de três anos em apenas dois.

Testes de personalidade e avaliações psicotécnicas mostraram que ela era inteligente, com forte senso de identidade e valores pessoais. As avaliações dos colegas e oficiais superiores revelavam que ela era cooperativa, popular e valiosa para qualquer equipe em que trabalhasse. Não admirava que tivesse sido designada para o projeto Sidon.

E era por isso que nada parecia se encaixar. Anderson sabia a diferença entre um bom soldado e um soldado ruim. Kahlee Sanders sem dúvida nenhuma era uma boa soldado. Podia ter ingressado inicialmente na Aliança como uma válvula de escape, procurando uma vida melhor do que aquela que tinha na Terra. Mas encontrara exatamente o que procurava. Não recebera nada além de sucesso, elogios e

recompensas desde que entrara para o serviço militar. Além disso, com a mãe falecida, ela não tinha familiares nem amigos além de seus companheiros militares.

Anderson não conseguia pensar em qualquer razão para ela se voltar contra a Aliança. Nem a cobiça fazia sentido: todo mundo em Sidon recebia um salário de ponta. Além disso, Anderson sabia o suficiente da natureza humana para entender que era preciso mais do que a simples ganância para convencer alguém a ajudar na chacina das pessoas com quem se morava e trabalhava todo dia.

Mais uma coisa o incomodava em tudo isso. Se Sanders era uma traidora, por que havia desaparecido um dia antes do ataque, chamando a atenção para si? Só o que precisava fazer era aparecer para seu turno regular e todos teriam suposto que ela era um dos corpos pulverizados na explosão. Parecia que alguém estava armando para cima dela.

Mas Anderson não podia negar que seu desaparecimento súbito era suspeito demais para ser desprezado como mera coincidência. Ele precisava entender o que estava acontecendo, e até agora sua única pista possível era o que não estava no arquivo. O pai de Kahlee Sanders era oficialmente mencionado como “desconhecido”. Naquela época de controle universal de natalidade para lidar com as populações crescentes, bem como dos imensos bancos de dados de DNA, era praticamente impossível não saber a identidade dos pais de uma criança. A menos que fosse propositalmente escondida.

Uma busca mais atenta nos arquivos oficiais mostrou que todas as referências ao pai de Kahlee Sanders haviam sido eliminadas: registros hospitalares, relatórios de vacinação... Tudo. Era como se alguém tivesse tentado ativamente cortá-lo de sua vida. Alguém com importância suficiente para falsificar documentos do governo.

Kahlee e sua mãe deviam ter participado do ocultamento. Se a mãe quisesse a identidade do pai exposta, nada a teria impedido. E Kahlee podia facilmente ter conseguido um teste de DNA quando desejasse. As duas deviam saber, mas, por algum motivo, não queriam que mais ninguém soubesse.

Porém, nenhuma das duas tinha recursos financeiros ou a influência política necessária para realizar esse tipo de coisa. O que significava que outra pessoa — provavelmente o pai — também estava envolvida. Se Anderson pudesse deduzir quem ele era, e por que fora eliminado de todos os registros oficiais, talvez isso ajudasse a entender como Kahlee Sanders estaria ligada ao ataque a Sidon.

Infelizmente, ele esgotara todos os canais oficiais. Felizmente, havia outros meios de cavar segredos enterrados. Era por isso que agora estava numa viela escura nos distritos, esperando para se encontrar com uma corretora de informações.

Chegou alguns minutos mais cedo, ansioso para descobrir o que traria a pesquisa da corretora. Não surpreendeu que seu contato ainda não tivesse chegado. Ele passou os minutos seguintes esperando, de vez em quando andando de um lado a

outro enquanto os segundos se arrastavam.

Uma figura entrou em seu campo de visão assim que o relógio bipou a hora, materializando-se das sombras. À sua aproximação, logo ficou claro que ela era uma salarian. Mais baixos e magros do que os humanos, os salarians pareciam um cruzamento entre uma espécie de lagarto ou camaleão e os “cinzentos” descritos por supostas vítimas durante a onda de abduções alienígenas fictícias propagada na Terra no final do século XX. Anderson se perguntou se ela estivera ali o tempo todo, observando enquanto esperava pacientemente pela hora marcada de sua reunião.

— Descobriu alguma coisa? — perguntou ele à mulher que tinha contratado para varrer a extranet em busca de qualquer pista da identidade do pai de Kahlee Sanders.

Trilhões de tetragigs de dados eram transmitidos em lotes pela extranet todo dia. Tinha de haver alguma coisa útil enterrada ali. Mas procurar numa quantidade funcionalmente infinita de dados por uma informação específica pode se mostrar um exercício frustrante e inútil. Levaria dias para coletar, processar e analisar cada lote. E mesmo então o resultado podia ser de bilhões de páginas de impressos. É aí que entravam os corretores de informações: especialistas que usavam algoritmos complexos e motores de busca customizados para limitar e classificar os dados. Dominar a extranet era mais uma arte do que uma ciência, e os salarians se superavam na arte de coletar informações confidenciais.

A salarian piscou os olhos grandes.

— Eu avisei que talvez não houvesse muita coisa a ser descoberta — disse ela, falando rapidamente. Os salarians sempre falavam com rapidez. — Os registros de antes da entrada de sua espécie na extranet são esporádicos.

Anderson esperava por isso. Os arquivos dos dias anteriores à Guerra do Primeiro Contato aos poucos eram acrescentados à extranet pelas várias agências governamentais, mas a entrada de registros antigos era de baixa prioridade em toda administração. Considerando a idade de Sanders, era provável que seu pai tivesse desaparecido de sua vida muito antes de a humanidade chegar a entrar em contato com a ampla comunidade galáctica.

— Então você não conseguiu nada?

A salarian sorriu.

— Não foi isso que falei. Foi difícil localizar, mas havia alguma coisa. Parece que a mão esquerda da Aliança não sabe o que faz a mão direita.

Ela lhe entregou um pequeno disco ótico.

— Facilite minha vida — disse Anderson, pegando o arquivo e colocando-o no bolso. — Basta me dizer o que vou encontrar quando olhar essa coisa.

— No dia em que Kahlee Sanders se formou em sua academia de treinamento militar em Arcturus, uma mensagem criptografada foi transmitida pelos canais

confidenciais da Aliança a um indivíduo em uma de suas colônias na Fronteira Skylliana. Foi eliminada mais tarde, segundos depois de ter sido recebida.

— Como você teve acesso aos canais confidenciais da Aliança? — perguntou Anderson.

A salarian riu.

— Sua espécie vem transmitindo dados pela extranet há menos de uma década. Minha espécie vem vigiando as operações principais de espionagem e inteligência para o Conselho da Cidadela há duzentos anos.

— Anotado. Você disse que a mensagem foi eliminada?

— Exato. Deletada e apagada dos registros. Mas nada some verdadeiramente depois que entra na extranet. Sempre sobram ecos e resquícios para gente como eu localizar. A extranet funciona em um...

— Não preciso dos detalhes — interrompeu Anderson, erguendo a mão. — O que a mensagem dizia?

— Era curta. Um único arquivo de texto que compreendia o nome, as notas finais e a posição em classe de Kahlee Sanders. Muito impressionante. Ela podia ter um futuro brilhante em meu campo se quisesse vir trabalhar para...

Anderson interrompeu novamente, com impaciência crescente:

— Isso tudo está no arquivo pessoal de Sanders — replicou. — Não lhe paguei para me dar as notas dela.

— Na verdade, você não me pagou nada — observou a salarian. — A conta está sendo enviada diretamente a seus superiores na Aliança, lembra? Duvido que *você* pudesse pagar para me contratar. Por isso mesmo me procurou, antes de mais nada.

As mãos de Anderson involuntariamente subiram e esfregaram as têmporas.

— Tem razão. Não foi o que eu quis dizer. — Os salarians tendiam a falar em círculos, mudando de assunto a cada respiração. Isso lhe provocava dor de cabeça e sempre parecia que levava o dobro do tempo do que devia para conseguir o que se precisava deles. — Tomara que você tenha algo mais do que isso.

— O remetente da mensagem foi um dos instrutores da Academia. Um homem que se aposentou há muito tempo. O acompanhamento preliminar indica que ele não está ligado à investigação... Provavelmente só estava agindo segundo ordens do destinatário e não devia saber nada do motivo para o envio da informação. Embora eu não tenha provas, desconfio que o destinatário seja o pai de Kahlee Sanders. Como oficial de alta patente da Aliança, ele teria os meios para encobrir sistematicamente o relacionamento dos dois e faria isso de uma forma que seria difícil de rastrear. Mas não consegui determinar por que pai e filha preferiram se alienar um do outro...

— Por favor — pediu Anderson, interrompendo-a mais uma vez. — Só o que quero é um nome. Não diga mais nada. Só me diga quem recebeu a mensagem e

onde posso encontrá-lo.

Ela piscou de novo, e, pela mudança em sua expressão, Anderson pensou que talvez a tivesse magoado. Felizmente, porém, ela fez o que ele pediu:

— A mensagem foi enviada ao contra-almirante Jon Grissom. Ele está em Elysium.

DEZ

— Este é um clube privativo, batarian — grunhiu o segurança krogan que se colocou na frente de Groto Ib-ba quando ele tentou entrar pelas portas do Sanctuary.

— Esta noite, sou sócio — respondeu o mercenário batarian, mostrando seu cartão de acesso financeiro ao scanner e deixando que ele deduzisse a cobrança de 400 créditos diretamente de sua conta bancária. O krogan não se mexeu, barrando o caminho até que a transação fosse aprovada. Só tirou os olhos de Groto por um instante, para comparar o sujeito com a foto de identidade que aparecia na tela. Queria ver se o cartão de acesso era roubado. Mas a imagem na identidade era claramente do batarian diante dele: não havia como se enganar com a tatuagem do sol azul que enfeitava sua testa, pouco acima do olho interior esquerdo.

Pela expressão do krogan, estava claro que ainda não queria dar um passo de lado e deixar Groto entrar.

— O *couvert* só garante entrada no clube — observou ele. — Qualquer outro serviço terá uma taxa adicional. Uma taxa adicional considerável.

— Sei como funciona — cuspiu Groto de volta. — Tenho dinheiro.

O krogan pensou por um momento, na esperança de encontrar outra maneira de impedi-lo de entrar.

— Não são permitidas armas dentro do clube.

— Falei que sei como funciona — rosnou Groto. Ainda assim, o guarda hesitou.

O batarian abriu bem os braços e deixou que o revistasse.

— Faça uma busca em mim e acabe logo com isso.

O krogan recuou, derrotado.

— Não é necessário. — Ele inclinou a cabeça para a esquerda, um sinal de respeito batarian. — Peço desculpas, Sr. Ib-ba. Helanda está no balcão dos fundos e pode atender às suas necessidades.

Groto baixou os braços, um tanto surpreso. Era incrível o respeito que o dinheiro podia comprar. Se ele realmente pensasse que era possível entrar sem ser revistado, teria contrabandeado uma pistola embaixo do cinto. Ou pelo menos colocado uma faca na bota.

Em vez disso, tombou lentamente a cabeça para a direita, aceitando o pedido de desculpas, fazendo o papel do homem cuja honra foi insultada. Passou com atrevimento pelo porteiro e entrou no prostíbulo mais exclusivo de Camala, tentando

aparentar calma, embora seu coração disparasse.

Parte dele tinha medo de que simplesmente o rejeitassem mesmo que pagasse o *couvert*. Era evidente que aquele não era o seu lugar: o Sanctuary era reservado para os ricos e a elite — aqueles que têm fortunas, e não mercenários. Na maior parte do tempo, a cobrança do *couvert* mantinha do lado de fora homens como Groto. Havia muitos outros lugares em Camala para pagar por companhia à noite, e nenhum deles era tão caro como o Sanctuary.

Mas o novo empregado dos Blue Suns recebera um pagamento substancial por seus serviços exclusivos pelos próximos meses, inclusive uma grande bonificação depois do ataque à base militar de Sidon. Groto não estivera diretamente envolvido no ataque, nem estava no depósito quando seu empregador se reuniu com Skarr. Se fosse o caso, saberia quem os estava pagando, mas também poderia ter sido um dos mercenários azarados que acabaram mortos pelas mãos de Skarr.

De qualquer modo, os Blue Suns pagavam a cada integrante uma parcela igual, assim Groto não havia perdido nada além da chance de ser morto. E os mercenários do depósito ainda estavam de serviço: foram contratados como guarda-costas pessoais do financiador anônimo. Groto, por outro lado, era livre para sair e curtir sua parte dos créditos. E, pela primeira vez na vida, ia experimentar um prazer reservado aos muito mais ricos e poderosos do que ele.

Gastou parte da bonificação com roupas novas, mas mesmo assim ficava constrangido ao atravessar o salão. Ele não combinava com o lugar, e a clientela — a maioria de batarians — olhava-o com suspeita e curiosidade. A casta social era parte importante da cultura batarian, e Groto desafiava abertamente as normas convencionais. Mas quando percebeu que até os empregados o olhavam com desdém, seu constrangimento se transformou numa fúria farisaica. Quem eram eles para olhá-lo de cima? Nada além de criados e putas!

Ao seguir para o balcão dos fundos, passando por vários outros seguranças krogans, ele jurou que faria alguém pagar. Depois de levar sua prostituta a uma sala privativa, ele transformaria seu desprezo em medo e terror.

— Bem-vindo ao Sanctuary, Sr. Ib-ba — arrulhou a jovem batarian atrás do balcão. — Meu nome é Helanda. Peço desculpas pelo incidente na porta. Às vezes Odak leva o trabalho dele muito a sério. Tem minha garantia pessoal de que da próxima vez ele será adequadamente respeitoso.

— Ótimo. Espero um tratamento melhor num lugar como esse. — Não haveria uma próxima vez, mas Groto não falaria isso a ela.

— Temos uma ampla variedade de serviços disponíveis — explicou Helanda, evitando tranquilamente a indiscrição do porteiro e passando à questão mais imediata. — O Sanctuary pretende satisfazer os desejos de toda nossa clientela, não importa o quão... esotérico seja. Se me disser no que está interessado, ajudarei

pessoalmente a escolher uma acompanhante apropriada... Ou acompanhantes... Para a noite.

— Estou interessado em você — disse ele, inclinando-se para a frente no balcão, reagindo ao convite tácito.

— Não é o meu papel aqui — respondeu ela rispidamente, dando um passo para trás, as pálpebras dos olhos internos piscando rapidamente de desprazer. Ele percebeu que o charme de Helanda não passava de fingimento: um jogo que ela fazia com ele. A reação involuntária dela expunha a verdade: a mulher sentia a mesma repulsa que ele vira em outros funcionários.

Pelo canto dos olhos, Groto notou que um dos guardas krogan aproximava-se despreocupadamente deles e concluiu que agora não era hora de ir à forra.

Ele soltou um riso forçado, como se tivesse achado a rejeição divertida.

— Na verdade, estou interessado numa fêmea humana.

— Uma fêmea *humana*? — perguntou Helanda, como se não tivesse certeza de ter ouvido direito.

— Estou curioso — respondeu Groto, com frieza.

— Muito bem, Sr. Ib-ba — disse ela, apertando o botão atrás do balcão, trazendo uma pequena tela para diante dela. — Devo avisá-lo de que há uma tarifa extra por todos os pedidos interespecies. As taxas correspondentes estão listadas ao lado de cada acompanhante.

Ela girou a tela para que ele visse. Mostrava várias possibilidades, junto com o preço cobrado por cada uma delas. Groto teve de se conter para não engasgar de choque quando viu as quantias. Ao contrário dos prostíbulos que costumava frequentar, não havia a opção das taxas cobradas por hora ali. Uma noite inteira no Sanctuary custaria várias centenas de créditos a mais do que toda sua bonificação. Por um breve segundo, pensou em se virar e sair dali, mas, se fizesse isso, os quatrocentos créditos que pagara na porta sumiriam para sempre.

— Ela — disse, apontando uma das fotos. Havia opções menos dispendiosas, mais de jeito algum iria deixar que o intimidassem com os preços. Ele nunca mais voltaria ali, então estava decidido a ter exatamente o que queria. Na realidade, não sabia tanto assim dos humanos. Mas algo naquela mulher apelava a ele. Ela parecia frágil. Vulnerável.

— Excelente escolha, Sr. Ib-ba. Pedirei a alguém que o acompanhe ao quarto onde passará a noite. Sua acompanhante estará lá em breve.

Alguns minutos depois, Groto estava sozinho em um dos quartos privativos à prova de som, andando de um lado ao outro e batendo o punho na mão. Recapitulava todas as humilhações que havia sofrido desde que chegara àquele lugar, ficando cada vez mais febril, decidido a descontar na infeliz garota humana que estava prestes a se tornar sua vítima na noite.

Não sentia atração física por humanos, fossem fêmeas ou outra coisa. Mas aquela noite não tinha a ver com sexo. Groto simplesmente não gostava de humanos. Eles procriavam e se espalhavam como bichos, enxameando pela Fronteira, devorando mundos-colônia e forçando outras espécies a sair — como os batarians. Os humanos com quem ele trabalhava nos Blue Suns sabiam se comportar numa luta, mas, como todos de sua espécie, eram arrogantes e convencidos. Esta noite ele pegaria uma dessa espécie orgulhosa e a faria sofrer. Ele a humilharia, degradaria e castigaria. Ele acabaria com ela!

Groto ouviu uma batida na porta; suave e tímida. Abriu-a, estendendo a mão para pegar o pulso da mulher e puxá-la para dentro do quarto. Mas ficou paralisado quando viu um turian diante dele.

— Quem é... *Urc!*

Suas palavras foram interrompidas pelo forte soco do turian em seu pescoço. Asfixiado e com ânsias de vômito, Groto cambaleou para trás e caiu na cama no meio do quarto. O turian entrou calmamente, fechando a porta. Groto ouviu a tranca estalar, fechando os dois dentro do quarto.

Conseguindo se colocar de pé de algum modo, Groto esforçou-se para recuperar o fôlego enquanto erguia o punho, esperando que o turian avançasse e tentasse acabar com ele. Depois de trancar a porta, porém, o turian simplesmente ficou parado ali.

— Quem é você? — Groto, enfim, conseguiu ofegar.

— Saren. — Foi a resposta numa só palavra.

Groto balançou a cabeça; não reconhecia o nome.

— Como passou pelos guardas?

— Eles não tentaram me impedir — respondeu Saren num tom relaxado. — Achei mesmo que queriam que eu entrasse aqui e cuidasse de você.

— O que... O que quer dizer? — A voz de Groto era trêmula. A calma incomum do turian era enervante. Ele manteve as mãos erguidas, preparado para o caso de o invasor fazer algum movimento.

— Você é assim tão idiota? Não percebeu que eles sabiam exatamente o que pretendia fazer aqui? Eles sabiam o que você queria no momento em que pediu por uma acompanhante humana.

— O que... Do que está falando?

O turian deu um único passo para a frente. Groto recuou dois, de punhos erguidos, preparado. Teria recuado ainda mais se não tivesse alcançado a parede do outro lado do quarto — ali, não havia para onde escapar.

— O Sanctuary não permite que suas acompanhantes sejam feridas ou maltratadas — explicou Saren, calmamente. Ao falar, ele começou lentamente a avançar, um passo decidido de cada vez. — Estão monitorando o quarto. — *Um passo.* — No momento em que você colocasse a mão naquela mulher, um krogan furioso teria

entrado e arrancado sua cabeça. — *Mais um passo.*

— Eu não ia... Eu nem fiz nada! — protestou o batarian, baixando finalmente os punhos. Sentia-se um tolo por erguê-los quando o outro era tão calmo.

Um passo.

— Eu os convenci a me deixar cuidar disso — continuou Saren, ignorando-o. — Eles ficaram preocupados com a possibilidade de incomodar os outros hóspedes. —

Um passo. — Depois lembrei-lhes que as paredes são inteiramente à prova de som.

— *Um passo.* — E que você já pagou pelo quarto. — *Um passo.*

Agora o turian estava bem na frente dele, mas ainda parecia completamente relaxado. Groto ergueu os punhos mais uma vez.

— Para trás ou eu vou...

Ele não teve a chance de terminar a frase porque Saren lhe deu um forte chute nas partes inferiores. Raios ofuscantes de uma dor feroz subiram pelos intestinos e o estômago de Groto. Ele desabou no chão, a agonia tão grande que ele só conseguiu gemer.

Saren o pegou pelo tecido de sua roupa recém-comprada e o colocou de pé com um puxão, depois meteu o polegar em um dos olhos internos de Groto, rompendo o globo ocular e cegando-o de um só golpe. O batarian desmaiou, perdendo a consciência pelo choque e dor repentinos.

Segundos depois, acordou gritando enquanto Saren quebrava seu cotovelo direito. Uivando de agonia, Groto se enroscou como uma bola, rolando de um lado para outro, com o corpo vivendo um sofrimento físico além de qualquer coisa que ele teria imaginado.

— Você me dá nojo — sussurrou Saren, ajoelhando-se para pegar o pulso esquerdo de Groto. Ele estendeu o braço bom do batarian, travando-o nas articulações, e começou a fazer pressão. — Você queria torturar uma vítima inocente só para ter prazer. Seu desgraçado doente.

Então acrescentou:

— A tortura só é útil se tiver um propósito. — Mas suas palavras foram tragadas pelo estalo do cotovelo esquerdo de Groto e seus gritos subsequentes.

Saren se afastou um passo do homem convulsivo, deixando que as ondas de dor tomassem seu corpo. Levou quase um minuto para o choque se estabelecer, entorpecendo seus membros estropiados, até que Groto enfim conseguisse falar.

— Você vai pagar por isso — gemeu Groto do chão, aos prantos. Lágrimas e muco misturavam-se com o fluido ocular de seu olho cego, escorrendo para a boca e toldando suas palavras numa paródia inchada de ameaça. — Você sabe quem eu sou? Eu estou com os Blue Suns!

— Por que acha que segui você até aqui?

Um olhar de terror se espalhou pela cara de Groto enquanto ele finalmente

compreendia.

— Um Espectro — murmurou. — Por favor — implorou ele —, diga o que quer. Qualquer coisa. Eu darei.

— Informação — respondeu Saren. — Diga o que sabe a respeito de Sidon.

— Fomos contratados para destruir a base — confessou o homem aleijado.

— Por quem?

— Não sei. Só tratei com um intermediário. Eu nunca o vi, nem ouvi seu nome.

Saren suspirou e se ajoelhou no chão ao lado de Groto. Havia muitos métodos exóticos de interrogatório, mil maneiras de infligir dor e punição a uma vítima. Mas os turians eram um povo prático e, pessoalmente, Saren preferia a eficácia brutal das técnicas simples e básicas. Agarrando o homem pelo pulso do braço esquerdo estropiado, ele deu um aperto forte em um de seus dedos e começou a virá-lo para trás.

— *Não!* — gritou o batarian. — *Não!* Por favor... É verdade! É só o que sei! Você tem de acreditar em mim!

Ele sustentou a história mesmo depois de três dedos de sua mão estarem quebrados na articulação do meio, convencendo Saren de que dizia a verdade.

— Como conseguiram entrar na base? — perguntou Saren, mudando a linha de interrogatório.

— O homem que nos contratou — murmurou Groto, com a voz rouca pela nova rodada de gritos que raspavam sua garganta. — Ele tinha alguém infiltrado.

— Me dê um nome.

— Por favor — implorou o batarian num miado agudo. — Eu não sei. Eu nem estava lá.

Saren pegou o outro dedo, e as palavras começaram a jorrar.

— Espere! Eu não conheço o sujeito infiltrado! Mas... Mas posso contar outra coisa a você. Depois do ataque, trouxeram alguém de fora. Um caçador de recompensas independente. Um krogan grandalhão chamado Skarr.

— Ótimo — disse Saren, soltando o dedo ainda intacto. — Continue.

— Alguma coisa deu errado em Sidon. Alguém sobreviveu ao ataque. Uma ponta solta. Skarr foi contratado para persegui-la. Uma humana. Ela está em Elysium. Não sei o nome dela.

— O que mais? Por que foram contratados para atacar a base?

— Eu não sei — sussurrou Groto, temeroso. — Não nos deram detalhe algum. O financiador tinha medo de que alguém abrisse a boca. Ele não queria... não queria que os Espectros descobrissem.

Saren quebrou mais dois dedos só para garantir.

— Por favor. — O batarian soluçou uma vez depois de parar de gritar. — Não é a mim que você quer. Houve uma reunião no depósito com Skarr e o homem que nos

contratou. Fale com alguém que esteve lá.

O turian não ficou surpreso que sua vítima estivesse lhe oferecendo outra pessoa. Era uma reação comum na maioria das sessões de tortura. Em geral, era um sinal de que o interrogatório se aproximava do fim. Depois que o interrogado percebia que não tinha mais informações úteis a dar, a traição aos aliados tornava-se sua única chance de evitar uma tortura ainda maior.

— Onde posso encontrar alguém do depósito? — exigiu o Espectro.

— Eu... Não sei — admitiu Groto, com a voz tremendo. — Eles estão com o financiador. Ele os contratou como segurança pessoal.

— Pelo visto, só tenho você — respondeu Saren.

— É tudo que sei — protestou fraco o batarian, com a voz completamente desprovida de trapaça, subterfúgios ou esperanças. — Mesmo que quebre cada osso de meu corpo, não posso lhe dizer mais nada.

— É o que veremos — prometeu Saren.

Foi uma longa noite para Saren. O batarian entrou em choque e desmaiou mais três vezes durante o interrogatório. A cada vez que isso acontecia, Saren tinha de se sentar e esperar que ele recuperasse a consciência — não havia sentido em torturar um sujeito que não reagia.

No fim, por acaso Groto estava dizendo a verdade. Saren não conseguiu arrancar mais nada dele. Suspeitava disso, mas precisava ter certeza absoluta. Havia muita coisa em risco ali.

Alguém tinha contratado os Blue Suns. Alguém com riqueza e poder suficientes para garantir sua lealdade exclusiva. Alguém que tomara precauções a mais para que os Espectros não descobrissem o que estava acontecendo. Saren precisava saber quem tinha ordenado o ataque a Sidon e por quê. Bilhões de vidas poderiam estar em risco, e ele estava mais do que disposto a torturar um único mercenário por horas a fio, se houvesse a menor chance de saber qualquer coisa que ajudasse a resolver o caso.

Mas seus atos não eram inconsequentes. A sala à prova de som amplificara os gritos penetrantes e queixumes de sua vítima. Os gritos feriram fisicamente os ouvidos de Saren, e agora sua cabeça latejava de dor.

Da próxima vez, pensou ele, esfregando as têmporas, vou trazer protetores de ouvido.

Ele tinha colocado o batarian na cama no meio do interrogatório: era mais fácil trabalhar nele ali do que ter de se abaixar constantemente para alcançá-lo no chão. Agora Groto estava deitado, imóvel, de costas, respirando suavemente no sono profundo provocado pela completa exaustão física e mental.

Não havia muito mais o que arrancar dele, mas Saren tinha uma pista sólida a

seguir. Conhecia a reputação de Skarr e sabia que o caçador de recompensas ia para Elysium. Não devia ser difícil encontrar seu rastro lá.

Primeiro, porém, ele precisava limpar aquela bagunça. Não havia a opção de prender Groto: isso chamaria atenção e alertaria quem contratou os Blue Suns de que um Espectro estava no caso. Era mais fácil — e mais seguro — simplesmente dispor do corpo.

Saren colocou gentilmente a mão do outro lado da cabeça do batarian, depois deu uma torção selvagem em um ângulo estranho, quebrando o pescoço alongado. Uma morte rápida e indolor.

Afinal, ele não era um monstro.

ONZE

Anderson desembarcou em Elysium junto com outros trezentos passageiros que haviam reservado lugar no veículo de transporte público da Cidadela.

O porto de embarque fervilhava de gente. A multidão densamente apertada era um misto de cada espécie conhecida na galáxia: alguns chegavam, outros partiam, a maioria esperava em longas filas sinuosas para passar pelas estações de alfândega e de fronteira. A segurança sempre fora rigorosa em Elysium, mas com o ataque à base Sidon próxima, as coisas estavam sendo elevadas a um nível que Anderson nunca vira na vida.

Não que reprovasse isso. Bem localizada perto do nexo de vários portais primários e secundários, Elysium era um importante eixo para viagens e comércio que a Aliança não podia expor a possíveis ataques terroristas. A colônia tinha apenas cinco anos, mas já era um dos portos de comércio mais movimentados da Fronteira. A população explodia; recentemente tinha passado de 1 milhão, se incluíssem todos os vários e variados residentes alienígenas que contavam quase metade do total de habitantes. Infelizmente, isso também significava que um número desproporcionalmente alto de visitantes a Elysium era de não humanos, sujeitos a procedimentos de varredura mais intensos.

A segurança extra fazia das chegadas e partidas uma experiência longa e inconveniente para a maioria dos viajantes. Até os humanos eram submetidos a grandes atrasos; o desvio de funcionários para ajudar a processar os visitantes alienígenas implicava um número menor de pessoas para lidar com cidadãos da Aliança.

Felizmente para Anderson, sua identidade militar lhe dava o luxo de ultrapassar as longas filas. O guarda na estação da Aliança escaneou a digital de seu polegar e examinou sua identificação por alguns segundos antes de bater continência e acenar para que passasse.

Oficialmente, Anderson não estava ali em uma operação autorizada. Era só um fuzileiro da Aliança de licença, uma mentira crível o bastante para não chamar atenção indesejada e esconder o verdadeiro propósito de sua visita.

Jon Grissom era pai de Kahlee Sanders. Era evidente que eram afastados, mas ainda havia uma boa chance de Grissom saber alguma coisa que ajudasse na investigação de Anderson. Sidon ficava apenas a algumas horas de Elysium. Havia

registros de Sanders reservando uma passagem para lá quando saíra de serviço. E embora parecesse que Grissom não tinha se comunicado com a filha em pelo menos dez anos, era de conhecimento público que o soldado mais famoso da Aliança se aposentara precocemente e se tornara um recluso na maior colônia da humanidade na Fronteira.

Anderson ainda não conseguia aceitar a ideia de que Sanders fosse uma traidora. As peças simplesmente não se encaixavam. Mas ele sabia que ela tinha algum envolvimento: seu repentino desaparecimento tinha de ser mais do que coincidência. Talvez ela tivesse perdido a cabeça e entrado em pânico quando as coisas saíram de controle. Ele podia imaginá-la chegando a Elysium: assustada, sozinha, sem saber em quem confiar. Afastados ou não, o pai era a ajuda mais provável que ela procuraria.

Depois de deixar suas coisas no hotel, Anderson alugou um carro e dirigiu a propriedades isoladas nos arredores da cidade. Levou algum tempo para encontrar a casa de Grissom; os endereços na área eram tão discretos que chegavam a ser ocultos. Era evidente que os moradores dali valorizavam a privacidade.

Saindo do veículo, ele começou a longa caminhada pelo terreno em direção ao domicílio surpreendentemente pequeno, localizado o mais afastado possível da estrada. Anderson não entendia o desejo de Grissom de se retirar dos olhos do público. Respeitava o homem e sua reputação, mas não conseguia imaginar nada que justificasse que alguém simplesmente se retraísse como ele. Um soldado não dava as costas à Aliança desse jeito.

Você não está aqui para julgar, lembrou Anderson a si mesmo ao chegar à porta. Ele tocou a campainha e esperou, colocando-se em sentido involuntariamente. *Você só está aqui para encontrar Kahlee Sanders*.

Vários minutos se passaram antes de ele ouvir alguém resmungar e se aproximar do outro lado. Um instante depois a porta se abriu, revelando o almirante Jon Grissom em toda sua glória.

A continência que Anderson estava prestes a bater morreu em seu quadril. O homem diante dele não vestia nada além de um roupão surrado e cueca sambacação. Seu cabelo era comprido e despenteado e o rosto parcialmente escondido por uma barba de três dias de pelos grisalhos e pretos. Seus olhos eram duros e amargurados, e o rosto parecia paralisado numa carranca.

— O que você quer? — exigiu saber.

— Senhor — respondeu Anderson —, eu sou o tenente-comandante David And... Grissom o interrompeu:

— Sei quem você é. Nos conhecemos em Arcturus.

— É verdade, senhor — reconheceu Anderson, sentindo uma leve onda de orgulho por ser reconhecido. — Antes da Guerra do Primeiro Contato. Estou surpreso que se

lembre de mim.

— Estou aposentado, não senil. — Apesar da piada, não havia humor algum no tom de Grissom.

Houve um silêncio sem graça enquanto Anderson tentava conciliar as lembranças que tinha da figura icônica de Grissom no passado com o resmungão desganhado agora diante dele. Foi Grissom quem rompeu o silêncio:

— Olha, garoto, estou aposentado. Então volte e diga aos oficiais que não vou dar entrevista alguma nem fazer discursos nem aparecer só porque uma de nossas bases militares foi atacada. Para mim essa porcaria acabou.

Anderson investiu, convencido de que o homem havia cometido um lapso.

— Como sabe que Sidon foi atacada?

Grissom o olhou feio, como se ele fosse louco.

— Está em todas as porcarias de vídeos de notícias.

— Não é por isso que estou aqui — disse Anderson, tentando esconder o embaraço. — Podemos conversar aí dentro?

— Não.

— Por favor, senhor. É uma questão que prefiro não discutir aqui, em público.

Grissom manteve posição, bloqueando a porta para que Anderson não pudesse entrar.

O tenente percebeu que tato e diplomacia não seriam de utilidade alguma. Hora de ser certo.

— Fale-me de Kahlee Sanders, senhor.

— Quem?

O velho era bom. Anderson estivera esperando notar alguma reação ao nome da filha há muito perdida, o único sangue de seu sangue. Mas Grissom nem mesmo piscou.

— Kahlee Sanders — repetiu Anderson, a voz perceptivelmente mais alta. Era improvável que mais alguém ouvisse já que os vizinhos estavam longe demais. Mas ele precisava fazer alguma coisa para passar por aquela porta. — Sua filha. A soldado que saiu sem autorização de Sidon poucas horas antes de a base ser atacada. A mulher que procuramos como traidora da Aliança.

A carranca de Grissom tornou-se uma careta de puro ódio.

— Cale a boca e trate de entrar — murmurou ele, dando um passo para dentro.

Dentro da casa, Anderson seguiu seu anfitrião relutante à pequena sala de estar. Grissom se acomodou em uma das três poltronas, mas o tenente continuou de pé, esperando por um convite para fazer o mesmo. Depois de vários segundos, percebeu que o convite não viria e decidiu se sentar por conta própria.

— Como descobriu a respeito de Kahlee? — perguntou finalmente Grissom, falando com a maior despreocupação, como se eles estivessem discutindo o clima.

— Hoje em dia não existem segredos — respondeu Anderson. — Sabemos que ela foi vista pela última vez aqui em Elysium. Preciso saber se veio falar com o senhor.

— Não falo com minha filha desde antes de ela ser adolescente — respondeu Grissom. — A mãe dela não me tinha em alta conta como marido e pai, e não pude argumentar com ela. Imaginei que a melhor coisa a fazer era simplesmente sair de suas vidas.

Ele fez uma pausa. Então lembrou-se de repente:

— Ei, da última vez que vi você, disse que estava noivo. Uma garota esperando por você na Terra, não é? A essa altura, você deve estar casado. Meus parabéns.

Ele tentava desequilibrar Anderson. Grissom sabia muito bem como era difícil para um soldado da Aliança fazer um casamento dar certo e sua pergunta inocente pretendia abalar o visitante. Ele podia parecer um velho inofensivo e alquebrado, mas ainda lhe restava muito poder de fogo.

Anderson não mordeu a isca.

— Senhor, eu preciso de sua ajuda. Sua filha é suspeita de traição à Aliança. Isso não significa nada para o senhor?

— Por que significaria? — rebateu o velho. — Eu mal a conheço.

— Descobri que vocês dois eram parentes. Um dia outra pessoa também fará a ligação.

— O quê? Acha que estou preocupado com minha reputação? — zombou. — Você acha que vou lhe ajudar por que não quero que as pessoas saibam que o grande almirante Grissom tem uma filha ilegítima que é acusada de traição? Ha! Você é um desses que se importam com essas porcarias. Eu não dou a mínima.

— Não foi o que eu quis dizer, senhor — respondeu Anderson, recusando-se a ser provocado. — Rastreei Kahlee até aqui. Até o senhor. Isso quer dizer que outra pessoa também pode localizá-la. Procurei pelo senhor porque quero ajudar sua filha. Mas o próximo a vir atrás dela... E nós dois sabemos que outros virão... Pode querer prejudicá-la.

Grissom inclinou-se lentamente para a frente e colocou a cabeça entre as mãos, pensando nas palavras de Anderson. Passaram-se vários longos segundos até ele voltar a se sentar reto. Seus olhos estavam banhados de lágrimas.

— Ela não é uma traidora — sussurrou ele. — Ela não teve nada a ver com isso.

— Acredito no senhor — disse Anderson, com a voz sincera e solidária. — Mas muitos outros não acreditariam. Por isso, preciso encontrá-la. Antes que aconteça alguma coisa com ela.

Grissom não disse nada, simplesmente ficou sentado ali, mordendo o lábio inferior.

— Não vou deixar que nada de mal aconteça com ela — tranquilizou-o Anderson.

— Dou a minha palavra.

— Ela veio aqui — finalmente admitiu Grissom, respirando fundo. — Disse que tinha problemas. Alguma coisa a ver com Sidon. Não pedi detalhes. Acho... Acho que estava com medo do que ela podia me contar.

Ele se inclinou para a frente e de novo pôs a cabeça entre as mãos.

— Eu nunca estive presente quando ela estava crescendo — murmurou Grissom, dando a impressão de estar prestes a chorar. — Não podia dar as costas a ela agora. Devia-lhe isso.

— Eu entendo, almirante — disse Anderson, estendendo o braço para colocar a mão reconfortante no ombro de Grissom. — Mas precisa me dizer para onde ela foi.

Grissom o olhou com uma expressão sincera e vulnerável.

— Dei a Kahlee o nome de um capitão de cargueiro nos portos. Errhing. Capitão da *Gossamer*. Ele ajuda quem quer desaparecer. Ela saiu ontem à noite.

— Para onde ela foi?

— Não perguntei. Errhing cuida de todos os detalhes. Você precisa falar com ele.

— Onde ele está?

— A *Gossamer* partiu esta manhã em missão comercial para as imediações dos Sistemas Terminus. Só voltará daqui há semanas.

— Não temos semanas, senhor.

Grissom se levantou, a postura um pouco mais reta se comparada com aquela que recebera Anderson, como se seus músculos tentassem lembrar como era se postar orgulhosamente em posição de sentido.

— Então acho que terá de levar suas patrulhas para lá e encontrá-lo, soldado. Ele é o único que pode levar você a minha filha.

Anderson se levantou rapidamente.

— Não se preocupe, almirante. Não vou deixar que nada aconteça a ela.

Ele ia bater continência, mas Grissom virou a cabeça.

— Não — murmurou ele, envergonhado. — Não mereço isso. Não mais.

Anderson, então, estendeu a mão. O homem mais velho hesitou por um momento, depois pegou sua mão num aperto surpreendentemente firme.

— Você é um homem melhor do que fui, Anderson. A Aliança tem sorte por tê-lo.

O tenente não sabia o que dizer, então se limitou a concordar com a cabeça. Grissom o pegou firmemente pelo cotovelo e o levou para a porta da frente.

— Lembre-se de sua promessa — falou Grissom, à guisa de despedida. — Não deixe que nada aconteça à minha filha.

Grissom viu o tenente sair de sua casa pela tela de vídeo da câmera de segurança acima da porta, virando-se apenas quando o jovem entrou em seu veículo e partiu. Depois voltou lentamente aos fundos da casa e bateu uma vez na porta fechada de

seu quarto.

Um segundo depois, Kahlee abriu a porta e perguntou:

— Quem era?

— Um xereta da Aliança que descobriu que somos parentes. Despachei-o numa perseguição inútil. Ele vai passar as próximas duas semanas perto dos Sistemas Terminus procurando um velho amigo meu.

— Tem certeza de que ele engoliu? — perguntou Kahlee.

— Dei a ele exatamente o que queria — replicou Grissom, com um sorriso cínico —, a chance de ajudar um velho e alquebrado herói a se lembrar de algo que ele costumava ser. Mas não é com ele que temos de nos preocupar. As coisas vão ficar complicadas até descobrirmos alguém envolvido no ataque a Sidon.

Kahlee pegou a mão dele, apertando bem entre suas palmas.

— Obrigada — disse ela, olhando nos olhos do pai. — Eu falo sério.

Ele balançou a cabeça e, pouco à vontade, remexeu-se até que ela soltou sua mão.

— Vamos esperar mais alguns dias — disse, virando-se e deixando a filha na privacidade do quarto —, depois pensaremos num jeito de tirar você deste planeta.

Uma sombra longa e escura arrastava-se rapidamente e em silêncio pelo terreno enluarado da propriedade de Grissom, seguindo para a casa.

Skarr podia se movimentar em silêncio quando queria, mesmo de armadura completa. Isso o tornava mais lento, mas de qualquer maneira ele costumava depender de sua força e não da velocidade.

Não havia luzes no interior da pequena casa do homem que Skarr agora sabia ser o pai de seu alvo. Ficara surpreso quando o corretor de informações batarian apareceu com o nome de um herói da Aliança, mas isso não alterava realmente seu trabalho. Só significava que haveria outros efeitos colaterais quando terminasse.

O krogan não tinha certeza se Kahlee Sanders estava lá dentro, mas, mesmo que não estivesse, o pai devia saber onde encontrá-la. Skarr confiava que podia fazer um humano falar... Desde que não o matasse primeiro por acidente. Por isso ele viajava sem bagagem, armado apenas de uma pistola e sua faca preferida.

Ele parou na frente da única porta, procurando por sinais de vida. Do cinto, pegou sua omnitool, usando-a para acessar e desarmar o sistema de segurança e ultrapassar a tranca eletrônica. Devolveu a omnitool ao cinto, pegando desta vez a pistola, e abriu a porta.

Com os olhos ainda se adaptando à escuridão, ele colocou um pé pela soleira da porta. O disparo de uma escopeta o atingiu em cheio no peito.

Houve um clarão azul quando o sistema reflexivo do campo de barreira cinética reagiu ao impacto, desviando a maior parte dos tiros sem causar danos. Algumas balas passaram pela barreira cinética e ricochetearam nas placas ablativas de sua

armadura ou se enterraram no acolchoado grosso por baixo. Um punhado penetrou cada camada de proteção e atingiu seu corpo.

A potência do estouro arrancou o krogan do chão, derrubando a pistola de sua mão e jogando-o porta afora, fazendo-o cair pesadamente no chão.

Grissom pulou da cadeira onde fazia vigília noturna desde que Kahlee havia chegado e levantou a arma para dar outro tiro. Reconheceu o clarão azul das barreiras cinéticas do invasor, que absorveram a maior parte do impacto inicial. Mas o tiro à queima-roupa esgotaria os escudos e mais um bom disparo encerraria o trabalho.

Deitado de costas, Skarr arrancou a faca do cinto e a atirou girando em seu atacante. A lâmina se enterrou fundo no músculo do bíceps esquerdo de Grissom enquanto ele apertava o gatilho para disparar de novo, derrubando-o de costas e desviando seu braço. Em vez de explodir a cabeça do krogan, abriu um buraco chamuscado no chão ao lado dele.

O cano da escopeta escorregou da mão de repente denervada de Grissom. Skarr estava de pé e voltou para dentro da casa antes que o velho pudesse usar o braço bom para apontar a arma de novo. Berrando de fúria, o krogan jogou a arma para longe com um punho maciço, fazendo-a derrapar para a sala de estar. Ele agarrou o humano e jogou contra a parede com força suficiente para rachar o reboco.

A lâmina escorregou do braço de Grissom enquanto ele arriava no chão, arrancando todo o ar de seus pulmões. O alienígena assomou diante dele, virando levemente a cabeça para fixar nele um de seus olhos frios de réptil. Grissom não era nenhum covarde, mas sentiu o medo apertar o coração ao olhar a pupila morta e preta.

Então ouviu um *crack, crack, crack* alto — o disparo familiar de uma Hahne-Kedar P15-25 da Aliança —, e o krogan cambaleou. Foi baleado três vezes na corcova pesada de músculos e ossos em suas costas, mas ainda estava de pé.

O tenente Anderson estava à porta, de pistola em punho. Entrou na sala, disparando a pistola mais meia dúzia de vezes enquanto o krogan se virava para ele. Mirava baixo, procurado atingir as pernas. Um dos tiros encontrou a articulação exposta do joelho, onde as placas duras de armadura corporal eram conectadas por uma malha flexível e acolchoada, mas vulnerável.

Rugindo de fúria e agonia, o krogan caiu no chão, agarrado à articulação ferida.

— Mais um movimento e o próximo tiro vai ser entre seus olhos — avisou Anderson, apontando a mira para o sulco ossudo que corria pelo alto do crânio do krogan.

Grissom ficou impressionado. Não era fácil derrubar um humano de armadura completa com uma pistola, que dirá um krogan.

— Estou feliz por ver você — conseguiu dizer, ofegante, depois que o ar voltou a

seus pulmões.

— Não esperava sinceramente que eu fosse enganado por aquele showzinho que deu outro dia — respondeu Anderson, sem desviar os olhos ou a arma do krogan no canto. — Fiquei observando este lugar desde que saí por aquela porta.

Grissom se levantou com esforço, o braço esquerdo ainda pendurado inutilmente, o direito apertado no ferimento que sangrava em abundância. Um gemido de dor escapou de seus lábios.

— Seu amigo está ferido — grunhiu o krogan.

Anderson não se deixou distrair, nem mesmo por um instante.

— Ele é durão. Vai sobreviver.

O krogan sangrava do tiro no joelho. A armadura no peito estava salpicada de pequenos buracos, e o acolchoado por baixo mostrava-se chamuscado e queimado. Escorria sangue escuro de três deles. Anderson deduziu que pelo menos um dos tiros nas costas tinha penetrado fundo o suficiente para causar algum dano. Mas ele já vira krogans levarem uma surra bem maior do que aquela e continuarem andando.

O alienígena no chão era como uma fera machucada: furioso, desesperado e imprevisível. Ele arquejava, mas era difícil saber se de dor, do esforço ou de raiva. Sua cara marcada e brutal era uma máscara de concentração intensa; seus músculos estavam retesados, como se ele se preparasse para fazer um movimento.

Mas se tentasse qualquer coisa, Anderson lhe daria um tiro na cabeça à distância de 3 metros. Nem um krogan poderia sobreviver a isso.

Ele ouviu uma porta se abrir e passos apressados pelo corredor.

— Ah, Deus! Você está ferido! — gritou uma mulher.

Anderson não era idiota o suficiente para virar a cabeça. Mas por uma fração de segundo seus olhos foram na direção da voz. Era todo o tempo de que o krogan precisava.

Ele investiu com um punho, provocando uma onda de choque de energia pela sala. Anderson nunca fora atingido por um ataque biótico e não esperava isso do krogan. Na fração de segundo de que precisou para perceber o que estava acontecendo, ele foi erguido no vórtice e atirado pela sala de estar, direto para o chão. Sentiu que estava numa câmara de gravidade artificial quando alguém muda a polaridade: uma força instantânea, inescapável e irresistível.

Não conseguiu se recuperar a tempo de pegar a pistola caída, nem pôde alcançar a escopeta que estava logo ao lado. De algum modo, o krogan, apesar dos ferimentos, já estava novamente de pé e quase em cima dele, girando o punho com força suficiente para enterrar no crânio de Anderson. Ele se esquivou para o lado, evitando o soco. O golpe pegou em cheio a mesa da sala de estar; ela se desintegrou em lascas com o impacto.

Tudo tinha degenerado em caos. Grissom gritava para Kahlee correr, ela gritava

para Anderson pegar uma das armas. O krogan rugia de fúria, debatendo-se pela sala, atirando-se e jogando a mobília como se fosse feita de madeira balsa enquanto Anderson se esquivava pelo bem da própria vida, capaz apenas de evitar os golpes mortais porque seu oponente ainda mancava do ferimento no joelho.

Pelo canto do olho, ele viu Kahlee avançar para a briga, investindo desesperadamente para pegar a escopeta. O krogan também viu e girou para a jovem. Ele a mataria ali se outra bala não tivesse rompido por uma fenda em sua armadura no quadril, fazendo-o perder o equilíbrio e errar o golpe.

Anderson girou a cabeça e viu um turian parado na porta onde ele mesmo estivera minutos antes, disparando uma pistola no krogan. O tenente não fazia ideia de quem era ou por que estava ali. Apenas ficou feliz por mais alguém estar do lado deles.

A maioria dos tiros ricocheteou na armadura do krogan enquanto a fera se abaixava e tentava cobrir a cabeça, a única parte exposta do corpo. Ele olhou para trás, para o turian, depois pulou pela janela da sala, quebrando a vidraça. O krogan caiu sobre o ombro na grama do lado de fora e se colocou de pé, rolando, em um movimento suave. Partiu às pressas, com um andar desajeitado devido à perna ferida, mas se movimentava muito mais rápido do que Anderson teria acreditado ser possível numa criatura de seu tamanho.

O turian saiu e deu mais alguns tiros no escuro, depois se virou e voltou para casa.

— Não vai atrás dele? — perguntou Grissom ao aliado desconhecido. Ainda estava sentado no chão, mas usou o cinto do roupão para fazer um torniquete no braço, estancando o sangramento no bíceps ferido.

— Não armado apenas com isto — respondeu o turian, levantando a pistola. — Além do mais, só um tolo enfrenta sozinho um krogan biótico.

— Acho que o que o almirante Grissom queria dizer — intercedeu Anderson, aproximando-se e estendendo a mão — era “obrigado por nos salvar”.

O turian fitou a mão estendida, mas não fez qualquer esforço para retribuir o cumprimento. Sem graça, o tenente retraiu a mão.

— Sei por que ele está aqui — disse Grissom entre os dentes cerrados contra a dor, apontando na direção de Anderson. — Qual é a sua história?

— Estou seguindo Skarr há dois dias — respondeu o turian. — Esperando que ele tomasse uma atitude.

— Seguindo? — perguntou Kahlee ao se aproximar para ver o ferimento do pai. — Para quê? Quem é você?

— Meu nome é Saren. Sou um Espectro. E quero algumas respostas.

DOZE

Anderson e o Espectro sentaram-se na cozinha, encarando-se pela mesa sem falar nada. A sala de estar teria sido mais confortável, mas nenhuma das cadeiras sobrevivera à violência do krogan.

Como em todos os turians, a cara de Saren era coberta por uma dura máscara de cartilagem. Mas a de Saren tinha cor clara de osso, parecida com um crânio. Lembrava Anderson das antigas pinturas da Terra que retratavam o Ceifador Sinistro, a incorporação da morte.

Kahlee estava nos fundos da casa, cuidando dos ferimentos de Grissom. O almirante tentou protestar, mas estava fraco por causa da perda de sangue e ela conseguiu convencê-lo a se deitar. Encontrou em seu armário de remédios kits militares de campo com medigel suficiente para estabilizar sua condição, e agora fazia um curativo.

Ela queria levá-lo ao hospital ou pelo menos chamar uma ambulância, mas o Espectro negou permissão terminantemente.

— Depois de responder a minhas perguntas. — Foi só o que ele disse.

Anderson percebeu de imediato que não gostava de Saren. Qualquer um que usasse a dor prolongada e o sofrimento de um familiar como alavanca era um sádico e opressor.

— Ele está descansando agora — disse Kahlee, vindo de trás. — Eu lhe dei um sedativo.

Ela entrou na cozinha e se sentou ao lado de Anderson, instintivamente se alinhando com alguém da própria espécie.

— Faça logo as suas perguntas — disse ela rigidamente —, assim posso levar meu pai a um hospital.

— Coopere e tudo acabará logo — garantiu Saren, acrescentando: — Fale-me da base militar de Sidon.

— Foi destruída por um ataque terrorista — respondeu Anderson, antecipando-se, antes que Kahlee pudesse dizer alguma coisa incriminadora.

O turian o fuzilou com os olhos.

— Não tente me fazer de bobo, humano. Aquele krogan que quase matou todos vocês é um caçador de recompensas chamado Skarr. Eu o estou seguindo pelos últimos dois dias.

— E o que isso tem a ver conosco? — perguntou Kahlee num tom tão inocente que Anderson quase acreditou que ela realmente não sabia o que estava acontecendo.

— Ele foi contratado pelo homem que ordenou o ataque a Sidon — respondeu Saren, com uma carranca. — Mandaram-no para eliminar a única sobrevivente da base. Você.

— Parece que sabe mais a respeito disso do que nós — argumentou Anderson.

O turian bateu o punho na mesa.

— Por que a base foi atacada?! No que vocês estavam trabalhando lá?

— Tecnologia de protótipos — propôs Kahlee antes que Anderson pudesse falar.

— Armas experimentais para os militares da Aliança.

Saren tombou a cabeça de lado, confuso.

— Tecnologia de armas experimentais? Só isso?

— O que quer dizer com “só isso”? — disparou Anderson, sem acreditar, acompanhando a mentira que Kahlee lhe oferecera com tanta habilidade.

— Não me parece uma justificativa para atacar uma base fortemente armada da Aliança — respondeu o turian.

— Estamos à beira de uma guerra na Fronteira — insistiu Anderson. — Todo mundo sabe que somos nós ou os batarians. Por que eles não iam querer atacar nossa principal base de pesquisa de armamento?

— Não — disse Saren, categoricamente. — Tem algo mais. Vocês estão escondendo alguma coisa.

Houve uma longa pausa e o turian despreocupadamente sacou a pistola e a colocou na mesa.

— Talvez vocês não entendam toda a extensão da autoridade de um Espectro — disse, num tom ameaçador. — Eu tenho o direito legal de tomar qualquer atitude que considere necessária durante minhas investigações.

— Até nos matar? — exclamou Kahlee, a voz se elevando de choque e incredulidade.

— Eu sigo duas regras — explicou Saren. — A primeira é: nunca matar alguém sem motivo.

— E a segunda? — perguntou Anderson, desconfiado.

— Sempre é possível encontrar um motivo para matar alguém.

— Biótica — soltou Kahlee. — Tentávamos encontrar um meio de transformar humanos em bióticos.

Por um momento, o turian pensou na explicação que ela deu. Então, perguntou:

— E quais foram os resultados?

— Estávamos perto — admitiu a jovem, amansando mais a voz. — Encontramos alguns humanos com capacidades bióticas latentes. Principalmente crianças. Muito

mais fracas do que o que medimos em outras espécies, mas com nódulos de amplificação e o treinamento correto, ainda temos esperanças nos resultados. Tínhamos concluído uma cirurgia de implantação em vários de nossos candidatos mais promissores algumas semanas atrás. Nenhum deles sobreviveu ao ataque.

— Sabe quem ordenou o ataque? — perguntou o Espectro, mudando de rumo.

Kahlee meneou a cabeça.

— Provavelmente batarians. Eu estava de licença quando aconteceu.

— Por que vieram atrás de você agora? — pressionou Saren.

— Eu não sei! — gritou ela, socando a mesa, exasperada. — Talvez pensem que posso reativar o programa. Mas eles destruíram os arquivos. Mataram os objetos de teste. Toda nossa pesquisa desapareceu!

Ela baixou a cabeça nos braços, chorando contra a mesa.

— E agora estão todos mortos — murmurou Kahlee, entre soluços. — Todos os meus amigos. O Dr. Qian. Todos eles... Mortos.

Anderson colocou a mão reconfortante em seu ombro, enquanto o turian continuava sentado, observando impassivelmente. Depois de vários segundos, ele se afastou da mesa e se levantou.

— Vou descobrir quem ordenou o ataque — falou ao recolocar a arma no cinto e se virar para sair. — E por quê.

Na porta, Saren parou e se virou para os dois.

— E se vocês estiverem mentindo para mim, descobrirei também.

Um instante depois ele saiu, desaparecendo na noite.

Kahlee ainda chorava. Anderson a puxou para perto, tentando lhe oferecer algum conforto. Ela fizera um bom trabalho com Saren, tecendo mentiras com fios de verdade suficientes para amarrar bem a história. Mas agora não havia nada de falso em sua reação. As pessoas de Sidon eram suas amigas e todas haviam morrido.

Ela encostou a cabeça nele, procurando conforto na proximidade de um companheiro humano. Alguns minutos depois, as lágrimas pararam, e ela se afastou gentilmente.

— Desculpe por isso. — Ela soltou um riso nervoso e tristonho, enxugando os olhos.

— Está tudo bem — respondeu Anderson. — Você passou por muita coisa.

— E agora, o que vai acontecer? — perguntou ela. — Você vai me prender?

— Ainda não — admitiu ele. — Fui sincero no que disse a seu pai outro dia. Não acredito que você seja traidora. Mas preciso que me conte o que está havendo. E não a história que contou ao turian. Quero a verdade.

Kahlee balançou a cabeça e fungou.

— Acho que é o mínimo que posso fazer depois de você arriscar sua vida por nós. Mas podemos levar meu pai ao hospital primeiro?

— É claro.

Por acaso, não seria fácil levar Grissom ao hospital. Ele era um sujeito grande e o sedativo que Kahlee lhe dera o deixou grogue. Não passava de um peso morto. Um peso morto que não ajudava em nada.

— Me deixem em paz — resmungou ele, enquanto os dois lutavam em vão para tirá-lo da cama e colocá-lo de pé.

Kahlee se colocou ao lado da cama, segurando seu braço bom. Anderson estava do outro lado, desajeitado, pegando-o pela cintura e pelas costas para não tocar no bíceps ferido. Sempre que tentavam colocar Grissom sentado, ele simplesmente arriava de volta.

A filha tentava argumentar com ele, grunhindo a cada vez que se esforçavam para levá-lo:

— Temos de... Hum... Levar você... Hum... A um hospital. Ugh!

— O sangramento parou — protestou Grissom, suas palavras grossas e arrastadas pelo sedativo. — Me deixa dormir.

— Vamos tentar outra coisa — sugeriu Anderson a Kahlee, levantando-se e contornando a cama até o lado dela. Ele se sentou na beira da cama, de frente para o almirante, puxando o braço bom do velho para suas costas e por sobre seu ombro. Com a ajuda de Kahlee, ele conseguiu se levantar, pegando o peso considerável de Grissom atravessado pelo ombro.

— Me solta, seu desgraçado! — gemeu Grissom.

— Você levou uma facada no braço e foi jogado contra a parede por um krogan irritado — disse Anderson, dando um passo hesitante para o corredor. — Alguém precisa dar uma olhada em você.

— Seu filho da mãe idiota — murmurou Grissom. — Eles vão saber que Kahlee está se escondendo aqui.

Anderson hesitou, depois cambaleou um passo para trás e ficou entre se sentar e cair na cama, deixando Grissom escorregar de volta ao leito.

— Ele é pesado demais? — perguntou Kahlee, preocupada com os dois.

— Não — replicou Anderson, ofegando um pouco do esforço. — Mas ele tem razão. Se o levarmos, você está acabada.

— Do que está falando?

— Os portos já estão em estado de alerta devido ao ataque a Sidon. Se levarmos uma lenda da Aliança como o almirante Jon Grissom a um hospital com esse tipo de ferimento, a segurança irá à estratosfera. De jeito algum vamos conseguir tirá-la do planeta sem que seja reconhecida. Eu acredito na sua inocência, Kahlee, mas ninguém mais acredita. Vão prendê-la assim que puserem os olhos em você.

— Então, vou ficar na casa — disse ela. — Ninguém sabe que estou aqui. Ninguém nem mesmo sabe que somos parentes.

— Sei, sei. Ninguém além de mim, um Espectro, aquele krogan... Todos nós deduzimos, Kahlee. Quanto tempo até que mais alguém faça a ligação e venha xeretar por aqui? Antes de tudo isso, ninguém sabia quem era você. Ninguém se interessava. Agora você é suspeita de traição... Seu nome e sua foto estão em cada vídeo de notícias lá fora. Os repórteres vão cavar seu passado, tentando descobrir tudo sobre você. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai chegar à verdade.

— E o que vamos fazer?

Foi Grissom quem veio com a resposta.

— Dê o fora deste planeta — murmurou ele. — Conheço gente que pode passar você pela segurança do porto. Só preciso ligar para eles de manhã.

Com essa, Grissom rolou na cama e começou a roncar, finalmente cedendo ao sedativo. Anderson e Kahlee foram para a cozinha.

— Seu pai é um homem muito inteligente — falou Anderson.

Kahlee concordou, mas só o que respondeu foi:

— Está com fome? Se vamos ficar aqui até de manhã, podemos muito bem comer alguma coisa.

Encontraram um pouco de pão, frios e mostarda na geladeira, além de 36 latas de cerveja. Jogando uma para Anderson, Kahlee falou:

— Ele deve ter alguma coisa mais forte escondida por aqui, se estiver interessado.

— Cerveja está ótimo — respondeu Anderson, abrindo a lata e tomando um gole. Era uma cerveja local, que ele nunca experimentara. Um pouco forte e amarga, mas sem deixar travo. — Deve cair bem com o sanduíche.

— Não é lá uma boa refeição — desculpou-se ela, depois que se sentaram à mesa.

— Está tudo bem. Mas o gosto fica meio estranho com o pão gelado. Quem guarda pão na geladeira?

— Minha mãe sempre fez isso — respondeu Kahlee. — Acho que era a única coisa em que meus pais podiam concordar. Que pena que se precisa de mais do que isso para um casamento dar certo.

Ficaram em silêncio então, deixando que a mente divagasse. Quando terminaram, Anderson recolheu os dois pratos e os levou para a bancada. Pegou uma cerveja para cada um na geladeira e voltou à mesa.

— Muito bem, Kahlee — falou ele, entregando-lhe a lata —, sei que foi uma noite longa. Mas precisamos conversar. Está disposta a isso?

Ela concordou.

— Não precisa se apressar — disse-lhe Anderson. — Comece pelo início e siga a partir daí. Preciso saber de tudo.

— Não estávamos trabalhando em pesquisa biótica na base — começou ela

mansamente, depois sorriu. — Mas acho que você já sabe disso.

Ela tem um lindo sorriso, pensou Anderson.

— Mas foi uma boa história para o Espectro — replicou ele em voz alta. — Se ele descobrisse o que realmente estava acontecendo... — Interrompeu-se, lembrando-se dos alertas da embaixatriz Goyle sobre os Espectros.

Saren salvara a vida dos três. Anderson se perguntou se realmente teria coragem de assassinar o turian caso fosse necessário para guardar o segredo da humanidade. E, mesmo que tentasse, será que teria conseguido?

— Digamos apenas que foi raciocínio rápido de sua parte — disse, finalmente.

Kahlee ouviu o elogio sem se alterar e continuou com a história, a voz aos poucos ganhando confiança:

— Sidon era dedicada a uma única tarefa específica: o desenvolvimento e estudo de inteligência artificial. Sabíamos que era arriscado, mas tínhamos protocolos de segurança rígidos para garantir que nada desse errado. Comecei como analista de sistemas júnior na base dois anos atrás, trabalhando diretamente sob as ordens do Dr. Qian, o homem encarregado do projeto. As pessoas usam o termo “gênio” o tempo todo — disse, sem tentar esconder a admiração. — Mas ele era mesmo gênio. Sua mente... Sua pesquisa, o modo como ele pensa... Estavam num nível muito acima do que o resto de nós pode sequer imaginar alcançar. Como a maioria das pessoas de lá, eu simplesmente fazia o que o Dr. Qian mandava. Na metade do tempo nem mesmo entendia inteiramente por que estava fazendo.

— Por que você não estava em Sidon quando a base foi atacada? — perguntou Anderson, gentilmente conduzindo à parte relevante da história.

— Alguns meses atrás, percebi umas mudanças no comportamento do Dr. Qian. Ele passava um tempo cada vez maior no laboratório. Começou a trabalhar em turnos dobrados, mal dormia. Mas parecia ter uma reserva inesgotável de energia desesperada e frenética.

— Ele tinha algum transtorno compulsivo?

— Acho que não. Nunca vi qualquer sinal disso. Mas de repente estávamos integrando todo tipo de novo equipamento nos sistemas. Nossa pesquisa começou a tomar rumos totalmente diferentes. Abandonamos inteiramente as práticas convencionais e passamos a teorias novas e radicais. Estávamos usando tecnologia protótipo e projetos diferentes de qualquer coisa que já havíamos feito. No início, eu simplesmente pensava que o Dr. Qian tinha feito alguma descoberta. Algo que o havia deixado muito entusiasmado. No começo, foi estimulante. A empolgação dele nos contagiava. Mas depois de um tempo, comecei a ficar desconfiada.

— Desconfiada?

— É difícil explicar. Alguma coisa no Dr. Qian estava diferente. *Alterada*. Trabalhei com ele por quase dois anos. Ele não era assim. Sem dúvida nenhuma

havia algo errado. Ele não estava apenas trabalhando mais. Estava obcecado. Como se ele fosse... Impelido por alguma coisa. E parecia que escondia algo também. Algum segredo que não queria que ninguém mais do projeto soubesse. Antes disso, se ele precisasse de alguma coisa de você, entraria em detalhes torturantes sobre por que seu trabalho era importante. Explicaria como ele se inter-relacionava com cada outro departamento no projeto, embora eu pensasse que o Dr. Qian não conhecia mais ninguém que realmente compreendesse toda a complexidade de nosso trabalho ali.

Fez uma curta pausa, antes de prosseguir:

— Os últimos meses foram diferentes. Ele parou de se comunicar com a equipe; dava ordens, mas não explicações. Aquele não era ele. Então comecei a procurar nos bancos de dados. Até invadi os arquivos restritos do Dr. Qian para ver o que podia descobrir.

— Você o quê?! — Anderson ficou chocado. — Não acredito que você... Como isso é possível?

— Algoritmos de criptografia e segurança são a minha especialidade — respondeu Kahlee, com certo orgulho. Depois sua voz assumiu um tom defensivo: — Olha aqui, eu sei que era ilegal. Sei que desrespeitei a cadeia de comando. Mas você não estava lá. Não entende como o Dr. Qian agia de forma estranha.

— E o que descobriu?

— Ele não apenas tinha levado o projeto a uma nova direção radical. Nossa pesquisa estava completamente desvirtuada. Todas as novas teorias. O equipamento novo... Tudo era base de preparação de nossas redes neurais para conexão com algum artefato alienígena!

— E daí? — perguntou Anderson, dando de ombros. — Quase todos os grandes avanços que fizemos nas últimas duas décadas foram baseados em artefatos protheans. E não apenas nós... A sociedade galáctica sequer existiria se não fosse por tecnologia alienígena compatível. Cada espécie no Espaço da Cidadela ainda estaria presa a seu próprio sistema solar.

— Isso é diferente — insistiu Kahlee. — Pense nos retransmissores de massa. Só temos uma compreensão limitada de como eles funcionam. Sabemos como usá-los, mas não entendemos o suficiente para tentar construir um. Em Sidon, tentávamos criar uma inteligência artificial, possivelmente a arma mais devastadora que podíamos soltar na galáxia. E o Dr. Qian queria introduzir um elemento à pesquisa que estava além até da compreensão dele.

Anderson fez que sim, lembrando-se do infame Projeto Manhattan do início do século XX, que estudara nos cursos de história da Academia. Desesperados para criar uma arma atômica, os cientistas do projeto se expuseram inadvertidamente a níveis perigosos de radiação como rotina de seus experimentos. Dois pesquisadores

de fato morreram no projeto, e muitos outros foram acometidos de câncer e diversas consequências de longo prazo devido ao envenenamento prolongado por radiação.

— Não devíamos repetir os erros do passado — disse Kahlee, sem tentar esconder a decepção na voz. — Pensei que o Dr. Qian fosse mais inteligente.

— Você ia denunciá-lo, não ia?

A jovem concordou lentamente com a cabeça.

— Estava fazendo a coisa certa, Kahlee — assegurou ele, percebendo a incerteza em sua expressão.

— É difícil acreditar nisso quando todos os meus amigos estão mortos.

Anderson via que ela estava sofrendo de um caso clássico de culpa do sobrevivente. Embora lamentasse por ela, ainda precisava de mais informações.

— Kahlee... Ainda temos de entender quem fez isso. E por quê.

— Talvez alguém quisesse impedir o Dr. Qian — propôs ela aos sussurros. — Talvez minha investigação tenha dado a dica a alguém. Algum superior. E decidiram encerrar o projeto para sempre.

— Acha que alguém da Aliança fez isso? — Anderson ficou horrorizado.

— Não sei o que pensar! — exclamou. — Só sei que estou cansada e com medo e só quero que tudo acabe!

Por um segundo, ele pensou que seu pranto recomeçaria, mas Kahlee não chorou. Em vez disso, ela o olhou fixamente.

— E então, ainda vai me ajudar a descobrir quem está por trás disso? Mesmo que se revele que a Aliança está envolvida de alguma maneira?

— Estou do seu lado — garantiu-lhe ele. — Não acredito que alguém da Aliança esteja por trás disso. Mas se for o caso, farei o que puder para entregá-lo.

— Confio em você — falou Kahlee, depois de alguns instantes. — E agora?

Ela havia sido franca com ele. Agora Anderson precisava retribuir.

— O Comando da Aliança me revelou acreditar que quem atacou a base estava atrás do Dr. Qian. Acham que ele talvez ainda esteja vivo.

— Mas os vídeos dizem que não houve sobreviventes!

— Não há como ter certeza. A maioria dos corpos foi pulverizada na cena.

— E por que agora? — perguntou Kahlee. — O projeto já estava em operação havia anos.

— Talvez só tivessem descoberto agora. Talvez a nova pesquisa de Qian houvesse dado uma pista. Talvez exista alguma ligação com aquele artefato alienígena que ele descobriu.

— Ou talvez eu os tenha obrigado a agir.

Anderson não ia deixar que ela tomasse esse caminho.

— Não foi culpa sua — disse, inclinando-se e pegando sua mão com força. — Você não ordenou o ataque a Sidon. Não ajudou ninguém a passar pela segurança da

base. — Ele respirou fundo, depois falou as palavras seguintes lenta e enfaticamente: — Kahlee, você não é responsável por isto.

Anderson soltou a mão dela e voltou a se recostar. Então, finalizou:

— E eu preciso que você me ajude a descobrir quem foi. Precisamos descobrir se mais alguém sabia do artefato prothean.

— Não era prothean — corrigiu ela. — Pelo menos, não de acordo com as anotações do Dr. Qian.

— Então era o quê? Asari? Turian? Batarian?

— Não. Nada parecido com isso. Qian não sabia exatamente o que era. Mas era antigo. Ele pensava que podia ser anterior até mesmo aos protheans.

— Anterior aos protheans? — repetiu Anderson, tentando se certificar de ter ouvido direito.

— Era o que pensava Qian — disse Kahlee, dando de ombros.

— Onde ele o encontrou? Onde está o artefato agora?

— Não acho que sequer tenha estado na base. O Dr. Qian não o teria levado para lá até que estivesse pronto para ser integrado em nosso projeto. E ele poderia tê-lo encontrado em qualquer lugar — admitiu ela. — A cada poucos meses, ele saía da base por uma ou duas semanas. Sempre supus que estivesse fazendo algum relatório de status a seus superiores no Comando da Aliança, mas quem sabe para onde ia ou o que estava aprontando?

— Alguém de fora da base tinha de saber sobre isso — pressionou Anderson. — Você mencionou que o Dr. Qian mudou, que levou a pesquisa a toda uma nova direção. Não havia ninguém no projeto que pudesse ter percebido alguma coisa fora do comum?

— Não consigo pensar em... Espere! O equipamento de nossa nova pesquisa! Tudo vinha do mesmo fornecedor em Camala!

— Camala? O fornecedor de vocês era batarian?

— Nunca tratamos diretamente com eles. — Kahlee falava rapidamente. — As compras suspeitas de equipamento em qualquer lugar no Espaço da Cidadela despertam alerta e são denunciadas ao Conselho. Em toda a existência do projeto, usamos centenas de empresas-laranja para fazer os pedidos de cada componente; pedidos pequenos demais para atrair a atenção. Depois os configurávamos na base e eram integrados a nossa infraestrutura de equipamento. Mas o Dr. Qian queria evitar problemas de compatibilidade em nossas redes neurais, então se certificou de que quase tudo pudesse remontar a um único fornecedor: as Indústrias Dah'tan.

Isso fazia sentido de um jeito tortuoso, percebeu Anderson. Dada a atual tensão política entre batarians e humanos, ninguém suspeitaria de que o principal fornecedor de um projeto de pesquisa confidencial da Aliança estaria sediado em Camala.

— Se alguém da fornecedora percebeu um padrão nas compras — continuou

Kahlee —, pode ter deduzido o que estávamos fazendo.

— Assim que Grissom nos tirar desse mundo — declarou Anderson —, vamos fazer uma visitinha às instalações da Dah'tan.

TREZE

Saren caminhou pela escuridão da noite sem lua de Elysium na direção do veículo que o esperava. Ele sabia que os humanos na casa escondiam alguma coisa dele. Havia mais em Sidon do que tinham admitido.

Como Espectro, ele tinha o direito legal de extrair à força informações de qualquer um, até de soldados da Aliança. Mas ter esse direito e realmente ser capaz de usá-lo eram duas coisas muito diferentes.

Elysium era um mundo da Aliança. Ele não sabia se um dos vizinhos de Grissom tinha chamado as autoridades depois do tiroteio com Skarr. Não era provável — a casa era bem isolada das demais. Mas Saren não podia se arriscar. Se as autoridades locais da Aliança chegassem e encontrassem um turian interrogando brutalmente seus companheiros soldados, seu status de Espectro não ajudaria em nada.

Além disso, não era deles que Saren estava atrás. Os humanos eram insignificantes para a verdadeira investigação. Deviam saber alguma coisa a respeito do motivo de Skarr ter sido mandado em seu encalço, mas duvidava que tivessem uma verdadeira ideia de *quem* o havia mandado.

O krogan era a chave. Saren não tivera dificuldade para segui-lo até Elysium; só precisava pegar seu rastro novamente. A Fronteira era o limite indomado do Espaço da Cidadela, mas mesmo ali era quase impossível viajar entre os mundos sem chamar atenção. Naves menores eram fisicamente capazes de pousar quase em qualquer lugar de um planeta habitável. Mas qualquer mundo de destino ocupado por uma colônia estabelecida imediatamente captaria a aproximação de qualquer nave que não tocasse seu espaçoporto. Teriam pessoal militar na cena, preparado e esperando para prender todos que estivessem a bordo. Isso se simplesmente não explodissem a nave criminosa no céu.

Isto significava que Skarr teria de usar os portos. E mesmo que encontrasse um jeito de passar furtivamente pela segurança da Fronteira, não seria difícil de se destacar em uma multidão. Como Espectro, Saren tinha olhos e ouvidos baseados em quase todos os mundos que se espalhavam pela Fronteira. Onde quer que o caçador de recompensas aparecesse em seguida, um de seus contatos lhe informaria.

Saren podia emitir uma ordem de prisão para Skarr, mas duvidava que o krogan se deixasse ser apanhado vivo. Permitir que ele morresse numa troca de tiros com as autoridades locais não colocaria Saren mais perto de quem estava por trás do ataque

a Sidon. Não, o melhor a fazer era simplesmente encontrá-lo e segui-lo, como fizera em Elysium. Uma hora, o krogan o levaria diretamente a seu empregador.

Edan Had'dah mais uma vez passava a noite no abominável depósito nos arredores de Hatre. Mais uma vez, estava sentado na cadeira desconfortável esperando pela chegada de Skarr. E, mais uma vez, era acompanhado de sua guarda pessoal: os mesmos mercenários Blue Suns que estiveram ali na primeira reunião com o krogan. Isto é, aqueles que sobreviveram.

Mas, desta vez, Edan sabia, ele tinha uma vantagem. Kahlee Sanders não estava morta. Ele havia pagado um bom dinheiro pelo trabalho do caçador de recompensas, e Skarr fracassara. Desta vez, jurou Edan, ele é quem ditaria os termos da reunião.

O depósito estava repleto de grandes caixotes e contêineres de carga. Uma pequena área dos fundos fora limpa para Edan conduzir seus negócios: desta posição, normalmente era difícil ouvir quando alguém chegava à porta da frente. Mas não havia como confundir o martelar pesado de seus passos quando o krogan apareceu.

— Tratem de tirar as armas dele — disse Edan a dois mercenários batarians que foram conduzir o recém-chegado. — Todas — acrescentou, lembrando-se nitidamente da faca que Skarr sacara da última vez.

Da frente veio o barulho de uma discussão ruidosa. Embora não pudesse ouvir bem o que diziam, Edan claramente distinguiu os tons mais graves do rugido do krogan. Um minuto depois, um dos batarians voltou sozinho.

— O krogan não entregou as armas — informou.

— O quê? — perguntou Edan, surpreso.

— Ele não entregou as armas. E está de armadura completa.

— Não vou me reunir com ele enquanto estiver armado — jurou Edan.

— Foi o que eu falei — respondeu o mercenário, inclinando a cabeça para a esquerda num gesto de súplica. — Ele apenas riu. Disse que iria embora feliz e consideraria seus negócios encerrados.

Edan praguejou em voz baixa. O krogan recebera adiantado. Normalmente um batarian nunca concordaria com tais termos, mas era preciso abrir exceções para um homem com a reputação de Skarr.

— Deixe que fique com as armas — cedeu por fim. — Traga-o para cá.

— Será sensato?

— Diga a seus homens que desta vez eles são livres para matá-lo, se tentar alguma coisa. E cuide para que o caçador de recompensas o escute.

O mercenário sorriu, antecipando a chance de se vingar, e voltou para a frente. Quando retornou, o caçador de recompensas estava com ele e parecia furioso. Edan nunca tinha visto realmente um Mestre de Batalha krogan de armadura completa. Era

uma visão apavorante: parecia um tanque vivo rolando em sua direção. Por muito pouco ele não deu um passo para trás.

As armas de Skarr não foram sacadas, mas todo um arsenal estava preso à sua armadura: uma pistola em cada quadril; um fuzil de assalto dobrável de fogo pesado e uma escopeta de alta potência pendiam em suas costas. A armadura tinha vários buracos pequenos no peito, cada um cercado de sangue descolorido. Manchas escuras corriam das feridas, tingindo a blindagem e servindo como testemunho mudo da batalha que ele havia travado em Elysium.

Os Blue Suns o olharam atentamente: nove fuzis de assalto o acompanhavam a cada passo. O krogan não parecia se importar, tinha olhos apenas para o homem que o contratara. Aproximou-se a passos longos e pesados, o *clump-clump-clump* em cascalho de suas botas tornando-se o único som no depósito. Por um breve segundo, Edan pensou que Skarr não pararia — apenas continuaria andando, esmagando a figura menor do batarian sob seus pés, triturando-o a uma polpa. Em vez disso, ele parou a menos de 1 metro, com a respiração saindo em rosnados coléricos e ásperos.

— Você fracassou — disse Edan. Ele pretendia que isso saísse como uma acusação mordaz, mas, parado na sombra do imenso assassino, toda a coragem de sua voz sumiu.

— *Você* não me disse que eu tinha de lidar com um Espectro! — rosnou Skarr em resposta.

— Um Espectro? — falou Edan, com surpresa. — Tem certeza?

— Eu reconheço um Espectro quando vejo um! — rugiu Skarr. — Especialmente este. O maldito turian!

Os cantos da boca de Edan caíram de desprazer, mas ele não replicou. Isso era ruim. Ele sabia que Skarr falava de Saren. O turian era tranquilamente o Espectro mais infame da Fronteira. Era conhecido por três coisas: sua brutalidade, sua lealdade ao Conselho e a capacidade de obter resultados.

— Tenho como hábito nunca me envolver nos assuntos dos Espectros — disse Skarr, a voz caindo a um rosnado baixo. — Você sabia disso quando me contratou. Você me traiu, batarian.

— Meus guardas abrirão fogo em você se tentar qualquer coisa — disse Edan rapidamente, sentindo a ameaça implícita. — Pode me matar, mas nunca sairá daqui vivo.

A cabeça grande do krogan rolou de um lado a outro, olhando os mercenários armados e avaliando suas chances. Percebendo que aquela era uma batalha que nem mesmo ele podia vencer, lentamente se afastou um passo de Edan.

— Então, acho que estamos nisso juntos — bufou. — Mas você terá de dobrar meus honorários.

Edan piscou, surpreso. Não era assim que esperava que as negociações se

desenrolassem.

— Você não está em posição de barganha — observou ele. — Não fez um trabalho completo. No máximo, eu é que deveria pedir ressarcimento. Ou posso simplesmente mandar que meus homens eliminem-no agora.

Skarr soltou uma gargalhada alta.

— Tem razão. Sanders ainda está viva. Provavelmente está falando com Saren agora mesmo, contando tudo o que sabe. Quanto tempo até ele deduzir que você estava por trás de tudo isso? Quanto tempo até ele aparecer em Camala?

O batarian não respondeu.

— Mais cedo ou mais tarde esse Espectro vai localizar você — alertou o caçador de recompensas, insistindo em seu argumento. — E quando conseguir, sua única esperança de ficar vivo é ter a mim do seu lado.

Edan uniu as mãos, formando um campanário de cinco dedos enquanto considerava a situação. O krogan estava certo: ele precisava de sua ajuda, agora mais do que nunca. Mas ele não estava disposto a admitir a completa derrota.

— Muito bem — concordou Edan —, dobrarei seu pagamento. Mas, em troca, você terá de fazer uma coisa para mim.

Skarr não disse nada, apenas esperou que o batarian continuasse.

— Eu nunca fui a Sidon — explicou Edan. — Sanders não sabe de minha identidade. Com os arquivos da base destruídos, só resta uma coisa que me liga a este crime: o fornecedor do Dr. Qian aqui, em Camala.

— As Indústrias Dah'tan — disse Skarr depois de um curto momento de hesitação, rapidamente encaixando as peças. Mais uma vez, Edan ficou impressionado com a rapidez com que trabalhava a mente daquele homem. — Sanders sabe do fornecedor?

— Não tenho certeza — admitiu Edan. — Mas se ela mencionar o assunto, será o primeiro lugar que o Espectro procurará. Não estou disposto a assumir esse risco.

— E para que precisa de mim?

— Ordenei que você voltasse aqui para que destruísse as Indústrias Dah'tan. Elimine todo o pessoal, todos os registros. Queime tudo completamente. Não deixe nada para trás. *Nada*.

— Me chamou para isso? — cuspiu Skarr. — Você é algum idiota? Saren vai colocar seu pessoal me vigiando. Provavelmente ele já está vindo para cá, tentando me localizar. Se atacarmos a Dah'tan, ele estará lá em uma hora. Você praticamente o levará direto a seu fornecedor!

— Ele pode saber da Dah'tan por intermédio de Sanders, de qualquer maneira — contra-atacou Edan. Desta vez, ele se recusava a recuar. Estava cansado de fazer o papel de idiota com o brutamontes. — Você pode entrar, terminar o trabalho e desaparecer antes que Saren chegue. Quando ele estiver na Dah'tan, todas as provas

estarão destruídas, e você já terá ido há muito tempo. Não restaria nada para ele encontrar. Por isso, terá de trabalhar rápido.

— É assim que os erros são cometidos — argumentou o caçador de recompensas. — Não gosto de missões desleixadas. Diga a seus homens para irem sem mim.

— Isto não está aberto a negociações! — gritou Edan, finalmente perdendo a paciência. — Contratei você para matar alguém! Você fracassou! Exijo alguma coisa pelo dinheiro que estou lhe pagando!

Skarr balançou a cabeça, incrédulo.

— Você sabe que foi um erro me trazer de volta para isso — disse. — Pensei que fosse inteligente o bastante para não colocar seu orgulho acima dos negócios.

— Pensou errado — respondeu Edan, sem gritar desta vez. Mas sua voz estava fria como gelo. Era mais do que simples orgulho: a cultura batarian dava um valor enorme à casta social. Ele era um homem de alta posição; se simplesmente perdoasse o krogan por seu fracasso, seria uma admissão de que eram iguais. Algo que ele não estava disposto a fazer.

O krogan deu outra longa olhada nos Blue Suns parados pelo depósito, com as armas ainda erguidas, preparadas e apontadas para ele.

— A Dah'tan tem uma segurança forte — falou por fim. — Como vamos conseguir entrar?

— Tenho uma pessoa de lá na minha folha de pagamento — respondeu Edan, com certa presunção. Finalmente conseguiu encurralar Skarr em um canto. Agora estavam negociando em seus próprios termos.

— Acha realmente que esses *hrakhors* são bons o bastante para lidar com um trabalho desses? — perguntou o caçador de recompensas, fazendo uma última tentativa de se livrar dessa.

— Foram bons o bastante para eliminar os soldados da Aliança em Sidon.

— Eles estragaram toda a missão — protestou Skarr.

— Por isso é que desta vez estou mandando você junto. — Foi a resposta convencida de Edan.

Anderson mostrou sua identidade militar e passou o polegar no scanner portátil estendido pelo guarda da Aliança que trabalhava na entrada da autoridade portuária. O jovem, que prontamente ficou em posição de sentido quando os dois se aproximaram, olhou para a tela do computador, confirmando a leitura.

— Senhor — respondeu o guarda, com um rápido movimento de cabeça, devolvendo a identidade dele um minuto depois. O tenente fez o que pôde para não prender a respiração enquanto Kahlee colocava o próprio polegar no scanner e entregava a identidade falsa e o disco ótico com a autorização falsificada que haviam comprado naquele mesmo dia.

O homem que as falsificara fora até a casa de manhã bem cedo, chegando menos de dez minutos depois do telefonema de Grissom. Era jovem — não tinha mais de 20 anos, pelos cálculos de Anderson. Vestia roupas civis, amassadas e desleixadas e tinha cabelo preto, gorduroso e comprido. Seu rosto estava coberto por um matagal escuro que ele queria que passasse por barba e parecia que o rapaz não tomava banho havia uma semana. O almirante não explicou quem era o sujeito ou como o conheceu.

— Ele é profissional — disse a Anderson. — Trabalha rápido e não vai nos dedurar.

Quando chegou, o garoto olhou surpreso para as janelas quebradas, os móveis esmagados e o buraco queimado no carpete, onde o tiro de escopeta por muito pouco não tinha decapitado o krogan. Mas não fez perguntas. Não sobre isso.

— Do que precisam? — foi só o que disse depois de entrar, colocando na mesa da cozinha o estojo indefinível que carregava.

— Algo que coloque os dois dentro das áreas de embarque restritas dos espaçoporto — respondeu Grissom. — Além de um disfarce e uma identidade nova para Kahlee. Eles precisam partir hoje.

— Tenho de cobrar uma taxa de urgência — avisou o rapaz.

Grissom se limitou a concordar com a cabeça.

— Vou pagar adiantado, como sempre.

O jovem abriu o estojo, revelando o leque de ferramentas, dispositivos e equipamento exóticos e incomuns que Anderson não podia nem mesmo adivinhar para que serviam. Usando uma variedade deles, levou meia hora para produzir um disco ótico com as autorizações apropriadas. Levou mais vinte minutos para codificar um nome novo e uma patente na identidade da Aliança de Kahlee: a cabo Suzanne Weathers.

— Isso não vai dar certo — avisou Anderson. — Eles não têm registros de uma cabo Weathers no sistema.

— Estará lá vinte minutos depois de eu sair daqui — garantiu o garoto, com um sorriso arrogante. — Vou colocar a cabo Weathers no sistema. Depois vou espelhar todos os dados de Kahlee e bloquear o acesso a seu arquivo no sistema. Então, quando escanarem a digital dela, será Weathers quem aparecerá na tela, e não Sanders.

— Você tem acesso aos arquivos de dados da Aliança? — perguntou Anderson, sem acreditar.

— Só aqueles dos portos. Não tente usar esta identidade depois que sair de Elysium.

— Não pensei que fosse possível se infiltrar nos sistemas da Aliança — disse Anderson, pescando informações.

— Tem certeza de que posso confiar nesse sujeito? — perguntou o garoto a Grissom.

Engraçado, pensou Anderson. *Eu estava me perguntando a mesma coisa a respeito de você.*

— Por enquanto — respondeu Grissom. — Mas da próxima vez que o vir, talvez você queira dar meia-volta e ir para o outro lado.

— A Aliança tem uma segurança sólida — admitiu o jovem, falando com indiferença enquanto trabalhava. — É difícil entrar, mas não impossível.

— E quanto às limpezas? — perguntou Kahlee. Anderson a fitou indagativamente e ela explicou: — A cada dez horas, a Aliança faz uma varredura completa de segurança em seus sistemas para identificar e colocar em quarentena qualquer dado novo que tenha entrado. Isso permite que identifiquem dados fraudulentos e localizem sua origem.

— Eu planto um pequeno algoritmo autorregressivo nos dados antes de carregá-los — explicou o garoto, gabando-se mais um pouco. — Uma coisa que eu mesmo inventei. Quando fizerem a leitura de segurança, seus dados estarão de novo on-line e todos os vestígios da cabo Weathers ou essas falsas autorizações terão desaparecido há muito tempo. Eles não podem localizar uma coisa que não está ali.

Kahlee balançou a cabeça, satisfeita, e o homem piscou para ela e abriu um sorriso torto que fez o punho de Anderson se fechar involuntariamente. Não era ciúme. Não exatamente. Kahlee era de sua responsabilidade agora. Era natural que ele instintivamente quisesse protegê-la. Mas precisava ter o cuidado de não exagerar nas reações.

Felizmente, ninguém percebeu: todos estavam concentrados no jovem e em seu trabalho.

— Eles podem ter também uma descrição física de você — avisou o garoto a Kahlee. — É melhor mudar de aparência, só por precaução.

Ele alterou digitalmente a foto da identidade de Kahlee, escurecendo e cortando seu cabelo, mudando a cor dos olhos e escurecendo a pigmentação da pele. Depois a fez tomar alguns comprimidos de pigmento. Em seguida, usou lentes de contato coloridas, tintura para cabelo e uma tesoura para que a aparência física de Kahlee combinasse com a imagem digital. O garoto parecia curtir o processo um pouco mais do que devia, o suficiente para que Anderson se sentisse desconfortável: trabalhou com a tintura no cabelo por vários minutos e se demorou demais sobre as mechas da jovem antes de cortá-las.

Quando terminou com o cabelo de Kahlee, a pele dela estava quase tão escura quanto a de Anderson. O garoto ficou bem na frente de Kahlee e colocou a identidade ao lado de seu rosto, comparando a imagem com a realidade.

— Nada mal — disse com gosto, embora não estivesse claro se falava de seu

trabalho ou da própria Kahlee. — Sua pele voltará a clarear amanhã. — Levantou-se e estendeu o cartão reinventado de identidade da Aliança. — Assim, tenha cuidado. Você não vai mais combinar com a foto.

— Isso não deve importar — disse ela, dando de ombros. — A essa altura, a cabo Weathers nem mesmo vai existir no sistema, não é?

Ele não respondeu, mas deu outra piscadela maliciosa e deixou que seus dedos roçassem sugestivamente nos dela enquanto Kahlee pegava a identidade. Anderson teve de se conter para não socar a cara do idiota. *Ela não é sua esposa*, pensou consigo mesmo. *Ajudá-la não vai compensar pelos oito anos em que você ignorou Cynthia.*

Quando tudo estava concluído, entretanto, o tenente precisou admitir que a falsificação do garoto era boa. Ele tinha treinamento especial para reconhecer documentos fraudulentos e, embora soubesse que estes eram falsos, não os distinguia dos verdadeiros.

Mas este era o verdadeiro teste: passar o polegar pelos scanners da autoridade portuária.

— Prontinho, cabo Weathers — disse o guarda, devolvendo a documentação alterada a Kahlee depois de olhar brevemente a tela para confirmar sua identidade. — Vocês precisam ir para a baia 32. Desçam por aquela ponta.

— Obrigada — disse Kahlee, com um sorriso. O guarda acenou, batendo uma saudação rápida a Anderson, depois se sentou e voltou à papelada em sua mesa enquanto eles se viravam e afastavam.

— Dê uma olhada e veja se ele ainda está nos observando — cochichou Anderson depois de estarem fora de alcance. Eles ainda seguiam na direção da baia 32, mas é claro que não era seu verdadeiro destino.

Kahlee olhou para trás, espiando disfarçadamente por sobre o ombro. Se o guarda estivesse vigiando, com sorte pensaria que a jovem cabo o achara atraente o suficiente para dar uma segunda olhadela. Mas ele estava completamente concentrado na tela em sua mesa, um modelo de eficiência enquanto digitava rapidamente no teclado.

— Tudo tranquilo — respondeu Kahlee.

— Então é isso — disse Anderson, virando-se rapidamente para a entrada da baia 17 e puxando-a com ele.

Havia um antigo transportador de carga na baia, um trenó de carregamento e vários caixotes pesados. À primeira vista, não parecia haver ninguém ali, mas então um homem atarracado saiu do outro lado da nave.

— Algum problema com a segurança? — perguntou ele.

Kahlee meneou a cabeça.

— Sabe por que estamos aqui? — perguntou Anderson, nem mesmo se

incomodando em perguntar o nome do homem, que ele sabia que nunca seria dado.

— Grissom me informou.

— Como conheceu meu pai? — perguntou Kahlee, curiosa.

Ele a fitou com frieza por um segundo, depois falou:

— Se ele quisesse que você soubesse, teria contado por si mesmo. — Virando-se, acrescentou: — Estamos programados para partir daqui a duas horas. Acompanhem-me.

A maior parte do interior do casco da nave estava lotado de carga. Mal havia espaço suficiente para os dois se sentarem, mas fizeram o possível. Assim que se acomodaram, o homem lacrou a porta e eles mergulharam na completa escuridão.

Kahlee estava sentada bem na frente dele, mas sem luz era impossível para Anderson até mesmo distinguir sua silhueta. Ele podia, porém, sentir sua perna apertando a dele — simplesmente não havia espaço para um dos dois se afastar. A proximidade era inquietante: ele não ficava com uma mulher desde que se separara de Cynthia.

— Não estou ansioso pelas próximas seis horas — disse Anderson, tentando distrair seus pensamentos inadequados com uma conversa. Embora falasse baixo, suas palavras pareciam artificialmente altas no escuro.

— Estou mais preocupada com o que vamos fazer depois que chegarmos a Camala — respondeu Kahlee, uma voz desencarnada no escuro. — A Dah'tan não vai simplesmente entregar os arquivos a nós.

— Ainda estou trabalhando nisso — admitiu Anderson. — Espero conseguir bolar um plano durante a viagem.

— Vamos ter muito tempo para pensar — respondeu Kahlee. — Nem mesmo há espaço suficiente aqui para se deitar e dormir um pouco.

Depois de alguns minutos ela voltou a falar, mudando de assunto da repente:

— Antes de minha mãe morrer, eu prometi a ela que nunca mais falaria com meu pai.

Por um momento, Anderson foi apanhado de guarda baixa pela confissão pessoal, mas se recuperou rapidamente.

— Acho que ela compreenderia.

— Deve ter sido um choque para você. Ver o mais famoso soldado da Aliança naquele estado.

— Fiquei um pouco surpreso — admitiu Anderson. — Quando eu estava na Academia, seu pai sempre era retratado como a encarnação de tudo o que significava a Aliança: coragem, determinação, sacrifício pessoal, honra. É estranho que ele conheça o tipo de gente que pode nos tirar furtivamente de um mundo como esse.

— Está decepcionado? — perguntou ela. — Saber que o grande Jon Grissom se

associa a falsários e contrabandistas?

— Considerando nossa situação, eu seria hipócrita se dissesse que sim — brincou. Kahlee não riu.

Então Anderson falou em um tom mais sério:

— Quando você ouve falar de alguém por muito tempo, acaba pensando que sabe alguma coisa dele. É fácil confundir a reputação com a pessoa real. É só quando você o conhece que percebe que nunca soube realmente nada sobre ele.

— É — disse Kahlee pensativamente. E os dois ficaram em silêncio por um longo, longo tempo.

QUATORZE

Jella trabalhava no departamento de pessoal e contabilidade das Indústrias Dah'tan havia quatro anos. Era uma boa funcionária: organizada, meticulosa e eficiente — todos ativos valiosos para alguém em seu cargo. Em suas avaliações de desempenho, ela constantemente ficava de acima da média a excelente. Mas, segundo sua descrição de cargo, ela era “equipe de apoio”. Não era “essencial” à empresa. Os projetistas de equipamento estavam no topo da hierarquia corporativa: suas inovações traziam clientes. Eram as pessoas que trabalhavam no chão de fábrica que realmente criavam o produto. Só o que ela fazia era compensar os números de vendas com o estoque.

Não passava de alguém secundário para os que estavam no comando. E seu pagamento refletia isso. Jella trabalhava tão arduamente quanto os demais, mas recebia uma mera fração do que ganhavam os projetistas e fabricantes. Não era justo. Por isso, não se sentia culpada de roubar a empresa.

Ela não estava vendendo segredos corporativos críticos. Nunca fizera nada grande o bastante para chamar atenção; apenas tirava umas gotas mínimas do balde transbordante da companhia. Às vezes, alterava ordens de compra ou manipulava registros de suprimentos. De vez em quando, cuidava para que o estoque ficasse sem segurança e registro no depósito durante a noite. Na manhã seguinte, ele teria desaparecido misteriosamente: levado por alguém da equipe do depósito que estava no acordo.

Jella não tinha ideia de quem levava o estoque, como não sabia quem estava por trás dos roubos. Era assim que ela preferia. Uma ou duas vezes por mês, recebia uma ligação anônima em sua sala, fazia sua parte, e dias depois o pagamento seria creditado em suas contas financeiras privadas.

Hoje não era diferente. Ou assim ela tentava se assegurar enquanto andava pelo corredor, esforçando-se para aparentar despreocupação e torcendo para que ninguém desse com sua presença. Mas havia algo de estranho na solicitação. Pediram-lhe que desligasse uma das câmeras de segurança e desativasse os códigos de alarme de uma das entradas. Alguém queria entrar no prédio sem ser detectado. E fariam isso no meio do dia.

Era um risco idiota. Mesmo que de algum modo conseguissem entrar, certamente seriam notados: a Dah'tan tinha equipes de segurança regulares patrulhando toda a

fábrica. E se fossem apanhados, podiam entregar Jella como a funcionária que os deixaram entrar. Mas a oferta havia sido boa demais para ser desprezada — o triplo do que ela já recebera por um trabalho desses. No fim, a ganância venceu o bom senso.

Ela parou perto de uma das saídas de emergência, diretamente abaixo da câmera de segurança apontada para a porta. Olhou rapidamente em volta para saber se alguém via, pegou a chave de fenda que tinha retirado de um cinto de ferramentas pendurado no armário da manutenção e a apertou contra a câmera, retirando a célula de energia.

A célula faiscou, dando-lhe um susto. Jella soltou um gritinho e deixou cair a chave de fenda, seus dedos formigando levemente pelo choque. Apressadamente, ela se abaixou e a pegou no carpete, olhando em volta se alguém tinha percebido sua sabotagem. O corredor ainda estava vazio.

Jella olhou a câmera e viu um filete de fumaça branca saindo de trás. A lâmpada de energia estava apagada. Se alguém da segurança central olhasse o monitor desta câmera, perceberia que estava desligada. Mas os guardas mal relanceavam os olhos para os monitores durante o dia. Não com as patrulhas andando pelos corredores e o prédio cheio de funcionários. Só um idiota tentaria invadir durante as horas de funcionamento.

Mesmo que não percebessem a interrupção, havia mais de cem câmeras de segurança nas instalações. Em uma semana ou outra, uma delas dava defeito. O máximo que qualquer um faria seria encaminhar um pedido de manutenção para que fosse consertada antes do final do turno. Satisfeita, Jella continuou pelo corredor até a porta de segurança.

Digitou o código de um funcionário para desativar o alarme e abrir a tranca. Não usou o próprio código, é claro. Uma vantagem de trabalhar em seu departamento é que lhe dava acesso a arquivos pessoais. Ela sabia os códigos de entrada no prédio de metade das pessoas nas instalações.

Quando a luz do painel da porta foi do vermelho ao verde, o papel de Jella estava cumprido. Agora só precisava voltar a sua sala e continuar o trabalho como se nada estivesse errado.

Mas depois de voltar a sua mesa, a sensação que teve a respeito daquele trabalho em particular continuou a crescer, deixando-a nauseada. Depois de cerca de vinte minutos, She'n'ya, a mulher com quem Jella dividia a sala, deve ter percebido alguma coisa estranha.

— Você está bem, Jella? Está meio vermelha.

O estômago de Jella quase saiu pela garganta ao ouvir a voz da mulher.

— Eu... Não estou me sentindo bem — respondeu ela, na esperança de não transparecer a culpa que sentia. — Acho que vou ficar doente. — Ela se colocou de

pé num salto e correu ao banheiro para vomitar.

Jella ainda estava lá dentro dez minutos depois, quando começou o tiroteio.

A missão era simples e objetiva, mas Skarr ainda não gostava dela. Foi necessário um dia para que reunissem tudo que ele alegou precisar para o ataque: explosivos, uma equipe de assalto de trinta mercenários, incluindo ele mesmo, e três Rovers para o transporte.

Por motivos de segurança corporativa e confidencialidade do cliente, as Indústrias Dah'tan localizavam-se em um hectare de propriedade privada afastado, nos arredores de Hatre. Cada quilômetro do percurso até lá corroía Skarr, além do tempo limitado que tinham para o trabalho. Alguém certamente o notara no espaçoporto; alguém que falaria dele com Saren. O Espectro provavelmente estava a caminho de Camala... E se aproximando mais a cada segundo que passava.

As instalações consistiam numa única estrutura que abrigava depósito, fábrica e escritórios. O terreno tinha uma cerca de tela, com várias placas que diziam “Propriedade Particular” e “Proibida a Entrada” em todos os variados dialetos batarians comuns em Camala.

Mas isso não dissuadiu Skarr e seus mercenários. Os Rovers simplesmente passaram por cima da cerca, achatando-as ao se aproximarem do prédio solitário no horizonte. Meio quilômetro depois, estacionaram os veículos e continuaram pelo terreno deserto a pé. Aproximando-se da fábrica do outro lado da área de embarque do depósito para evitar a detecção, eles chegaram ao prédio sem incidente nenhum.

Skarr ficou aliviado ao encontrar destrancada a entrada de segurança dos fundos — a fonte interna de Edan tinha feito seu trabalho. Mas ele ainda precisava agir rapidamente se quisessem entrar e sair antes de Saren dar as caras.

A paranoia corporativa fazia parte da cultura batarian, como seu rígido sistema de castas, e Dah'tan não era diferente. Como não confiavam informações delicadas a mais ninguém, todos os registros e arquivos eram guardados ali: a destruição das instalações eliminaria todas as provas que podiam levar a Edan.

Cada Rover levava dez mercenários. Skarr deixou oito homens do lado de fora com rifles de caça para dar cobertura na saída, dois estacionados de cada lado do prédio. Os outros foram divididos em sete equipes de infiltração de três membros cada uma.

— As bombas serão detonadas em quinze minutos — lembrou-lhes Skarr.

As equipes de infiltração se espalharam, tomando os vários corredores ramificados que levavam a todas as áreas diferentes das instalações. Seu objetivo era plantar vários explosivos estrategicamente situados: o suficiente para reduzir todo o prédio a cinzas e escombros. Pelo caminho, matariam as patrulhas de segurança e qualquer funcionário com que topassem. Qualquer um que fugisse do

prédio seria baleado pelos mercenários que esperavam do lado de fora. E qualquer sobrevivente que conseguisse se esconder dentro do prédio seria morto pelas explosões ou queimado vivo quando as cargas incendiárias fossem detonadas.

Com os atiradores posicionados no exterior e as equipes de infiltração ganhando terreno ao centro do complexo, Skarr ficou sozinho para completar uma tarefa muito específica. Edan lhe dera o nome, a descrição e o local do escritório de seu contato dentro da Dah'tan. Era improvável que a jovem soubesse para quem estava trabalhando, mas o batarian não queria deixar nenhuma ponta solta.

Skarr seguiu rapidamente pelos corredores até as salas da administração, perto da frente do prédio. De algum lugar ao longe, ouviu tiros e vozes batarians aos berros — o massacre tinha começado.

Momentos depois, começaram a soar as sirenes. Skarr virou um canto e quase esbarrou em dois guardas de segurança da Dah'tan que corriam para responder ao alarme. Os dois batarians hesitaram apenas por um instante, pegos desprevenidos pela visão do krogan de armadura pesada investindo pelos corredores. Skarr aproveitou a oportunidade e bateu a coronha de seu fuzil de assalto na cara de um dos guardas, fazendo-o tombar para trás. Ao mesmo tempo, jogou o próprio corpo no segundo guarda, sua massa rolando sobre o homem muito menor, levando os dois ao chão. Enquanto rolavam pelo piso, Skarr meteu o cano da arma sob o queixo do adversário e puxou o gatilho, eliminando a maior parte do que havia acima do pescoço.

O primeiro guarda se colocava de pé, ainda tonto e com a boca ensanguentada. Disparou a própria arma, mas sua mira era errática e ele só conseguiu abrir uma linha de buracos na parede acima de Skarr e do cadáver do amigo esparramado no chão. Skarr reagiu abrindo fogo pelo corredor, espatifando os tornozelos e panturrilhas do adversário.

O batarian gritou e tombou para a frente, deixando cair a arma enquanto estendia os braços para frear a queda. Outra rajada de Skarr deu cabo dele um instante depois de bater no chão.

Levantando-se de um salto, o caçador de recompensas cambaleou pelo corredor para a sala do contato de Edan. A porta estava fechada, mas ele simplesmente meteu um pontapé, fazendo-a voar de suas dobradiças. Uma jovem batarian estava agachada no chão, parcialmente escondida atrás da mesa. Ela gritou quando viu o krogan coberto de sangue parado na soleira da porta.

— Adeus, Jella — disse Skarr.

— Não! Por favor! Eu não sou...

O resto das palavras foi interrompido quando ele apertou o gatilho, tragado pela saraivada de balas que crivou o corpo da batarian e o empurrou até a parede no fundo da sala.

Skarr olhou rapidamente o relógio. Mais sete minutos até a detonação dos explosivos. Parte dele queria passar esse tempo fazendo uma busca pelos corredores atrás de outras vítimas, mas ele sabia que não tinha essa alternativa. Era fácil demais se deixar levar pela sede de sangue de seus antigos ancestrais. Levado pela fúria da batalha, ele podia tranquilamente se perder em uma chacina como essa e não tinha a intenção de estar dentro do prédio quando explodisse.

Ele voltou rapidamente à saída, ignorando os deliciosos gritos de dor e terror que o chamavam de cada corredor por que passava.

Jella fez o que pôde para bloquear o som das explosões em *staccato* de tiros e os gritos horrendos dos colegas. Estava escondida dentro da saída de ar do banheiro — era apertada, mas conseguiu se meter ali. Em sua mente, imaginava a cena do lado de fora e não pretendia sair do esconderijo.

O tempo passava com uma lentidão agonizante: o barulho do ataque parecia durar horas, mas na realidade haviam sido apenas poucos minutos. Ela ouviu vozes do outro lado da porta do banheiro e tentou se enfiar ainda mais no duto de ar.

A porta se abriu de repente, e dois batarians pularam ali dentro, já disparando as automáticas. Salpicaram todo o ambiente com balas, reduzindo a fina folha de metal das portas dos reservados a tiras, espatifando as privadas e pias de cerâmica e explodindo vários canos de água nas paredes.

Felizmente o esconderijo de Jella era bem alto, acima de um dos reservados — ela havia montado em uma das privadas e trepado pelas divisórias entre os cubículos para retirar a tampa do duto de ar. Depois passou primeiro o pé e cuidadosamente colocou a tampa no lugar quando estava seguramente escondida ali.

De seu ponto de observação, tinha uma visão perfeita da carnificina, mas fechou os olhos e tapou os ouvidos com as mãos para tentar bloquear os disparos ensurdecedores das armas. Só quando o tiroteio finalmente chegou ao fim, ela se atreveu a abrir os olhos.

Os homens davam uma última olhada no banheiro, chapinhando cuidadosamente pela água que jorrava dos canos quebrados e se espalhava pelo chão como uma miniatura de lago.

— Ninguém aqui — disse um deles, dando de ombros.

— Que pena — respondeu o outro. — Eu torcia para pegar uma das mulheres e levá-la conosco para uma diversãozinha.

— Pode esquecer — falou o outro, balançando a cabeça. — O krogan nunca aceitaria

— É Edan que está nos pagando, não ele — rebateu o parceiro. Jella de imediato soube de quem ele falava: Edan Had'dah era um dos indivíduos mais ricos, poderosos e famosos de Camala.

— Quero ver você dizer isso na cara dele — falou o primeiro homem, rindo, enquanto se agachava e prendia alguma coisa na parede. Um minuto depois ele se levantou. — Vamos andando. Precisamos sair daqui em dois minutos.

Os homens dispararam pelos corredores, os passos ecoando na distância. Jella saiu lentamente do esconderijo, tentando ver o que haviam colocado na parede. Tinha mais ou menos o tamanho de uma lancheira, com fios saindo de todos os lados. Embora não tivesse treinamento nem experiência militar, era evidente que o dispositivo era uma espécie de bomba.

Ela parou por um momento, procurando ouvir mais tiros. Tudo estava em silêncio, exceto pelo fraco *bip-bip-bip* do temporizador na contagem regressiva do explosivo. Jella chutou a tampa do duto de ventilação e deixou que caísse no chão. Saiu às pressas do banheiro, voando pelo corredor na direção da mesma saída de segurança que tinha destrancado mais cedo, quando permitira, sem querer, que aquela chacina acontecesse.

Mas não podia se dar ao luxo de pensar nisso agora. Recusando-se a sequer olhar para os corpos dos colegas no corredor, ela chegou à porta e abriu. Dois homens do depósito estavam do lado de fora, cada um com um tiro entre os olhos.

Jella hesitou, esperando destino semelhante. Mas quem matara aqueles homens já havia partido, saindo das cercanias antes que o prédio explodisse. Assim que sua mente em choque entendeu o fato de que ainda estava viva, a jovem baixou a cabeça e correu. Conseguiu dar meia dúzia de passos antes de a explosão transformar seu mundo em chamas, agonia e depois escuridão.

Quando Saren chegou, a fábrica da Dah'tan estava em ruínas. A equipe de emergência tinha apagado o incêndio, mas o prédio era pouco mais do que uma casca queimada. Os dois primeiros andares tinham desabado e uma das paredes tombara para dentro, reduzindo o interior a uma pilha de entulho calcinado. Trabalhadores de resgate estavam ocupados vasculhando os destroços. A julgar pela cena, era evidente que não procuravam sobreviventes: eles recolhiam restos.

Várias equipes de notícias filmavam os destroços de uma distância respeitosa, com o cuidado de não interferir nas turmas de emergência, mas ansiosos para conseguir imagens dramáticas para os vídeos.

Saren estacionou seu veículo por ali, saiu e andou até as ruínas.

— Ei! — gritou um dos resgatistas batarians ao ver que ele se aproximava, correndo para interceptá-lo. — Não pode ficar aqui. É área restrita.

Saren o olhou feio e mostrou sua identificação.

— Desculpe, senhor — disse o batarian, parando de repente e tombando a cabeça de lado, em deferência. — Não sabia que o senhor era um Espectro.

— Algum sobrevivente? — perguntou Saren.

— Só uma — respondeu o homem. — Uma jovem. Estava do lado de fora do prédio quando explodiu. A explosão arrancou suas pernas, e ela teve queimaduras críticas em 90% do corpo. Está a caminho do hospital. É um milagre que tenha sobrevivido, mas não acho que ela conseguiria passar pelo...

— Tire sua equipe daqui e vá embora — disse Saren, interrompendo-o.

— O quê? Não podemos! Ainda estamos procurando por sobreviventes.

— Não há mais sobreviventes. Vocês acabaram aqui.

— E quanto aos corpos? Não podemos deixá-los desse jeito.

— Os corpos ainda estarão aqui de manhã. Saiam. É uma ordem. E levem a porcaria das equipes de filmagem com vocês.

O batarian hesitou, depois concordou com outro gesto de cabeça e foi reunir a equipe. Cinco minutos depois, os veículos de resgate e furgões da mídia estavam se afastando, deixando Saren sozinho para procurar pistas entre as ruínas.

— Meu Deus — ofegou Kahlee quando o Rover subiu uma elevação e eles tiveram o primeiro vislumbre do que antes era a fábrica das Indústrias Dah'tan. — O lugar inteiro sumiu!

Estava quase anoitecendo, mas o grande sol laranja de Camala ainda proporcionava luz suficiente para que enxergassem a destruição com clareza.

— Parece que alguém chegou aqui primeiro — observou Anderson, com uma carranca.

— Onde estão as equipes de resgate? — perguntou Kahlee. — A essa altura, já teriam descoberto isso!

— Não sei — admitiu Anderson, parando o Rover. — Tem alguma coisa errada. Espere aqui.

Saltando do veículo, ele se aproximou das ruínas a pé, de pistola em punho, correndo meio agachado. Estava a menos de 20 metros quando um único tiro ricocheteou a seu lado.

Anderson ficou petrificado. Estava completamente exposto ao ar livre: o atirador podia facilmente tê-lo matado, se fosse a sua intenção. O tiro pretendia ser apenas um alerta.

— Largue a arma e dê um passo para a frente! — gritou uma voz de algum lugar nas ruínas. Anderson obedeceu, colocando a pistola no chão e andando desarmado.

Um segundo depois, uma conhecida figura turian saiu de trás dos destroços que usava como abrigo, com um fuzil apontado para o peito de Anderson.

— O que está fazendo aqui? — exigiu saber o Espectro.

— O mesmo que você — disse Anderson, tentando aparentar mais confiança do que sentia. — Tentando descobrir o que estava por trás do ataque a Sidon.

Saren bufou de repulsa, mas não baixou a arma.

— Você mentiu para mim, humano. — O jeito como ele falou “humano” fazia soar como um insulto.

Anderson não disse nada. O Espectro conseguira chegar à fábrica da Dah’tan; era inteligente o bastante para juntar as peças.

— Criar inteligência artificial é uma violação das Convenções da Cidadela — continuou Saren, quando ele não respondeu. — Eu *vou* denunciar isto ao Conselho.

Mais uma vez, Anderson continuou em silêncio. Tinha a impressão de que Saren ainda procurava informações. O que quer que o turian procurasse, não seria Anderson a oferecer acidentalmente a ele.

— Quem estava por trás do ataque a Sidon? — perguntou Saren, a voz pesada da ameaça implícita enquanto levava a mira do fuzil ao olho e apontava firmemente para o peito do tenente.

— Eu não sei — admitiu Anderson, inteiramente imóvel.

Saren disparou um tiro no chão a seus pés.

Anderson se encolheu, mas não recuou.

— Já disse que não sei! — gritou ele, deixando que a raiva fervesse. Tinha quase certeza de que Saren pretendia matá-lo, mas não ia se rebaixar a implorar por sua vida. Não ia deixar que um canalha turian o intimidasse!

— Onde está Sanders? — gritou Saren, mudando de assunto.

— Em lugar seguro — rebateu Anderson. De maneira nenhuma permitiria que aquele monstro chegasse perto de Kahlee.

— Ela está mentido para você — disse Saren. — Ela sabe muito mais do que lhe contou. Devia interrogá-la novamente.

— Eu cuido de minha investigação, você cuida da sua.

— Talvez eu deva me concentrar em encontrá-la, então — disse ele, com a voz gotejando ameaça. — Se eu fizer isso, meu interrogatório revelará todos os segredos mais profundos.

Anderson sentiu os músculos se retesarem, mas se recusou a dizer mais alguma coisa sobre Kahlee.

Percebendo que o humano não iria morder a isca, Saren mudou de assunto de novo.

— Como chegou até aqui?

— Fiz algumas perguntas — replicou Anderson categoricamente. — Se vai me matar, acabe logo com isso.

O turian olhou longamente a área, varrendo o horizonte na luz que esmaecia. Parecia chegar a alguma decisão, depois baixou a arma.

— Eu sou um Espectro, agente do Conselho — declarou ele, com um timbre de nobreza conferindo força a sua voz. — Sou um servo da justiça, jurei proteger e defender a galáxia. Matar você não servirá a propósito algum, humano.

Novamente, a palavra era um insulto velado.

Saren deu as costas e se afastou, indo para a silhueta quase invisível de um pequeno Rover estacionado longe dali.

— Vá em frente e vasculhe o entulho, se isso te deixar feliz — disse o Espectro por sobre o ombro. — Não há mais nada para encontrar ali.

Anderson não fez um único movimento até Saren subir no Rover e acelerar para longe dali. Depois que o veículo estava fora de vista, ele se virou e pegou a pistola na terra. Estava quase escuro; agora não tinha sentido dar uma busca nos destroços. E ele realmente acreditava no que o turian dissera sobre não haver mais nada a ser encontrado em Dah'tan.

Andando com cuidado pela escuridão cada vez mais profunda da noite, ele precisou de vários minutos para voltar ao próprio Rover.

— O que aconteceu? — perguntou Kahlee, enquanto ele subia no veículo. — Pensei ter visto você falando com alguém.

— Saren. Aquele Espectro turian.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou ela, alarmada com a lembrança de seu último encontro e pela mera menção do nome.

— Procurando provas — admitiu Anderson.

— O que ele disse a você? O que ele queria?

Anderson debateu consigo mesmo brevemente se lhe contaria uma mentira, algo que pudesse tranquilizar sua mente. Mas Kahlee também fazia parte disto. Merecia a verdade. Ou a maior parte, de qualquer forma.

— Acho que estava pensando seriamente em me matar.

Kahlee ofegou, horrorizada.

— Não posso ter certeza — acrescentou ele rapidamente. — Talvez eu esteja enganado. É difícil entender os turians.

— Não me venha com essa besteira — argumentou Kahlee. — Você não diria algo assim se não tivesse certeza. Conte o que aconteceu.

— Ele procurava informações — falou Anderson. — Já deduziu que mentimos a ele quanto ao seu trabalho na base.

— A Dah'tan não é conhecida por fazer implantes bióticos — admitiu Kahlee.

— Eu não disse nada. Quando ele percebeu que eu não ajudaria em sua investigação, ficou com uma expressão dura nos olhos. Foi quando pensei que fosse me matar.

— Mas não matou. — As palavras dela eram ao mesmo tempo uma afirmação e uma pergunta.

— Ele olhou lentamente em volta, como se tentando descobrir se havia mais alguém por perto. Depois simplesmente foi embora.

— Ele queria confirmar se você estava aqui fora sozinho! — exclamou Kahlee,

chegando à mesma conclusão de Anderson. — Não podia matar você se houvesse alguma testemunha!

Anderson confirmou.

— Legalmente, um Espectro tem o direito de fazer o que quiser. Mas o Conselho não tolera assassinatos injustificados. Se ele me matasse e alguém contasse, eles teriam interferido.

— Acha realmente que o Conselho tomaria alguma medida se ele matasse um humano?

— A humanidade tem mais importância política do que qualquer um desses alienígenas quer admitir — explicou Anderson. — Temos navos e soldados suficientes para fazer qualquer outra espécie pensar duas vezes antes de nos enfrentar. O Conselho precisa ficar em nossas boas graças. Caso se espalhe por aí que os Espectros estão matando oficiais da Aliança sem justificativa, eles seriam obrigados a fazer alguma coisa.

— E agora?

— Vamos voltar à cidade. Preciso mandar uma mensagem à embaixatriz Goyle no próximo lote.

— Por quê? — perguntou incisivamente Kahlee. — Para quê? — O toque de alarme em sua voz lembrou a Anderson de que ela ainda era uma foragida da Aliança.

— Saren sabe que a humanidade esteve realizando pesquisa ilegal em inteligência artificial. Vai contar ao Conselho. Quero avisá-la, para que esteja preparada para as consequências políticas.

— É claro — respondeu Kahlee, com a voz num misto de alívio e constrangimento. — Desculpe. Só pensei que...

— Estou fazendo o que posso para ajudá-la — disse Anderson, tentando esconder o quanto a desconfiança dela o magoou. — Mas preciso que confie em mim.

Ela estendeu o braço e colocou a mão sobre a dele.

— Não estou acostumada a ter gente cuidando de mim — disse ela, querendo se desculpar. — Minha mãe estava sempre trabalhando. Meu pai... Bem, você sabe. Cuidar de mim mesma acabou se tornando um hábito. Mas sei o que você está arriscando para me ajudar. Sua carreira. Talvez sua vida. Estou agradecida. E eu confio em você... David.

Ninguém nunca o chamava de David. Ninguém, exceto sua mãe e a esposa. *Ex-esposa*, ele se corrigiu. Por um breve momento, esteve prestes a contar a Kahlee o que Saren tinha dito sobre concentrar sua investigação nela, mas mordeu a língua no último segundo.

Ele se sentia atraído por Kahlee: já admitira isso a si mesmo. Mas precisava se lembrar do tanto pelo qual ela havia passado recentemente. Estava vulnerável,

sozinha e com medo. Contar sobre as ameaças de Saren só exacerbaria esses sentimentos. E, embora isso provavelmente a fosse deixar mais disposta a aceitá-lo como protetor e os aproximasse, Anderson não queria tirar proveito de uma situação dessas.

— Vamos andando — disse ele, puxando delicadamente a mão e virando o Rover para o fraco brilho da cidade ao longe.

QUINZE

Saren estava ao lado do leito hospitalar, olhando de cima a jovem batarian que lutava pela vida... Embora, em suas atuais condições, fosse difícil dizer a que espécie pertencia. Apenas os quatro globos oculares a entregavam: a única parte de sua anatomia que não estava coberta pelas ataduras que a envolviam da cabeça até onde as pernas haviam sido amputadas, pouco acima dos joelhos. Dezenas de fios saíam de seu corpo para uma maquinaria próxima que a mantinha viva: monitorando sinais vitais; circulando fluidos essenciais; bombeando um fluxo constante de medicamentos, antibióticos e medigel; até mesmo respirando por ela.

Os batarians estavam na vanguarda da ciência médica, e o padrão de assistência de suas instalações era um dos melhores do Espaço da Cidadela. Em circunstâncias normais, ela teria recebido atenção contínua da equipe, mas, excluindo-se os dois, o quarto estava vazio. Saren mandara médicos e enfermeiras saírem, depois de lhe contar sobre seu estado, e que fechassem a porta.

— Não pode fazer isso! — O médico encarregado tinha protestado. — Ela está fraca demais. Não vai resistir! — Mas, no fim, nem ele nem ninguém de sua equipe tivera coragem ou vontade de contestar uma ordem direta de um Espectro.

Geralmente os batarians são uma espécie resistente, mas mesmo um krogan teria dificuldade de sobreviver ao trauma por que passava esta paciente. Suas pernas amputadas eram o ferimento mais evidente, mas Saren sabia que as queimaduras eram as mais terríveis. Sob as ataduras, a pele estaria derretida, expondo a carne queimada e os tecidos calcinados por baixo. O biolab no porão cultivava enxertos de pele a partir de amostras de seu próprio material genético, mas levaria pelo menos uma semana até que estivessem prontos para começar a reconstrução.

A explosão também teria ferido os órgãos internos, a pressão da detonação forçando o ar superaquecido e a fumaça tóxica por sua garganta, danificando-os permanentemente. Somente a tropa de máquinas que bipavam incessantemente a mantinham viva, lutando para compensar os sistemas em colapso de seu corpo enquanto órgãos clonados eram cultivados. Porém, como os enxertos de pele, muitos dias se passariam antes que estivessem prontos.

A infecção desenfreada e o colapso cardíaco maciço provocado pelo choque traumático eram uma ameaça constante enquanto estava presa às máquinas. E mesmo que ela sobrevivesse mais uma semana, a tensão das numerosas cirurgias

necessárias para reparar todos os danos seria mais do que seu corpo destruído podia suportar.

A batarian agora descansava pacificamente; os médicos a colocaram em um leve coma induzido por drogas para permitir que toda sua energia fosse concentrada na recuperação. Se reagisse ao tratamento, sairia do coma espontaneamente em três ou quatro dias, à medida que sua condição melhorasse.

Porém, o fato de que eles esperavam para ver se ela recuperaria a consciência antes de começar a trabalhar nas próteses de membros para substituir as pernas dizia a Saren tudo que ele precisava saber a respeito do estado da paciente. Apesar de todos os milagres da medicina, a vida orgânica ainda era delicada e frágil, e não era provável que a mulher sobrevivesse.

Mas Saren não precisava que ela sobrevivesse. A batarian era uma testemunha do que havia acontecido em Dah'tan — a única testemunha viva. Eles a haviam identificado por referência cruzada do material genético com um banco de dados de funcionários: era funcionária de nível inferior do departamento de contabilidade. E só o que Saren queria era lhe fazer uma pergunta.

Ele pegou a seringa que o médico preparou com relutância por ordem dele e a inseriu em um dos tubos intravenosos. Era muito improvável que aquela mulher soubesse alguma coisa sobre o ataque a Dah'tan e ainda menos provável que soubesse alguma coisa de Sidon. Mas todo mundo de serviço na fábrica estava morto agora e Saren tinha o pressentimento de que a sobrevivência dela era mais do que um golpe de sorte. Talvez tivesse sido avisada, munida de algum conhecimento que nenhum dos outros possuía e que quase permitira que escapasse incólume. Era um tiro no escuro, mas um tiro que estava disposto a dar.

Uma das máquinas começou a bipar alto, respondendo a seu batimento cardíaco que acelerava rapidamente enquanto o Espectro empurrava anfetaminas para seu sistema. Seu corpo começou a estremecer levemente, depois a tremer, em seguida ficou rígido enquanto a batarian se sentava ereta. As pálpebras se abriram, embora os globos oculares por baixo estivessem cegos, cozidos pelo incêndio. Ela tentou gritar, mas o único som que sua garganta e os pulmões queimados conseguiram emitir foi um ofegar áspero, que mal era audível por trás da máscara de ventilação.

Ainda sentado, seu corpo entrou em convulsão, chocalhando os tubos e a armação de metal do leito hospitalar enquanto ela se debatia incontrolavelmente. Depois de vários segundos tombou para trás, exausta, ofegante, os olhos cegos mais uma vez fechados.

Saren se curvou para perto de suas orelhas derretidas, falando alto para que ela pudesse ouvir.

— Jella? Jella? Vire a cabeça se puder me ouvir!

No início não houve nada, depois sua cabeça se moveu fracamente de um lado a

outro.

— Preciso saber quem fez isso! — gritou Saren, tentando penetrar em seu véu de dor e drogas. — Eu quero um nome. Entendeu? Só precisa me dizer um nome!

Ele levantou a máscara de respiração para que ela pudesse falar. Seus lábios se mexeram, mas nada saiu.

— Jella! — gritou Saren novamente. — Mais alto, Jella! Não deixe que o desgraçado se safes dessa! Quem fez isso com você?

As palavras de Jella mal passavam de um sussurro, mas Saren as ouviu com clareza.

— Edan. Edan Had'dah.

Satisfeito, ele recolocou sua máscara de respiração e pegou uma segunda seringa no bolso. Aquela a colocaria em coma, dando-lhe pelo menos uma chance de lutar pela sobrevivência.

Hesitou antes de administrá-la. Como Espectro, estava familiarizado com a reputação do homem que ela tinha identificado. Um homem de negócios impiedoso que operava dos dois lados da lei batarian, Edan sempre tivera o cuidado de não se envolver pessoalmente em nada que chamasse atenção do Conselho ou de seus agentes. Nunca mostrara qualquer interesse em pesquisa de inteligência artificial.

O fio de raciocínio de Saren foi momentaneamente interrompido ao ouvir Jella tossindo e engasgando em seu leito. Borrifos escuros apareceram por dentro da máscara de ventilação, sangue e pus expelidos dos pulmões a cada respiração sufocada.

Havia mais no ataque a Sidon do que nacionalismo batarian ou terrorismo anti-humano, percebeu Saren. Edan não misturava política com negócios. E não se tratava só de dinheiro: Edan tinha muitas outras maneiras de lucrar que não implicavam o risco de envolver um Espectro. Havia algo estranho acontecendo aqui. Algo que ele queria investigar mais a fundo.

O corpo de Jella entrava em convulsão; o bipe das máquinas começou um gemido agudo enquanto sua estatística caía abaixo dos níveis críticos. Saren ficou imóvel, observando os números mergulharem e considerando seu próximo curso de ação.

Edan construía uma mansão magnífica perto da cidade de Ujon, capital de Camala. Saren duvidava que ele fosse encontrado ali. Edan era um homem cuidadoso e cauteloso. Mesmo que tivesse certeza de que ninguém sabia de sua ligação com Sidon, teria ido para um esconderijo no momento em que soube de uma sobrevivente ao ataque, só por segurança. Agora ele podia estar em qualquer lugar.

Não, corrigiu-se Saren, ignorando os sinais sonoros frenéticos das máquinas e os espasmos violentos que ainda sacudiam o corpo de Jella. *Edan não teria se arriscado a passar pela segurança do porto.* Não se houvesse a mais leve chance de alguém já saber de seu envolvimento. O que significava que ele provavelmente

ainda estava escondido em algum lugar de Camala.

Mas havia muitos lugares em que Edan podia se esconder naquele mundo. Ele controlava várias operações de mineração e refinaria; fábricas enormes se espalhavam por toda superfície do planeta. Mais provavelmente estava bem entocado em uma delas. O problema era deduzir qual. Havia literalmente centenas dessas instalações em Camala. Levaria meses para dar uma busca em todas. E Saren desconfiava de que não tinha todo esse tempo.

Jella ainda se debatia incontrolavelmente, presa nos estertores da luta desesperada de seu corpo devastado para sobreviver. Mas agora ficava mais fraca, suas forças se esvaíam. Saren rolava calmamente entre os dedos a seringa hipodérmica que podia salvá-la, ainda pensando no problema de Edan enquanto aguardava que a batarian expirasse.

Era evidente que os humanos não sabiam quem estava por trás dos ataques, então Saren não via motivos para revelar esta última informação ao Conselho. Pelo menos ainda não. Falaria a eles sobre a pesquisa de inteligência artificial e ilegal em Sidon, é claro. Aquilo criaria um problema sério para a Aliança e desviaria a atenção de sua investigação contínua do envolvimento de Edan. Mas até saber exatamente por que o batarian considerara as recompensas desta missão dignas de tamanho risco, Saren manteria o nome de Edan fora dos relatórios. Agora só o que precisava fazer era descobrir como encontrá-lo.

Dois minutos depois, Jella finalmente ficou imóvel. O turian procurou sinais de vida em seu corpo, confirmando o que os monitores já lhe indicavam: estava morta. Só então pegou a seringa e injetou seu conteúdo na intravenosa, sabendo que era tarde demais para ter algum efeito. Depois, colocou cuidadosamente a seringa vazia à plena vista, na mesinha ao lado da cama.

Ele foi lentamente até a porta, destrancou e girou a maçaneta. Do lado de fora, o médico encarregado de Jella esperava, caminhando ansiosamente de um lado a outro do corredor. Virou para olhar o turian que saía do quarto.

— Ouvimos as máquinas... — disse o médico, interrompendo-se.

— Você tinha razão — replicou Saren, a voz sem o menor sinal de remorso. — Jella estava fraca demais. Ela não resistiu.

A embaixatriz Goyle marchava decididamente pelos campos verdes e ondulantes do Presidium para a Torre da Cidadela que se elevava ao longe, seus passos animados e curtos contrastando com a serenidade suave do ambiente. A beleza tranquila do sol simulado refletida no lago central nada fazia para acalmar seu estado de espírito. Ela recebera o aviso de Anderson menos de uma hora antes de ter sido convocada a aparecer diante do Conselho. O *timing* não podia ser coincidência: eles sabiam da pesquisa em inteligência artificial. Isso queria dizer que havia um

problema.

Ela repassou várias hipóteses mentalmente enquanto andava, planejando o que diria quando os enfrentasse. Não era possível alegar desconhecimento: Sidon era uma base da Aliança oficialmente reconhecida. Mesmo que acreditassem nas falsas alegações de que ela não sabia nada da pesquisa, de maneira alguma seria possível separar as ações ilegais na base da humanidade como um todo. Só faria parecer que Goyle era uma figura de proa sem poder nenhum.

Demonstrar pesar e arrependimento era outra tática, mas ela duvidava de que tivesse qualquer influência sobre a severidade das punições que o Conselho decidiria contra a humanidade e a Aliança. E, tal como fingir ignorância, pareceria um sinal de fraqueza.

Quando chegou ao pé da Torre, a embaixatriz sabia que só havia uma opção. Precisava assumir a ofensiva.

Uma escultura em escala de um retransmissor de massa destacava-se a sua esquerda: uma réplica de 6 metros de altura da maior realização tecnológica dos protheans recebia os visitantes que se aproximavam do coração da estação espacial mais magnífica da galáxia. Era uma obra de arte impressionante, mas a embaixatriz não estava com humor para parar e admirar.

Andou até os guardas postados na única entrada da Torre, depois esperou com impaciência enquanto confirmavam sua identidade. Ficou satisfeita ao notar que um dos guardas era humano. O número de humanos empregados em posições críticas por toda a Cidadela parecia crescer a cada dia: prova ainda maior de que sua espécie se tornara valiosa para a comunidade galáctica em apenas alguns anos. Isto fortaleceu sua decisão enquanto ela entrava no elevador que a levaria pelo lado de fora da Torre à Câmara do Conselho.

O elevador era transparente, e, ao disparar para o céu, ela podia ver todo o Presidium estendendo-se abaixo. Ao subir ainda mais, Goyle enxergava para além das margens do anel interno da Cidadela. Ao longe, via as luzes bruxuleantes dos distritos, estendendo-se fora de vista pelos cinco braços da Cidadela.

A vista era espetacular, mas a embaixatriz fez o que pôde para ignorá-la. Não era por acaso que a grandeza da Cidadela estava em plena exibição ali. Embora não tivessem poder oficial, os três indivíduos que compunham o Conselho eram, para todos os fins, os governantes da galáxia civilizada. A perspectiva de se reunir com eles cara a cara era uma experiência humilhante, até para alguém tão politicamente hábil como a maior embaixatriz da Aliança. E ela sabia bem que o longo percurso de elevador até o ápice da Torre fora cuidadosamente elaborado para fazer com que os visitantes se sentissem assombrados e sobrepujados muito antes de se encontrarem com o próprio Conselho.

Em menos de um minuto estava no último andar, seu estômago se revirando um

pouco com a desaceleração do elevador, que em seguida parou. Ou talvez fossem apenas seus nervos. As portas se abriram, e Goyle entrou no longo corredor que servia de antessala à Câmara do Conselho.

No fim do corredor, havia uma escada larga para o alto, com amplas passagens se ramificando de cada lado de sua base. Seis guardas de honra — dois turians, dois salarians e duas asaris, um par de cada espécie representada no Conselho — postavam-se atentos de cada lado do corredor. Goyle passou por eles sem reconhecer sua presença: eles não tinham outro propósito além de pompa e circunstância.

Subiu a escada um degrau de cada vez. Enquanto ascendia, as paredes se iam se dissolvendo, revelando a glória da Câmara do Conselho. Parecia-se com os anfiteatros romanos da antiga Terra, uma oval grande com cadeiras para milhares de espectadores de cada lado. Montadas no piso na extremidade, havia plataformas elevadas talhadas do mesmo material praticamente impenetrável que compunha o resto da estação espacial. A escada que Goyle subia agora a levaria ao alto de uma dessas plataformas: o Tablado dos Peticionários. Dali, ela teria vista para a vasta câmara na plataforma oposta, onde o Conselho estaria sentado para ouvir seu caso.

Ao subir ao Tablado dos Peticionários e se aproximar da tribuna, a embaixatriz ficou aliviada ao notar que nenhuma das cadeiras para espectadores estava ocupada. Embora a decisão fosse pública, era evidente que o Conselho queria guardar segredo da natureza exata daquela reunião com a Aliança. Isso fortaleceu ainda mais a determinação de Goyle: parte dela temia que isto não passasse de um espetáculo para exibição pública, sem que ela tivesse qualquer chance de defender os atos da humanidade.

Na outra extremidade, os integrantes do Conselho estavam sentados. A conselheira asari estava no meio, diretamente em frente à embaixatriz Goyle. À esquerda dela, à direita de Goyle, estava o conselheiro turian. À direita da asari, o representante salarian. Acima de cada um deles havia uma projeção holográfica de cinco metros de altura de suas cabeças e ombros, permitindo que os peticionários vissem com clareza as reações de cada membro do Conselho, apesar da distância entre os dois tablados.

— Não há necessidade de fingimentos aqui — anunciou o turian, dando início aos procedimentos com uma surpreendente falta de formalidade. — Fomos informados por um de nossos agentes, um Espectro, que a humanidade está realizando pesquisa ilegal sobre inteligência artificial em uma de suas instalações na Fronteira Skylliana.

— Esta instalação foi destruída — lembrou a embaixatriz Goyle, tentando ganhar simpatia. — Dezenas de vidas humanas foram perdidas em um ataque gratuito.

— Não é este o propósito desta audiência — disse a asari, com a voz fria apesar do caráter lírico subjacente que era comum à fala de todo seu povo. — Só estamos

aqui para falar de Sidon em si.

— Embaixatriz — intrometeu-se o salarian —, certamente você compreende os perigos que a inteligência artificial representa para a galáxia.

— A Aliança tomou cada precaução concebível com nossa pesquisa em Sidon — respondeu Goyle, recusando-se a se desculpar pelo que acontecera.

— Não há qualquer garantia disso, exceto por sua palavra — rebateu o turian. — E vocês já provaram como sua espécie pode ser pouco confiável.

— Esta reunião não tem como objetivo atacar a sua espécie — disse rapidamente a asari, tentando atenuar as observações do turian. — A humanidade é uma recém-chegada na comunidade galáctica, e fizemos todo o possível para acolher sua espécie.

— Por exemplo, quando os turians conquistaram Shanxi na Guerra do Primeiro Contato?

— O Conselho interveio em nome da humanidade neste conflito — lembrou-lhe o salarian. — Os turians agravavam uma contrarreação, reuniam a frota. Milhões de vidas humanas teriam sido perdidas se não fosse por nossa interseção.

— Dei todo meu apoio às ações do Conselho na época. — O turian fez questão de observar. — Ao contrário de alguns de minha espécie, não tenho má vontade para com a humanidade ou a Aliança. Mas também não acredito que devam ter tratamento preferencial.

— Quando convidamos a humanidade a participar do Espaço da Cidadela — disse a asari, pegando a linha de raciocínio do turian rapidamente —, vocês concordaram em se submeter às leis e convenções deste Conselho.

— Vocês só querem fazer de nós o exemplo porque estamos expulsando os batarians na Fronteira — acusou Goyle. — Sei que a embaixada deles ameaçou romper relações com a Cidadela se não tomassem alguma providência.

— Ouvimos o caso deles — admitiu o salarian. — Mas não tomamos medida alguma. A Fronteira é território não reclamado, e é política do Conselho não se envolver em disputas regionais a não ser que tenham um impacto amplo no Espaço da Cidadela. Procuramos preservar a autonomia de cada espécie em todas as questões, exceto naquelas que ameaçam toda a galáxia.

— Como sua pesquisa em inteligência artificial — acrescentou o turian.

A embaixatriz balançou a cabeça, exasperada.

— Não podem ser tão ingênuos a ponto de pensar que a humanidade é a única espécie que investiga isso! — exclamou.

— Não é a ingenuidade, mas a sabedoria que nos leva a pensar assim — contratacou a asari.

— Seu povo não estava aqui para ver a queda dos quarians nas mãos dos geth — lembrou-lhe o salarian. — Os perigos de criar vida sintética inteligente, em qualquer

forma, nunca tiveram exemplo mais claro. A humanidade simplesmente não entende que os riscos são grandes demais.

— Riscos? — Goyle se esforçou para não gritar enquanto continuava a atacar. — O único risco aqui é acreditarem ser útil enterrar suas cabeças na areia e esperar que os problemas desapareçam! Os geth ainda estão lá fora. A vida sintética é uma realidade. A criação de uma verdadeira inteligência artificial... Talvez toda uma raça dela... É inevitável. Talvez já estejam em algum lugar, esperando para serem descobertos. Se não estudarmos agora a vida sintética, em ambiente controlado, como podemos ter esperança de resistir a ela?

— Entendemos que existem riscos inerentes à criação da vida sintética — observou a asari. — Mas isto não pressupõe automaticamente que não teremos alternativa senão entrar em conflito com ela. Este é um conceito da humanidade.

— Outras espécies adotam a filosofia subjacente da coexistência mútua — explicou o salarian, como se estivesse dando uma aula. — Vemos força na unidade e na cooperação. A humanidade, porém, ainda parece acreditar que a competição é a chave da prosperidade. Como espécie, vocês são agressivos e antagonicos.

— Toda espécie compete por poder — rebateu a embaixatriz. — O único motivo para vocês três serem capazes de se sentar e julgar o resto da galáxia é que as raças do Conselho controlam a frota do Conselho!

— As raças do Conselho investem recursos imensuráveis em nossos esforços de garantir uma ampla paz galáctica — declarou com raiva o turian. — Dinheiro, naves e até milhões de nossos próprios cidadãos são entregues livremente a serviço do bem maior!

— Em geral, as decisões do Conselho contrariam nossa própria espécie — lembrou-lhe o salarian. — A senhora sabe disso por experiência própria: os turians foram obrigados a fazer pesadas reparações à Aliança depois de sua Guerra do Primeiro Contato, embora possamos argumentar que o conflito aconteceu mais por culpa da humanidade do que deles.

— A ligação entre a filosofia teórica e as ações práticas é certamente tênue — admitiu a asari. — Não negamos que indivíduos agindo sozinhos, e culturas ou espécies como um todo, procurarão expandir seus territórios e sua influência. Mas acreditamos que isto é melhor realizado quando se compreende que deve haver reciprocidade: o que vocês, humanos, chamam de toma lá dá cá. É o que nos torna dispostos a nos sacrificar pelo bem dos demais — concluiu ela. — Pode dizer com sinceridade o mesmo sobre a humanidade?

A embaixatriz não respondeu. Como maior representante da Aliança na Cidadela, ela havia estudado a fundo a política interestelar. Estava intimamente familiarizada com cada decisão que o Conselho tomara nos últimos dois séculos. E embora houvesse um viés muito sutil para com seus próprios povos no padrão geral das

decisões do Conselho, tudo que eles diziam era fundamentalmente a verdade. As asaris, os salarians e até os turians tinham a merecida fama de desprendimento e altruísmo numa escala galáctica.

Era uma das coisas com que Goyle ainda se debatia, aquele equilíbrio delicado que as outras raças mantinham entre o interesse pessoal e o bem-estar coletivo de todas as espécies que haviam jurado obediência à Cidadela. A integração e amálgama de novas culturas alienígenas à comunidade interestelar eram quase fáceis demais; não parecia natural. A teoria da embaixatriz era de que aquilo de algum modo estava relacionado com a tecnologia prothean comum a cada espécie que viajava no espaço. Proporcionava um ponto de semelhança, algo em que se basear. Mas por que, então, a humanidade não se adaptara tão tranquilamente como todos os outros?

— Não estamos aqui para discutir política — disse finalmente a embaixatriz, evitando a pergunta da conselheira asari. De repente, sentia-se exausta. — O que pretendem fazer a respeito de Sidon? — Não tinha sentido arrastar ainda mais esta questão: não havia nada que ela pudesse fazer para que o Conselho mudasse de ideia.

— Haverá sanções contra a humanidade e a Aliança — informou-lhe o turian. — Este é um crime grave e as penalidades devem refletir isso.

Talvez isto só faça parte do processo de assimilação da humanidade na comunidade interestelar, pensou Goyle, cansada. *Uma evolução gradual e inevitável que colocará a Aliança alinhada com o resto das espécies subordinadas ao Conselho.*

— Como parte das sanções, o Conselho nomeará vários representantes para monitorar a atividade da Aliança pela Fronteira. — Agora era o salarian que falava, entrando em detalhes sobre a punição à humanidade.

Talvez apenas sejamos fundamentalmente diferentes da maioria das demais espécies, pensou Goyle, ouvindo apenas parte do julgamento proferido. *Talvez não consigamos nos adaptar porque há algo de errado conosco.* Havia algumas espécies, como os krogans, que eram essencialmente belicosas e hostis. No fim, os krogans sofreram por isso, incorrendo na ira do resto da galáxia, que dizimara sua população, fazendo com que terminassem como um povo moribundo e disperso. Seria este também o destino da humanidade?

— Estes representantes nomeados do Conselho também farão inspeções regulares em todas as instalações e colônias da Aliança, inclusive a Terra, para garantir que estejam cumprindo as leis e regulamentações da Cidadela.

Talvez sejamos antagônicos.

A humanidade certamente era agressiva. Para não falar vigorosa, determinada e implacável. Mas seriam estes realmente defeitos? A Aliança tinha se espalhado para

bem mais além e com agilidade maior do que qualquer outra espécie. Segundo suas estimativas, a Aliança teria o poder de se equiparar às raças do Conselho em vinte ou trinta anos. E, de repente, tudo fez sentido.

Estão com medo de nós! O cansaço e a preocupação que dominavam a embaixatriz Goyle minutos antes desapareceram, varridos por essa simples revelação assombrosa. *Na verdade, eles estão com medo de nós!*

— Não! — disse ela incisivamente, interrompendo o salarian que continuava monotonamente a lista de suas exigências.

— Não? — disse ele, confuso. — Não o quê?

— Eu não aceito esses termos. — Ela quase cometera um erro terrível. Tinha deixado aqueles alienígenas manipularem-na, distorcerem sua mente até que duvidasse de si mesma e de seu povo. Mas ela não ia se curvar a eles agora. Não ia se desculpar porque a humanidade agia como humana.

— Esta não é uma negociação — alertou o turian.

— É aí que estão enganados — disse Goyle, com um sorriso ardoroso. A humanidade a escolhera como sua representante, sua defensora. Era dever da embaixatriz defender os direitos de cada homem, mulher e criança na Terra e em toda a Aliança. Eles precisavam dela agora, e ela lutaria por eles!

— Embaixatriz, talvez não tenha compreendido a gravidade da situação — sugeriu a asari.

— Vocês é que não compreenderam. — Foi a resposta severa de Goyle. — Estas sanções que propõem aleijarão a humanidade. A Aliança não permitirá que isto aconteça. *Eu* não permitirei que isto aconteça.

— Acredita realmente que a humanidade pode desafiar o Conselho? — perguntou o turian, incrédulo. — Acredita realmente que seu povo pode triunfar numa guerra contra nossas forças combinadas?

— Não — admitiu abertamente Goyle. — Mas não nos submeteremos assim tão facilmente. E não creio que estejam dispostos a entrar em guerra por algo do tipo. Não conosco. O custo seria excessivamente alto. Naves e vidas demais perdidas num conflito que todos queremos evitar. Para não mencionar o impacto que teria para todas as demais espécies. Somos a força dominante na Fronteira Skylliana e na Travessia de Ática. A expansão da Aliança estimula a economia dessas regiões: as naves e os soldados da Aliança ajudam a manter a ordem por lá.

Pela expressão das respectivas projeções holográficas que a embaixatriz podia ver, ela tocara num ponto delicado. Ansiosa para fazer valer seu argumento, continuou antes que qualquer integrante do Conselho pudesse responder:

— A humanidade é um importante parceiro comercial de meia dúzia de outras espécies no Espaço da Cidadela, inclusive cada uma de suas raças. Representamos mais de 15 por cento da população e milhares de humanos trabalham na segurança e

no controle da Cidadela. Fazemos parte da comunidade galáctica há menos de uma década e já somos importantes demais, essenciais demais, para que simplesmente nos forcem a sair!

Ela continuou sua invectiva, ainda falando mesmo enquanto tomava fôlego: uma técnica que dominava já no início de sua carreira política.

— Vou admitir que cometemos um erro. Deve haver algum tipo de punição. Mas os humanos assumem riscos. Empurramos os limites. É assim que nós somos. Às vezes vamos longe demais, mas isso ainda não dá a vocês o direito de nos desferir tapas como se fossem pais severos! A humanidade tem muito a aprender para lidar com outras espécies. Mas vocês também têm muito a aprender para lidar conosco. E é melhor que aprendam rápido, porque nós, humanos, estamos aqui para ficar!

Quando a embaixatriz finalmente parou, caiu um silêncio assombrado sobre a Câmara do Conselho. Os três representantes do governo mais poderoso da galáxia se entreolharam, depois desligaram os microfones e o projetor holográfico para ter uma breve conferência particular. Do outro lado da sala, era impossível para Goyle interpretar suas expressões e ouvir o que diziam sem qualquer tecnologia de amplificação, mas estava claro que tratava-se de um debate muito acalorado.

A reunião durou vários minutos antes que chegassem a um acordo e ligassem os microfones e o projetor holográfico.

— Que tipo de penalidades sugere, embaixatriz? — perguntou a conselheira asari.

Goyle não sabia se a pergunta era sincera, ou se estavam tentando seduzi-la a cair em alguma armadilha. Se ela sugerisse algo leve demais, eles podiam simplesmente desprezá-la e forçar a humanidade a aceitar os termos originais, e as consequências que se danassem.

— Multas monetárias, é claro — começou Goyle, tentando determinar o mínimo que considerariam aceitável. Embora não fosse admitir, ela sabia que era importante desestimular outras espécies a pesquisar ilegalmente a inteligência artificial. — Todos concordamos com as sanções, mas elas devem ser específicas: de abrangência, região e duração limitadas. Vamos nos opor a qualquer proposição unilateral com base apenas no princípio. Nosso progresso como sociedade não suportará ser tolhido por restrições autoritárias. Posso ter uma equipe de negociadores da Aliança preparados amanhã para trabalhar nos detalhes de alguma coisa com que *todos* possamos conviver.

— E quanto aos inspetores nomeados para supervisionar as operações da Aliança? — perguntou o salarian.

Era de fato uma pergunta, uma solicitação, e não uma ordem. Foi quando Goyle percebeu que havia ganhado. Eles não estavam preparados para teimar, e ela claramente estava.

— Não vai acontecer. Como muitas espécies, os humanos são um povo soberano.

Não suportaríamos investigadores estrangeiros olhando por cima de nossos ombros para cada coisinha que fizemos.

A embaixatriz sabia que eles provavelmente aumentariam o número de agentes da inteligência monitorando a atividade humana, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito disso. Cada espécie espionava as outras — era da natureza do governo, uma engrenagem da máquina da política. E todos sabiam que o Conselho fazia o jogo da espionagem e da coleta de informações, como todo mundo. Mas ter de aumentar as atividades de contrainteligência da Aliança era uma perspectiva muito melhor do que dar acesso irrestrito a uma equipe de observadores oficialmente nomeados da Cidadela.

Houve outra longa pausa, mas desta vez o Conselho não conferenciou. No fim, foi a asari que rompeu o silêncio:

— Então, por ora, procederemos assim. Os negociadores de ambos os lados se reunirão amanhã. Esta reunião do Conselho está encerrada.

Goyle balançou a cabeça discretamente, mantendo a expressão neutra. Conquistara uma importante vitória e não havia vantagem alguma em se gabar dela. Mas ao descer a escada do Tablado dos Peticionários ao elevador que a levaria de volta ao Presidium, um sorriso malicioso e presunçoso avançava por seus lábios.

DEZESSEIS

A voz da mulher no vídeo de notícias nunca oscilava nem mudava de tom ao contar os detalhes de sua mais recente manchete.

“Além da multa, a Aliança concordou em aceitar voluntariamente várias sanções comerciais como punição pela violação das Convenções da Cidadela. A maioria dessas sanções será incorrida nos campos da fabricação de núcleo propulsor e da produção do elemento zero. Um economista alertou que os preços da energia na Terra podem saltar até 20 por cento nos próximos...”

Anderson desligou o vídeo com o controle remoto.

— Achei que seria pior — disse Kahlee.

— Goyle é uma negociadora durona — explicou Anderson. — Mas ainda acho que tivemos sorte.

Os dois estavam sentados na beira da cama num quarto de hotel em Hatre. Foi Anderson quem alugou o quarto, cobrando da Aliança como parte da investigação. Porém, dividir um quarto de solteiro era uma necessidade na situação dos dois: ele ainda não falara de Kahlee para ninguém do QG da Aliança e teria levantado suspeitas se requisitasse outra suíte... Ou mesmo um quarto duplo.

— E agora? — perguntou Kahlee. — Aonde vamos a partir daqui?

Anderson deu de ombros.

— Sinceramente, não sei. Oficialmente, este se tornou um problema do Espectro, mas ainda há muitas pontas soltas para a Aliança simplesmente se afastar.

— Pontas soltas?

— Você, por exemplo. Ainda não temos prova concreta alguma de que não é uma traidora. Precisamos de alguma coisa para limpar seu nome. E ainda não sabemos quem é realmente o traidor ou para onde levaram o Dr. Qian.

— Levaram o Dr. Qian? O que quer dizer com isso?

— A embaixatriz está convencida de que o Dr. Qian ainda está vivo e é mantido em cativeiro em algum lugar — explicou Anderson. — Ela acha que ele foi o verdadeiro motivo para o ataque à base. De acordo com Goyle, alguém queria o conhecimento e a expertise dele, e estava disposto a matar para conseguir.

— Isso é loucura — insistiu Kahlee. — E a tecnologia alienígena que ele descobriu? É esse o verdadeiro motivo para o ataque!

— Ninguém mais sabe disso — lembrou-lhe Anderson. — Só eu e você.

— Imaginei que você tivesse passado adiante. — Ela baixou os olhos.

— Eu não faria algo assim sem contar a você primeiro — garantiu-lhe Anderson.

— Se eu desse uma informação dessas a eles, iam querer saber onde descobri. Eu teria de contar sobre você. E acho que ainda não queremos isso.

— Você está mesmo cuidando de mim — sussurrou ela.

Havia algo estranho em sua reação branda, como se ela estivesse constrangida ou envergonhada.

— Kahlee? O que está havendo?

A jovem se levantou da cama e foi ao outro lado do quarto. Parou, respirou fundo, depois se virou para ele.

— Preciso contar uma coisa a você. — Seu tom era sisudo. — Andei pensando muito nisso. Desde que você me falou de ter encontrado Saren em Dah'tan.

Ele não disse nada, apenas gesticulou para que continuasse.

— Quando vi você pela primeira vez na casa do meu pai, não confiei em você. Mesmo depois de ter lutado com aquele krogan, eu ainda não tinha certeza se era porque você realmente acreditava em mim ou se só estava tentando me conquistar para eu lhe contar o que sabia sobre Sidon.

Anderson quase abriu a boca para dizer que podia confiar nele, depois mudou de ideia. Era melhor deixar que ela chegasse a essa conclusão sozinha.

— Depois fomos a Dah'tan e você encontrou Saren... Sei o que aconteceu lá, David. Mesmo que você não tenha me dito.

— Do que está falando? — protestou ele. — Eu contei tudo o que aconteceu!

Ela meneou a cabeça.

— Nem tudo. Você disse que Saren pensou em matar você, depois mudou de ideia por que teve medo de haver testemunhas. Mas você não se incomodou em dizer a ele que tinha ido com outra pessoa, não foi?

— Não precisei fazer isso. Ele deduziu tudo sozinho.

— Mas se ele *não* tivesse deduzido, teria matado você! Você colocou sua própria vida em perigo em vez de simplesmente dizer ao Espectro que eu estava ali perto.

— Está interpretando demais essa história toda. — Anderson se remexeu, pouco à vontade. — Nunca pensei em dizer nada antes de ele ir embora.

— Você mente muito mal, tenente. — Ela abriu um leve sorriso. — Provavelmente porque é uma boa pessoa.

— E você também.

— Não. — Kahlee meneou a cabeça. — Não sou mesmo. Não sou uma boa pessoa. Deve ser por isso que minto tão bem.

— Você mentiu para mim? — Em sua cabeça, Anderson podia ouvir o alerta de Saren durante o confronto dos dois na frente das ruínas de Dah'tan. *Ela está mentindo para você. Ela sabe muito mais do que lhe contou.*

— Eu sei quem era o traidor de Sidon. Tenho provas. E sei como descobrir com quem estava trabalhando.

Anderson sentiu como se levasse um tabefe na cara. Não sabia o que doía mais: o fato de que Kahlee o enganara ou de que isso ficara evidente a Saren muito antes de ele sequer ter ideia.

— Por favor — disse ela, vendo sua expressão ferida. — Você precisa entender.

— Eu entendo — disse ele suavemente. — Você só estava sendo inteligente. Cuidadosa. — *E eu fui cego e idiota demais para ver o que realmente acontecia.*

O divórcio devia ter afetado Anderson muito mais do que ele tinha percebido. Ficara tão desesperado e solitário que havia imaginado uma ligação especial entre ele e Sanders, quando só o que tinham realmente em comum era a relação com um ataque a uma base da Aliança. Sacrificar tudo para ser um soldado melhor tinha custado seu casamento. Agora que o divórcio estava finalizado, ele deixava que seus sentimentos pessoais interferissem com uma atribuição militar. Cynthia teria rido da ironia.

— Eu ia contar a você — insistiu Kahlee. — Naquela primeira noite. Depois de você nos salvar do krogan. Grissom me disse para não fazer isso.

— Mas você contou a ele.

— Ele é meu pai!

Um homem que você mal conhecia, pensou Anderson, embora não tenha dito nada em voz alta. Logicamente ele entendia por que ela havia feito isso, mas a compreensão não dirimia em nada sua dor. Ela o usara. Esteve brincando com ele durante toda a investigação, dando-lhe fragmentos de informação para mantê-lo distraído e ele não perceber a verdade: que Kahlee tinha as respostas que ele procurava há tanto tempo.

Anderson respirou longa e lentamente, controlando as emoções. Não tinha sentido chafurdar nisso: acabou. Estava feito. Pensar que Kahlee o havia manipulado não o ajudaria a concluir a missão; de nada adiantaria para vingar aqueles que perderam a vida em Sidon.

— Então, quem é o traidor? — perguntou ele numa voz cuidadosamente neutra.

— O Dr. Qian. Não é óbvio?

Anderson não conseguia acreditar.

— Está dizendo que um dos cientistas mais respeitados e influentes da Aliança traiu e ajudou a assassinar a equipe selecionada por ele mesmo? Por quê?

— Eu já falei! Ele tinha medo de que encerrassem o projeto. Devia saber que eu ia denunciá-lo. O único jeito de ele continuar estudando aquela tecnologia alienígena que descobriu era destruir Sidon e colocar a culpa em mim!

— Acha realmente que ele estava disposto a matar por isso!? — perguntou Anderson, ainda cético. — Pela pesquisa?

— Eu disse a você que ele era obcecado, lembra? Alguma coisa o dominava. E isso o transformou. Ele... Ele não estava em seu juízo perfeito.

Kahlee se aproximou e se abaixou sobre um dos joelhos diante dele, segurando-lhe as mãos.

— Sei que é difícil acreditar em mim depois de tudo que escondi de você. Mas Qian estava instável. Por isso decidi denunciá-lo — explicou ela. — Eu sabia que estava me arriscando, mas só vi o grau de seriedade das coisas quando descobri que a base havia sido destruída. Foi quando percebi como o Dr. Qian havia se tornado perigoso, até que ponto ele podia chegar. Fiquei apavorada!

Os atos de Kahlee eram plenamente justificáveis, mas Anderson não queria ouvir. Não agora. Ele se levantou, tirando a mão da dela ao se afastar para o outro lado do quarto. Queria acreditar nela, mas a situação era implausível demais. Podia um homem respeitado da ciência e do saber de repente se transformar num monstro que eliminaria os amigos e colegas de trabalho por uma tecnologia alienígena?

— Você mencionou que tinha provas? — perguntou ele, virando-se para ela.

Kahlee pegou um pequeno disco ótico e estendeu-lhe.

— As cópias dos arquivos pessoais dele. Caso eu precisasse de alguma coisa como moeda de troca. — Ela jogou o disco para Anderson, que o pegou cautelosamente, com medo de danificá-lo. — Entregue isto à Aliança. Provará que estou dizendo a verdade.

— Por que não me deu isso antes?

— Eu não sabia se Qian estava agindo sozinho. Ele tinha poder e influência demais na Aliança: almirantes, generais, embaixadores, políticos, Qian conhece todos. Se eu te entregasse o disco e você passasse a alguém que trabalhava com ele... — Ela não terminou o raciocínio. — Por isso não te contei, David. Precisava ter certeza.

— Por que agora? O que mudou?

— Você tem pessoas de confiança na Aliança. Eu finalmente concluí que posso confiar em você.

Anderson colocou o disco no bolso da camisa e voltou a se sentar ao lado dela na cama.

— Você também disse que sabia de um jeito de descobrir com quem Qian trabalhava.

— Todos os arquivos pessoais dele de Sidon estão nesse disco. Grande parte contém notas adicionais de pesquisa. Coisas que ele guardava para si mesmo. Não tive a chance de dar uma olhada em tudo antes de fugir. Mas me certifiquei de ter pegado todos os registros financeiros. Quebre a criptografia, localize a origem de todas as transações e elas levarão a quem financiou toda a operação.

Anderson concordou, satisfeito.

— Siga o dinheiro.

— Exatamente.

Eles ficaram sentados em silêncio por um tempo, um ao lado do outro, na beira da cama. Nenhum dos dois falava, nem se afastava. Anderson foi o primeiro a tomar uma atitude. Levantou-se e foi pegar o casaco.

— Precisamos levar esses dados à embaixatriz Goyle — disse-lhe. — Vai limpar seu nome e nos dizer com quem trabalhava Qian.

— E depois? — perguntou ela, levantando-se ansiosamente para também pegar o casaco. — O que vamos fazer?

— Depois vou atrás de quem atacou Sidon. Mas você não virá comigo.

Kahlee congelou, com um braço enfiado na manga do casaco.

— Do que está falando?

Anderson ainda estava magoado por ela não ter confiado nele, mas não era por isso que agia assim. Seus sentimentos feridos eram problema dele, não dela. Ela apenas fizera o necessário para sobreviver à toda aquela confusão e ele não podia sinceramente culpá-la por nada disso. Não era culpa de Kahlee que ele tivesse se deixado envolver emocionalmente. Mas agora era responsabilidade dele cuidar para que isso não voltasse a acontecer.

— Aquele krogan ainda está procurando por você. Precisamos tomar medidas para tirá-la deste planeta. Levá-la para um lugar onde ficará segura.

— Espere um minuto! — protestou Kahlee, com raiva. — Não pode simplesmente me deixar para trás! Foram meus amigos que morreram no ataque! Eu tenho o direito de ver isso até o fim!

— As coisas vão ficar feias. Você faz parte da Aliança, mas nós dois sabemos que não é uma soldado. Se vier comigo, vai me atrasar e atrapalhar.

Ela o fuzilou com os olhos, mas claramente não conseguiu pensar em nada para refutar o argumento.

— Você fez a sua parte — acrescentou ele, dando um tapinha no bolso com o disco ótico. — Agora seu trabalho acabou. Mas o meu só está começando.

— Isto é inaceitável! — gritou o Dr. Shu Qian.

— Essas coisas levam tempo — respondeu Edan Had'dah, na esperança de acalmá-lo. Receara aquela reunião a manhã toda.

— Tempo? Tempo para quê? Não estamos fazendo nada!

— Há um Espectro aqui em Camala! Precisamos esperar até que ele desista e vá embora.

— E se ele não desistir? — A voz de Qian se elevou uma oitava.

— Ele desistirá. Com Dah'tan e Sidon destruídos, não resta mais nada que ligue meu nome a isso. Seja paciente e ele irá embora.

— Você me prometeu uma chance de continuar minha pesquisa! — gritou Qian, percebendo que o assunto do Espectro não lhe daria oportunidade suficiente para reclamar. — Nunca mencionou que eu ficaria preso aqui, perdendo meu tempo nas entranhas de uma refinaria imunda!

O batarian esfregou o ponto pouco acima de seus olhos internos com a mão livre, tentando se livrar da dor de cabeça crescente. Em geral, os humanos eram irritantes: como espécie, ele os achava excessivamente ruidosos, grosseiros e mal educados. Mas lidar com Dr. Qian estava se revelando um tormento especial.

— Construir o tipo de instalação que você precisa é uma tarefa difícil — lembrou ele ao carrancudo doutor. — Você precisou de meses para adaptar o equipamento em Sidon. Desta vez, estamos começando do zero.

— Isso não seria problema se não tivesse destruído meu laboratório e acabado com nosso fornecedor! — Qian o acusou.

Na verdade, fora ideia de Qian destruir a base da Aliança. Assim que descobrira que Kahlee Sanders tinha desaparecido, ele entrara em contato com Edan e exigira que seu parceiro batarian tomasse uma atitude. Chegara mesmo a providenciar as plantas e os códigos de acesso da base.

— Não podíamos deixar que aquele Espectro colocasse as mãos nos registros de Dah'tan — explicou Edan pela décima vez. — Além disso, existem outros fornecedores. Agora mesmo meu pessoal está trabalhando na construção de um novo laboratório para você. Um que fique bem longe das fronteiras do Espaço da Cidadela, longe dos olhos curiosos do Conselho. Mas não podemos simplesmente adquirir tudo que precisamos com uma compra enorme. Não sem chamar atenção indesejada.

— Você já chamou a atenção deles! — rebateu o humano, voltando ao assunto do Espectro.

Qian estava extremamente agitado desde o ataque a Sidon e a cada dia que passava parecia ficar mais irritado, hostil e paranoico. No início, Edan imaginara que podia ser a culpa por ter traído seus companheiros humanos que impulsionava a rápida deterioração mental de Qian. Logo, ele percebeu que a verdadeira causa era algo muito diferente.

Qian estava obcecado pelo artefato alienígena. Só se importava com aquilo e só pensava naquilo dia e noite. Não estar trabalhando para desvendar seus segredos parecia causar uma verdadeira dor física no doutor.

— Aquele Espectro está procurando por nós agora mesmo — alertou Qian, a voz caindo a um sussurro áspero. — Ele está procurando por *aquilo*!

Não havia necessidade de esclarecer o que era *aquilo*. Porém, quase não havia chance alguma de alguém topar com o artefato por acaso. Ainda estava lá fora, onde uma das equipes de exploração do espaço profundo de Edan o tinha descoberto,

orbitando um mundo não mapeado em um sistema remoto perto do Véu de Perseu. As únicas pessoas que sabiam de sua localização eram os dois e a pequena equipe de pesquisadores e cientistas que o encontraram, e Edan tivera o cuidado de mantê-los na superfície do mundo desconhecido, completamente isolados de qualquer outro contato.

Se soubesse como o doutor ficaria irracional, Edan teria feito as coisas de um jeito diferente. Aliás, verdade seja dita, era passível de discussão se Qian era o único a agir de forma irracional. Antes de tudo isso, Edan fazia questão de nunca tratar diretamente com humanos. E, apesar de todas as atividades ilegais de que dispusera para construir sua fortuna e seu império, ele nunca havia feito nada que recaísse sob a jurisdição dos Espectros.

Entretanto, quase imediatamente a partir do momento em que viajara para examinar a incrível descoberta de sua equipe de exploração, havia tomado decisões que muitos que o conheciam teriam considerado loucamente despropositadas. Mas apenas porque não tinham consciência da mera magnitude do que ele tinha encontrado.

— Não está segura lá fora — continuou Qian, como a voz assumindo um tom suplicante. — Precisamos mudá-la. Levar para algum lugar mais próximo.

— Não seja idiota! — vociferou Edan. — Uma coisa daquele tamanho não pode simplesmente ser transferida para outro sistema! A não ser que a carreguemos com rebocadores. Sem falar que, tão perto assim do Véu, certamente atrairia a atenção dos geth! Pode imaginar o que aconteceria se isto caísse nas mãos deles?

Qian não tinha resposta, mas não calou a boca.

— Então aquilo fica lá fora — disse ele, com o tom cínico e sarcástico. — Enquanto os seus supostos especialistas descem ao planeta para remexer e tentar entender o que descobriram que eu fiz, fico preso aqui sem fazer nada!

Havia vários cientistas na equipe de exploração que descobrira o artefato: todo propósito da viagem tinha sido buscar tecnologia prothean não reclamada na esperança de que o império corporativo de Edan extraísse algum lucro disso. Mas ninguém era especialista no campo da inteligência artificial e Qian tinha razão quando dizia que estava além da capacidade deles.

Edan procurara incansavelmente por muito tempo por alguém com conhecimento e experiência para ajudá-lo a desvendar o potencial do que ele havia descoberto. E depois de milhões de créditos gastos em investigações longas — e muito discretas —, havia sido obrigado a aceitar a conclusão inescapável de que o único candidato adequado era um humano.

Engolindo o orgulho, ele pediu a seus representantes que abordassem cuidadosamente Qian. Aos poucos, atraíram cada vez mais o doutor, apelando ao orgulho profissional e à curiosidade científica, revelando apenas os detalhes menores

e mais tentadores de sua descoberta. O bizarro namoro havia durado mais de um ano, culminando na visita de Qian ao sistema para ver o artefato com os próprios olhos.

O efeito havia sido exatamente o Edan esperava. Qian entendia o que tinham descoberto. Percebeu que estava além de meros interesses humanos ou batarians. Reconheceu que tinha potencial para mudar fundamentalmente a galáxia e se atirou completamente nos esforços para desvendar esse potencial.

Mas, em dias como o de hoje, Edan ainda se perguntava se não teria cometido um erro.

— Seu pessoal é idiota — declarou Qian categoricamente. — Você sabe que eles não podem fazer qualquer progresso sem mim. Mal conseguem fazer as leituras básicas e obter simples dados observacionais sem estragar os resultados por acidente.

O batarian suspirou.

— Isto é temporário. Só até que o Espectro recue. Depois você terá tudo que quer: acesso ilimitado ao artefato; o laboratório na superfície do planeta; todos os recursos e assistentes de que precisar.

Qian bufou.

— Humpf! Isso vai adiantar tanto... Preciso de especialistas no campo. Pessoas com inteligência para entender o estamos fazendo. Como minha equipe de Sidon.

— Aquela equipe está morta! — gritou Edan, enfim perdendo a paciência. — Você ajudou a matá-los, lembra? Nós os transformamos em cinzas e vapor!

— Nem todos — disse Qian, com um sorriso. — Não Kahlee Sanders.

Edan ficou aturdido, num silêncio momentâneo.

— Eu sei o que Kahlee pode fazer — insistiu Qian. — Preciso dela no projeto. Sem ela, vamos nos atrasar meses. Talvez anos.

— Devo mandar um recado a ela agora mesmo? — perguntou Edan, com sarcasmo. — Tenho certeza de que vai ficar extasiada de se juntar a nós se simplesmente a convidarmos.

— Eu não disse que deveríamos convidá-la — respondeu Qian. — Pegue-a, simplesmente. Vamos achar um jeito de convencê-la a nos ajudar. Sei que seu pessoal pode ser muito convincente. Mas cuide para que não façam nada que prejudique suas capacidades cognitivas.

Edan fez que sim. Talvez o doutor não fosse tão irracional como ele pensava. Só havia um problema.

— E como vamos encontrá-la?

— Eu não sei. — Qian deu de ombros. — Mas sei que você vai pensar em alguma coisa. Talvez mandar aquele krogan atrás dela de novo.

DEZESSETE

Pela segunda vez em muitas semanas, a embaixatriz Goyle atravessava os campos verdejantes do Presidium para se encontrar com o Conselho da Cidadela. Da última vez que embarcara naquela jornada, havia sido convocada pelo Conselho para que a repreendessem por violações da humanidade ao Código da Cidadela. Desta vez, porém, fora ela quem tinha solicitado a audiência.

Como antes, passou pelo lago cintilante que era a peça central da cena pastoril. Mais uma vez galgou pela réplica do retransmissor de massa. Mas desta vez, ao pegar o elevador para o alto da Torre da Cidadela, ela realmente se permitiu desfrutar da vista.

Tinha conquistado uma vitória em sua última visita ao desafiar o Conselho. Mas em sua longa carreira como diplomata, ela sabia que as demonstrações de força não eram a única maneira de conseguir o que se deseja. Por toda a galáxia conhecida, a Aliança criava a fama de ser agressiva e hostil. As ações de Goyle no último encontro certamente haviam ajudado a cimentar tal opinião na mente dos conselheiros. Hoje, porém, ela pretendia mostrar a eles outro lado da humanidade.

Chegando ao último andar da Torre, ela saiu do elevador, passou pelos guardas de honra cerimoniais e subiu a escada ao Tablado dos Peticionários. Um instante depois, os conselheiros saíram de algum lugar atrás da plataforma elevada na outra extremidade da câmara e assumiram seus lugares, movimentando-se com precisão solene e calma.

Era difícil interpretar a linguagem corporal de outras espécies, mas esta era uma habilidade que a embaixatriz se esforçara muito para desenvolver. Ela sabia, por suas maneiras rígidas e formais, que eles esperavam que esta reunião fosse tão desagradável quanto a última. Goyle sorriu intimamente. Eles não estariam esperando por essa. Pegá-los desprevenidos daria a ela uma vantagem nas negociações.

— Bem-vinda, embaixatriz Goyle — cumprimentou a conselheira asari depois que todos estavam sentados e as projeções holográficas e os amplificadores de áudio foram ligados.

— Agradeço por concordarem em me receber, conselheira — respondeu ela.

— Apesar das desavenças de nossa última audiência, você ainda é membro da Cidadela — disse enfaticamente o turian. — Nunca pensaríamos em lhe negar o

direito a uma audiência, embaixatriz.

Goyle entendeu as implicações sutis nas palavras e no tom que ele usou. O Conselho não guardavam rancor, era superior a rixas mesquinhas. Inteiramente justo e imparcial. Concordar em vê-la só provava que as raças do Conselho eram moralmente superiores aos humanos, mais civilizadas.

— E qual é a propósito desta audiência? — perguntou a asari, num tom muito mais neutro. Embora talvez se sentisse tão superior quanto o turian, Goyle notou que ela mascarava muito melhor seus verdadeiros sentimentos.

— Em nosso último encontro, disseram que a humanidade precisava aprender a adotar o conceito de coexistência mutuamente benéfica — respondeu ela. — Estou aqui hoje para demonstrar que suas palavras não caíram em ouvidos moucos.

— E como exatamente pretende fazer isso? — perguntou o salarian.

— Trouxe um presente para o Conselho.

— Acha que pode comprar nossos favores, embaixatriz? — vociferou o turian.

A reação dele era exatamente a que Goyle esperava. Se ela conseguisse fazer parecer que eram eles que estavam dificultando as coisas, seria mais provável que cedessem a suas exigências antes que tudo estivesse terminado.

— Eu não pretendia ofender — desculpou-se humildemente, enquanto sorria por dentro. — Este não é um suborno, mas uma oferta feita de boa vontade.

— Continue, por favor — convidou a asari. Dos três, era ela quem Goyle achava mais difícil de interpretar. E não era coincidência que também fosse aquela em quem a embaixatriz menos confiava que podia manipular.

— Percebi que a humanidade cometeu um erro em Sidon. Um erro de que nos arrependemos profundamente. Tentando nos corrigir, estou aqui para oferecer ao Conselho cópias de todos os arquivos de pesquisa confidenciais da base.

— Esta... É uma oferta muito generosa — falou o salarian depois de hesitar por um momento. — Posso lhe perguntar por que está disposta a partilhar esta informação conosco?

— Talvez nossa pesquisa venha a se mostrar útil para o resto da galáxia. Talvez nos coloque mais próximos de relações pacíficas com os geth.

— Pensei que todos os arquivos da base tivessem sido destruídos no ataque — disse o turian, desconfiado.

Goyle já previra isso. Eles provavelmente pensavam que os arquivos eram falsos ou pelo menos que as informações delicadas teriam sido apagadas ou censuradas de alguma maneira. Mas seriam capazes de perceber se os dados fossem adulterados, então, depois de analisá-los, a embaixatriz decidira liberá-los inteiramente ao Conselho. Não havia nada de incriminador além do que já sabiam: no máximo, os arquivos claramente mostravam que Qian agira fora do escopo de suas atribuições oficiais, o que retirava parte da culpa da Aliança.

— A tenente Kahlee Sanders, uma sobrevivente do ataque, fez cópias dos arquivos antes de Sidon ser destruída.

Agora que Qian trabalhava com os batarians, fazia todo sentido do mundo que sua pesquisa fosse disponibilizada para os maiores especialistas das espécies aliadas. Provavelmente retribuiriam ajudando a defender a Aliança caso os batarians tentassem usar o trabalho de Qian para desenvolver tecnologia de inteligência artificial contra a humanidade. Além disso, os especialistas da Aliança que tinham analisado os arquivos garantiram-lhe que praticamente toda a pesquisa ainda era teórica. Levaria anos, talvez décadas para que qualquer parte dela resultasse em alguma aplicação prática.

E havia mais uma consideração importante.

— Os arquivos fazem menção a uma peça de tecnologia alienígena desconhecida, descoberta bem além das fronteiras do Espaço da Cidadela — informou-lhes Goyle.

— Que tipo de tecnologia? — Quis saber o salarian.

— Não sabemos — admitiu Goyle. — Obviamente tem relação com inteligência sintética, mas, além disso, Qian foi propositalmente vago nos detalhes. Pelas anotações dele, está claro que acredita que é muito mais avançada do que qualquer coisa desenvolvida por qualquer espécie atual.

— É prothean? — perguntou a asari.

— Não de acordo com as anotações de Qian. Mais uma vez, não temos muitos detalhes. Mas há alguma indicação de que o doutor pensava que podia ser usada em ligação com os geth.

— Os geth? — perguntou rapidamente o salarian. — De que maneira?

— Não está claro. Talvez Qian pense que permitirá que se comunique com eles de alguma maneira. Talvez até mesmo os controle. Não temos informações suficientes para ter certeza. Mas acreditamos que esta tecnologia represente uma ameaça legítima. Não só para a Aliança, mas para toda a galáxia.

— E acredita que quem atacou Sidon agora possua a tecnologia? — perguntou o salarian.

— Possivelmente — respondeu Goyle, um tanto hesitante. — Não parecia que estava realmente em Sidon. As anotações de Qian eram um tanto... erráticas.

— Está alegando que ele estava mentalmente desequilibrado? — perguntou a asari.

— Há alguma evidência disto, sim.

— Temos a certeza de que esta tecnologia realmente existe? — Quis saber o salarian. — Ou estamos perseguindo as ilusões de um louco?

— Se existir — ela os alertou —, não podemos correr o risco de ignorar.

— Precisamos encontrar as pessoas responsáveis pelo ataque — concordou o turian. — Antes que soltem isto na galáxia!

— Devem começar por Edan Had'dah. Um batarian de Camala. O tenente David Anderson, o homem enviado para investigar esta questão, acredita que ele estava por trás dos ataques. Seu próprio pessoal pode confirmar isso quando lhes enviarmos os arquivos.

Houve uma breve pausa e os hologramas foram desligados enquanto os conselheiros faziam uma rápida conferência.

— Vamos repassar a informação ao Espectro que está investigando o assunto — informou-lhe o salarian depois que terminaram.

— O Conselho agradece à senhora por trazer isto a nossa atenção — disse a asari.

— A Aliança não deseja se desentender com o Conselho — explicou Goyle. — Ainda somos novos na cena galáctica, mas estamos ansiosos para mostrar nossa disposição para cooperar e coexistir com as demais espécies da Cidadela.

Ela podia ver, pelas expressões dos conselheiros, que os tinha conquistado para seu lado. Agora era hora de atacar.

— Kahlee Sanders, a pesquisadora que escapou de Sidon, está escondida agora em Camala — continuou Goyle, passando sem interrupções da súplica ao apelo que ela sabia que seria atendido. — Temos motivos para acreditar que sua vida corre perigo enquanto ela permanecer naquele mundo. A Aliança gostaria de providenciar que uma de nossas naves desça em algum lugar de Camala, longe dos portos, para buscá-la e levá-la à segurança.

— Esta é uma solicitação razoável — replicou o turian depois de pensar por um momento. — O Conselho pode fazer arranjos com as autoridades batarians para que deem permissão.

— Há mais um pedido que gostaria de fazer ao Conselho — acrescentou a embaixatriz Goyle, empregando uma das táticas mais básicas, porém mais eficazes de negociação: quem concorda com pouco, concorda com muito. Conseguir que alguém aquiesça com algo menor estabelecia um tom de concordância e cooperação. Aumentava a probabilidade de que fossem receptivos em questões maiores. — O tenente Anderson, o agente da Aliança que trouxe à luz o envolvimento de Edan, também está em Camala.

— Deseja que também o retiremos de lá? — deduziu o salarian.

— Na realidade, gostaríamos que ele acompanhasse seu Espectro quando for atrás de Edan Had'dah.

— Por quê? — perguntou a asari. Goyle não sabia se ela estava desconfiada ou apenas curiosa.

— Por vários motivos — admitiu a embaixatriz. — Pensamos que o Dr. Qian ainda pode estar vivo. Se for capturado, gostaríamos que fosse extraditado para a Aliança a fim de que seja julgado por seu papel no assassinato de nosso povo em Sidon. E vemos isto como uma oportunidade de aprendizado para o tenente

Anderson. A reputação dos Espectros é bem conhecida: eles são representantes do Conselho, os guardiões do Espaço da Cidadela. Trabalhar com seu agente ajudará o tenente a compreender melhor os métodos empregados pelos Espectros na defesa da paz e da estabilidade interestelar.

Ela hesitou brevemente antes de continuar, levando um momento para formular com exatidão o argumento seguinte. Aquele pedido podia sair pela culatra, mas representava todo o propósito da audiência. E era provável que os conselheiros já estivessem pensando nisso por eles mesmos.

— Também temos esperança de que seu agente possa avaliar o desempenho do tenente Anderson na missão. Se ele se sair bem, talvez possa ser considerado candidato aos Espectros.

— Admitir alguém entre os Espectros é um processo longo e complexo — protestou o turian. — Os indivíduos devem se provar ao longo de anos de serviço militar e de imposição da lei antes que possam ser considerados para tamanha honra.

— O tenente Anderson tem servido como militar da Aliança por quase uma década — garantiu a embaixatriz. — Ele completou nosso programa de operações especiais de elite N7 e conquistou numerosas menções, medalhas e honrarias de distinção em serviço. Posso tranquilamente disponibilizar sua ficha para o Conselho.

— Os candidatos devem ser submetidos a um rigoroso processo de análise — explicou o salarian, levantando outra objeção. — Em geral, isto envolve verificações de antecedentes, avaliações psicológicas e um período prolongado de orientação e treinamento em campo.

— Não estou pedindo que o admitam entre os Espectros — esclareceu a embaixatriz. — Apenas que permitam que acompanhe Saren em sua missão e julguem se ele tem potencial com base em seu desempenho.

— Sua espécie ainda é nova na galáxia — disse-lhe a asari, finalmente se voltando para a questão em torno da qual todos dançavam. Oficialmente, os Espectros podem vir de qualquer espécie. Mas quase invariavelmente eram escolhidos apenas entre as raças do Conselho.

O viés era perfeitamente compreensível: dar aos indivíduos de uma espécie acesso direto ao Conselho, junto com autoridade para agir fora dos limites da lei galáctica quando necessário, conferia uma importância evidente à espécie. Permitir que um humano estivesse entre os Espectros representaria uma mensagem ao resto da galáxia de que o Conselho considerava os humanos equivalentes aos turians, salarians e asaris. A conclusão não estaria muito longe da verdade e era exatamente por isso que a embaixatriz Goyle levantava agora esta questão.

— Muitas espécies fazem parte da Cidadela há séculos, entretanto nunca tiveram um Espectro saído de suas fileiras — continuou a asari. — Atender a esta solicitação pode causar ressentimento entre elas.

— Assim como tenho certeza de que houve ressentimento quando os turians passaram a compor o Conselho — contra-atacou Goyle.

— Aquelas foram circunstâncias excepcionais — interveio o salarian, propondo uma defesa em nome do conselheiro turian. — Os turians foram fundamentais para o encerramento da Rebelião Krogan. Bilhões de vidas foram salvas.

E eles tinham uma frota quase tão grande quanto a asari e a salarian juntas, acrescentou Goyle em silêncio.

Em voz alta, ela falou:

— Em nossa última reunião, os senhores me disseram que a humanidade precisava estar disposta a se sacrificar pelo bem dos outros. Eu podia ter trocado esta concessão pelas informações de Sidon, mas preferi dá-las livremente aos senhores pelo bem maior. Agora estou oferecendo a ajuda de um dos melhores soldados da Aliança para dar fim a uma ameaça que talvez nós tenhamos ajudado a criar inadvertidamente. Só o que peço em troca é que considerem o tenente como possível candidato para os Espectros.

Não houve resposta imediata do Conselho. A embaixatriz percebeu que ainda estavam desconfiados dela considerando seus atos na reunião anterior. Mas havia uma hora para a temeridade e outra para a aquiescência. Ela precisava mostrar-lhes que a Aliança estava disposta a trabalhar dos dois lados dessa cerca.

— Não estou fazendo exigências. Não peço que me façam uma promessa, nem que se comprometam com nada. Acredito que esta experiência beneficiará o tenente Anderson e a Aliança. Acredito que fortalecerá o laço da humanidade com resto da Cidadela. E acredito verdadeiramente que nos dará uma compreensão melhor dos deveres e responsabilidades que temos para com a comunidade galáctica maior. Contudo, se indeferirem esta solicitação, aceitarei de bom grado a sabedoria de sua decisão.

Ela esperava que o Conselho voltasse a conferenciar sobre a proposta, porém, para sua surpresa, a asari simplesmente abriu um sorriso caloroso.

— Entendemos seu argumento, embaixatriz. Atenderemos à solicitação.

— Obrigada, conselheira — respondeu Goyle. Ela foi apanhada de guarda baixa pela súbita aceitação, mas fez o melhor possível para não revelar o quanto ficara perplexa.

— Esta reunião do Conselho está encerrada — disse a asari, e o Conselho se levantou de suas cadeiras e desapareceu da plataforma escada abaixo.

Goyle se virou e fez a longa caminhada de descida do Tablado dos Peticionários, de cenho franzido. Tinha analisado detalhadamente cada decisão tomada pelo Conselho nos últimos cinco séculos. Em todos os casos, haviam agido unilateralmente. Quando existia alguma dissensão, debatiam a questão até chegar a um acordo mútuo.

Dessa forma, como era possível que a conselheira asari tivesse decidido sozinha atender a seu pedido?

Ao chegar ao elevador e entrar, a explicação finalmente apareceu em sua mente. De algum modo, eles previram sua solicitação antes mesmo que tocasse no assunto. Deviam saber aonde Goyle os estava levando e discutiram isso durante a breve conferência depois de ela ter mencionado Edan Had'dah. Eles já haviam decidido como responderiam muito antes de ela levantar a questão.

A embaixatriz Goyle pensara estar no controle, conduzindo as negociações para manipular o Conselho para proveito próprio, como fizera na reunião anterior. Ela os havia pegado de guarda baixa da última vez, mas desta, estavam preparados. Eles é que estavam no controle, conduzindo-a pelo roteiro como atores de uma peça, sabendo do desfecho o tempo todo. E apenas no último momento da cena é que mostraram as cartas, uma revelação sutil da verdade que deviam saber que ela captaria.

Descendo no elevador, a embaixatriz Goyle tentou se consolar no conhecimento de que conseguira exatamente o que queria da reunião. Mas não estava acostumada a ser manipulada e não pôde deixar de se perguntar se teria cometido um erro.

Por que o Conselho ficara tão disposto para atender a seu pedido? Será que realmente achavam que a humanidade estava preparada para isso? Ou esperavam que Anderson fracassasse, ansiosos para usar o fracasso como desculpa para conter a Aliança?

No mínimo, a experiência lhe dera todo um novo respeito pelo Conselho e sua compreensão das negociações e da diplomacia. Ela se considerava uma estudante da política e agora tinha aguda consciência de que fora apenas ensinada aos pés dos mestres.

Eles haviam mandado uma mensagem inconfundível: sabiam fazer esse jogo tão bem quanto ela. Qualquer vantagem que a Aliança pudesse ter ao tratar com o Conselho, havia acabado. Da próxima vez que precisasse enfrentá-los, percebeu a embaixatriz, faria uma autocrítica constante. Por mais preparada ou cautelosa que fosse, no fundo haveria uma incerteza persistente: seria ela a condutora das negociações ou a conduzida?

E Goyle não tinha dúvidas de que era exatamente isso que o Conselho desejava.

DEZOITO

— Estamos quase lá, tenente Sanders — disse o motorista, gritando para ser ouvido entre o barulho do motor do transportador pessoal blindado de seis rodas, um APC, que quicava pela areia compacta do deserto nos arredores de Hatre. — Só mais alguns quilômetros até o local do encontro.

Além do motorista, outros cinco fuzileiros da Aliança pegavam carona no transportador com ela: um destacamento de segurança reunido de última hora para protegê-la até que saísse do mundo. Ela e o motorista sentavam-se na frente, o resto estava espremido na traseira. Quatro dos fuzileiros já estavam em Camala quando receberam as ordens, os demais vieram a Elysium na noite anterior em resposta às instruções emitidas pelo QG da Aliança.

O veículo era batarian, emprestado à Aliança por autoridades locais por “solicitação” do Conselho. Tudo fazia parte do acordo em que trabalhara a embaixatriz para garantir a Kahlee uma retirada segura de Camala e o retorno ao território da Aliança.

O motor gemeu ao subir uma das imensas dunas de areia que se estendiam pela paisagem bem além do horizonte até o sol poente. Escureceria dentro de vinte minutos, porém nessa hora ela já estaria a bordo da fragata da Aliança que viria buscá-la.

— Estou surpreso que os batarians tenham concordado com isso — gritou novamente o motorista, entabulando conversa. — Normalmente eles não autorizam pousos fora dos portos. Especialmente para as naves da Aliança.

Ela entendia a curiosidade. O motorista sabia que acontecia alguma coisa, mas suas ordens eram de simplesmente levá-la para o ponto de encontro. Ele não tinha como saber da ligação dela com Sidon e ninguém lhe contara sobre os duvidosos acordos de bastidores que a embaixatriz Goyle devia ter feito com o Conselho para que isto pudesse acontecer. Kahlee ficou em silêncio: de maneira nenhuma daria alguma informação.

Ela se perguntou do quanto a Aliança abria mão em troca deste favor. Que concessões tiveram de fazer? Anderson devia ter alguma ideia, mas ele mal lhe dirigira uma dezena de palavras nos dois dias que se seguiram à confissão que ela fizera no quarto de hotel.

Kahlee não o culpava. Anderson havia confiado nela, e ela o usara, pelo menos

aos olhos dele. Kahlee sabia muito bem o quanto uma traição podia ferir. E agora era levada a um local desconhecido para sua proteção, enquanto Anderson ficaria para trás, em Camala, para tentar encontrar o Dr. Qian.

Ela pensou muito em entrar em contato com ele de novo depois que tudo acabasse. No início, havia sido atraída a ele por mera carência: estava assustada e sozinha, precisava de alguém a quem se apegar além de um pai rude e irritadiço que ela mal conhecia. Muito embora só tivessem ficado juntos por alguns dias, Kahlee tinha a sensação de que havia uma possibilidade de se tornarem mais do que simplesmente amigos.

Infelizmente, agora duvidava que Anderson quisesse alguma coisa mais com ela. Não depois de o magoar. A percepção de que provavelmente nunca mais o veria doía mais do que Kahlee teria esperado.

— Segure-se, senhora! — gritou de repente o motorista, arrancando-a de seu sentimentalismo ao girar o volante numa guinada repentina, quase capotando o veículo. — Temos companhia!

De seu poleiro num afloramento rochoso a vários quilômetros de distância, Saren distinguia, contra o claro sol poente, a silhueta do transportador que levava a primeiro-tenente Kahlee Sanders.

Quando recebeu a atualização da missão do Conselho da Cidadela na véspera, passou por todo um leque de emoções. Começou pela indignação. Mandavam que ele trabalhasse com um humano! E tudo porque o Conselho achava necessário recompensar a Aliança por partilhar informações sobre a investigação de Sidon. Informações que Saren já conseguira deduzir sozinho!

Ele sabia que Edan Had'dah estava por trás do ataque. Mas como tinha escondido essa informação do Conselho, tinha de fingir ficar agradecido à Aliança por entregá-la. Agora precisava permitir que um dos humanos trabalhasse com ele até a conclusão da missão. E não um humano qualquer, mas aquele maldito tenente Anderson, que interferia a todo o momento em sua investigação.

Durante a leitura da atualização, sua raiva deu lugar à curiosidade. Ele sabia do envolvimento dos batarians, mas não da tecnologia alienígena extraordinária citada nos arquivos recuperados de Sidon. Embora trouxessem poucos detalhes, parecia que o artefato podia ser uma relíquia datando da época da extinção dos protheans.

Saren sempre ficava intrigado com o desaparecimento repentino e inexplicável da raça. Que série inimaginável de eventos, que ocorrência catastrófica podia levar um império que havia se espalhado por toda a galáxia conhecida a desaparecer em menos de um século? Praticamente todos os rastros dos protheans foram eliminados: sobreviveram apenas os retransmissores de massa e a Cidadela, o legado duradouro de um povo que fora grande um dia.

Centenas de explicações tinham sido propostas, todavia não passavam de teorias e especulação. A verdade sobre a extinção prothean ainda era um mistério. E essa tecnologia alienígena antiga podia ser uma das chaves para desvendá-la.

Pelo que deduziu das anotações de pesquisa de Qian, Saren suspeitava de que tinham encontrado uma espécie de nave ou estação espacial em órbita. Algo com capacidade de inteligência artificial para monitorar a si mesma e até consertar todos os seus sistemas vitais sem necessidade de mantenedores orgânicos como os keepers da Cidadela.

Ao se aprofundar, parecia que o doutor acreditava que a descoberta podia ser usada para forjar uma aliança com os geth... Ou, possivelmente, até controlá-los. As implicações eram impressionantes: um enorme exército de sintéticos, bilhões de soldados cuja lealdade absoluta poderia ser garantida caso alguém conseguisse compreender e influenciar seus processos cognitivos de inteligência artificial.

Depois, à medida que lia mais os arquivos, sua curiosidade foi transformada numa satisfação fria e calculista. Ao saber o nome de sua presa, a parte mais difícil da missão passou a ser localizar Edan. Devia estar se escondendo feito um inseto, enterrado em algum bunker subterrâneo sob uma das incontáveis refinarias que se espalhavam por mil metros quadrados de pedra e areia. Tirá-lo da toca seria um processo longo, cansativo e lento.

Ou teria sido, se não tivesse recebido a atualização da missão do Conselho. Incluídos na transmissão estavam os detalhes do plano para retirar a tenente Sanders do planeta. Saren sabia que Skarr ainda estava em Camala: não recebera relatos do grandalhão krogan sendo avistado nos portos. Provavelmente estava entocado com Edan.

E Edan contratara Skarr para matar a jovem. Saren sabia o suficiente da cultura batarian para perceber que Edan não queria ser humilhado contratando alguém que fracassasse em sua tarefa. Se surgisse a oportunidade, mandaria Skarr atrás de Sanders novamente.

Saren fez o possível para ter certeza de que a oportunidade aparecesse. Ele sabia que Edan tinha espiões em cada nível de governo de Camala, particularmente nos espaçopostos. Só o que fez foi garantir que a solicitação do Conselho para um pouso não programado da Aliança no deserto entrasse nos registros oficiais.

O pedido incomum certamente atrairia a atenção de alguém. Inevitavelmente seria reportado pela cadeia de subalternos e lacaios até o próprio Edan, e Saren confiava que o batarian era astuto o suficiente para deduzir quem a Aliança vinha buscar.

A única falha no plano é que era quase óbvio demais. Se Edan suspeitasse de armadilha, não mandaria ninguém em resposta à mensagem.

Ainda observando o transportador da Aliança por seu binóculo de longo alcance, Saren viu o veículo dar uma guinada e quase capotar quando o motorista tomou

medidas evasivas. Passando os olhos pelas dunas próximas, ele pegou os rastros de outros quatro veículos se aproximando: Rovers pequenos, velozes e armados convergindo de todos os lados para o lento transportador.

Edan mordera a isca.

— Mas que droga! — gritou um dos fuzileiros na traseira, quando um míssil lançado de um dos Rovers explodiu perto o suficiente para abalar a suspensão do APC.

O motorista, frenético, fazia o possível para evitar os mísseis que o inimigo atirava, fazendo o APC adernar perigosamente sobre as dunas e entrando em pequenos vales para evitar que os outros veículos tivessem uma boa posição de tiro. Fiel a seu nome, o APC era fortemente blindado. Ainda assim, era apenas um veículo de transporte: não fora construído para o combate. Não era equipado com armas, e as grossas placas da blindagem e do chassi pretendiam proteger os ocupantes de atiradores de elite e minas terrestres. Contra armas antitanque como aquelas que equipavam os Rovers, só o que a blindagem fazia era reduzir seu ritmo.

Na traseira, um dos fuzileiros gritava no rádio, tentando avisar de sua situação à fragata da Aliança que se aproximava.

— Mayday! Mayday! Estamos sendo atacados. Zona de pouso ativa! Repito, zona de pouso ativa!

— Temos pelo menos quatro desses desgraçados no nosso rabo! — gritou o motorista, enquanto veículo arremetia e quicava num afloramento de pequenas pedras e rochedos.

— Quatro Rovers inimigos no local! — gritou o operador de rádio. — *Iwo Jima*, está na escuta?

“Aqui é a *Iwo Jima*”, crepitou uma voz. “Estamos na escuta, equipe terrestre. Ainda temos 14 minutos. Aguentem!”

O operador de rádio bateu o punho na lateral fortemente blindada do veículo, frustrado.

— Não vamos durar tanto tempo!

— Você precisa ultrapassá-los! — gritou outro homem para a frente.

— E o que diabos acha que estou fazendo?! — retorquiu o motorista.

Eles voaram por cima de outra duna enquanto um míssil explodia bem ao lado, impelindo o veículo pelo ar por 10 metros inteiros antes de voltar pesadamente ao chão. Os amortecedores de choque de alto impacto pegaram a maior parte do golpe, mas Kahlee, embora bem-afivelada, sentiu o impacto do pouso que jogou sua cabeça no teto. O impacto trincou seus dentes na língua com força suficiente para ela sentir o gosto de sangue.

Os homens na traseira tiveram destino muito pior. Espremidos no veículo, nenhum

deles usava cinto de segurança. Foram atirados de seus assentos, esmagados contra o teto, depois jogados de volta ao chão num emaranhado de cotovelos, joelhos e crânios em colisão. Gritos de surpresa e gemidos de dor foram acompanhados de uma série de palavrões dirigidos ao motorista.

Ele os ignorou.

— São rápidos demais — murmurou. — Nunca vamos deixá-los para trás. — Mas Kahlee não sabia se estava falando com ela ou sozinho. Os olhos do sujeito estavam arregalados e selvagens, e ela se perguntou quanto tempo mais ele conseguiria manter o controle.

— Você está indo muito bem — tranquilizou-o Kahlee. — Basta nos manter vivos por mais alguns minutos. Você consegue!

O motorista não respondeu, apenas investiu para a frente, aproximando-se mais do volante. De repente, deu uma guinada de 180 graus, na esperança de surpreender o inimigo com a manobra desesperada e errática. O ímpeto do APC os fez rodar descontrolados, quase provocando um capotamento. Por uma fração de segundo, o veículo vacilou precariamente, equilibrando-se sobre as rodas de um lado antes de ser jogado de volta ao chão por outro solavanco forte.

Com as seis rodas no solo novamente, o motorista pisou fundo no acelerador e deu a partida, cuspidando uma nuvem de cascalho, poeira e areia em sua traseira. Do banco na frente, Kahlee agora via o inimigo com clareza. Dois dos veículos abriram pelos flancos, tentando ultrapassar o APC e cortar seu caminho. Os outros dois, que originalmente estavam atrás deles, disparavam os canhões enquanto ganhavam terreno constantemente até a presa. Com a mudança súbita de direção, porém, os soldados da Aliança agora iam diretamente contra seus perseguidores.

— Seus filhos da mãe, vamos ver quem amarela antes?! — gritou o motorista, sem tirar o pé do acelerador ao levar o APC mais lento e muito mais pesado para um dos Rovers de blindagem leve.

Seguramente afivelada no banco, Kahlee não teve a chance de impedir o que estava prestes a acontecer. A distância entre os veículos foi tragada num instante e ela só pôde se preparar para o impacto. No último segundo, o Rover menor tentou se desviar, mas era tarde demais e a colisão foi inevitável. O nariz rombudo do APC bateu na lateral esquerda dianteira do Rover que tentava se desviar da batida, pegando-o de lado em vez de numa colisão frontal. Mas a uma velocidade combinada de quase 200 quilômetros por hora, bastava pegar de lado.

O rover inimigo praticamente se desintegrou. O impacto arrancou o chassi. Os eixos quebraram, e os pneus voaram para longe. As portas se soltaram. Pedacos inidentificáveis de metal se destacaram, voaram e pularam pela areia. O tanque de combustível se rompeu, faiscou e explodiu, engolfando em chamas o que restava do rover, reduzindo-o a uma pilha de sucata derretida. O motorista, que morreu no

primeiro milissegundo da colisão, foi consumido pela grande bola de fogo que finalmente rolou até parar centenas de metros depois.

Os outros ocupantes foram lançados para fora, seus corpos girando e pulando pelo chão a mais de 100 quilômetros por hora. Pernas e braços se quebraram e espatifaram, pescoços e espinhas se romperam, crânios foram afundados. Nacos imensos de carne foram arrancados dos ossos dos cadáveres enquanto eles derrapavam pelo cascalho afiado e pela areia abrasiva.

O robusto APC aguentou o impacto, mas toda a frente ficou amassada como uma sanfona. Desviando-se do rover inimigo, ele virou e rolou meia dúzia de vezes antes de parar de cabeça para baixo. Kahlee mal estava consciente. Aturdida pelo impacto e desorientada pelo sangue que era bombeado para a cabeça, ela sentiu alguém mexer no seu cinto de segurança. Instintivamente, tentou lutar contra ele, depois ouviu uma voz humana gritando para que se acalmasse.

Ela procurou se concentrar. O veículo não estava mais em movimento, mas seu mundo ainda girava. O motorista ainda estava afivelado no cinto de segurança ao lado. O volante tinha sido arrancado, e a ponta recortada da coluna de direção fora enterrada em seu peito, empalando-o. Seus olhos mortos estavam arregalados: as pupilas vidradas e fixas numa mirada paralisada que parecia se voltar acusativamente para ela.

Kahlee percebeu que devia ter desmaiado por alguns segundos. Um dos fuzileiros na traseira agora estava do lado de fora do veículo, estendendo o braço pelo vidro quebrado para tentar abrir seu cinto de segurança. Ela parou de lutar com ele e estendeu as mãos para cima, apertando-as firmemente contra o teto invertido para que, ao cair, não batesse a cabeça no instante em que se soltasse.

Um segundo depois o cinto foi aberto. Ela conseguiu evitar que a cabeça golpeasse o chão, embora tenha batido os joelhos dolorosamente no painel quebrado. Mãos fortes pegaram seus braços e a puxaram para a liberdade através do buraco que antes era preenchido com vidro temperado.

Agora que estava de pé, o excesso de sangue deixou a cabeça de Kahlee, permitindo que seu mundo aos poucos voltasse a entrar em foco. Por milagre, os fuzileiros na traseira do APC haviam sobrevivido. Os cinco e Kahlee agora estavam espremidos na sombra do veículo virado, usando-o temporariamente como proteção.

Ela ouvia um tiroteio. Não era o *tunk-tunk-tunk* pesado de armas antitanque, mas o *rá-tá-tá* agudo que reconheceu como disparos de um fuzil de assalto. Ela podia ouvir o tinido metálico das balas ricocheteando no Rover blindado em que se escondia da vista do inimigo.

Kahlee não tinha sequer uma pistola, mas os fuzileiros pegaram suas armas nos destroços. Infelizmente, estavam encurralados por um fluxo constante de tiros, incapazes de usá-las. Dada a contínua saraivada de disparos inimigos, mesmo uma

fração de segundo de exposição para tentar retribuiu o fogo era um risco grande demais.

— Por que eles não estão usando os canhões? — gritou Kahlee, a voz quase tragada pelo barulho da batalha.

— Devem querer nos pegar vivos! — respondeu um dos fuzileiros, olhando-a de um jeito que deixava claro que todos sabiam que o inimigo só estava preocupado com a sobrevivência de uma única pessoa.

— Estão tentando nos flanquear! — gritou outro fuzileiro, apontando para o horizonte.

Um dos Rovers tinha se afastado, tão longe que mal era visível. Circulava atrás deles, descrevendo um amplo arco, bem além do alcance das armas automáticas dos fuzileiros.

A atenção de Kahlee foi desviada do rover por um ronco ensurdecido vindo do alto: o barulho inconfundível dos motores de núcleo propulsor de uma nave espacial queimando na atmosfera. Voltando os olhos para o alto, ela viu uma pequena nave descendo do céu.

— É a *Iwo Jima*! — gritou um dos fuzileiros.

A nave avançava rapidamente, mergulhando diretamente para o Rover que tentava flanqueá-los. A menos de 50 metros do solo, parou de repente e abriu fogo. Uma única explosão dos lasers de defesa GARDIAN da nave transformou o Rover em metal retorcido.

A *Iwo Jima* inclinou-se e mudou de rumo, sua trajetória colocando-a diretamente na frente dos dois Rovers restantes enquanto os fuzileiros soltavam vivas espontâneas e exultantes. A cavalaria tinha chegado!

Skarr viu a fragata se aproximando muito antes de ela disparar sua rajada letal e derrubar o primeiro Rover dos Blue Suns. Sua chegada era inconveniente, mas não imprevisível.

Agindo com rapidez, mas com tranquilo senso de propósito, ele pulou de seu próprio Rover e berrou ordens. Seguindo seu comando, os mercenários rapidamente descarregaram e montaram um canhão portátil de acelerador de massa que tinham guardado na traseira do veículo.

Enquanto a fragata da Aliança disparava seus lasers nos Rovers desprotegidos, Skarr preparava a arma e carregava um cartucho de munição com centenas de pequenas projéteis explosivos. À medida que a fragata inclinava-se para eles em um arco longo e abrangente, ele ajustou a mira e fechou no alvo. Quando ouviu os gritos dos fuzileiros escondidos atrás do APC capotado, disparou.

Os sistemas de laser GARDIAN da *Iwo Jima*, programados para mirar e destruir mísseis em curso, foram sobrecarregados pelo mero número de projéteis de

hipervelocidade disparados à queima-roupa. Normalmente os projéteis letais teriam sido desviados sem causar danos à barreira cinética da nave. Mas para que uma nave espacial tocasse a superfície de um planeta e embarcasse um grupo de pessoas, a barreira precisava ser desativada. Como suspeitava Skarr, a *Iwo Jima* ainda não tivera tempo de reativá-la.

Centenas de explosivos mínimos se chocaram no exterior da nave, abrindo buracos do tamanho de punhos no casco enquanto detonavam. O pessoal de bordo foi retalhado pela tempestade repentina de estilhaços ardentes que ricocheteavam pelo interior da nave. A *Iwo Jima* deu uma guinada descontrolada e bateu no chão, desintegrando-se numa explosão feroz. Pedacos imensos de estilhaços se dissolveram em volta deles, fazendo com que os mercenários corressem à procura de cobertura. Skarr ignorou os pedaços de metal derretido que caíam do céu, pendurando o fuzil de assalto no ombro e caminhando decidido para o APC capotado.

Ele foi diretamente para lá, sabendo que os soldados da Aliança do outro lado não o veriam chegar. O veículo que lhes dava cobertura também atrapalhava sua visão do que estava bem à frente.

Enquanto Skarr se aproximava do APC, os mercenários atrás dele se dividiram pelas laterais, triangulando suas posições para continuar disparando em volta dele. Mantinham um fluxo constante de tiros letais de alta velocidade apontados para o veículo, prendendo os fuzileiros atrás dele.

Ignorando o tiroteio constante, o krogan parou a menos de 10 metros do APC. Cada músculo de seu corpo se retesou quando ele começou a concentrar suas capacidades bióticas. A reação incitou uma resposta automática de *biofeedback* nos módulos de amplificação cirurgicamente implantados por todo seu sistema nervoso. Ele começou a coletar energia escura, atraindo-a e prendendo-a como um buraco negro aprisiona a luz. Precisou de quase dez segundos inteiros para que a energia chegasse a sua capacidade máxima. Depois, Skarr avançou com um punho erguido para o alvo.

O APC tombado foi atirado no ar, voando sobre as cabeças dos aturdidos fuzileiros da Aliança e caindo dezenas de metros atrás deles. Foram pegos desprevenidos, totalmente surpresos e expostos à manobra inesperada. Nada em seu treinamento os havia preparado para aquilo. Sem saber como reagir, simplesmente ficaram petrificados: um pequeno grupo compacto, agachado na areia.

Teriam sido baleados no ato não fosse pelo fato de o inimigo estar igualmente surpreso. Os mercenários pararam de atirar, olhando com completo assombro o krogan biótico que simplesmente tirara do caminho um APC de quatro toneladas.

— Baixem as armas! — grunhiu Skarr.

Os fuzileiros obedeceram, sabendo que a batalha estava perdida. Lentamente se

levantaram e levaram as mãos ao alto, deixando que os fuzis de assalto caíssem no chão. Sabendo que não tinha escolha, Kahlee os imitou.

O krogan avançou e a pegou pelo braço, apertando tanto que ela soltou um grito de dor. Um dos fuzileiros fez menção de ajudá-la, depois recuou. Ela ficou satisfeita: ele não poderia ajudar, não tinha sentido procurar a própria morte.

Enquanto os mercenários mantinham as armas apontadas para os prisioneiros, Skarr carregou Kahlee, de certo modo arrastando-a para um dos veículos. Jogou-a na traseira e entrou ao seu lado.

— Matem todos — falou a seus homens, apontando na direção dos fuzileiros da Aliança.

Os tiros agudos em resposta tragaram os gritos de Kahlee.

Saren assistia pelo binóculo a toda a cena que se desenrolava, sem jamais sair de sua posição cuidadosamente escolhida. Ficou surpreso quando Skarr não matou Sanders, tomando-a como prisioneira. Obviamente a ligação dela com toda a história era mais do que ele tinha percebido. Mas, na realidade, isso não mudava qualquer coisa.

Os mercenários entraram em seus veículos e partiram a toda velocidade pelo anoitecer, acendendo os faróis para guiá-los no escuro.

Saren saltou de seu ponto de observação e correu ao pequeno Rover de exploração que tinha estacionado ali perto. O veículo fora especialmente modificado para missões furtivas noturnas: os faróis eram equipados com redutores de luminosidade para dispersar a luz e eram voltados para o chão, criando um brilho fraco que seria suficiente para navegar, mas praticamente indetectável a mais de 1 quilômetro de distância.

Os facho de alta potência dos outros veículos, por sua vez, brilhavam como faróis na escuridão da noite no deserto. Ele poderia localizá-los facilmente a 10 quilômetros.

Só o que precisava fazer era segui-los e o levariam direto ao esconderijo de Edan.

DEZENOVE

Anderson não conseguia evitar o nervosismo com esta reunião. Embora o Conselho tivesse aprovado oficialmente o pedido da embaixatriz, ele ainda era assombrado pela lembrança de seu último encontro com Saren. Por vários longos momentos, estivera absolutamente convencido de que o turian ia deixá-lo morrer perto das ruínas da Dah'tan. Quando a embaixatriz Goyle revelou que Saren provavelmente tinha aversão generalizada à Aliança, Anderson não ficou nem um pouco surpreso.

— As informações pessoais sobre os Espectros são sigilosas — disse-lhe ela —, mas nosso pessoal de inteligência desencavou uma coisa interessante. Parece que ele perdeu o irmão durante a Guerra do Primeiro Contato.

O tenente sabia que vários turians ainda sentiam amargura pelo conflito, especialmente aqueles que perderam familiares. E ele desconfiava de que Saren era do tipo que não apenas guardava rancor, mas o alimentava constantemente. Podia ter começado como um desejo de vingar o irmão, mas depois de oito anos teria crescido para algo muito mais sombrio: um ódio distorcido e venenoso por toda a humanidade.

Por mais que quisesse pegar o responsável pelo que acontecera em Sidon, ele não ansiava por trabalhar com Saren na missão. Tinha um mau pressentimento em relação a isso: igual àquele que tivera na *Hastings* quando haviam respondido ao pedido de socorro de Sidon. Mas recebera suas ordens e pretendia obedecê-las.

O fato de que o turian estava mais de uma hora atrasado não fazia com que Anderson se sentisse melhor. Para tentar suavizar as coisas, deixara que ele escolhesse hora e lugar do encontro. Saren decidira pelo meio-dia, ou seja às 10 horas, num pequeno bar sujo em um bairro arruinado nos limites de Hatre. O tipo de estabelecimento onde os clientes faziam questão de ignorar as conversas dos vizinhos. Ninguém ali queria saber o que os outros estavam fazendo.

De qualquer modo, não havia muitas possibilidades de alguém ouvir o que dissessem. O lugar estava praticamente deserto aquela tarde — provavelmente o motivo para o turian ter escolhido essa hora do dia. Fazia sentido, mas, sentado sozinho à mesa do canto bebericando sua bebida, Anderson não pôde deixar de se perguntar que tipo de jogo Saren estaria fazendo.

Por que não chegou ainda? Seria alguma armação? Ou quem sabe uma trama para

tirá-lo do caminho enquanto o Espectro continuava a investigação?

Vinte minutos depois, ele estava decidido a sair quando a porta se abriu, e entrou o homem por quem esperava. O barman e o único cliente no lugar além de Anderson levantaram a cabeça quando ele entrou, depois viraram a cara quando Saren atravessou a sala a passos rápidos e irritados.

— Está atrasado — disse Anderson, enquanto o turian se sentava. Ele não esperava um pedido de desculpas. Mas achava que Saren lhe devia pelo menos uma explicação.

— Eu estava trabalhando. — Foi a resposta ríspida.

O turian parecia fatigado, como se não tivesse dormido a noite toda. Anderson havia entrado em contato com ele no início da tarde da véspera, logo depois de entregar Kahlee à equipe de segurança que a ajudaria a sair do planeta. Ele se perguntou se Saren estivera trabalhando no caso sem parar desde então. Tentando terminar tudo antes de ser obrigado a se unir ao indesejado parceiro humano.

— Agora estamos nessa juntos — lembrou-lhe Anderson.

— Recebi o recado do Conselho — respondeu Saren, com a voz carregada de desdém. — Pretendo honrar o desejo deles.

— É bom saber disso — respondeu Anderson friamente. — Da última vez que nos encontramos, achei que fosse me matar. — Não tinha sentido sonegar nada. Queria saber exatamente em que pé estava com o Espectro. — Terei de passar o resto desta missão olhando por cima do ombro?

— Nunca matei ninguém sem motivo — lembrou-lhe Saren.

— Pensei que você sempre encontrasse um motivo para matar alguém — atacou o tenente.

— Mas agora tenho um bom motivo para manter você vivo — garantiu-lhe Saren. — Se você morrer, a Aliança vai pedir minha cabeça. E o Conselho pode estar inclinado a ceder. No mínimo, revogariam meu status de Espectro. Na realidade, não dou a mínima se você vive ou morre, humano. — Pelo tom que usava, podiam estar discutindo o clima. — Mas não pretendo fazer nada que coloque minha carreira em risco.

A não ser que você tenha certeza de que pode se safar, pensou Anderson. Em voz alta, perguntou:

— Recebeu os arquivos que enviamos?

Saren fez que sim.

— E o que vamos fazer agora? — prosseguiu o tenente. — Como vamos encontrar Edan?

— Eu já o encontrei — foi a resposta presunçosa.

— Como? — perguntou Anderson, surpreso.

— Sou um Espectro. É meu trabalho.

Percebendo que não viria qualquer explicação, Anderson deixou o assunto de lado.

— Onde ele está?

— Num bunker em uma refinaria de eezo. — Saren jogou algumas plantas arquitetônicas na mesa. — Os esquemas estão aqui.

Anderson quase perguntou onde ele as conseguira, mas mordeu a língua. Pela lei, todas as refinarias de eezo eram obrigadas a se submeter a uma inspeção semestral. O plano de cada fábrica precisava estar disponível aos fiscais e teria sido fácil para alguém com a autoridade de um Espectro colocar as mãos em um deles.

— Observei o exterior — continuou Saren. — É cercado por um campo de trabalho civil: as defesas são mínimas. Se esperarmos até o cair da noite, talvez consigamos entrar no perímetro sem alertar ninguém.

— E depois? Simplesmente entramos escondidos e matamos Edan?

— Prefiro pegá-lo vivo. Para interrogatório.

Algo no modo como ele disse *interrogatório* fez Anderson estremecer. Ele já sabia que Saren tinha uma tendência à crueldade. Não era difícil imaginar que realmente gostasse de torturar prisioneiros como parte de seu trabalho.

O turian deve ter notado sua reação.

— Você não gosta de mim, não é?

Não tinha sentido mentir para ele. De qualquer modo, Saren não teria acreditado.

— Eu não gosto de você. E está claro que você também não é um grande fã meu. Mas respeito o que faz. Você é um Espectro e acho que faz um senhor trabalho. Espero poder aprender alguma coisa com você.

— E eu espero que você não estrague a minha missão — respondeu Saren.

Anderson se recusou a morder a isca.

— Você disse que devemos nos infiltrar na refinaria depois de escurecer. O que vamos fazer até lá?

— Preciso descansar um pouco — declarou o turian categoricamente, confirmando as suspeitas de Anderson de que ele não dormira a noite toda. — A refinaria fica a cerca de duas horas dos limites da cidade. Se sairmos duas horas depois do pôr do sol, vamos chegar à meia-noite. Isso nos dará tempo suficiente para entrar e sair antes que volte a clarear.

O turian afastou a cadeira da mesa. Evidentemente achava que a reunião tinha acabado.

— Encontre-me aqui às 16 horas — disse ele antes de se virar e ir embora.

Anderson esperou até ele ter partido, deixou alguns créditos na mesa para pagar pela bebida, levantou-se e saiu. Camala usava o relógio padrão galáctico de 20 horas e ainda nem eram 12h. De jeito nenhum passaria as quatro horas seguintes neste bar.

Além disso, não falava com a embaixatriz Goyle desde a manhã anterior. Agora podia ser uma boa hora para dar notícias e ver como Kahlee estava se saindo. Estritamente pela missão, é claro.

— Esta linha é segura, tenente? — perguntou-lhe a embaixatriz Goyle.

— Tanto quanto é possível em um mundo batarian — disse-lhe Anderson.

Conversavam por videoconferência em tempo real. A comunicação em tempo real de uma colônia na Fronteira com a Cidadela era um processo incrivelmente complexo e caro, mas Anderson deduzia que a Aliança podia pagar.

— Encontrei-me com Saren. Parece que está disposto a me deixar acompanhá-lo.

Houve uma fração de segundo de retardo enquanto o sinal era criptografado e enviado em um lote de prioridade máxima, depois transmitido a uma baliza de comunicação que orbitava Camala, subsequentemente transmitido pela extranet ao terminal da embaixatriz na Cidadela antes de finalmente ser decodificado. A demora mal era perceptível, mas provocava um leve tremor na imagem da embaixatriz no monitor.

— O que mais ele disse a você, tenente? — Havia uma gravidade na expressão da embaixatriz.

— Algum problema, senhora?

Ela não respondeu de pronto, escolhendo com cuidado as palavras.

— Como sabe, despachamos a *Iwo Jima* para pegar Sanders ontem. Quando eles chegaram, a equipe de terra estava sendo atacada.

— O que aconteceu? — perguntou Anderson, já sabendo a resposta.

— A *Iwo Jima* desceu para ajudar, depois perdemos contato. Quando convencemos as autoridades locais a mandar uma equipe de resgate ao local, era tarde demais. Os fuzileiros enviados para escoltar Sanders estavam mortos. A *Iwo Jima* foi destruída. Ninguém a bordo sobreviveu.

— E a tenente Sanders? — perguntou Anderson, percebendo que a embaixatriz a deixou ostensivamente ausente da lista de baixas.

— Nenhum sinal dela. Acreditamos que pode ter sido feita prisioneira. Evidentemente, suspeitamos que Edan e o Dr. Qian estejam por trás do ataque.

— Como descobriram a respeito do local da retirada? — exigiu saber, irritado.

— A solicitação para a autorização de pouso fora dos portos entrou no banco de dados do sistema de transporte principal de Hatre — disse a embaixatriz. — Alguém deve ter visto a informação ali e a transmitiu a Edan.

— Quem vazou? — Anderson lembrou-se dos temores de Kahlee de que alguma autoridade da Aliança podia estar trabalhando com Qian.

— Não há como saber. Nem podemos ter certeza se foi intencional. Pode ter sido um acaso. Um erro.

— Com todo respeito, senhora, ambos sabemos que isso é um monte de besteira.
— O que não altera sua missão, tenente — alertou ela. — Você ainda vai atrás de Qian.

— E quanto à tenente Sanders?

A embaixatriz suspirou.

— Acreditamos que ainda esteja viva. Com sorte, você a encontrará quando encontrar Qian.

— Mais alguma coisa, senhora? — perguntou ele, um pouco mais ríspido do que pretendia. Ainda estava abalado com a notícia de que alguém tinha traído mais uma vez Kahlee. E, embora não suspeitasse da embaixatriz, ela é que fizera todos os arranjos para o resgate. Anderson não conseguia deixar de culpá-la pelo menos um pouco por permitir que isto acontecesse.

— Saren o avaliará nesta missão — lembrou-lhe a embaixatriz, voltando a se concentrar astutamente nas verdadeiras prioridades dele. — Trabalhe bem e isto servirá para provar ao Conselho que a humanidade merece ter alguém nas fileiras dos Espectros. Não preciso lhe dizer o quanto isso pode significar para a Aliança.

— Entendido, embaixatriz — respondeu ele, vencido. Sabia que ela estava certa: tinha de deixar seus sentimentos pessoais de lado pelo bem da missão.

— Todos estamos contando com você, tenente — acrescentou ela antes de desligar. — Não nos decepcione.

* * *

Saren não se atrasou para o segundo encontro. Na realidade, ele já estava lá, esperando à mesma mesa quando Anderson chegou. O bar estava mais movimentado à noite, mas ainda muito longe da lotação.

O tenente foi até o turian e se sentou de frente para ele. Não perdeu tempo com uma saudação, simplesmente soltou:

— Viu algum sinal de Kahlee Sanders quando estava vigiando o esconderijo de Edan?

— Ela não é mais uma preocupação minha. Nem sua. Concentre-se em Edan e Qian.

— Isso não é resposta — pressionou Anderson. — Você a viu ou não?

— Não vou deixar que uma única vida humana atrapalhe a missão! — sibilou Saren. Algo em sua voz ligou um interruptor no cérebro do tenente: a luz se acendeu e ele de repente compreendeu.

— Foi você que vazou a informação do local de resgate! Foi assim que encontrou Edan. Você usou Kahlee como isca, depois seguiu o pessoal dele até a refinaria e os vigiou ontem à noite. Por isso chegou atrasado esta manhã!

— Era o único jeito! — rebateu Saren. — Teria levado meses para encontrar Edan. Meses que não temos! Não tenho de dar explicações a você. Vi uma oportunidade e a aproveitei!

— Seu desgraçado! — gritou Anderson, pulando pela mesa para pegá-lo pelo pescoço. Mas o turian foi rápido demais para ele. Pulou para trás, saindo do alcance de Anderson, depois avançou e pegou os braços estendidos do tenente pelos pulsos, tirando-lhe o equilíbrio.

Enquanto Anderson tombava para a frente, Saren soltou um pulso e torceu com força o outro, dobrando o braço de Anderson para cima, colocando-o a suas costas. O turian usou o próprio ímpeto de Anderson contra ele para jogá-lo no chão. Ainda mantendo um braço dobrado nas costas, Saren baixou o joelho entre os ombros do tenente, prendendo-o no chão.

Anderson lutou por alguns segundos, mas não conseguiu se soltar. Sentia que Saren aplicava pressão em seu braço e parou de se mexer antes de o turian decidir quebrá-lo. Os demais presentes do bar saltaram de seus lugares quando começou a ação, mas depois que viram que o humano estava efetivamente imobilizado, simplesmente voltaram a se sentar e a beber.

— É isto que significa ser um Espectro — sussurrou Saren, ainda em cima dele. Curvou para tão perto que Anderson sentiu seu hálito quente no orelha e na nuca. — Sacrificar uma vida pelo bem de milhões. A pesquisa de Qian é uma ameaça para cada espécie no Espaço da Cidadela. Vi uma chance de impedi-lo à custa de algumas dezenas de vidas. A matemática é simples, humano... Mas poucas pessoas conseguem fazer as contas direito.

— Eu entendi — replicou Anderson, tentando manter a voz calma. — Então me solte.

— Tente isso de novo e vou matar você — avisou o Espectro antes de libertá-lo. Anderson não tinha dúvida de que ele falava sério. Além disso, lutar com Saren neste bar não adiantaria nada. Se realmente quisesse ajudar Kahlee, precisava ser inteligente, não impulsivo.

Ele se levantou e encarou o turian por um longo tempo. Apesar de ter sido imobilizado, a única coisa ferida era o seu orgulho. Então Anderson simplesmente limpou as roupas e voltou a se sentar à mesa. Percebendo que o humano pretendia controlar a raiva, o turian se juntou a ele.

— Não encontraram o corpo de Kahlee na cena — disse Anderson, voltando à conversa no ponto em que tinha parado. Precisava pensar num plano para ajudar Kahlee, mas nem mesmo sabia onde ela estava cativa. Por mais que isso o atormentasse, precisava conseguir o apoio do turian. — Você esteve lá? Viu o que aconteceu?

— Sua equipe de terra foi atacada por Skarr e os mercenários dos Blue Suns.

Quando não havia mais nenhuma esperança, seus soldados tentaram se render, mas os Blue Suns os balearam.

— E Kahlee? Ela ainda está viva?

— Ela estava — admitiu Saren. — Eles a levaram para dentro da refinaria. Suponho que devam precisar dela para algum propósito.

— Se eles souberem que vamos entrar, ainda podem matá-la.

— Isto não significa nada para mim.

Foi preciso cada grama de disciplina militar para o tenente não tentar atacá-lo novamente, mas, de algum modo, conseguiu continuar em sua cadeira.

— Mas para mim significa — replicou, lutando para manter a voz tranquila. — Quero fazer um acordo com você.

O turian deu de ombros, um gesto verdadeiramente universal de indiferença.

— Que acordo?

— Você não me quer aqui. Só está fazendo isso por ordens do Conselho. Você me leva ao esconderijo de Edan e me dá a chance de resgatar Kahlee, e prometo ficar longe de você pelo resto da missão.

— O que quer dizer com “uma chance de resgatar Kahlee”? — perguntou o turian, desconfiado.

— Se souberem que os encontramos, provavelmente vão matá-la. Assim, quando chegarmos à refinaria, você me deixa entrar primeiro. Me dê trinta minutos para encontrar Kahlee antes de ir atrás de Qian e Edan.

— E se alguém o vir? Existe segurança na refinaria. Para não falar dos mercenários de Edan. Se você disparar o alarme, todos estarão em guarda. Isso vai dificultar meu trabalho ainda mais.

— Não — argumentou Anderson. — Vai facilitar o seu trabalho. Eu serei uma distração: vou desviar a atenção deles. Ficarão tão preocupados comigo que nem perceberão você entrando furtivamente do outro lado.

— Se você se meter em problemas, não vou ajudá-lo — avisou Saren.

— Não espero isso.

Saren pensou na oferta por um minuto inteiro antes de concordar com um aceno.

— Trinta minutos. Nem um segundo a mais.

VINTE

Nenhum dos dois falou durante a longa viagem de carro pela noite do deserto. Saren estava ao volante, olhando bem à frente pelo para-brisa do Rover, enquanto Anderson examinava as plantas da refinaria. Ele tinha esperanças de ver alguma coisa que desse uma pista do cativeiro de Kahlee, mas simplesmente havia lugares demais que podiam ser convertidos numa prisão improvisada para ela. Em vez disso, concentrou-se em tentar memorizar o *layout* geral para encontrar o caminho rapidamente depois que entrasse.

Após uma hora, conseguiram enxergar um brilho fraco ao longe: as luzes da refinaria reluzindo na escuridão. As instalações funcionavam em dois turnos diários e dois noturnos de quase duzentos trabalhadores cada um. A produção de eezo não parava. Para acomodar uma exigência de mão de obra tão grande, as refinarias ofereciam gratuitamente habitação e alimentação aos funcionários e a seus familiares nos campos de trabalho circundantes: construções pré-fabricadas montadas em um círculo cada vez mais amplo em toda a cerca de tela que protegia a refinaria em si.

Restavam apenas algumas centenas de metros até a beira do campo de trabalho quando Saren parou o Rover.

— A partir daqui, seguimos a pé.

Anderson tomou nota mentalmente de onde o veículo estava estacionado. Teria de encontrar o caminho de volta no escuro depois que achasse Kahlee. Caso se perdesse, duvidava que Saren se incomodaria de procurar por ele.

Ele pegou sua pistola, mas hesitou antes de apanhar o fuzil de assalto. A pistola tinha silenciador, mas o fuzil era barulhento — um tiro e todo o lugar saberia que estava ali. Além disso, era muito mais fácil acertar os alvos cuidadosamente com uma pistola do que com uma arma automática.

— Vai precisar disso — aconselhou Saren, notando sua indecisão.

— A maioria das pessoas dessa fábrica é de trabalhadores comuns — respondeu Anderson. — Sequer estarão armados.

— Edan está trabalhando com mercenários Blue Sun. Vai encontrar muitos deles ali dentro também.

— Não foi isso que quis dizer. Tenho certo receio de atirar acidentalmente em civis inocentes.

Saren soltou uma gargalhada amarga e áspera.

— Você ainda não entendeu, não é, humano? A maioria dos trabalhadores desses campos tem armas de fogo. A refinaria representa seu meio de vida. Não são soldados, mas quando o alarme disparar, eles tentarão qualquer coisa para se proteger.

— Não estamos aqui para destruir a fábrica — protestou Anderson. — Só o que precisamos fazer é pegar Qian, Edan e Kahlee e dar o fora.

— Eles não sabem disso. Quando ouvirem as sirenes e os tiros, vão pensar que a fábrica está sofrendo um ataque terrorista. Você não vai conseguir escolher seus alvos quando metade deles estiver correndo em um pânico cego para encontrar a saída e a outra metade desejando atirar em você. Se quiser terminar esta missão vivo — acrescentou Saren —, é melhor que esteja disposto a disparar contra civis, caso se coloquem no seu caminho. Porque eles ficarão mais do que felizes em dar um tiro em você.

— Uma coisa é a necessidade. Mas como pode ser tão frio com a morte de pessoas inocentes? — perguntou ele, incrédulo.

— Prática. Muita prática.

Anderson meneou a cabeça e pegou o fuzil de assalto, mas prometeu a si mesmo que só o usaria se fosse absolutamente necessário. Ele o dobrou e prendeu no colete a suas costas, pouco acima do cinto. Depois colocou a pistola no coldre do quadril, onde poderia pegá-la facilmente, se preciso.

— Vamos nos separar — disse Saren. — Eu pego o leste, você vai pelo outro lado.

— Você me prometeu uma dianteira de trinta minutos antes de entrar — lembrou-lhe Anderson, com uma voz dura.

— Terá seus trinta minutos, humano. Mas se não estiver aqui no Rover quando eu voltar, vou embora sem você.

Anderson rapidamente atravessou o escuro até a margem do campo de trabalho. Embora estivesse no meio da noite, o lugar zunia de atividade. Graças aos turnos alternados da refinaria, sempre havia gente que saía recentemente do trabalho ou estava prestes a começar. O campo parecia uma cidade pequena. Mais de mil famílias faziam deste lugar seu lar: maridos, esposas e até crianças perambulavam pelas ruas, cumprimentando-se com a cabeça e cuidando de sua vida diária.

Com tantas pessoas por perto, era fácil para Anderson simplesmente se misturar na multidão. Ele vestiu um sobretudo comprido e frouxo para cobrir a armadura e esconder as armas. E embora a maioria dos funcionários da refinaria fosse de batarians, havia na multidão o suficiente de outras espécies, inclusive humanos, para que ele não chamasse atenção.

Ele andou apressadamente pelo campo, abrindo caminho pela turba, de vez em

quando saudando um de seus companheiros humanos que passava. Andava a passos largos e rápidos, mantendo o ritmo animado na direção da cerca que contornava o terreno da refinaria. Anderson sabia que o tempo estava se esgotando, mas disparar numa correria só causaria estranheza.

Em cinco minutos se livrou do acampamento. Os prédios que abrigavam os trabalhadores formavam um anel de distribuição regular em torno de toda a refinaria, mas ninguém queria viver espremido na cerca de segurança de metal. A margem interna do campo parava a uns bons cem metros de distância dali, deixando um trecho amplo de terra vazia, ocupada apenas por um ou outro banheiro público.

Anderson manteve o ritmo acelerado até se distanciar o bastante das luzes para não ser visto. Qualquer um que por acaso o visse desaparecendo no escuro teria suposto que ia ao banheiro e não pensaria duas vezes no assunto.

Seguro de que estava fora de vista, colocou os óculos de visão noturna e desatou a correr até chegar à cerca. Usando um alicate, abriu um buraco com tamanho suficiente para ele passar. Tirou o sobretudo antes de se esgueirar pela cerca — aquilo só o atrapalharia. Do outro lado, sacou a pistola, torcendo para não precisar usá-la.

A partir dali, a missão ficava mais difícil. Agora estava em área restrita. Havia pequenos esquadrões de segurança patrulhando o terreno do lado de dentro do perímetro da cerca: se o vissem, ou atirariam ou soariam o alarme. Não seria difícil demais evitá-los, porém. Dava para enxergar o brilho de suas lanternas no terreno muito antes de estarem perto o suficiente para localizá-lo.

Atravessando cautelosamente o terreno, Anderson se aproximou de um canto da refinaria. O complexo era enorme. Um prédio central de quatro andares mantinha a principal fábrica de processamento. Várias estruturas menores de dois andares haviam sido construídas de cada lado para abrigar depósito, expedição, administração e manutenção: o destino de Anderson.

Quando chegou ao anexo da manutenção, contornou-o até a pequena porta de incêndio aos fundos. Estava trancada, mas era um mecanismo simples, não um daqueles sistemas de segurança eletrônicos muito mais caros. Uma refinaria no meio do deserto preocupava-se tipicamente em restringir o roubo comum. Não fora construída com o propósito de prevenir operações de infiltração.

Anderson colocou um pouco da massa de explosivo pegajoso na tranca, recuou um passo e disparou a pistola. A pasta explodiu com um estouro agudo e um clarão, abrindo a porta. Ele esperou para ver se havia alguma reação ao barulho, mas, sem ouvir ninguém, empurrou a porta e entrou.

Ele se viu no vestiário dos funcionários. A sala estava vazia. Era o meio do turno e todos os empregados haviam saído para atender a chamadas de reparos. Em um canto estava um grande cesto de roupa suja sobre rodas, cheio de macacões rotos de

mecânico. Ele o vasculhou até encontrar um que cobrisse bem sua armadura, então vestiu. Precisou retirar as armas — não queria ter de remexer por baixo do macacão para pegá-las, se fosse necessário. Meteu a pistola bem fundo no bolso do macacão. Não desdobrou o fuzil de assalto, mas o enrolou numa toalha que encontrou no cesto.

O disfarce estava longe de ser perfeito, mas permitiria que explorasse a fábrica sem atrair muita atenção. Visto rapidamente de longe, a maioria das pessoas simplesmente suporia que ele era um funcionário da manutenção andando a trabalho e o ignoraria.

Ele enrolou a manga do macacão e olhou o relógio. Haviam se passado quinze minutos. Precisava correr caso quisesse encontrar Kahlee e tirá-la dali antes de Saren começar sua missão.

* * *

Esperando nos arredores do campo de trabalho, Saren olhou o relógio. Quinze minutos haviam se passado. Anderson sem dúvida estava em algum lugar dentro da refinaria — longe demais para voltar.

Guardando as armas embaixo do sobretudo da mesma forma que Anderson tinha feito quando quis passar despercebido pelo campo, o turian se levantou e caminhou para os prédios.

Já havia esperado demais. Era hora de começar a própria missão.

Anderson percorreu numerosos corredores, passando pelo prédio da manutenção para a refinaria principal. Seu coração começou a martelar quando viu a primeira funcionária vindo em sua direção. Mas a batarian só olhou para ele de relance por um segundo, depois virou a cara e continuou sem dizer uma palavra.

Ele passou por vários outros funcionários pelos corredores, mas nenhum deles prestou qualquer atenção. Anderson ficava frustrado — não tinha tempo para dar uma busca em todo o prédio. Supôs que mantinham Kahlee nos andares inferiores, mas ainda precisaria da sorte se quisesse localizá-la a tempo.

E então ele viu: uma placa que dizia “Entrada Proibida” ao lado de uma escada que descia ao que Anderson lembrava, pelas plantas, ser uma pequena sala de depósito de equipamento. A placa era tão limpa que quase brilhava: evidentemente só fora colocada ali alguns dias antes.

Ele desceu correndo. Ao pé da escada, havia dois batarians corpulentos, cada um deles com tatuagens dos Blue Suns no rosto. Pareciam entediados, arriados em cadeiras de cada lado de uma pesada porta de aço, com os fuzis de assalto encostados na parede ao lado deles. Nenhum dos guardas usava armadura — o que era compreensível, dada a natureza de suas atribuições. Deviam ficar sentados ali o

dia todo, e a armadura era quente e pesada. Usá-la por mais do que algumas horas seguidas era incrivelmente desconfortável.

Os guardas já o haviam visto, então Anderson simplesmente seguiu até eles. Com sorte tinham sido alertados para ficar atentos à presença do Espectro turian. Se fosse assim, um humano com macacão de manutenção não lhes pareceria uma ameaça.

Quando ele chegou ao pequeno patamar ao pé da escada, um dos mercenários se levantou e se aproximou, pegando o fuzil de assalto e apontando para o peito de Anderson. O tenente ficou paralisado. Estava a menos de 5 metros: a essa distância, não era possível sobreviver caso o mercenário puxasse o gatilho.

— O que é isso? — perguntou o guarda, apontando o cano da arma para o fuzil de assalto enrolado na toalha, que Anderson carregava debaixo do braço.

— Só umas ferramentas. Elas precisam ficar secas.

— Ponha o pacote no chão.

Anderson obedeceu, colocando com cuidado o fuzil de assalto no chão para que a toalha não escorregasse e revelasse o que escondia.

Agora que Anderson não carregava mais nada que pudesse ser uma arma, o guarda pareceu relaxar, baixando o próprio fuzil.

— Qual é problema, humano? — Ele exigiu saber. — Não sabe ler batarian? — Isso provocou o riso do parceiro, ainda arriado na cadeira.

— Preciso de uma coisa da sala de equipamento — respondeu Anderson.

— Não desta aqui. Pode ir embora.

— Tenho autorização para entrar — disse Anderson, mexendo no bolso como se tentasse pegar alguma coisa. O batarian o observava com uma expressão de irritação entediada, inteiramente distraído enquanto Anderson segurava o punho de sua pistola e passava o dedo no gatilho.

O bolso espaçoso do macacão lhe permitiu virar o cano da arma o suficiente para alinhá-la com o tronco do guarda. Disparou duas vezes, a bala atravessando o tecido do macacão e se alojando na barriga do mercenário.

O batarian largou o fuzil, surpreso, cambaleou para trás e por instinto pôs a mão nos buracos na barriga. Bateu na parede e escorregou lentamente ao chão, vertendo sangue que escorria dos dedos que apertavam as feridas.

Seu parceiro levantou a cabeça, confuso. Graças ao silenciador, os tiros de pistola foram abafados a um fraco *zip-zip* que ele não devia ter ouvido. Precisou de um segundo para perceber o que tinha acontecido. Transparecendo um pavor crescente, tentou pegar sua arma. Anderson tirou a pistola do bolso e deu mais dois tiros à queima-roupa no peito do segundo guarda. O sujeito arriou de lado, caiu da cadeira e ficou imóvel.

Anderson apontou rapidamente a pistola para o primeiro guarda, que ainda estava sentado no chão, de costas para parede.

— Por favor — implorou o mercenário, finalmente entendendo quem era Anderson. — Foi Skarr que deu a ordem de executar aqueles soldados da Aliança. Eu não queria matá-los.

— Mas matou — respondeu Anderson, e disparou um único tiro entre os olhos do batarian.

Ele tirou o macacão, recolocou a pistola no quadril e desembulhou o fuzil de assalto, desdobrando para que estivesse pronto para uso. Então abriu a porta com um chute.

VINTE E UM

Como Anderson antes dele, Saren entrou na refinaria por uma porta de emergência em um dos pequenos anexos de dois andares. Mas enquanto o tenente fora ao prédio da manutenção no lado mais a oeste da refinaria, Saren entrou pela expedição, a leste. E, ao contrário de sua contraparte humana, ele não se incomodou em se disfarçar.

Dois carregadores o ouviram entrar, seus rostos registrando surpresa e depois medo ao ver um turian de armadura carregando um pesado fuzil de assalto. Um tiro rápido da arma de Saren acabou com a vida dos dois antes que tivessem a chance de pedir ajuda aos gritos.

O Espectro passou rapidamente pelo depósito e entrou no prédio principal. Novamente, ao contrário de Anderson, ele sabia exatamente aonde ia. Desceu aos níveis inferiores da refinaria, onde os depósitos de pedra e minério ricos em elementos zero eram derretidos e as impurezas, escumadas da superfície ebuliente. O líquido derretido era depois canalizado a uma enorme centrífuga que separava o precioso eezo. Pelo caminho, Saren matou mais três funcionários.

Ele sabia que chegava perto de seu destino quando passou por placas de “Acesso Restrito” na parede. Virou um canto e abriu uma porta em que estava pintado “Somente Pessoal Autorizado”. Uma muralha de ar quente e névoa rolou para fora, ardendo em seus olhos e pulmões. Dentro dali, meia dúzia de engenheiros espalhavam-se por passarelas montadas em volta e acima de colossais tonéis de fusão e do imenso núcleo gerador usado para aquecê-los. Monitoravam o processo de refino, de olho no equipamento para garantir que operasse no auge da eficiência e não passasse por defeito potencialmente fatal.

Os funcionários usavam fones para proteger os ouvidos do ronco constante das turbinas que alimentavam o gerador. Um deles viu Saren e tentou gritar um alerta. Suas palavras foram engolidas pelo trovão das turbinas, assim como pelo barulho dos disparos que o turian efetuou contra todos.

O massacre durou menos de um minuto: o Espectro era nada menos do que brutalmente eficiente. Assim que o último engenheiro morreu, caindo da passarela no tonel de minério derretido 20 metros abaixo, Saren deu início à fase seguinte do plano.

Havia esconderijos demais dentro da refinaria. Lugares demais em que Edan podia

se entocar por trás de um muro de mercenários armados. Saren precisava de alguma coisa para atraí-los para fora. Alguns explosivos estrategicamente colocados estimulariam uma série catastrófica de explosões no núcleo da refinaria, provocando um alarme de evacuação geral por toda a instalação.

Saren terminou de carregar a arma com o que restava da munição e foi para os andares superiores. Queria estar bem longe do raio da explosão quando as cargas fossem detonadas. Kahlee estava sedenta, faminta e cansada. Mas, acima de tudo, tinha medo. O krogan lhe dissera que Qian viria vê-la em alguns dias, apenas isso. Depois a arrastara para uma sala de depósito e a havia trancado dentro do armário escuro e pequeno no fundo. Desde então, não viu nem falou com ninguém.

Era inteligente o suficiente para entender o que estavam fazendo. Não sabia o que Qian queria, mas era evidente que eles tentavam quebrá-la antes da reunião. Deixaram-na quase um dia todo no armário apertado, na completa escuridão, sem comida nem água. Não havia nem mesmo um balde para usar como banheiro e ela teve de se aliviar no canto.

Depois de dois ou três dias assim, Qian apareceria para fazer sua proposta. Se ela aceitasse, iriam dar-lhe comida e alguma coisa para beber. Se rejeitasse, seria jogada de volta à cela improvisada e a procurariam novamente depois de outros três dias.

Se rejeitasse pela segunda vez, as coisas provavelmente ficariam feias. Em vez de fome e maus-tratos mentais, passariam para a tortura física. Kahlee não tinha a intenção de ajudar o Dr. Qian de maneira alguma, mas estava apavorada pelo que viria pela frente. O pior de tudo era saber que, no final, ele acabaria por vencer. Podia levar dias, talvez até semanas, mais em algum momento a tortura e os maus-tratos intermináveis acabariam por quebrá-la e conseguiriam o que desejavam.

Nas primeiras horas de prisão, ela buscara um jeito de se libertar, percebendo em seguida que era inútil. Experimentou a porta do armário no escuro, mas estava trancada por fora e a maçaneta interior havia sido removida. Além disso, mesmo que ela conseguisse sair daquele armário, quase certamente havia guardas esperando por ela do outro lado.

Não poderia escapar nem mesmo pelo suicídio. Não que já tivesse chegado a esse ponto, mas o ambiente em que estava era completamente vazio: sem canos onde se enforcar, nada para se cortar ou ferir. Ela pensou brevemente na opção de bater a cabeça repetidas vezes na parede, mas só conseguiria desmaiar e provocar muita dor desnecessária — algo que ela suspeitava já haver mais do que o suficiente em seu futuro.

A situação era aflitiva, mas Kahlee ainda não cedera ao completo desespero. E então ouviu barulho, um som mais doce do que o canto dos anjos. O som da salvação: tiros de automática do outro lado da porta.

Anderson abriu com um chute a porta que os dois mercenários guardavam. Depois dela havia um grande depósito. Todo o equipamento de dentro fora arrastado para fora; estava vazia, tendo apenas uma mesa pequena e várias cadeiras. Outros quatro Blue Suns batarians estavam sentados em volta da mesa, envolvidos em algum jogo de cartas. E de pé, sozinho no canto, estava Skarr. Como os homens do lado de fora, nenhum deles vestia armadura.

O krogan foi seu primeiro alvo — uma rajada de balas o pegou em cheio no peito. Os braços de Skarr se esticaram para cima enquanto ele era jogado para trás, fazendo a arma voar pela sala. Ele bateu na parede a suas costas, girou e caiu de cara no chão, sangrando por incontáveis ferimentos.

Os mercenários reagiram ao ataque repentino virando a mesa e se espalhando. Vendo que Kahlee não estava na sala, Anderson simplesmente meteu uma rajada de balas no lugar inteiro. Pegou todos os mercenários antes mesmo que tivessem a chance de abrir fogo. Não foi uma luta justa nem honrada: foi um massacre. Considerando as vítimas, Anderson sequer se sentiu mal.

Depois que o tiroteio parou, ele percebeu uma pequena porta na parede do fundo. Devia levar a um armário, mas era reforçada com chapas de metal e tinha uma tranca pesada.

— Kahlee? — gritou ele, correndo para bater à porta. — Kahlee, você está aí dentro? Está me ouvindo?

Do outro lado, ele ouviu sua voz abafada chamando por ele:

— David? David! Por favor, me tire aqui!

Ele experimentou a tranca, mas ela não cedeu. Pensou brevemente em explodi-la, como tinha feito com a porta de entrada da manutenção, mas teve medo de machucar Kahlee.

— Agente firme — gritou ele. — Preciso encontrar a chave.

Ele deu uma rápida olhada pela sala, seus olhos parando no corpo do krogan que jazia amarfanhado no canto. Uma grossa poça de sangue escorria abaixo dele, espalhando-se rapidamente pelo chão. Se alguém na sala tinha uma chave, Anderson sabia que seria Skarr.

Ele correu até o corpo, pôs a arma no chão e pegou o ombro largo do krogan com ambas as mãos, grunhindo do esforço necessário para rolá-lo de costas. O peito do krogan era uma massa borbulhante de sangue e coágulos. Pelo menos 12 tiros tinham perfurado seu tronco. As roupas estavam ensopadas e pegajosas do fluido quente e escuro.

Com uma leve careta, Anderson estendeu a mão para vasculhar os bolsos. Os olhos de Skarr se abriram de repente, e a mão do krogan disparou e o pegou pelo pescoço. Com um rugido, a fera se levantou, arrancando o tenente do chão com um só braço. O outro pendia ensanguentado e inútil ao lado do corpo.

Impossível!, pensou Anderson, lutando como uma criança indefesa enquanto a mão do krogan aos poucos o matava por asfixia. *Ninguém pode sobreviver a ferimentos como esses. Nem mesmo um krogan!*

Skarr deve ter visto o choque em seus olhos.

— Vocês, humanos, têm muito a aprender sobre meu povo — grunhiu ele, com uma espuma ensanguentada borbulhando dos lábios ao falar. — É uma pena que você não vá viver para contar a eles.

Anderson esperneava e se debatia, mas o krogan o segurava à distância do braço, e seus membros eram curtos demais para alcançar o corpo do oponente. Em vez disso, esmurrou o braço enorme de Skarr. Seus esforços não fizeram mais do que induzir uma gargalhada gorgolejante do krogan.

— Devia ficar feliz — disse-lhe o caçador de recompensas. — Você terá uma morte rápida. Diferente da mulher.

De repente, a sala foi abalada por uma enorme explosão de algum lugar nas profundezas da refinaria. Rachaduras imensas apareceram no acabamento das paredes, e várias lajotas do teto caíram no chão. O piso sob seus pés vergou e subiu, tirando o equilíbrio de Skarr. Anderson se debateu naquele instante e conseguiu se soltar do aperto do krogan, caindo ao chão, ofegante.

Skarr cambaleou e tropeçou, tentando ficar de pé. Mas seu equilíbrio era prejudicado pelo braço inútil e morto, e ele estava fraco pela perda de sangue. Caiu pesadamente no chão, apenas alguns metros de onde Anderson tinha largado o fuzil de assalto.

Agora livre da mão do krogan, Anderson sacou a pistola e disparou. Mas não mirou no krogan. Se uma rajada de um fuzil de assalto não conseguira deter Skarr, um único tiro de pistola sequer o retardaria. Em vez disso, Anderson apontou para a arma que estava ao lado do krogan, fazendo-a derrapar pelo chão, fora do alcance do caçador de recompensas.

Alarmes disparavam por todo o prédio; sem dúvida como reação à explosão. Mas Anderson tinha preocupações mais imediatas. Armado apenas da pistola, sabia que precisava de um tiro na cabeça para dar cabo de Skarr. Mas o krogan saltou e investiu antes que tivesse a chance de mirar direito.

A bala pegou o krogan no ombro já paralisado, mas ele ainda avançava. Anderson mergulhou de lado e rolou do caminho enquanto o inimigo uivava de fúria, evitando por pouco morrer pisoteado.

Mas agora Skarr estava entre ele e a porta, bloqueando qualquer possibilidade de escapar. Anderson recuou ao canto e ergueu a arma novamente. Mas foi uma fração de segundo lento demais e o krogan o atingiu com um murro biótico rápido que derrubou a pistola de sua mão e quase quebrou-lhe o pulso.

Sabendo que o humano desarmado não era páreo para ele, o krogan avançou

lentamente. Anderson tentou fintar e se esquivar, na esperança de pegar uma das armas no chão. Mas Skarr era astuto, e mesmo com os ferimentos e a perda de sangue, foi rápido o suficiente para atravessar a sala, aos poucos encurralando o tenente num canto de onde ele não poderia fugir.

O impacto da explosão fez com que Kahlee cambaleasse no escuro e batesse de cara numa parede que ela não enxergava, arrancando um de seus dentes e quebrando-lhe o nariz. Ela caiu no chão e levou as mãos ao rosto lacerado, sentindo o gosto do sangue que escorria pelo queixo.

Foi então que percebeu uma pequena lasca de luz que entrava pela beira da porta. A explosão devia ter abalado as dobradiças. Ignorando a dor dos ferimentos, ela se levantou rapidamente e recuou até sentir a parede contra as costas. Depois deu três passos firmes e se atirou de ombro na porta.

Os danos ao batente deviam ter sido extensos, porque a porta cedeu na primeira tentativa, fazendo-a se estatelar na sala. Ela caiu com força no chão, sobre o mesmo ombro que usara para arrombar a porta. Um solavanco de dor correu por seu braço enquanto o ombro se deslocava do encaixe. Ela se sentou, protegendo os olhos do clarão repentino da sala depois de todas as horas que havia passado na escuridão absoluta.

— Kahlee! — Ela ouviu Anderson gritar. — Pegue a arma! Atire nele!

Semicerrando os olhos para a luz, meio cega, ela tateou o chão e passou as mãos no cano de um fuzil de assalto. Segurou o punho enquanto uma sombra enorme de repente pousava sobre ela.

Agindo por instinto, ela apontou e puxou o gatilho. Foi recompensada com o som inconfundível de um krogan rugindo de dor, e a sombra imensa recuou.

Piscando desesperadamente para restaurar a visão, ela conseguiu distinguir a forma de Skarr cambaleando para longe dela, com as mãos na barriga e encarando-a, colérico e incrédulo.

E então Anderson entrou em seu campo de visão ao lado dele. Meteu o cano da pistola na lateral do crânio do krogan e disparou. Kahlee se virou um segundo tarde demais — a visão dos miolos de Skarr explodidos pelo outro lado de sua cabeça e borrifando a parede provavelmente assombraria seus pesadelos pelo resto da vida.

E então David estava ali, agachando-se no chão ao lado dela.

— Você está bem? — perguntou ele. — Pode andar?

Ela fez que sim.

— Acho que desloquei o ombro.

Ele pensou por um segundo, depois falou:

— Desculpe por isso, Kahlee. — Ela estava a ponto de perguntar *pelo que* quando ele a pegou pelo pulso e pela clavícula, puxando com força seu braço. Ela

gritou de agonia, quase desmaiando enquanto o ombro estalava para o lugar.

David estava ali para apanhá-la antes que caísse.

— Seu cretino — resmungou Kahlee, flexionando os dedos para livrá-lo da dormência. — Obrigada — acrescentou um segundo depois.

Ele a ajudou a se levantar e foi só então que Kahlee percebeu os outros cadáveres na sala. Anderson não disse nada, simplesmente lhe entregou o fuzil de assalto de um dos mortos, depois pegou a própria arma.

— É melhor levarmos conosco — disse-lhe ele, lembrando-se do conselho austero de Saren quanto a atirar em civis. — Vamos apenas rezar para não precisarmos usá-las.

VINTE E DOIS

A explosão no núcleo da refinaria teve exatamente o impacto que Saren esperava. Pânico e caos recaíram sobre as instalações. Os alarmes levaram as pessoas a fugir para as saídas, frenéticas para se afastarem da destruição. Mas enquanto todos os demais corriam para sair, Saren avançava ainda mais para dentro, no fluxo contrário da multidão. A maioria o ignorava, concentrada apenas em sua própria fuga desesperada.

Ele precisava agir rapidamente. A detonação que armara fora apenas a primeira de uma reação em cadeia que faria com que os tonéis de minério derretido se superaquecessem. Quando estourassem, toda a maquinaria do núcleo de processamento seria incendiada. As turbinas e geradores ficariam sobrecarregados, provocando uma série de explosões que reduziriam toda a fábrica a um entulho em chamas.

Olhando a multidão, Saren enfim viu o que procurava: um pequeno grupo de mercenários Blue Sun, fortemente armados, avançando como uma só unidade. Como Saren, penetravam ainda mais na fábrica.

Ele só precisava segui-los.

— O que está esperando? — gritou Qian, quase histérico. Ele ergueu um pequeno estojo de metal e o agitou freneticamente na cara de Edan. Dentro dele, havia um flash drive contendo todos os dados que reunira sobre o projeto. — Temos tudo que precisamos bem aqui. Vamos embora!

— Ainda não — disse o batarian, tentando permanecer calmo apesar da buzina tão alta que mal permitia-lhe ouvir os próprios pensamentos. — Espere que nossa escolta chegue. — Ele sabia que a explosão no núcleo era mais do que uma simples coincidência e não ia correr para uma armadilha. Não sem os guarda-costas.

— E quanto a eles? — gritou Qian, apontando para dois mercenários parados e nervosos fora da porta da sala em que ele estivera entocado desde o ataque a Sidon.

— Eles não bastam — respondeu Edan. — Não vou correr riscos. Vamos esperar pelo resto dos...

Suas palavras foram interrompidas por um tiroteio do outro lado da sala, misturado com o alarme e os gritos dos guardas. A isto se seguiu um segundo de silêncio, depois apareceu uma figura desconhecida na porta.

— Sua escolta não vai chegar — disse o turian de armadura.

Embora nunca tivesse visto o homem, Edan o reconheceu imediatamente.

— Eu conheço você. O Espectro. Saren.

— Você fez isso! — gritou Qian, apontando o dedo trêmulo para Saren. — É tudo culpa sua!

— E agora, vai nos matar? — perguntou Edan. Surpreendentemente, não sentia medo. Era como se soubesse o tempo todo que o momento chegaria. E, agora que a morte estava diante dele, sentia apenas uma estranha calma.

Mas o turian não os matou. Em vez disso, fez uma pergunta:

— No que estavam trabalhando em Sidon?

— Em nada! — gritou Qian, agarrado ao estojo de metal no peito. — É nosso!

Edan reconheceu a expressão de Saren. Ele próprio fizera toda sua fortuna com aquele olhar: a avidez, o desejo, a ânsia de possuir.

— Você sabe — sussurrou o batarian, percebendo a verdade. — Nem tudo. Mas o suficiente para que queira saber mais. — Um leve sorriso vincou seus lábios. Havia uma chance de conseguir sair daquela vivo.

— Cale-se! — gritou-lhe Qian. — Ele vai tirar de nós!

— Eu acho que não — respondeu Edan, falando mais com Saren do que com o cientista furioso. — Temos uma coisa que ele quer. Ele precisa nos manter vivos.

— Não os dois — avisou Saren.

Algo em seu tom penetrou no véu da loucura de Qian.

— Você precisa de mim — insistiu ele, em um raro momento de lucidez. — Precisa de minha pesquisa. Minha expertise. — Falava rapidamente, desesperado de medo. Porém, não estava claro se estava mais assustado com a morte, ou com a perda da possibilidade de continuar sua pesquisa obsessiva. — Sem mim, nunca conseguirá entender. Nunca saberá como destravar o potencial da tecnologia. Eu sou essencial para o projeto!

Saren levantou a pistola e apontou diretamente para o humano que tagarelava, depois virou a cabeça para Edan.

— Isso é verdade? — perguntou ao batarian.

Edan deu de ombros.

— Temos cópias de toda a pesquisa dele e tenho minha própria equipe estudando o artefato. Qian é um cientista brilhante, mas se tornou... Instável. Acho que chegou a hora de ser substituído.

As palavras mal haviam saído de sua boca quando Saren disparou. Qian ficou rígido e tombou de costas, com um único buraco de bala na testa. O estojo de metal caiu de suas mãos com um estrondo, o flash drive bem protegido do impacto pelo interior acolchoado.

— E você? — perguntou o Espectro, apontando a pistola para o batarian.

Quando tinha pensado que não havia mais esperanças de sobrevivência, Edan se acalmara, resignado a seu destino. Agora que via uma chance de escapar com vida, a arma apontada para ele o encheu de um medo gélido.

— Sei onde está — disse. — Como vai encontrar sem a minha ajuda?

Saren apontou para o estojo de metal.

— Deve haver alguma coisa aí que me diga o que preciso saber.

— Eu... Tenho recursos — gaguejou Edan, esforçando-se para encontrar outro argumento capaz de deter a mão do executor. — Pessoal. Poder. Dinheiro. O custo do projeto é astronômico. Se me matar, como vai financiá-lo?

— Você não é o único com riqueza e influência — lembrou-lhe o turian. — Posso encontrar outro financiador sem nem mesmo precisar sair da Fronteira.

— Pense em quanto tempo e esforço investi nisso! — explodiu Edan. — Mate-me e terá de começar do zero!

Saren ficou em silêncio, mas inclinou a cabeça ligeiramente de lado como se refletisse sobre o que o batarian acabara de dizer.

— Você não faz ideia do que essa coisa é capaz — insistiu Edan em seu argumento. — Não se parece com nada que a galáxia já tenha visto. Nem mesmo com os arquivos de Qian você encontraria alguém que pudesse simplesmente entrar e reassumir o trabalho no projeto. Eu estou envolvido desde o início. Tenho uma compreensão fundamental do que fazemos. Ninguém mais na galáxia pode lhe oferecer o mesmo.

Pela expressão do turian, era evidente que ele engolia o argumento de Edan.

— Se me matar, não perderá apenas meu apoio financeiro, perderá minha experiência. Pode ser que encontre alguém para financiar o projeto, mas isso levará tempo. Se me matar, terá de começar de novo desde o início. Não é possível que vá jogar fora três anos de meus trabalhos preparatórios só para ter a satisfação de atirar em mim.

— Não me importo de esperar mais alguns anos — respondeu Saren, enquanto apertava o gatilho. — Sou um homem muito paciente.

Kahlee e Anderson ainda estavam dentro do prédio principal da refinaria quando veio a segunda explosão. Ela teve origem perto dos tonéis de minério derretido do núcleo de processamento e um gêiser de líquido inflamado surgiu do coração da fábrica, disparando trezentos metros para o céu. O pilar reluzente assumiu o formato de um cogumelo, espalhando-se e iluminando a noite antes de despencar como uma chuva vermelha, quente e letal em qualquer coisa que estivesse no raio de meio quilômetro.

— Continue! — gritou Anderson, esforçando-se para ser ouvido acima do alarme estridente. A fábrica já tinha sido estruturalmente enfraquecida pelas duas primeiras

explosões e outras certamente se seguiriam. — Temos de sair daqui antes que o lugar desmorone sobre nós!

Anderson seguia na frente, com uma das mãos segurando o fuzil de assalto, a outra agarrando o punho de Kahlee e arrastando a mulher enfraquecida com ele. Saíram da fábrica, correndo para a cerca do perímetro, enquanto o tenente vasculhava a área com os olhos freneticamente, em busca de qualquer sinal de perseguição.

— Meu Deus! — disse Kahlee, ofegante, parando de repente e obrigando Anderson a fazer o mesmo. Ele olhou para trás e viu que ela encarava ao longe. Virou-se para acompanhar seu olhar, depois sussurrou uma pequena oração consigo mesmo.

Todo o campo de trabalho estava em chamas. Abrigados pelo telhado e pelas paredes da refinaria, os dois humanos haviam sido protegidos do dilúvio de minério derretido. Os que estavam fora da fábrica — os homens, mulheres e crianças nos campos de trabalho — não tiveram tanta sorte. Cada prédio parecia estar em chamas, uma muralha laranja e brilhante de fogo os cercava ali.

— Nunca conseguiremos atravessar — gemeu Kahlee, desabando no chão, dominada pela exaustão e a fadiga.

Outras explosões abalaram as instalações. Olhando para trás, Anderson viu que a fábrica agora também estava em chamas. Pela luz do fogo, ele via vapores escuros saindo pelas janelas — nuvens de substâncias tóxicas liberadas pela destruição.

— Não desista! — gritou Anderson, pegando-a pelos ombros e colocando-a de pé. — Nós vamos conseguir!

Kahlee apenas balançou a cabeça. Ele podia enxergar em seus olhos: depois de tudo pelo que ela já passara desde a destruição de Sidon, isto enfim era demasiado para Kahlee. Não lhe restava mais nada, ela finalmente cedia ao desespero.

— Não posso. Estou cansada demais — respondeu ela, arriando. — Me deixe aqui.

Ele não podia carregá-la pelo resto do caminho, ainda tinham muito que andar. E se ele a atravessasse nas costas, tinha medo de não conseguir se deslocar com rapidez suficiente para passar pelo campo de trabalho engolfado pelo fogo sem que ambos morressem queimados.

Kahlee não tinha se alistado para servir no campo de batalha. Era uma cientista. Uma pensadora. Mas todos os soldados da humanidade passavam pelo mesmo treinamento básico: antes de fazer parte da Aliança, precisavam suportar meses de duras provações físicas. Aprendiam a superar seus limites. E quando os corpos ameaçavam simplesmente se vergar de fadiga e exaustão, eles precisavam encontrar um jeito de continuar. Precisavam romper as barreiras mentais que os puxavam para trás e avançar mais do que imaginavam ser possível.

Era um rito de passagem, um vínculo partilhado por todo homem e mulher das Forças Armadas da Aliança de Sistemas. E isto os unia e lhes dava forças; transformava todos em símbolos vivos — manifestações de carne e osso do indomável espírito humano.

Anderson sabia que agora precisava se valer disto.

— Mas que droga, Sanders! — gritou ele. — Não se atreva a me deixar! Sua unidade está de partida, então, levante essa bunda daí e trate de se mexer! É uma ordem!

Como uma boa soldado, Kahlee respondeu ao comando. De algum modo conseguiu se levantar, ainda segurando a arma. Partiu numa corrida lenta e trôpega. Sua vontade forçava o corpo a fazer o que a mente dizia que não podia. Anderson a observou por um segundo para ter certeza de que não cairia, depois a seguiu, acompanhando o ritmo de Kahlee e correndo para a fumaça, os gritos e as chamas que saíam dos prédios diante deles.

O campo de trabalho se transformara no próprio inferno. O rugido das chamas se erguia da conflagração, misturando-se com os gritos de dor e lamentos de terror e perda. A horrível cacofonia era pontuada pelo trovão ocasional e ensurdecedor de outra detonação em algum lugar dentro da fábrica.

Nuvens pretas e gordurosas rolavam pelos telhados e caíam ao chão enquanto o fogo lambia de um prédio ao outro, devorando todo o acampamento, uma estrutura de cada vez. O calor parecia vivo, grudando-se e agarrando braços e pernas, raspando as garras escaldantes em sua pele enquanto eles passavam correndo. Uma fumaça acre ardia em seus olhos e se esgueirava para os pulmões, sufocando-os a cada respiração. O fedor nauseante de carne queimada estava em toda parte.

Corpos espalhavam-se pelas ruas, muitos de crianças. Alguns haviam sido vítimas do minério derretido que chovera sobre eles, cascas calcinadas que jaziam em poças borbulhantes da própria carne derretida. Outros sucumbiram à fumaça ou ao fogo, seus cadáveres enroscados em posição fetal enquanto os músculos e tendões murchavam e queimavam. E ainda havia aqueles que foram atropelados pelo estouro dos que tentavam escapar, seus braços e pernas quebrados e tortos em ângulos grotescos e artificiais, as caras esmagadas a uma polpa sangrenta sob os pés descuidados de seus vizinhos.

Apesar de todos os combates que Anderson suportara, de todas as batalhas que tinha travado, de todas as atrocidades da guerra que testemunhara em primeira mão, nada o havia preparado para os horrores que viu durante o restante de sua fuga da refinaria. Mas não havia nada que pudesse fazer pelas vítimas, nenhuma ajuda que pudesse oferecer. Só o que podiam fazer era baixar a cabeça, agachar-se bem e continuar correndo.

Kahlee tropeçou e caiu várias vezes durante a fuga desesperada, impelindo-se

valentemente sempre que Anderson a colocava de pé. E, por milagre, eles conseguiram passar vivos pelo inferno... chegando bem a tempo de ver Saren jogar um pequeno estojo de metal na traseira do Rover.

O turian olhou os dois com surpresa e, no brilho das chamas do acampamento incendiado atrás deles, Anderson se convenceu de ter visto a raiva do Espectro. Ele não disse nada ao entrar no veículo e por um segundo Anderson pensou que Saren iria arrancar e deixá-los ali.

— Entrem! — gritou o turian.

Talvez fosse a visão dos fuzis automáticos de assalto que ambos portavam. Talvez tivesse medo de que alguém descobrisse caso os abandonasse. Anderson não se importava e ficou feliz com o fato de o Espectro ter esperado.

Ele ajudou Kahlee a entrar no veículo, depois se jogou a seu lado.

— Onde está Edan? — perguntou, enquanto o motor ganhava vida.

— Morto.

— E o Dr. Qian? — Era Kahlee quem queria saber.

— Também.

Saren engrenou o Rover, as rodas expulsando grãos de areia e cascalho enquanto partiam. Anderson arriou no encosto de seu banco. Todos os pensamentos sobre o pequeno estojo de metal escaparam de sua mente enquanto ele se rendia à completa exaustão.

O Rover acelerou na noite, deixando cada vez mais para trás a cena macabra de morte e destruição.

EPÍLOGO

Anderson saiu dos escritórios da embaixada da Aliança na Cidadela, sob o sol simulado do Presidium. Desceu a escada e deixou os campos de gramado verde.

Kahlee esperava por ele na beira do lago. Estava sentada na relva, descalça, para molhar a ponta dos pés. Anderson se aproximou e se sentou pesadamente ao lado dela, tirando os sapatos e mergulhando os pés na água fria e refrescante.

— Ahhh, isso é muito bom.

— Foi uma longa reunião — comentou Kahlee.

— Temia que você fosse ficar entediada me esperando.

— Eu não tinha nada de melhor para fazer. — Ela implicou com ele. — Já tive minha reunião com a embaixatriz. Além disso, pensei em ficar por aqui. — Num tom mais sério, ela acrescentou: — Eu devia pelo menos essa a você.

— Você não me deve nada — respondeu ele, e os dois caíram num silêncio agradável.

Haviam se passado quatro dias desde a fuga da refinaria em Camala. Na primeira noite, eles ficaram nas instalações médicas perto dos espaçopostos. Foram tratados por inalação de fumaça e possível exposição a toxinas liberadas no ar durante as explosões. Kahlee recebeu fluidos intravenosos para combater a desidratação que sofrera durante o encarceramento.

Na manhã seguinte, eles se reuniram com um contingente de representantes da Aliança: soldados para dar proteção e agentes da inteligência para colher depoimentos. Foram conduzidos a uma fragata que os esperava e levados à Cidadela para dar seus relatórios e relatos individuais pessoalmente às autoridades: três dias de reuniões, audiências e interrogatórios para determinar o que tinha acontecido. E de quem era a culpa.

Anderson desconfiava de que as consequências políticas de alto nível continuariam por meses, talvez anos. Mas com o fim daquela última reunião na sala da embaixatriz, para ele tinha acabado oficialmente. Para os dois.

Aquela era a primeira chance que tinham de ficar a sós desde a noite infernal. Anderson queria passar o braço pelo ombro de Kahlee e puxá-la para perto, mas não sabia como ela reagiria. Queria dizer alguma coisa, mas não conseguia pensar em nada. Então eles só ficaram sentados ali, lado a lado na beira do lago, sem falar.

Foi Kahlee que finalmente rompeu o silêncio.

— O que a embaixatriz disse?

— Mais ou menos o que eu esperava — disse ele, com um suspiro. — O Conselho me rejeitou como candidato para os Espectros.

— Porque Saren te ferrou — disse ela, enojada.

— O relatório dele não pintou um retrato muito lisonjeiro de mim. Ele disse que ignorei o verdadeiro objetivo da missão. Alegou que estraguei seu disfarce por ter dado a dica aos mercenários dentro da base entrando cedo demais. Ele até conseguiu me culpar pela explosão.

— Mas tudo isso é mentira! — Kahlee estava exasperada, lançando as mãos para o alto.

— Misturada com verdades suficientes para convencer. Além disso, ele é um Espectro. Um de seus maiores agentes. Em quem vão acreditar?

— Ou talvez o Conselho só estivesse procurando uma desculpa para manter os humanos longe dos Espectros. Contendo a Aliança de novo.

— Talvez. Mais isso agora é problema de Goyle.

— E a tecnologia alienígena que ele descobriu?

— O Conselho tem seus próprios especialistas para estudar os arquivos de Sidon — explicou Anderson. — É tudo teoria e conjectura. Eles não acreditam que sequer houvesse tecnologia alienígena.

— E quanto a toda a pesquisa que ele nos obrigou a fazer? — protestou Kahlee. — O que ele estava tentando realizar?

Anderson deu de ombros.

— Eles dizem que Qian era instável. Acham que enganou Edan com falsas promessas baseadas em suas ilusões psicóticas. E acreditam que ele simplesmente arrastou todo o projeto Sidon cada vez mais fundo em sua própria loucura particular.

— O que a embaixatriz disse sobre você? — perguntou Kahlee depois de hesitar por um momento, com a voz mais branda.

— No início, ela não estava muito feliz — admitiu Anderson. — Eu não entrei para os Espectros e esta missão criou uma confusão política infernal que ela terá de arrumar.

— E os civis que morreram na explosão? A Aliança não está tentando imputar isso a você, está? — Não havia como não perceber a preocupação em sua voz e Anderson se arrependeu de não tê-la abraçado mais cedo.

— Não. Goyle não está procurando um bode expiatório. O Conselho lacrou todos os registros associados com o envolvimento de Saren. Oficialmente, estão chamando de acidente industrial. Depois que a embaixatriz se acalmou, acho que ela percebeu que a missão não foi um completo fracasso. Descobrimos o que realmente aconteceu em Sidon e os responsáveis estão mortos. Acho que ela me deu algum crédito por isso.

— Então isso não vai prejudicar sua carreira militar?

— Provavelmente não. Mas também não vai ajudar em nada.

— Fico feliz com isso — disse ela, colocando a mão em seu ombro. — Sei o quanto significa para você ser um militar.

Anderson estendeu o braço gentilmente e colocou a mão em sua nuca, puxando-a levemente enquanto se curvava para ela. Os lábios dos dois se roçaram pelo mais leve instante antes de ela se afastar.

— Não, David — sussurrou. — Não podemos fazer isso. Desculpe.

— Qual é o problema? — perguntou ele, confuso.

— Eles me ofereceram um novo cargo em minha reunião hoje de manhã. Querem que eu integre a equipe de pesquisa de outro projeto. Até me promoveram.

— Isso é ótimo, Kahlee! — exclamou Anderson, genuinamente animado por ela. — Onde vai ficar estacionada?

Ela abriu um sorriso amarelo.

— É confidencial.

O sorriso dele desapareceu.

— Ah.

— Não se preocupe — disse-lhe ela, tentando deixar a situação mais leve. — Desta vez, não vamos estudar nada ilegal.

Ele não respondeu, digerindo as informações.

— Podemos fazer isso dar certo — declarou, de repente. — Existe alguma coisa especial entre nós. Devemos essa chance a nós mesmos.

— Enquanto estou num projeto ultrassecreto e você sempre sai em patrulha? — Ela meneou a cabeça. — Só estaríamos nos enganando.

Embora o magoasse admitir isso, ele sabia que ela estava certa.

— Você é um bom homem, David — continuou ela, tentando tornar a rejeição menos dolorosa. — Mas mesmo que eu não estivesse de partida, não acho que poderíamos ser mais do que amigos. O serviço militar sempre vem em primeiro lugar em sua vida. Ambos sabemos disso.

Ele concordou com a cabeça, mas não teve coragem de olhar nos olhos de Kahlee.

— Quando é que você vai embarcar?

— Hoje à noite — disse ela. — Preciso me preparar. Só queria ter a chance de ver você pela última vez. Para agradecer por... Por tudo.

Kahlee se levantou e espanou as roupas, depois se abaixou e lhe deu um beijo rápido no rosto.

— Adeus, soldado.

Ele não a assistiu se afastar, mas fitou o lago por um longo tempo.

Na privacidade de sua pequena embarcação individual, Saren ficou horas

examinando os dados do flash drive do estojo de metal de Qian. Suas suspeitas estavam certas: a tecnologia alienígena era uma espécie de nave. Chamava-se *Sovereign*: uma relíquia magnífica dos tempos da extinção prothean, uma enorme nave de batalha com um poder tremendo.

Mas era muito mais do que uma mera nave. Seus sistemas, processos e tecnologia eram tão avançados que engoliam todas as realizações das espécies da Cidadela. Sua grandeza e complexidade faziam par com as maiores criações dos protheans — os retransmissores de massa e a Cidadela. Talvez até as superassem. E se Saren conseguisse apreender e entender como funcionava, podia ter todo esse poder para si.

Ele passara a vida inteira se preparando para um momento como aquele. Tudo o que fizera — o serviço militar, a carreira com os Espectros — havia sido apenas um prelúdio para esta revelação. Agora ele havia descoberto seu verdadeiro propósito, o destino o levaria até ali.

De que outra maneira explicar com que perfeição tudo se desenrolava a favor dele? Anderson fora rejeitado entre os Espectros. A Aliança havia sido politicamente humilhada. O Conselho estava convencido de que o artefato sequer existia. E os homens que podiam expô-lo agora estavam mortos.

Mas suas mortes tiveram um custo. Qian podia ter perdido o senso de realidade, mas bastavam suas anotações para ficar evidente que ele era brilhante, um verdadeiro gênio. Saren entendia as teorias e princípios fundamentais da tecnologia de inteligência artificial, mas estava claro que a pesquisa do humano ia muito além de qualquer coisa que ele tivesse esperanças de apreender. Precisava encontrar alguém igualmente brilhante para levar à frente o estudo da *Sovereign* e podia levar anos para encontrar um substituto adequado.

Mas não se arrependia de ter matado Qian. O doutor fora fundo demais. As anotações no flash drive mostravam uma progressão contínua para a demência, uma deterioração mental diretamente relacionada com os incidentes de exposição à *Sovereign*. Devia ser algum campo gerado pela nave, uma espécie de radiação ou emissão. Algo que destruía e corrompera a mente de Qian quando foi estudá-la pessoalmente.

Isto também afetara Edan, embora a transformação fosse mais sutil. O batarian começou a agir de um jeito diferente no momento em que visitou pela primeira vez o local do artefato: associando-se a humanos, arriscando-se à ira dos Espectros. Edan provavelmente nem mesmo estava consciente das mudanças, embora, agora refletindo, isto parecesse óbvio para Saren.

Ele precisava ter cuidado. Evitar a exposição desnecessária até saber exatamente o que provocara a deterioração mental. Trabalharia por intermediários, como a equipe de pesquisa de Edan, perto do Véu de Perseu.

Saren pretendia entrar em contato com eles muito em breve. Desprovidos de qualquer comunicação externa, não deviam saber o que acontecera com seu antigo empregador. Se estivessem dispostos a trabalhar para ele depois que descobrissem — e se mostrassem algum progresso na pesquisa —, talvez ele não precisasse eliminá-los. Pelo menos até que as alterações inevitáveis em sua mentes e personalidades comesçassem a afetar o trabalho.

Havia outro problema a ser considerado. A nave estava muito além das fronteiras do Véu de Perseu, nas margens do espaço geth. Um dia ele teria de lidar com eles. Mas se tudo saísse como planejado, talvez conseguisse usar a *Sovereign* para curvar os geth a seus propósitos.

Os perigos eram grandes, mas as possíveis recompensas valiam o risco. Só precisava de cautela. Paciência. Agiria lentamente. Poderia levar anos. Talvez décadas. Mas os segredos da nave alienígena e todo seu poder um dia estariam sob seu comando.

Depois que libertasse esse poder, tudo mudaria para sempre. Nunca mais os turians seriam obrigados a se curvar diante da vontade do Conselho, como se curvaram quando lhes foi ordenado que fizessem reparações pela Guerra do Primeiro Contato. Enfim haveria um ajuste de contas com a Aliança. A humanidade aprenderia qual era o seu lugar, assim como todas as demais espécies que se submetiam à Cidadela.

E a *Sovereign* era a chave de tudo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Mass Effect

Wikipédia do jogo Mass Effect

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mass_Effect_\(s%C3%A9rie\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mass_Effect_(s%C3%A9rie))

Resenha do livro

<http://eugostodejogar.wordpress.com/2012/11/05/livro-mass-effect-revelation-resenha/>

Wikipédia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Drew_Karpyshyn

Site do jogo Mass Effect

<http://www.drewkarpyshyn.com/>

Twitter do autor

<https://twitter.com/DrewKarpyshyn>

Perfil do autor no Goodreads

http://www.goodreads.com/author/show/20030.Drew_Karpyshyn

Site do jogo Mass Effect

<http://masseffect.bioware.com/agegate/?url=%2F>

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Epílogo](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)

Table of Contents

[Rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)
[Agradecimentos](#)
[Prólogo](#)
[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Quatorze](#)
[Quinze](#)
[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)
[Dezoito](#)
[Dezenove](#)
[Vinte](#)
[Vinte e um](#)
[Vinte e dois](#)
[Epílogo](#)
[Colofão](#)
[Saiba mais](#)